

TV TUPI

DO TAMANHO DO BRASIL

VOLUME 3

A Implantação das Cores, a Cassação e o Legado da TV Pioneira



Elmo Francfort e
Maurício Viel

 **ABERT**
Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão



Copyright © 2020 de Elmo Francfort e Maurício Viel

Todos os direitos reservados. Esta obra ou qualquer parte dela não pode ser reproduzida ou usada de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, dos autores ou editor.

Os Autores



Entramos em rede. Acho que é isso que posso falar da parceria com o Viel. Amigo de muito tempo, nos unimos para contar essa história. No final dos anos 2000, trabalhando com a atriz Vida Alves, ela me disse que eu deveria contar algo mais detalhado sobre a Tupi, com uma visão de pesquisador. Nos últimos anos, em conversa com o Viel, ele me apresentou a mesma ideia. Pronto! Com o seu olhar altamente clínico, juntamos esforços por vocês, pela memória da TV e, principalmente, da Tupi. Boa leitura!

Elmo Francfort



Como um grande fã, senti vontade de contar a rica história septuagenária da Televisão Tupi sob o viés técnico, enfocando os processos da radiodifusão, a estrutura e o equipamento. Unindo forças com meu experiente amigo Francfort, meu desejo se tornou realidade e esta obra nasce dentro do lugar ideal: na associação que congrega as emissoras de radiodifusão do país. A pesquisa e a produção dos textos foi o resultado de mais de uma década de pesquisas, mais aprofundadas nos últimos três anos, quando a ideia amadureceu e se intensificou. Esperamos que esta obra se torne fonte de informação e referência bibliográfica em muitos e muitos trabalhos de pesquisa sobre a história da TV brasileira, esta que aqui ganhou alguns aspectos mais verossímeis e esclarecedores para sua plena compreensão. Viva os 70 anos da inesquecível TV Tupi! Viva a TV brasileira!

Maurício Viel

*Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)*

Francfort, Elmo

TV Tupi do tamanho do Brasil [livro eletrônico] : a implantação das cores, a cassação e o legado da tv pioneira, volume 3 / Elmo Francfort e Maurício Viel. --
Brasília, DF : ABERT, 2020.
PDF

ISBN 978-65-992412-0-8

1. Televisão - História 2. Televisão - Rio de Janeiro (SP) - História 3. Televisão - São Paulo (SP) - História 4. TV Tupi (Brasil) - História

I. Viel, Maurício. II. Título.

20-44905
CDD-791.450981

TV TUPI DO TAMANHO DO BRASIL

VOLUME 3

A Implantação das Cores, a Cassação e o Legado da TV Pioneira



Elmo Francfort e Maurício Viel

“O homem venceu as paredes e venceu as distâncias. E conquistou, pela força da técnica, uma qualidade que, outrora, a teologia atribuía, exclusivamente, à divindade: a onipresença.”

(Theophilo de Andrade, “O Jornal”, 28/04/1948)

AGRADECIMENTOS (EM ORDEM ALFABÉTICA)

Alan Brandão Gomes, Alexani Barbosa, Alzira Francfort, Ana Paula Messeder, Ana Rosa Corrêa, Anamaria Dias, André Dias, André Pereira Alexandrino, Angelo Zanquetta, Antônio de Andrade, Arquivo dos Diários Associados, Arquivo Público do Estado de São Paulo, Arthur Ankerkrone, Arthur Vieira, Beto Mainieri, Bruno Milani, Caio de Freitas Sasson, Carla Fernanda da Silva, Carlito Camargo, Carlos Eduardo Câmara Del Bianco, Carlos Travaglia, Cassio Gabus Mendes, CEDOC SBT, CEDOC TV Cultura / Fundação Padre Anchieta, CEDOC TV Globo, CEDOM TV Bandeirantes, Clarice Campolina, Claudete Siqueira, Cláudio Donato, Cléber Papa, Cristiano Reis Lobato Flores, Cristina Padiglione, Cristofer Guardia, Daniel Abravanel, David José Lessa Mattos, Daysi Bregantini, Delvair Thomazelli, Denise Michelotti, Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo, Diego Rainho, Dorival Afonso, Edson Rodrigues, Eduardo Affonso, Eduardo Arake, Eduardo Ferreira (*in memoriam*), Élio Tozzi, Elizabeth Gonçalves, Ernesto Hypólito, ESPN Brasil, Esther Rocha, Eudes de Souza, Eva Wilma, Fábio Chateaubriand Borba, Farol Santander, Fernanda Baleroni, Fernando Fernandes, Fernando Silveira, Flávio Cavalcanti Júnior, Flávio Lara Resende, Francesco Calvano, Frisson Comunicação, Giovanna Fluminhan, Gregório Zolko, Gurupy Martins, Helenita Sanches, Irene Campos Lara, Íris Caroline Souza, João Escobar, Johnny Herbert Jr., Jonas Viana Villar, José Alfredo Machado de Assis, José de Almeida Castro (*in memoriam*), José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (Boni), José Inácio Melo Souza, José Luiz Goldfarb, José Maria Pereira Lopes, José Roberto Maluf, Jovem Pan, Junji Yokochi, Karen Zolko, Laura Cardoso, Leonardo Scheier, Loading, Lucas Diniz, Lucas Fuser, Luciana Bandeira, Luciana Dias, Lui Riveglini, Luigi Calvano, Luís Gustavo, Luiz Eduardo de Melo e Silva, Luiz Francfort, Luiz Santoro, Máisa Alves, Marcela Bezelga, Marcelo Martins, Marcos Antônio Zago, Marcos Mendonça Marcos Resende, Mariana Alonso, Marianne de Castro, Marília Fanucchi, Marina Villara, Mário Fanucchi, Mário Neves, MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, Mauro Gianfrancesco (*in memoriam*), Miguel Cipolla, MIS – Museu da Imagem e do Som-SP, Mônica Ziegler, Museu da Cidade de São Paulo, Nathália Duarte Ballesteros, Noel Fernández, O Estado de Minas, Orlando Negrão, Patrícia Mayo, Paulo Machado de Carvalho Neto, Pró-TV – Associação dos Pioneiros, Profissionais e Incentivadores da TV Brasileira, Rariton Cassoli, Regiani Ritter, Regina da Glória Lopes, Renan Pessanha Daniel, Renato Góes, Ricardo Rossin, Ricardo Viel, Richard Benetti, Roberto Salvi, Robson Cerqueira, Rodolfo Bonventti, Rodrigo Orengo, Ronnie Von, Rubens Hübner, Sheila Schvarzman, Sonia Maria Dorce, Tato Gabus Mendes, Teresa Azevedo, Thiago Garcia, Thiago Uberreich, Tuca Reinés, TV Alterosa, Valter Pascotto, Vanessa Corrêa, Vida Alves (*in memoriam*), Wilson Martins, às associações regionais, aos integrantes da ABERT e suas emissoras associadas, assim como todos que direta ou indiretamente colaboraram na criação desta obra.

SUMÁRIO **VOLUME 3**

PREFÁCIO	473
UMA HISTÓRIA DE AMOR QUE JAMAIS ESQUECEREMOS	473
CAPÍTULO 34	475
RÁDIO DIFUSORA E A LINGUAGEM JOVEM DA “JET MUSIC”	475
A Nova Programação “Jet Music”	477
1970 - Emissoras Associadas Apostam no FM em São Paulo	480
Equipamentos	480
Difusora FM - A Inauguração e o Perfil da Programação	480
Anos 1970: Dárcio Arruda e <i>Jet Music</i>	482
O Novo Projeto da Difusora em 1978	483
O Fim da Rádio Difusora	484
CAPÍTULO 35	487
A INFRAESTRUTURA DAS EMISSORAS ASSOCIADAS - ANOS 1970	487
1975 - Novo Estúdio para Novelas na “Brigadeiro”	488
1978 - A Demolição do Auditório do Sumaré	489
1978 - Vila Guilherme	490
1979 - Discoteca Aquarius	493
1978 - Incêndio no Controle-Mestre	493
CAPÍTULO 36	497
1963 - AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COM TV EM CORES	497
“A Maior Noite do Ano”	498
Lançamento Oficial das Experiências	502
Programação Experimental em Cores	505
TV Excelsior e a Primeira Transmissão Ao Vivo em Cores	506
Indústria Nacional	507
Fim da Fase Experimental da TV em Cores no Brasil	508
CAPÍTULO 37	511
1972 - A IMPLANTAÇÃO DA TV EM CORES NO BRASIL	511
Definição de Padrões pelo Mundo	511
Sistema PAL é o Mais Viável para o Brasil	512
Lançamento da TV em Cores: um Problema Econômico-Financeiro	514
1970 - Primeiras Experiências em Cores, Via Embratel	515
Agendando a Estreia Oficial	518
TV Tupi de São Paulo na Implantação das Cores	520
A Montagem dos Equipamentos	524
Festa da Uva	525

Testando as Cores Durante a Programação	528
Lançamento Comercial da TV em Cores no Brasil	528
Desenvolvimento da Programação em Cores na Tupi	532
CAPÍTULO 38	535
NOVAS CENTRAIS TÉCNICA E DE PRODUÇÃO	535
As Novas Centrais de Exibição e Produção em São Paulo	537
Avenida Paulista Como Obstáculo Para o Sinal	538
Polarização Circular	539
Equipamentos	540
As Obras na Torre	541
Novos Equipamentos e Material Humano Qualificado	545
A Chegada dos Equipamentos	545
CAPÍTULO 39	547
A CRISE DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS	547
Pioneira Perde a Liderança nos Anos 1960	549
Ofício do Dentel ao Condomínio Associado	554
Em São Paulo, a Crise Era Mais Aguda	555
CAPÍTULO 40	557
GREVES	557
O Começo do Fim	558
A Programação em 1980	560
A Grande Greve	567
Concordata Preventiva	570
Calmon Vai à TV	570
Greve de Fome no Congresso Nacional	571
Negociações do Governo	572
O Dia em que a Pioneira Não Entrou Mais no Ar	574
CAPÍTULO 41	577
“DEIXE-NOS TRABALHAR, SR. PRESIDENTE!” - A CASSAÇÃO DA REDE TUPI	577
Tomando Uma Decisão	577
O Anúncio e as Justificativas	578
Retirada dos Cristais e Lacração dos Transmissores	582
A Vigília no Rio de Janeiro	584
O Cristal de São Paulo	589
Enfim, o Pagamento dos Salários Atrasados	589

CAPÍTULO 42	593
LICITANDO OS CANAIS DA REDE TUPI	593
O Certame	595
Restam Três	597
Anunciando Oficialmente os Vencedores	599
Impasse	601
SBT e Manchete – A Reativação dos Antigos Canais da Rede Tupi	604
Transmitindo e Assinando os Contratos	607
CAPÍTULO 43	613
O LEILÃO DOS BENS DAS ASSOCIADAS DE SÃO PAULO	613
Justiça Marca o Leilão dos Bens da Tupi	614
De Berço da TV Brasileira a Depósito Para Leilões	616
Leiloando Equipamentos	617
Figurinos Vendidos num Lote	618
O Edifício-Sede das Emissoras Associadas	619
CAPÍTULO 44	621
O DESTINO DAS DEMAIS EMISSORAS ASSOCIADAS DE SÃO PAULO	621
Rádio e TV Cultura	621
Rádio Difusora - AM e FM	627
Rádio Tupi	630
CAPÍTULO 45	637
COMO ESTÃO HOJE OS BENS MATERIAIS DA TV TUPI DE SÃO PAULO?	637
Grupo Silvio Santos e a Aquisição de Imóveis das Emissoras Associadas	637
TV Abril/MTV no Edifício-Sede das “Associadas”	640
Grupo Abril como Locatário do Grupo Silvio Santos	646
Como a ESPN Está Instalada nos Antigos Estúdios da TV Tupi	648
A “Nova” Torre da TV Tupi no Dias de Hoje	650
O Edifício-Sede dos Diários Associados	650
O Acervo Remanescente da TV Tupi	651
A Preservação	653
História Preservada	654
Arquivo Nacional	656
O Tombamento do Edifício-Sede das “Associadas”	657
Praça TV Tupi e Placa Memória Paulistana	659
CAPÍTULO 46	661
VIDEOGRAFISMO	661
Slogans	665
CAPÍTULO 47	667
CONCLUSÃO - TV TUPI: SEMPRE PRESENTE	667

PREFÁCIO

UMA HISTÓRIA DE AMOR QUE JAMAIS ESQUECEREMOS

Quando Elmo e Mauricio me convidaram para escrever o prefácio do terceiro livro da trilogia “*TV Tupi: Do Tamanho do Brasil*”, esse resgate de memória tão importante da inesquecível TV Tupi, sinceramente, eu quase desisti, diante da enorme responsabilidade de resumir as lembranças de 70 anos de uma história maravilhosa.

Daí me lembrei do caminho que eu fazia para ir para a emissora, no bairro do Sumaré, em São Paulo. Passava sempre na frente da casa do seu fundador, o grande Assis Chateaubriand. Lá havia um enorme viveiro de pássaros, uma de suas paixões. Chateaubriand, que era um nordestino “arretado”, foi o responsável por trazer a televisão para o Brasil. Então recordei muito a incrível emoção que eu tive ao conhecê-lo pessoalmente. É claro!!! E a sensação de começar a conviver e fazer parte dessa tal “máquina de fazer doido”, como dizia o saudoso Sérgio Porto. Eu dizia, e digo até hoje: “chegou a janela para o mundo”. Uma janela maravilhosa.

Dentro dessas recordações, eu volto para minha infância, quando ouvia um programa de rádio que se chamava “Encontro das Cinco e Meia”, escrito por Octávio Gabus Mendes. Ele era pai do Cassiano Gabus Mendes, que se tornaria o primeiro grande diretor de televisão do Brasil, justamente na Tupi. Eu não perdia esse programa por nada. Me divertia e me emocionava. Quando, ainda bem jovem, fui chamada pelo Cassiano para protagonizar um dos primeiros programas de TV, o “Alô, Doçura!”, ele me disse que se inspirou exatamente no “Encontro das Cinco e Meia”. Este chamado foi um grande encontro na minha vida e, durante quase dez anos, o famoso “Alô, Doçura!” esteve no ar.

Foi nesse período que aprendi com Cassiano a fazer televisão; aprendi os tempos e a dinâmica do humor, e a interpretação de um bom texto. Esta foi a primeira inspiração. Mergulhei profundamente nesses mais de 60 anos de convívio com tanta gente talentosa, com tantos autores, diretores, intérpretes e técnicos. Só da equipe técnica, ficaria três ou quatro horas para mencionar todos os nomes. Então resolvi escolher um, que até hoje nunca me esqueci: Sr. Henrique Canales, diretor de estúdio. Ele fazia parte de uma família de trabalhadores de televisão, muitos da própria TV Tupi. Eu me lembro da carinha dele e que ficava de cócoras, no meio do estúdio, soprando as marcas do roteiro. Não só para nós, como também para os operadores de câmera, os *cameramen*. Sempre com um trabalho tão difícil, tão complicado e tão incrível.

Lembro-me da voz do Cassiano, lá longe, no *switcher* (local onde o diretor comanda e escolhe as imagens de qual câmera irão ao ar). Lembro-me de ouvir aquela voz do grande diretor: “Vai! Vai! Vai de perto, vai no *close* agora! Vai!!!”. A gente chegava a ouvir o barulho da câmera

mudando a lente... Não havia espaço para erro, tudo era ao vivo. Ainda não existia o videoteipe e foi uma época de muito aprendizado.

Então, me enchi de coragem, e resolvi aceitar esse grande desafio de prefaciar esta obra. Uma trilogia de livros tão importante. E, principalmente agora, nove meses depois de vivenciarmos quase uma terceira guerra mundial com este vírus. Tempos difíceis que estamos atravessando. Talvez até por isso, saudar o lançamento dessa trilogia, que resgata a importante história da nossa televisão, poderá estimular o retorno à vida, sem pandemias e sem guerras.

A televisão é nossa janela para o mundo, que nos traz a informação da realidade pelo jornalismo, e a fantasia, a emoção, as histórias de vida e a criatividade, pela ficção. Tudo para que não esqueçamos nunca de estimular o principal: o amor.

Ivani Ribeiro, a grande “feiticeira” das histórias de amor na TV brasileira, concordaria comigo. O amor nos dá sentido à vida.

Amor, como dos tempos da TV Tupi, que nos transborda de saudades, e que nos dá força para continuar. Sempre.



Eva Wilma, atriz.

CAPÍTULO 34

RÁDIO DIFUSORA E A LINGUAGEM JOVEM DA “JET MUSIC”

De acordo com o que já foi amplamente abordado em capítulos anteriores, a PRF-3 - Rádio Difusora AM - 960 KHz de São Paulo é uma das mais importantes emissoras de rádio que já funcionaram no país. Foi fundada no bairro do Sumaré em 1934 e, durante as comemorações de seu aniversário de cinco anos, inaugurou, no mesmo local, um grandioso complexo radiofônico que foi chamado de Cidade do Rádio. Logo depois, a Difusora foi comprada pelos Diários e Emissoras Associados e levou a sua Rádio Tupi para o Sumaré. Em 1950, nasce dentro da organização da Rádio Difusora São Paulo S/A a pioneira PRF3-TV Tupi-Difusora - Canal 3, um dos maiores marcos da história da comunicação no Brasil.

Seja por Ondas Médias ou Curtas, desde 1934, a Rádio Difusora vinha transmitindo para diversas partes do planeta uma programação muito bem elaborada, com apresentações musicais, radioteatros, boletins noticiosos, programas infantis, partidas esportivas e programas femininos. Já a sua coirmã Rádio Tupi de São Paulo tinha uma programação mais tradicional, voltada para os homens, se aprofundando em coberturas esportivas — com a famosa Equipe 1040 —, na loteria esportiva e no jornalismo. Havia também muita música sertaneja na Tupi AM.

Anúncio da “Nova Difusora”, publicado em 1964: música, notícias, hora certa e um só anúncio por intervalo (reprodução).

cada precioso minuto do seu tempo, a

NOVA DIFUSORA

retribui assim:

* música, muito boa música

* notícias...em cima da hora

* hora certa a tôda a hora

* um só anúncio por intervalo

bem no meio do dial

960 KCS

RÁDIO DIFUSORA SÃO PAULO
música e notícias

Em 1963, a PRF-3 passou a identificar-se como “Nova Difusora” e investir mais nos noticiários “em cima da hora” e na execução de música gravada, uma nova tendência, já que transmitir música ao vivo nos estúdios era uma prática que vinha diminuindo progressivamente, devido ao alto custo. Com o Golpe Militar de 31 de março de 1964 e a promulgação do AI-5, todo e qualquer veículo de comunicação deveria ter a sua pauta previamente aprovada e sujeita à inspeção local por agentes autorizados. A poderosa Difusora de São Paulo, para evitar problemas, passou a substituir boa parte dos noticiários por execuções nos toca-discos.

Nesta época, as emissoras tinham o hábito de intercalar uma música com uma mensagem comercial, algo que não era bem aceito pela audiência. A partir desta nova fase da Difusora, os intervalos eram rápidos, apenas com uma mensagem comercial, refletindo, um pouco, a filosofia de programação de algumas outras emissoras dos Diários Associados. Isso porque, anos antes, em 1956, já pensando em “semear” uma experiência mais agradável ao ouvinte com o máximo de música e o mínimo de comerciais, José Mauro Teixeira, produtor musical e diretor da “Associada” Rádio Tamoio do Rio de Janeiro, estreou a primeira programação exclusivamente musical do rádio brasileiro. Com o *slogan* “Música, Sempre Música”, José Mauro implantou um formato de programação com blocos musicais e blocos comerciais, levando ao ar somente um anúncio por vez. Isso chamou a atenção dos ouvintes e o mesmo formato foi implantado, dois anos depois, na veterana Rádio Cultura de São Paulo, assim que ela foi adquirida pelas Emissoras Associadas.

No final de 1965, durante uma viagem aos Estados Unidos, José Mauro teve uma experiência com um formato radiofônico musical aperfeiçoado em relação àquele que ele mesmo havia implantado nas rádios Tamoio e Cultura. Chamado de “*Four-Play*”, era um modelo que mesclava música, informação e comerciais de forma equilibrada e organizada. Empolgado, José Mauro pediu autorização aos Diários e Emissoras Associados para realizar um projeto-piloto com este mesmo formato na Rádio Mineira, de Belo Horizonte (MG). Os blocos musicais ganharam o nome de “Plenimúsica” e os curtos blocos noticiosos foram chamados de “Factorama”, marcas que foram registradas pelas “Associadas”.

Segundo Luiz Eduardo de Melo e Silva, autor do livro “Plenimúsica: Memórias de um Ouvinte de Rádio Malcomportado”, eram tocados sucessos na proporção de dois internacionais para um nacional. “A seleção ‘Plenimúsica’ foi a responsável por lançar no Brasil — primeiro em Minas Gerais — os primeiros sucessos dos The Beatles e dos Rolling Stones, por exemplo, e dos cantores brasileiros que surgiram nos festivais, como Jorge Benjor, Wilson Simonal, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Sérgio Mendes e Brasil 66, Mutantes, Roberto Carlos, enfim, toda a ‘nata’ da música brasileira. Para citar alguns artistas do *hit parade* internacional que a Plenimúsica nos apresentou, temos James Brown, Janis Joplin, Frank Valli e Tommy James”. Durante 60 minutos, eram tocadas quatro sequências de 13 minutos, com quatro músicas cada, justificando o nome “*Four-Play*”. As sequências eram separadas por 90 segundos de comerciais (*breaks*) e, na “hora cheia”, entrava no ar um rápido bloco informativo, chamado de “Factorama”, com linguagem descontraída, outra novidade, cumprindo a exigência legal de destinar o mínimo de 5% diários da programação com notícias. A audiência e o faturamento da Rádio Mineira subiram extraordinariamente e, em dezembro de 1968, José Mauro levou o novo formato musical para a Rádio Difusora de São Paulo, que deixou totalmente seu estilo tradicional de programação.

Plenimúsica é muito mais música, melhor música e sem interrupção. Sequências de 13 minutos só de música. Seleções bem dosadas, prazer contínuo. Depois, 90 segundos de anúncios. Apenas as mensagens mais importantes. E Plenimúsica de novo. Mais 13 minutos somente de música. Sem interrupção. Factorama é a notícia colorida e movimentada. De hora em hora, o que de mais importante acontece no mundo. As melhores indicações (desde o cinema até política internacional). O que o ouvinte precisa e quer saber. Factorama é notícia ligada ao ouvinte. De fácil compreensão em língua de gente. (Anúncio da Rádio Difusora AM, Diário da Noite [SP], 03/12/1968, 1º Caderno, p. 8)

Anúncio de 1969 sobre a nova programação “Plenimúsica” e “Factorama” da Rádio Difusora (reprodução).

Plenimúsica® e Factorama® fazem a nova Difusora São Paulo.

PLENIMÚSICA é muito mais música, melhor música e sem interrupção. Sequências de 13 minutos só de música. Seleções bem dosadas, prazer contínuo. Depois 90 segundos de anúncios. Apenas as mensagens mais importantes. E Plenimúsica de novo. Mais 13 minutos somente de música. Sem interrupção.

FACTORAMA é a notícia colorida e movimentada. De hora em hora o que de mais importante acontece no mundo. As melhores indicações (desde o cinema até política internacional). O que o ouvinte precisa e quer saber. Factorama é notícia ligada ao ouvinte. De fácil compreensão, em língua de gente.

LIGUE O NOVO RÁDIO.

OUÇA A NOVA DIFUSORA SÃO PAULO. 960 KHz

© MARCAS REGISTRADAS DOS DIÁRIOS E EMISSORAS ASSOCIADOS

A Nova Programação “Jet Music”

Orlando Negrão Jr. assumiu a superintendência das rádios Tupi e Difusora justamente em 1968, ano da implantação da “Plenimúsica” e do “Factorama”. Em abril de 1969, ele nomeou Cayon Jorge Gadia como diretor-artístico destas emissoras, um criativo jovem de 24 anos de idade que, desde os 15, se dedicava ao trabalho de rádio. Nas “Associadas”, ele vinha desempenhando o trabalho de chefe da grandiosa discoteca do Sumaré. A audiência da “Difusora 960” ia bem, no entanto, naquele ano em que a emissora completaria 35 anos de existência, Negrão e Gadia resolveram adaptar o formato musical existente para algo com perfil exclusivo, mais com a cara de São Paulo, visando atingir outro público-alvo: os jovens. Nasceria o “AM Jovem”, com a proposta de fazer uma programação dinâmica, com lançamentos simultâneos de músicas internacionais, em especial, com artistas negros norte-americanos, como Al Green e

Archie Bells & The Dells, e com grupos da Inglaterra como The Beatles, Pink Floyd e Rolling Stones. O “termômetro” era o topo das paradas de sucessos das revistas especializadas em música “Cash Box” e “Billboard”.

Para receber estes discos que acabavam de ser lançados no exterior, Gadia contava com a colaboração de, ao menos, dois representantes: um sediado em Washington (Estados Unidos) e outro em Londres (Inglaterra). Segundo a revista “Veja”¹, “a Rádio Difusora São Paulo recebe fitas estrangeiras mandadas de Washington, por avião, pelo seu correspondente Pedro Cattar, que conversa com o Brasil via satélite. Sua voz é gravada e depois irradiada com a veemência de uma bomba: ‘o sucesso vindo diretamente dos Estados Unidos!’”. Entretanto, como enviar rapidamente esses discos e fitas para o Brasil? O grande trunfo foi a celebração de uma parceria com a empresa aérea Varig, que receberia as encomendas dos representantes na Europa e nos Estados Unidos e se encarregaria de mandá-las para São Paulo em até 24 horas. Em troca, a Varig ganhou um programa na Difusora, que entrava no ar no fim de noite e seguia pela madrugada, o “Varig Dona da Noite”.

Orlando Negrão, que anos depois montaria sua própria estação de FM em São Paulo, — a famosa Antena 1 —, contratou a agência de propaganda DPZ. O publicitário Roberto Duailib criou a formatação da rádio e a campanha de divulgação. Nascia o novo e exclusivo projeto de programação da Rádio Difusora AM - 960 KHz, batizado pelo próprio Negrão como “Jet Music” — ou “Música a Jato” —, referindo-se aos jatos dos aviões da Varig. “Saía a música lá [fora] e no outro dia eu estava tocando aqui! Eu tinha a rádio mais atualizada do mundo!”, comemorou Gadia. “Para comprar um disco dos Beatles que tinha saído, eu tinha um homem na fila em Londres. Ficava na fila de madrugada. Isso é demais, não é?”².

Ouça a rádio que os ricos ouvem.

A Difusora está comemorando a maior audiência na Classe A: 64%*. Lógicamente, nós não fizemos a Difusora ser assim só para agradar os ricos. Nosso único compromisso é com o bom-gosto e isso, segundo o Ibope, vale a pena. Fizemos um acordo com a Varig para que a nossa programação seja a mais atualizada do Brasil. E é.

Colocamos pouco anúncio para muita música (chegamos a programar 15 minutos de música sem um único anúncio). A Difusora ampliou o horário. Agora estamos no ar 24 horas por dia. Mas, depois de meia-noite, é só música e nada de comerciais.

Quça a Difusora. É como dizem por aí: junta-te aos ricos e serás um deles.

Difusora Jet Music 960

Campanha da Rádio Difusora “Jet Music” (reprodução).

1 “The Sound of Music”, *Veja*, 29/07/1970, p. 76.

2 Ênio Martins, 20/01/2005, em entrevista concedida ao site Rádio Agência.

Jet Music é para chamar a atenção e sofisticar um pouco mais a ideia da rapidez com que os ouvintes tomarão conhecimento dos sucessos musicais de todo o mundo. Sua base é a instantaneidade com que serão apresentados os *bits* que encabeçam as paradas de sucesso de Los Angeles, Londres, Paris, Berlim, Roma, Madrid, Tóquio e quaisquer outros centros lançadores. “Como se fosse um telegrama urgente, com os mais privilegiados destinatários: os ouvintes da Difusora”. (“Música a Jato”, Diário da Noite [SP], 1º Caderno, p. 2)

A estreia da nova programação “Jet Music” na Difusora aconteceu em julho daquele ano de 1969, em substituição ao “Plenimúsica”. Os boletins “Factorama”, com o empolgante *slogan* “O Mundo Gira em Factorama”, continuaram no ar. Eram tocadas três músicas, seguidas de dois comerciais com 30 segundos cada um, no máximo, e, assim por diante. As locuções ganharam um estilo totalmente diferente, abandonando as vozes-padrão, que às vezes cansavam o ouvinte. Foi adotado um estilo vocal com timbre de voz alegre, sorridente, jovial, para cima, de acordo com o ritmo das músicas e com o gênero dos programas. Cayon Gadia encontrou esse timbre e ele mesmo treinou sua nova equipe de jovens comunicadores, que eram diferentes dos formais locutores, pois apenas anunciavam e desanunciavam as músicas e informavam a hora certa. Com o comunicador, o rádio musical ganhou mais força, pois ele passava a conversar com o ouvinte.

Só uma preocupação existe realmente para este jovem [Cayon Gadia] e [...] equipe: fazer o melhor para todos os ouvintes. Uma sequência musical diferente, isto é, fazer uma distinção musical rítmica entre uma música e outra. Isso é mais ou menos bem exemplificado assim: uma melodia de Jorge Ben, em seguida Franklyn, depois Elis Regina, posteriormente Ray Charles. Isso é um tipo de sequência: balanço, ritmo, tipo de composições diferentes. Continua-se o som das melodias, até que entre um minuto de publicidade (meio e meio), após quatorze minutos e trinta segundos musicais. (“Na Jovem Difusora o Dedo de Cayon”, Diário da Noite [SP], 04/02/1970, 1º Caderno, p. 8)

A programação é feita com uma lista de 300 músicas mais ou menos. Cada um da nossa equipe ouve os novos discos e aponta os prováveis sucessos. Feita essa primeira seleção, as melodias entram no ar por 15 dias, mais ou menos. Daí a noção certa do que ficará permanecendo no ar, porque vai emplacar. Então, a música é executada duas ou três vezes diariamente. Existem as que chegam a ser tocadas até quatro vezes. ‘Aquele Abraço’ é um exemplo de sucesso total” [...] Cayon diz que “Música velha não entra no esquema. Trazemos as últimas novidades e tocamos os últimos lançamentos. Passou o sucesso, entra para o esquecimento na programação”. — As canções de Roberto Carlos são bem tocadas? “Muito e todas, — diz Cayon —, o que não é segredo nenhum. Simonal, Elza, Gal, Caetano, Gil, são também”. [...] “E vai lá uma lista de sucessos que essa emissora previu, tocou com exclusividade, e aconteceu”. Vejam: “F.. Come Famme” - Adamo; “Ive Been Hurt” - Bill Deah; “You Cryng” - Rene e Rene; “Aquários” - Simonal; “Nem um Talvez” - Trio Ternura (sucesso da Difusora); “Je t’aimé” - Pierre Barouh e Nicolle Croissile. Com esses e outros e novos e muitos, a Rádio que “tem talento”, vai e vai, e Cayon procurando sempre o ritmo melhor para esse público ouvinte. (“Cayon Prevê o Sucesso: a Difusora Toca”, Diário da Noite [SP], 11/11/1969, 1º Caderno, p. 7)

A programação “Jet Music” definitivamente consagrou a “Difusora 960” em sua fase moderna. Cayon Gadia foi um visionário, que antecipou, em Ondas Médias, a plástica e o estilo de programação que logo seriam as bases das emissoras de Frequência Modulada (FM), que surgiriam em grande número a partir de meados dos anos 1970. Aliás, essa é uma fórmula usada até hoje nas FMs para o público jovem.

1970 – Emissoras Associadas Apostam no FM em São Paulo

A exploração de estações de FM como *broadcasting* impulsionou a segmentação do rádio, ou seja, as emissoras se voltavam para determinados públicos. Foi, então, que, em 1970, pensando em atingir o jovem de classe alta, a Rádio Difusora encomendou uma pesquisa junto ao Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (Ibope), com o objetivo de verificar a existência de aparelhos receptores de FM em automóveis particulares e em residências de classes alta em São Paulo. As estimativas levaram à conclusão de que 41% entre os 300 entrevistados tinham aparelhos também com recepção em FM. “Existem 1.444.161 de residências em São Paulo com pelo menos um receptor de rádio. 38% dessas residências pertencem às classes A, B1 e B2, que perfazem um total de 548.754. Em 41% das residências (excetuando-se apenas as da classe B3) existem receptores de frequência modulada”³, revelou a pesquisa. Fazendo as contas, eram 24.989 receptores com FM só na cidade de São Paulo e, diante de tais conclusões surpreendentes, a Rádio Difusora resolveu lançar a sua emissora na faixa de FM. Para tanto, recebeu uma nova frequência, — os 98,5 MHz —, outrora utilizada pela Rádio Difusora de Santo Amaro, que deixou de operar em FM e manteve-se em AM como Rádio Mulher.

Equipamentos

O estúdio a ser utilizado pela Difusora FM, na verdade, era uma pequena sala adaptada, que ficava no 3º andar intermediário do edifício-sede das Emissoras Associadas, no bairro do Sumaré. Foram disponibilizados apenas equipamentos básicos, como mesa de som, microfone, dois toca-discos e um gravador de rolo. Não havia isolamento acústico nas paredes. Para a instalação do transmissor e da antena da nova estação, algumas obras tiveram que ser executadas no topo do edifício, alterando algumas de suas características originais. No átrio do edifício, havia o terraço, que teve de ser desativado. No lugar, foi montado um grande salão, como se fosse um novo andar — o 11º. Neste local, foi instalado o transmissor RCA para as operações em FM 98,5 MHz.

A partir de 1970, portanto, seria possível ouvir duas programações da Rádio Difusora pela faixa de Frequência Modulada. Uma pelo *link* estúdio-transmissor em 96,9 MHz (a “Jet Music”, executada no AM) e outra pela estação comercial em 98,5 MHz (música ambiente e notícias). Em 1974, o governo encerrou as operações de *links* por FM em todo o Brasil.

Difusora FM – A Inauguração e o Perfil da Programação

O lançamento da Difusora FM, uma das primeiras estações de frequência modulada do país com programação própria, aconteceu com um *cocktail* oferecido na noite de 1º de dezembro de 1970. A programação da emissora era especial, de alto nível, destinada às pessoas bastante exigentes, tanto com programação musical, quanto nos noticiários. “As músicas são selecionadas para um público rico e inteligente”, dizia um dos polêmicos anúncios do lançamento da emissora, que rendeu críticas da revista “Veja”:

3 “A Difusora Também em Frequência Modulada”, Diário da Noite [SP], 21/09/1970, 1º Caderno, p. 11.

Que só os ricos sintonizem seus rádios na altura dos 98.5 megahertz, pois, pelos anúncios de lançamento, pobre está proibido de ouvir essa original rádio inaugurada terça-feira da semana passada em São Paulo. “As músicas são selecionadas para pessoas ricas e inteligentes”, é a advertência agressiva dos anúncios. Incontestável, também, é o direito ao esnobismo dessa nova emissora da cadeia Associadas. Operando pela primeira vez no Brasil exclusivamente nas sofisticadas ondas da frequência modulada, a Difusora FM é automaticamente forçada a selecionar a faixa de público que pretende e tem possibilidade de atingir. (“A Rádio dos Ricos”, Veja, Edição nº 118, 09/12/1970, p. 84-85)

O som de 10 milhões.

Só existem dois sons tão caros e tão bons: o do melhor gravador estereofônico e o da Difusora Frequência Modulada. Pelo tipo de ouvinte da Difusora, 10 milhões por um gravador não é muito, afinal. Mas deixar o ponteiro nos 98.5 da Difusora e ligar a Frequência Modulada é bem mais fácil. A Difusora FM opera numa faixa onde não há concorrência. As músicas são selecionadas para pessoas ricas e inteligentes. Os espaços comerciais foram vendidos somente a 20 clientes: aqueles que têm o que dialogar com pessoas deste tipo. Sintonize a Difusora FM. Não custa um tostão.

Difusora
FM 98.5 MC

Campanha de lançamento da Rádio Difusora FM (reprodução).

A propaganda na programação da nova Difusora FM entrava no ar de 10 em 10 minutos, após três músicas, com uma só mensagem. Nesse esquema, a emissora abriu apenas 20 cotas para os anunciantes, visando as classes A e B. Na programação inaugural, muita música popular brasileira, estrangeira e erudita (ver box). Alguns dos grandes eventos realizados no Parque Anhembi passaram a ter cobertura pela Difusora FM, iniciando pelo o VII Salão do Automóvel.

Programação de Estreia da Difusora FM (01/12/1970)

7:00 Noticiário (nacional e internacional)

7:30 Música Popular

8:00 Noticiário (para quem acorda mais tarde e considerando as notícias atualizadas, distribuídas pelos teletipos da emissora)

8:30 Música Popular

12:00 Noticiário (atualizado)

12:15 Música Erudita

Fim de Tarde: Boletins com informações da Bolsa de Valores

20:00 Concertos

21:00 Jazz (em todas as suas fases)

22:00 Música Popular

Anos 1970: Dárcio Arruda e *Jet Music*

A Rádio Difusora tem um índice de audiência fantástico e lança muitos conjuntos que rádio nenhuma toca, tentando fazer uma revolução cultural, determinando a moda da juventude através das músicas, danças, *bottons* e bonés. [...] Com o tempo, as gravadoras montam seus departamentos internacionais para fazer lançamentos em menos de três meses, e assim, quando Cayon lança uma música, elas já estão preparadas para lançar o disco logo em seguida. (“Hits Brasil - Sucessos ‘Estrangeiros’ Made in Brazil”, Fernando Carneiro de Campos, 2012:171)

Na década de 70, o rádio viveu o que os contemporâneos chamam de era de ouro do rádio pop. Na época, três emissoras disputavam a atenção e o coração da moçada: a Mundial e a Excelsior, da Globo, e a Difusora, da Tupi, que nos 11 anos de concorrência acirrada entre as três, se manteve na liderança grande parte do tempo, chegando até a conquistar um prêmio internacional de programação pop, em 1975. (Meio e Mensagem, 21/01/2008, p. 42)

A Rádio Difusora FM de São Paulo seguiu executando “programação-padrão”, com locutores sóbrios, que anunciavam as músicas dos gêneros MPB, concerto ou ambiente. O prefixo, a hora certa e os nomes das músicas continuavam sendo pré-gravados. Em 1976, as operações de FM finalmente foram regulamentadas no Brasil e as emissoras puderam iniciar suas fases comerciais, com programação musical própria. O FM teria que, necessariamente, tocar músicas. Neste mesmo ano, a Difusora FM foi autorizada a aumentar sua potência, passando de 250 watts para 3 kW, acoplando seu transmissor RCA ET-17 a um amplificador linear, fabricado pelos próprios técnicos das Emissoras Associadas, modelo ALFM-3RD. Uma nova antena, com quatro elementos irradiantes, fabricada pela Indústria Brasileira de Eletricidade S/A (Inbelsa), foi instalada em uma nova torre com 13 m de altura. Ela foi fixada no piso do salão da cobertura do edifício-sede e uma abertura foi feita no telhado para a passagem da torre, que alcançou a metade da altura da torre da TV Tupi - Canal 4, instalada logo ao lado.

(reprodução)



O rádio FM começava a se consolidar em algumas capitais brasileiras como uma nova opção de entretenimento, agora com receptores a preços mais acessíveis e com muito boa qualidade para ouvir música. Surgiram novas emissoras e as estações FM que apenas repetiam a programação de sua emissora-mãe em AM passaram a operar com programação exclusiva. Era o início das operações de emissoras que fariam muito sucesso em um futuro breve, como as paulistanas Jovem Pan FM, Gazeta FM e Eldorado FM; as cariocas Eldo Pop FM, Nacional FM e Cidade FM; e Transamérica FM (Recife e Brasília).

O Novo Projeto da Difusora em 1978

Ainda em 1977, as Emissoras Associadas de São Paulo investiram alto em infraestrutura, encomendando diversos equipamentos para melhorar as transmissões das rádios Difusora FM, Tupi AM e TV Tupi, emissoras que estariam entre as mais potentes do país (ver Capítulo 38). No ano seguinte, Cayon Gadia deixou as Emissoras Associadas em 1978 e Luiz Fernando Magliocca o substituiu na superintendência e coordenação-artística das rádios Tupi e Difusora AM/FM. Nesta época, o rádio FM já estava crescendo pelo Brasil e ganhando uma linguagem própria, quando a Difusora FM iniciou um novo projeto de programação, mas agora independente da Difusora AM. A programação deixou a música ambiente e passou a executar sucessos internacionais para o público jovem, ao estilo “Jet Music”. As locuções ainda continuaram pré-gravadas e a música brasileira passou a estar muito mais presente na programação, por força da lei, que obrigou que 50% das músicas executadas em um dia fossem MPB. À meia-noite, a Difusora FM passou a retransmitir — em estéreo — a programação da Difusora AM, algo que se estendia até as 8h. O novo *slogan* da emissora foi “O Som Alegria da Cidade”. A equipe de comunicadores incluía Antônio Viviani, Ângelo Vizarro Jr., Carlos Racy, Dárcio Arruda, Idemur de Matos, Moisés da Rocha e Jorge Helal.

Naquele importante ano para a Difusora, estreou o programa “The Big Apple Show”, de Julinho Mazzei, que se tornou a plataforma de lançamentos da emissora. Produzido e apresentado pelo próprio Mazzei, direto de seu estúdio em Nova York, o “Big Apple” era enviado semanalmente a São Paulo, para entrar no ar aos sábados à noite, entre 20h e 22h. Foi um grandioso sucesso, pois eram tocadas as músicas “pop” que haviam sido lançadas na mesma semana pelas rádios de Nova York. Essa audácia foi ainda maior que a implantada em 1969, na própria Difusora, quando Cayon Gadia recebia os discos recém-lançados enviados pelos seus representantes no exterior. Desta vez, Mazzei colocava no ar as fitas que ele gravava direto das rádios de Nova York, muitas vezes executadas antes de os discos irem para as lojas dos Estados Unidos.

Há um fato muito curioso sobre a logística realizada para o envio das fitas com as edições do “The Big Apple Show” à Difusora, já que alugar um canal de satélite para isso ficaria muito caro. Simplesmente, Mazzei ia até o aeroporto e abordava alguém que estivesse de partida para o Brasil. Acertava um cachê simbólico e pedia para que entregasse o material para alguém da equipe da Difusora no Aeroporto de Congonhas. Mazzei, então, ligava para a rádio e passava as informações sobre o “mensageiro”, para realização do encontro. “Eu fui ao aeroporto muitas vezes buscar essas fitas. O Julinho [Mazzei] ligava para nós, passava o nome da pessoa e qual o voo em que ela estaria. Eu ficava lá no desembarque com um papelão escrito ‘Rádio Difusora’. Algumas vezes, cheguei a buscar a fita na própria casa da pessoa. Era uma loucura. Esse procedimento de entrega chegou a atrasar várias vezes e a fita chegar às nossas mãos no próprio sábado. Tínhamos que correr muito, pois era necessário fazer uma edição antes de entrar às 20h”, revela Ângelo Zanquetta, sonoplasta da Rádio Difusora⁴.

A Difusora aproveitou muitos dos lançamentos musicais que Mazzei tocava no programa e os copiava para executá-los na programação normal. Conta-se que era muito comum os jovens desfilarem com seus carros, no sábado à noite, ligados em alto volume ao som do “The Big Apple Show” da Difusora AM. Isso aconteceu muito nas imediações da badalada Rua Augusta e das grandes danceterias da cidade de São Paulo.

A partir de 1979, começaram a surgir as primeiras locuções ao vivo na Difusora FM, mas ainda algo esporádico, sem hora certa para acontecer. Eram feitas pelos próprios comunicadores da AM, que, por vezes, acabavam seus horários e iam fazer mais um pouco de rádio em FM. Em 1980, o “The Big Apple Show” mudou-se para a Rádio Antena 1 FM de São Paulo.

Com a seleção de sucessos da música pop tocando na Difusora FM, aos poucos, a operação de Ondas Médias da Difusora foi mudando sua programação, voltando-se mais para o jornalismo, prestação de serviços e para as jornadas esportivas, estas que foram transmitidas em conjunto com a Rádio Tupi, sob o comando da equipe “Futebol 2000”, nome que se refere ao resultado da soma de 960 com 1040, as duas frequências das emissoras.

O Fim da Rádio Difusora

As rádios Difusora AM e FM foram tiradas do ar pelo governo no dia 3 de setembro de 1981. Os detalhes podem ser vistos mais adiante, no Capítulo 44. Felizmente, para os saudosistas, existe um projeto chamado “Difusora 960” (difusora960.com), onde são executadas as mesmas canções da Difusora “Jet Music” dos anos 1970, inclusive as propagandas e vinhetas da época.

4 Ângelo Zanquetta concedeu entrevista exclusiva aos autores.

A Concorrente Rádio Excelsior - Pouco tempo após a estreia da programação “Jet Music” na “Difusora 960”, a Rádio Excelsior AM - 780 KHz de São Paulo lançou uma programação concorrente, também jovem, com o slogan “Excelsior, a Máquina do Som”, coordenada pelo seu locutor Antônio Celso Cipolla. No entanto, havia uma grande diferença entre as duas programações, já que a Difusora tocava mais música negra norte-americana, enquanto a Excelsior executava mais *rock 'n' roll*. Antônio Celso ia frequentemente aos Estados Unidos para comprar discos para execução na Excelsior.

Cayon Gadia chegou a acumular os cargos de diretor-artístico das rádios Tupi, Difusora AM e FM, além da GTA - Gravações Tupi Associadas e a direção da divisão de shows da TV Tupi. Com grande tendência à Black Music, trouxe para o Brasil as canções de Aretha Franklin, Harold Melvin, Lou Rawls, Four Tops, Temptations, Stevie Wonder, Stax, Atlantic, e impulsionou Tim Maia, Jorge Ben, Novos Baianos e Wilson Simonal. Deixou as Emissoras Associadas em 1978 e trabalhou nas rádios Bandeirantes e Antena 1. Em 1996, começou seu trabalho como produtor musical no SBT e, com a trilha sonora da novela infanto-juvenil “Chiquititas”, Gadia chegou a vender pouco mais de 5 milhões de discos e recebeu o disco de platina pelo feito. Já na era da informática, lançou o CD-Rom “Show do Milhão”, mais um sucesso de vendas em todo o Brasil. Faleceu em 2007.



Cayon Gadia
(Diário da Noite/
reprodução).

CAPÍTULO 35

A INFRAESTRUTURA DAS EMISSORAS ASSOCIADAS - ANOS 1970

O sucesso crescente das novelas trazia a necessidade incessante de obter novos espaços, já que, após o fechamento⁵ da TV Excelsior pelo governo, em setembro de 1970, a TV Tupi investiu ainda mais no segmento e passou a contratar atores, escritores e diretores da extinta emissora, ampliando, assim, seu núcleo de teledramaturgia, o “carro-chefe” da programação. Com isso, a direção da TV Tupi decidiu desativar o grandioso auditório do Teatro Tupi, no início de 1973, e convertê-lo novamente em Estúdio “E”, exclusivo para gravação da próxima novela das 20h, que seria uma superprodução. O número de pessoas que compareciam espontaneamente no auditório do Sumaré era pequeno e não justificava mais mantê-lo. Ainda mais com tamanha necessidade de obter espaços, justamente para produção das rentáveis telenovelas.

O palco do teatro, também chamado de “Estúdio-Palco”, foi mantido, mas, do auditório restaram apenas algumas poucas fileiras de poltronas mais próximas ao palco. A primeira novela a ser gravada naquela nova área foi “Mulheres de Areia”, de Ivani Ribeiro (ex-TV Excelsior), exibida com grande sucesso a partir de 26 de março de 1973. “Com ‘Mulheres de Areia’ [...] a Tupi começa a recobrar o prestígio perdido. A aceitação dessa novela levou-a a novos e ambiciosos investimentos. [...] [Em seguida, a Tupi] contratou Vicente Sesso [da TV Globo] para escrever ‘Divinas e Maravilhosas’, destacou o “Diário de Notícias”⁶, do Rio de Janeiro.



A TV Tupi está reformando desde já o seu palco-auditório do Sumaré, com vistas a realizar, a partir de agosto, programas com público durante as gravações. Repara-se, assim, um erro que havia sido cometido quando, simplesmente, foi desmontado o auditório. Sabe-se que a emissora pretende abrir as portas do Teatro Tupi para o público assistir às gravações de “Os Trapalhões” e de outros programas. Com isto, a Rede Tupi estará resolvendo um sério problema, o “riso pago”. Além de economizar cachês, que, atualmente, são pagos aos “risoletos” da vida, contaria com um público real, que sem dúvida alguma, é termômetro para se avaliar a “temperatura” dos programas. (Ferreira Neto, Diário de Pernambuco, 10/07/1976, 2º Caderno, p. 6)

5 Pela primeira vez na história da televisão brasileira uma emissora teve a concessão cassada pelo governo. Às 18h40 do dia 30 de setembro de 1970, a TV Excelsior de São Paulo deixou de ir para o ar, pois sua concessão foi cassada, baseada em artigos do Código Brasileiro de Telecomunicações, com apontamentos de transferência ilegal da concessão e incapacidade técnica e econômica. Na mesma situação foi enquadrada a TV Excelsior do Rio de Janeiro.

6 “‘Divinas e Maravilhosas’ na Guerra dos Sonhos”, Diário de Notícias [RJ], 23/12/1973, p. 19.

Em 1975, o estúdio de novelas adaptado no antigo auditório do Sumaré passou por novas reformas para convertê-lo novamente em auditório do Teatro Tupi. A ideia foi reabri-lo para o público e oferecer conforto e beleza aos espectadores, além de melhores condições técnicas. O palco foi enfeitado com duas enormes colunas de acrílico. As poltronas foram reformadas e as cortinas trocadas, promovendo uma série de melhoramentos e tornando-o o mais completo estúdio-auditório da televisão brasileira.

Mas, onde seriam gravadas as novelas com a diminuição de um estúdio? Além das novelas, os estúdios do Sumaré estavam muito ocupados com os programas “Almoço com as Estrelas”, “Clube dos Artistas”, “Os Trapalhões” e, ainda, comédias, especiais, telejornais e shows. A saída foi buscar um novo espaço além das fronteiras da antiga Cidade do Rádio.

1975 - Novo Estúdio para Novelas na “Brigadeiro”

A fim de montar uma nova central de produção de teledramaturgia, no início de 1975 o Canal 4 fechou contrato com uma galeria comercial na região central de São Paulo, que dispunha de um grande teatro, com cerca de 800 m². O local ficava no bairro da Bela Vista, mais precisamente nos altos da Galeria Espiral da Avenida Brigadeiro Luís Antônio, nº 1564, a 680 m de onde funcionou o Teatro Tupi-Brigadeiro, até quatro anos antes. O estabelecimento estava sendo usado como um clube de dança e foi todo adaptado para se tornar um grande estúdio de televisão. Os técnicos, diretores e artistas da TV Tupi acessavam o estúdio por uma portaria que ficava na rua detrás da Galeria Espiral, na Rua Treze de Maio, nº 1021.

Em março de 1975, as reformas do novo estúdio já haviam terminado e foi iniciada a montagem dos cenários de “O Velho, o Menino e o Burro”, primeira novela infanto-juvenil da TV Tupi, escrita por Teixeira Filho, e que inaugurou a faixa das 18h30 na emissora. “[...] todos satisfeitos pela ótima condição de trabalho. Não esconderam os atores desse elenco o rendimento que ganharam suas atividades, com os cenários agora [...] fixos, o que ajuda bastante”⁷.

Diversas novelas foram gravadas no estúdio da Brigadeiro, entre elas, “Canção para Isabel” (1976), “Papai Coração” (1976-77), “Cinderela 77” (1977), “O Profeta” (1977-78) e as poucas cenas de estúdio de “Aritana” (1978). Ressaltando que, no final de 1977, o espaço para gravações na Tupi no Sumaré estava reduzido, já que aqueles estúdios entraram em reforma após o término das gravações do sucesso “Éramos Seis”. Além disso, em janeiro de 1978, foi iniciada a demolição do auditório (ver Capítulo 38), algo que também impediu realizar gravações no palco do teatro por alguns meses.

Um bom exemplo da estrutura eficaz e do amplo espaço que o estúdio da Brigadeiro ofereceu é que os 15 ambientes que compuseram os cenários do sucesso “O Profeta” puderam ficar montados paralelamente. Ou seja, evitou-se a necessidade de montar e desmontar cenários, conforme as cenas que fossem ser gravadas. Aliás, para realizar as gravações desta novela, o estúdio da Brigadeiro ganhou diversas melhorias.

7 Arnaldo Paz, Correio Braziliense, 03/10/1975, 2º Caderno, p. 3.





O estúdio de novelas utilizado pela TV Tupi, localizado sobre uma galeria na região central de São Paulo (Google/reprodução).

A novela “Aritana”, de Ivani Ribeiro, foi gravada entre outubro e dezembro de 1978, sendo a última produção da TV Tupi no local, já que o núcleo de teledramaturgia foi transferido para os antigos estúdios da TV Excelsior, na Vila Guilherme (detalhes nas próximas linhas).

Desde 2010, o teatro da Galeria Espiral está alugado para a Rede CNT de Televisão, que lá montou seu auditório, entretanto, aquela estrutura quase não foi usada pela emissora.

1978 – A Demolição do Auditório do Sumaré

[...] O teatro da TV Tupi já foi bem maior. Agora está dividido em biombos improvisados e, da plateia, só restou um canto, com assentos em forma de arquibancada de circo. É lá que ficam os espectadores velhos, sem cor, quase no escuro. Para os jovens, bem iluminados e coloridos, há uns cercadinhos no fundo do próprio palco, transformado num tipo de teatro de arena. [...] A TV Tupi, por dentro, é uma bagunça total. Biombos de madeira para todo lado, restos de cenários no corredor, câmeras e refletores passando daqui para ali [...]. (“Velho Cansado Guerreiro”, Dirceu Soares, Folha de São Paulo, 17/04/1977, p. 14)

Em 1977, já em meio a uma grande crise financeira e administrativa nas empresas dos Diários Associados (ver Capítulo 39), o auditório novamente havia sido reduzido e outras atividades artísticas passaram a ocupar o local. A “Folha de São Paulo” ressaltou o aspecto de bagunça nos bastidores da emissora, durante o ano de 1977. “Biombos de madeira para todo lado, restos de cenários no corredor, câmeras e refletores passando daqui para ali”.

Mas, com a força dos funcionários, artistas e de diversos executivos daquela época — a exemplo de David Raw e Rubens Furtado, que não mediam esforços para tentar recuperar a emissora —, surge um projeto audacioso naquele ano de 1977, a fim de renovar as instalações, equipamentos e programação. Para tanto, foi necessário demolir o auditório do Teatro Tupi para abrir espaço ao novo projeto estrutural da TV Tupi de São Paulo. Veja no Capítulo 38 todos os detalhes sobre este projeto.

1978 - Vila Guilherme



Vista aérea do grande complexo de estúdios na Vila Guilherme, em São Paulo (Erasmu de Souza/SBT).

Durante seis anos, a produtora TV *Studios* Silvio Santos Ltda., do empresário e apresentador de mesmo nome, ocupou parte (4 mil m²) de um complexo de televisão localizado na Rua Dona Santa Veloso, n° 575, na Vila Guilherme, bairro da Zona Norte de São Paulo. Com um total de 11 mil m², por duas décadas, esses estúdios foram considerados como o maior complexo de televisão do Brasil, construídos pela TV Excelsior - Canal 9, a partir da estrutura de uma antiga fábrica de cigarros. A inauguração aconteceu em agosto de 1967, com seis estúdios e os mais modernos equipamentos. Em setembro de 1970, dois meses após quase todo o complexo ter sido consumido por um incêndio, as concessões da TV Excelsior foram cassadas pelo governo militar e o gigantesco imóvel ficou trancado até 1972, quando, por intermédio da Caixa Econômica Federal, o síndico da massa falida o alugou para a utilização da produtora Estúdios Silvio Santos. No local, foram produzidos dois programas semanais com o apresentador Silvio Santos — um para a TV Globo e outro para a TV Tupi —, além de novelas, musicais e programas independentes de variedades para emissoras de todo o Brasil.

O complexo de estúdios na Vila Guilherme, em São Paulo ("Coleção Televisão – TV Studios Silvio Santos – Canal 11"/Arquivo Público do Estado de São Paulo).



Em 1976, Silvio Santos inaugurou outra central de produção no Teatro Manoel de Nóbrega, na Rua Cotoxó, nº 1021, Vila Pompeia, em São Paulo, onde foram gravados alguns quadros dos dois programas semanais do empresário. No mesmo ano, este teatro e os estúdios da Vila Guilherme passaram a produzir programas para a primeira emissora de TV do grupo, a TVS - Canal 11 do Rio de Janeiro. Em 1974, Silvio Santos havia perdido uma licitação para ocupar os canais da TV Excelsior no Rio de Janeiro e em São Paulo⁸, mas acabou vencendo outra concorrência, no ano seguinte, para operar a TVS do Rio⁹.

No início de 1978, o empresário decidiu suspender a produção de novelas realizadas na Vila Guilherme e centralizar seu departamento de produções no Teatro Manoel de Nóbrega, que dispunha de mais de mil lugares e um palco com 52 m x 28 m. Diante disso, a TV Tupi se movimentou rapidamente, já que, mesmo em crise, queria crescer e tinha necessidade de investir em infraestrutura. Silvio Santos transferiu o contrato de aluguel dos estúdios da Vila Guilherme para a TV Tupi, que ali produziria todas as suas novelas e liberaria espaço para os estúdios do Sumaré produzirem somente a linha de shows e o jornalismo.

8 Em 1974, a empresa Jornal do Brasil (JB) venceu uma licitação para operação de televisão nos canais 9 do Rio de Janeiro e 9 de São Paulo, que um dia pertenceram, respectivamente, à TV Continental e TV Excelsior. Entretanto, o JB devolveu as concessões ao governo, depois de concluir que não teria condições de colocar as emissoras no ar.

9 Além da TV *Studios* Silvio Santos, disputaram o canal 11 carioca a Rádio Manchete, Rádio O Dia e Fundação Cásper Líbero (TV Gazeta de São Paulo).

Com o arrendamento dos estúdios da Vila Guilherme, o contrato de utilização do estúdio da Avenida Brigadeiro Luís Antônio foi rescindido e a TV Tupi cancelou seu projeto de construir novos estúdios junto a sua nova torre de transmissão no bairro do Sumaré (ver Capítulo 38). A oportunidade de arrendamento pareceu ser mais vantajosa, não só em termos financeiros, mas também na questão de prazos, já que eles poderiam ser ocupados imediatamente.



O departamento de produção da TV *Studios* Silvio Santos deixou o complexo da Vila Guilherme gradativamente, durante o mês de abril de 1978. Mas, ainda antes da saída total, uma equipe da TV Tupi já trabalhava no local para preparar os cenários da novela “Roda de Fogo”, que teria suas gravações iniciadas muito em breve. A Tupi ocupou quase todos os seis estúdios do complexo da Vila Guilherme ainda naquele mês de abril. De comum acordo, o setor administrativo da TV *Studios* Silvio Santos continuou instalado em algumas salas até o mês de junho, quando se mudou para um conjunto de três casas, nas imediações do Teatro Manoel de Nóbrega.

Em agosto de 1978, uma triste notícia. Meses após a produtora de Silvio Santos deixar os estúdios da Vila Guilherme, seu único centro de produção em São Paulo, instalado no Teatro Manoel de Nóbrega, foi totalmente consumido pelo fogo. Nesta época, o Grupo Silvio Santos já havia dado início nas obras de um complexo de rádio e televisão no km 19 da Via Anhanguera, em Osasco, na Grande São Paulo, a ser utilizado pela produtora TV *Studios* Silvio Santos e, também, pela Rádio e TV Record¹⁰, cujo “homem do Baú” detinha 49% das ações.



A criação de uma nova empresa produtora é a preocupação maior, no momento, da Rede Tupi. Essa empresa se responsabilizará pela produção de todos os programas da rede e David Raw garante que já tem dinheiro em caixa para contratar Janete Clair, a quem, como noticieira de primeira, será feita uma oferta de Cr\$ 500 mil mensais. Com a criação dessa empresa, a direção da Tupi resolveu concluir até o final desta semana a mudança de todo o setor de produção de novelas para os estúdios da Vila Guilherme, arrendados recentemente, deixando para o Sumaré, em São Paulo, apenas a produção de shows. (“Uma Nova Empresa Produtora na Tupi”, *Diário do Paraná*, 15/06/1978, 2º Caderno, p. 6)

Os estúdios da Vila Guilherme ficaram exclusivos para produção das novelas da Tupi, entre elas “O Direito de Nascer” (2ª versão), “Gaivotas”, “Dinheiro Vivo” e “Como Salvar Meu Casamento”. Em meados de 1979, praticamente toda a linha de shows também migrou para a Vila Guilherme e o grande “Estúdio-Palco” do Sumaré¹¹ ficou mais livre e foi utilizado apenas para as gravações de “Clube dos Artistas” e “A Grande Chance”, programa de calouros apresentado por Flávio Cavalcanti.

10 Neste local, em 1996, o Grupo Silvio Santos inaugurou um novo e grandioso complexo de estúdios para produção do SBT. A emissora permanece instalada neste local até os dias atuais. A Rádio e TV Record não chegaram a se mudar para o primeiro edifício deste complexo, inaugurado no final dos anos 1970.

11 Este estúdio era originalmente o palco do Teatro Tupi, que funcionou entre 1967 e 1977, quando o auditório foi demolido e restou apenas uma pequena plateia.

TV Tupi costumava alugar diversas casas pela cidade de São Paulo e pelo interior do estado para fazer locações de novelas. Outro local frequentemente usado para este fim era o belo reservatório da companhia de saneamento, que ficava bem à frente da emissora, na Avenida Prof. Alfonso Bovero. Frequentemente o local se tornava cenário de novelas, como em “Beto Rockefeller” e “O Machão”.

1979 - Discoteca Aquarius

A badalada Discoteca Aquarius, situada na Rua Ruy Barbosa, nº 266, no simbólico bairro do Bixiga, também serviu de palco para a gravação de alguns programas da TV Tupi. Em 1979, a emissora alugou o espaço por algumas horas na semana, para realizar as gravações do novo programa do cantor Sidney Magal. Alguns outros programas também chegaram a ser gravados no local. Mas, por estar em local baixo, havia um problema de comunicação entre a Aquarius e a central de exibição do Sumaré, algo que inviabilizava a realização de programas ao vivo. O espaço era muito bom para gravar os programas com grande participação do público, como era o caso do Sidney Magal, onde cerca de 300 a 400 jovens podiam dançar livremente. Posteriormente, já nos anos 1980, o local, que originalmente era um cinema, se transformou no Teatro Zaccaro, onde foram gravados diversos programas musicais para a TV Bandeirantes, e que também foi utilizado pela TV Gazeta, onde o estreante Fausto Silva apresentava o seu “Perdidos na Noite”.

1978 - Incêndio no Controle-Mestre

Parte do equipamento de transmissão da TV Tupi de São Paulo foi destruída na madrugada de 8 de outubro de 1978, por um incêndio iniciado na sala do controle-mestre, que é a mesa geral de seleção e geração da imagem e do som que vão ao ar. As labaredas também se alastraram pelas outras salas onde ficavam os *switchers* que controlavam e gravavam as produções dos estúdios “A”, “B”, “C” e “D”. A causa do incêndio pode ter sido um curto-circuito.

O fogo teve início por volta das 2h30, cerca de 30 minutos após o encerramento das transmissões do dia. Sete funcionários estavam no local, incluindo o produtor Sérgio Galvão, que trabalhava em uma ilha de edição do programa de Moacyr Franco. O funcionário Álvaro Ribeiro da Silva se preparava para marcar sua saída no cartão de ponto quando notou a fumaça. Ele passou a avisar os colegas imediatamente, mas, segundo depoimentos, Sérgio Galvão custou a acreditar, pensando que se tratava de uma brincadeira. Não houve feridos e os funcionários do Canal 4 e das rádios Tupi e Difusora conseguiram salvar uma mesa de sonoplastia, uma cabine de locução comercial, câmeras, alguns monitores de TV e dezenas de fitas com episódios inéditos da novela “O Bom Baiano”. Entretanto, apesar dos esforços, não houve tempo de tirar todos os equipamentos, salientando que, muitos deles, eram de excelente qualidade técnica e haviam sido adquiridos recentemente. Além do controle-mestre e dos quatro *switchers*, foram perdidos 40 monitores, oito aparelhos de TV, quatro mesas de som, oito *pick-ups*, quatro cabines de locução, microfones e outros equipamentos menores.

As labaredas que saíam do telhado do edifício chamaram a atenção de João Ages, operador de som da Rádio Tupi, que funcionava no edifício ao lado. Foi ele quem acionou o Corpo de Bombeiros. Foi preciso cerca de 60 homens para dominar as chamas no Sumaré, em pouco mais de duas horas. Até a Sabesp (empresa de saneamento básico) colaborou com o fornecimento de caminhões pipa.

Os prejuízos foram calculados em torno de Cr\$ 30 milhões, mas o seguro cobriu boa parte dessa soma. O teto do Estúdio “B” ficou bastante danificado devido à força das águas lançadas pelos próprios bombeiros. O local estava sendo preparado para receber alguns cenários de “Aritana”, nova novela de Ivani Ribeiro, cujas cenas iniciais, de estúdio, estavam agendadas para serem gravadas dois dias depois da data em que acabou acontecendo o incêndio. Já era previsto que a maioria das cenas da novela fosse gravada em locações ao ar livre no Parque Indígena do Xingu (MT) e no município de Embu das Artes¹² (SP). Com isso, surgiu a dúvida se a produção de “Aritana” aguardaria a reforma do Estúdio “B” do Sumaré ou se gravaria as poucas cenas iniciais em algum outro estúdio, como o da Vila Guilherme. A solução mais prática foi cancelar as cenas iniciais de estúdio e gravar tudo ao ar livre, no Xingu. No decorrer das gravações, quando necessário, “Aritana” se utilizava do estúdio da Avenida Brigadeiro Luís Antônio, aliás, a última produção da Tupi realizada naquele local.

Apesar da magnitude dos problemas com o incêndio, a exibição da programação não sofreu grandes consequências. Ela voltou ao ar pela manhã, mas com 3 horas e meia de atraso, por meio do *switcher*-móvel da unidade de imagens externas, a chamada “unidade-móvel *color*”. A princípio, pensou-se em transferir para a TV Tupi do Rio de Janeiro a produção dos programas Moacyr Franco e Ronnie Von, porém, isso não foi necessário. Apenas as chamadas foram gravadas pela emissora carioca. Entretanto, com a utilização emergencial da “unidade-móvel *color*”, a TV Tupi não pôde levar ao ar os programas que eram gerados externamente, como “Caravela da Saudade”, produzido em um local ligado à colônia portuguesa em São Paulo. Já no dia seguinte ao incêndio, passaram a ser enviados ao Sumaré alguns equipamentos emprestados de emissoras afiliadas da Rede Tupi em outros estados. Houve muita solidariedade por parte de outros grupos de mídia, empresários em geral e até fabricantes internacionais de equipamentos (ver *box*).

12

As cenas de Aritana foram gravadas no município de Embu das Artes, na Grande São Paulo, no Hotel Rancho Silvestre.

Solidariedade à Rede Tupi de Televisão – Motivo de noticiário até nas publicações do exterior, o incêndio ocorrido na Televisão Tupi, no Sumaré, sábado, continua repercutindo intensamente. Em razão disso, a alta direção dos Diários e Emissoras Associados, através dos srs. João Calmon e Camilo Teixeira da Costa, respectivamente presidente e vice-presidente executivos da Organização Associada, vêm recebendo mensagens de todas as partes do país, com palavras de solidariedade e ofertas de equipamentos em substituição àquele que foi destruído no sinistro. Também têm chegado mensagens de solidariedade do exterior, com várias empresas oferecendo equipamentos, ofertas estas que a direção dos Diários e Emissoras Associados coloca em estudos quanto a viabilidade de o material ingressar no país. Em face do incêndio, não houve um setor de atividades, dentro e fora do Brasil, que ficasse indiferente do acontecido, um sinistro que provocou prejuízos enormes à Rede Associada. Diversos foram os sindicatos que, através de seus diretores, manifestaram-se quanto ao que aconteceu no Sumaré. [...] (Jornal do Commercio [RJ], 13/10/1978, p.1)

A direção da TV Tupi procurou antecipar o envio dos equipamentos da RCA que haviam sido recentemente encomendados nos Estados Unidos (ver Capítulo 38). Além disso, poucos dias depois do sinistro, o presidente dos Diários e Emissoras Associados, João Calmon, e o superintendente da TV Tupi, David Raw, viajaram à Alemanha, com objetivo de adquirir quatro *switchers* de marca Bosch para a geradora em São Paulo (ver Capítulo 38).

Um mês antes do incêndio da Tupi de São Paulo, o prédio de outras três emissoras da rede “Associada” no Recife (PE) foi consumido pelo fogo, destruindo a TV Rádio Clube, a Rádio Clube de Pernambuco e a Rádio Tamandaré.

CAPÍTULO 36

1963 - AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COM TV EM CORES

Emissoras de TV em São Paulo disputam o lançamento da TV em cores no Brasil. Não se sabe qual dos canais vencerá a concorrência, mas pode-se adiantar que em 63 a TV colorida será lançada no canal 4 ou 9. (Rui Martins, *A Noite*, 25/03/1963, p. 6) Primeiro foi a TV Tupi e agora é a TV Excelsior que começa a transmitir em São Paulo os seus programas de televisão em cores. O início da TV colorida é modesto, com raros programas eventuais, mas assim é que o progresso chega, e estamos certos de que, muito em breve, novas emissoras e novos horários serão dedicados aos fascinantes espetáculos. (“TV em Cores”, *O Globo*, 25/07/1963, p. 7)

Em São Paulo, nos idos de 1963, a TV Tupi e a TV Excelsior travavam uma grande disputa pelo segundo lugar da audiência. No topo do pódio, estava invicta a TV Record com seus afamados musicais. Naquele ano, entretanto, além da disputa pela atenção do telespectador, as duas emissoras passaram a travar outra disputa, desta vez tecnológica, para conquistar o pioneirismo na transmissão de programas em cores no país.

Outra característica interessante do novo transmissor [da TV Tupi de São Paulo] é que o mesmo serve tanto para imagem em preto e branco como para transmissão em cores, salientando que a direção da Tupi vai importar vários aparelhos receptores especiais para a TV colorida, realizando exposições em diversos pontos da cidade, com filmes e “slides”, ocasião em que o povo paulistano terá oportunidade de assistir a mais essa fase que, logo, estará estabelecendo mais uma iniciativa pioneira em favor da primeira estação de TV da América do Sul. (“Rádio, TV, Discos”, *A Gazeta Esportiva*, Dênis Brean, 10/08/1958, p. 31)

Em 1958, quando a direção da TV Tupi adquiriu o transmissor RCA TT6-AL, preparado para irradiar imagens em preto e branco ou em cores, já pensava em acompanhar o desenvolvimento tecnológico das emissoras norte-americanas e em realizar algumas transmissões coloridas. Todavia, foi preferível aguardar um pouco mais o “amadurecimento” e maior viabilidade daquela tecnologia. Dois anos depois, no entanto, a emissora se preparou para iniciar suas experiências com equipamentos em cores¹³, de livre iniciativa, e adquiriu alguns equipamentos, que chegaram ao Sumaré em abril de 1961. Foi importado um aparelho de telecine, para projeção de películas coloridas. Todos os equipamentos foram fabricados pela RCA, empresa que patenteou este primeiro padrão de televisão colorida.

Meses depois, os técnicos das Emissoras Associadas iniciaram as experiências em circuito fechado e, em um segundo momento, os testes com as cores passaram a ser feitos no ar, durante

¹³ Ao que tudo indica, não houve necessidade de pedir autorização ao governo para realizar essas experiências. Ou, talvez, teria sido o caso apenas de realizar uma simples formalidade.

as madrugadas e sob certo sigilo, já que o assunto era de grande responsabilidade técnica. Os primeiros testes de televisão em cores no Brasil ficaram alguns meses no ar e, em seguida, uma nova etapa de implantação passou a ser preparada pela Tupi.

Para completar o plano de dar a São Paulo uma televisão de melhor qualidade, só falta uma coisa: as cores. E esse presente a TV Excelsior entregará a São Paulo bem antes do que você imagina. Aguarde a TV Excelsior em cores e, enquanto isso, veja a primeira fase da nossa programação. (Anúncio da TV Excelsior, O Estado de São Paulo, 10/03/1963, p. 10-12)

Voltando a 1963, a revolucionária TV Excelsior – Canal 9, com três anos no ar, se preparava para uma grande arrancada, com a estreia de uma rica programação e melhoria na qualidade de imagem e som. Aproveitando a instalação de novos equipamentos, a Excelsior também investiu nas transmissões em cores, mas foi por um caminho diferente da Tupi, adquirindo uma câmera inglesa da Marconi¹⁴. Enquanto a Tupi poderia exibir em cores filmes, seriados, desenhos animados, documentários e outros “enlatados”, a Excelsior exibiria seus próprios programas de estúdio com a nova tecnologia.

A TV Tupi preparava sua programação em cores experimental para ser lançada por volta de junho de 1963. Contudo, a corrida pela implantação da TV colorida em São Paulo ganhou velocidade no dia 10 de março, após um anúncio de três páginas ter sido publicado pela TV Excelsior no jornal “O Estado de São Paulo”. Dentre os detalhes da nova programação da emissora, havia a informação sobre a chegada das cores no Canal 9. A fim de garantir novamente seu pioneirismo, o Canal 4 resolveu, em sigilo, antecipar sua primeira transmissão colorida para o dia 1º de maio, aproveitando a realização de um show especial que a TV Tupi preparava com seus novos contratados.

Para tanto, os técnicos do Canal 4, sob a coordenação de Jorge Edo, trabalharam incessantemente durante vários dias com o propósito de realizar a demonstração de um programa em cores. A emissora já havia importado um lote com 20 televisores da RCA para realização de demonstrações ao público em geral.

“A Maior Noite do Ano”

Estão dizendo por aí que o Canal 4 vai surpreender a todos com uma novidade sensacional: o lançamento da TV em cores, adiantando-se, meio em segredo, que já se encontram no Sumaré alguns equipamentos para transmissões de imagens coloridas. Para que o negócio se concretize de verdade, é aguardada a remessa dos Estados Unidos de vinte receptores especiais, que serão colocados em pontos estratégicos da cidade. Isto significa que vamos entrar de rijo na fase revolucionária das emissoras de Televisão em São Paulo. (“Televisão em Cores”, Mário Júlio, Revista do Rádio, nº 708, 13/04/1963, p. 37)

14

Há uma divergência sobre o modelo desta câmera colorida da Marconi, utilizada pela TV Excelsior: Mark III ou Mark IV BD848.

“A Maior Noite do Ano” foi o nome do programa especial da Televisão Tupi, transmitido ao vivo do Teatro Tupi-Consolação, na noite do feriado de 1º de maio de 1963. Realmente foi a maior noite do ano para a emissora e para muita gente envolvida, pois, além de promover um belo espetáculo musical com os seus 22 novos artistas exclusivos, a Tupi preparou para o final uma surpresa grandiosa para o público presente e para os telespectadores. “A organização que deu à América do Sul, há 12 anos, a primeira imagem televisionada, proporcionou, ontem, pela primeira vez na América Latina, a TV em cores”, destacou, no dia seguinte, o jornal “Diário da Noite”.

O show foi realizado no Teatro Tupi-Consolação, chegando a quase duas horas de duração. Imenso público foi assistir de perto às apresentações dos 22 novos cantores contratados pela TV Tupi, entre eles Jamelão, Agnaldo Rayol, Ângela Maria, Emilinha Borba, Orlando Silva, Pery Ribeiro, Nelson Gonçalves, Ivon Cury e Inezita Barroso. Anúncios como “aguardem a grande notícia nesta noite...” foram veiculados nos intervalos do Canal 4 e intrigaram a audiência durante todo o dia.

Mais de duas mil pessoas não conseguiram entrar, ontem, no Teatro Tupi, para assistir a “A Maior Noite do Ano”, quando a TV Tupi apresentou seus novos (e famosos) contratados. Mas a grande notícia da noite nos foi proporcionada ao terminar o espetáculo: pela primeira vez na América Latina, tivemos a TV em cores! E a Televisão Tupi, Canal 4, é mais uma vez a pioneira. (“TV Tupi Transmite Pela Primeira Vez na América Latina Imagens em Cor”, Diário da Noite [SP], 02/05/1963, 1º Caderno, p. 2)

No momento tão aguardado, já perto das 23 horas, perante um auditório com cerca de mil pessoas, o apresentador Aurélio Campos chamou ao palco Edmundo Monteiro, o diretor-presidente dos Diários e Emissoras Associados de São Paulo, que, enfim, anunciou ao público presente que eles presenciariam a primeira transmissão de televisão em cores da América Latina, com a exibição de um filme especial que poderia ser visto colorido por meio de receptores especiais instalados no palco. Em seguida, Monteiro avisou que os telespectadores que contavam com um televisor em cores, adquirido nos Estados Unidos, também receberiam as imagens do filme em cores. Ainda de acordo com o diretor, que aparecia em preto e branco até nos receptores em cores, os receptores convencionais nada sofreriam e exibiriam normalmente, em preto e branco, o primeiro programa exibido em cores no Brasil.

Os monitores coloridos foram ligados no palco e a pré-estreia da programação em cores da TV do Sumaré foi marcada com a exibição do documentário “Venceu o Brasil”, produzido, em 1962, por Jean Manzon, famoso cineasta e documentarista francês que era radicado no Brasil. Com nove minutos de duração e narração de Luiz Jatobá, a produção mostrou as operações da indústria automobilística Willys Overland, uma das maiores do ramo no Brasil naquela época. A película em 16 mm foi rodada pelo Telecine em cores da central de exibição do Sumaré e os receptores do Teatro Tupi-Consolação apenas foram sintonizados no Canal 4.

Até a meia-noite os seguintes telespectadores haviam-se comunicado com a TV Tupi informando ter apanhado, em seus receptores a cor, a primeira transmissão colorida: Moacir Boemer, Washington Beur, Carlo, Osvaldo Battaglia, Rinaldo Bullitter e Godofredo Telles, todos residentes em nossa Capital. Da cidade de Santos, o telespectador Luís Correia de Alvarenga comunicou à TV Tupi ter captado naquela cidade a

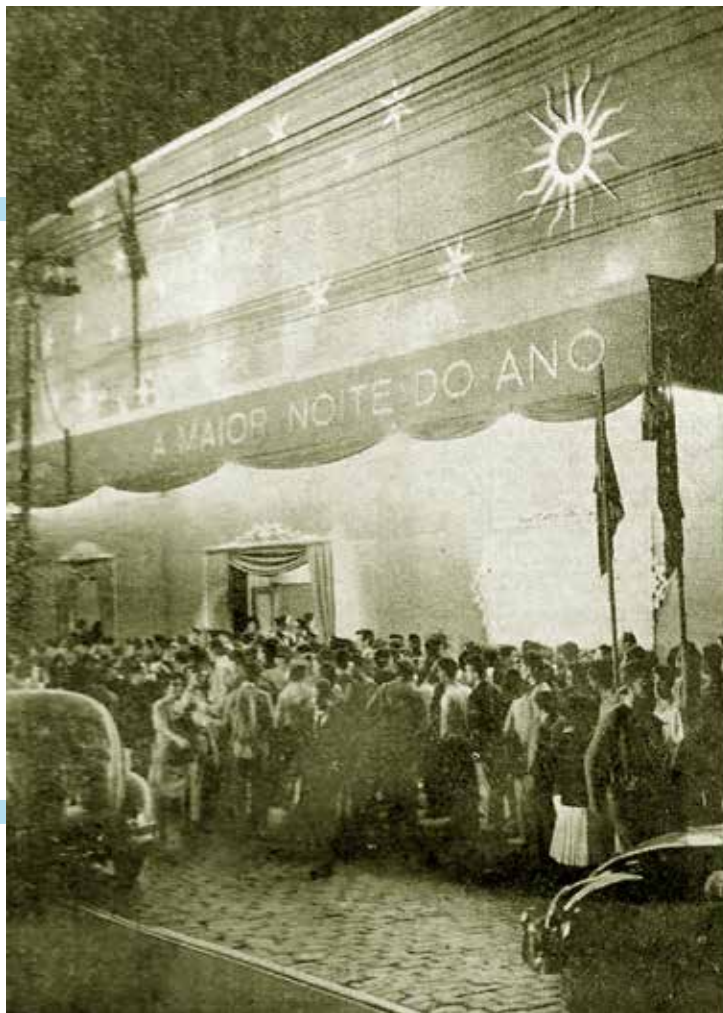
transmissão em cores. As informações desses telespectadores adiantam que a imagem por eles recebida estava nítida, vendo-se com toda exuberância as cores da transmissão pioneira. (“Captaram a Tupi em Cores”, Diário da Noite [SP], 02/05/1963, 1º Caderno, p. 3)

Os espectadores presentes ficaram entusiasmados com o que viram e foi uma grande surpresa para os dirigentes da Tupi o grande número de telefonemas recebidos das famílias que possuíam aparelhos de TV em cores. Elas confirmaram a boa qualidade da transmissão e entusiasmaram os responsáveis pelo empreendimento. É claro que mesmo que as manifestações de telespectadores tenham sido além do esperado, em termos gerais, havia uma quantidade irrisória de receptores coloridos em São Paulo. E a TV Tupi sabia disso, mas quis dar o primeiro passo, incentivando e apostando na indústria nacional, além de, estrategicamente, chamar a atenção do público, perante a forte concorrência da TV Excelsior.

No dia seguinte, o embaixador Assis Chateaubriand, já acometido por uma grave doença, estava em tratamento em Londres e, após receber notícias sobre as realizações de 1º de maio, enviou um telegrama de incentivo, com as seguintes palavras:

“Edmundo, a televisão em cores é a página mais luminosa que vocês já escreveram no céu paulista.”

“A Maior Noite do Ano”: especial da TV Tupi de São Paulo, exibido direto do Teatro Tupi-Consolação, onde foram feitas as primeiras demonstrações de programas em cores da TV brasileira (Diário da Noite/reprodução).



Chateaubriand Presente na Primeira Demonstração de TV em Cores nos EUA - Os Diários e Emissoras Associados, em nome de seu diretor Assis Chateaubriand, foram convidados a comparecer a uma demonstração experimental de televisão em cores da RCA, em outubro de 1949. O evento ocorreu no salão nobre do Washington Hotel, em Washington (Estados Unidos), onde se alinhavam seis aparelhos receptores. “Um espetáculo variado, do qual constaram números de palco, entremeados de anúncios, com a participação de uma bailarina, um mágico e um terceto de lindas sopranos foi apresentado aos convidados”¹⁵. A estação emissora e o estúdio encontravam-se a 10 km de distância no Hotel Wardman Park e era tal a realidade dos quadros que deixavam a impressão de se desenrolarem em nossa presença. Junto de Chatô, estiveram presentes o embaixador brasileiro Maurício Nabuco, o embaixador das Nações Unidas Ciro de Freitas Valle e o jornalista Teófilo de Andrade. O Dr. Elmer W. Engstrom, vice-presidente da RCA e diretor do Departamento de Pesquisas da RCA, deu explicações detalhadas ao grupo brasileiro. Chateaubriand qualificou a demonstração em cores como “maravilhosa”, considerando o estado primitivo das pesquisas.



15

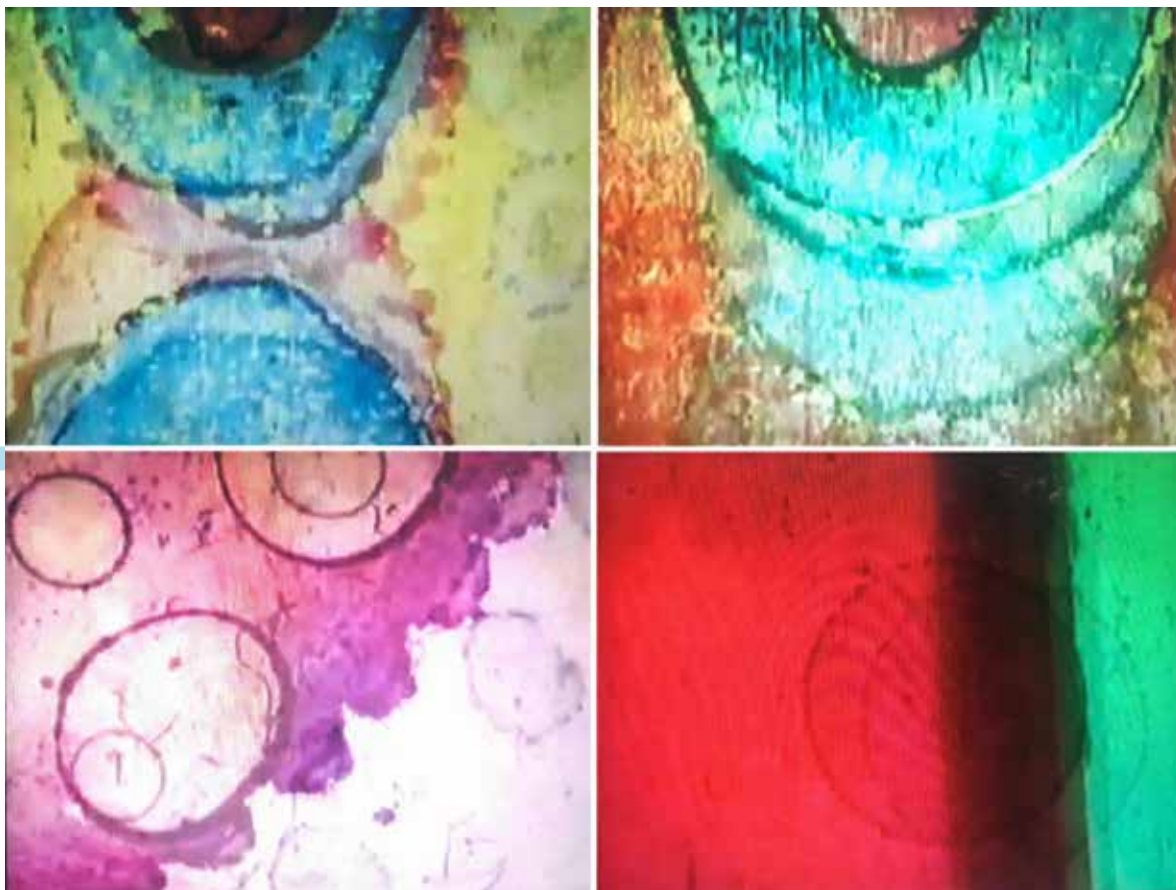
“A Televisão em Cores, uma Nova Etapa na Irradiação da Imagem”, O Jornal [RJ], 22/10/1949, p. 8.

Lançamento Oficial das Experiências

A etapa seguinte foi realizar um evento para o lançamento oficial das experiências com cores na TV Tupi de São Paulo, que ocorreu poucos dias depois, precisamente em 9 de maio de 1963, às 21h, no anfiteatro do Museu de Arte de São Paulo (MASP). Nesta época, o museu ainda funcionava no 2º e 3º andares do edifício-sede dos Diários Associados, na Rua Sete de Abril, centro de São Paulo. Vale recordar que foi neste mesmo anfiteatro que a TV Tupi realizou suas transmissões experimentais ao vivo, em julho de 1950, com as históricas apresentações do Frei José Mojica.

Para a cerimônia, que oficialmente deu início uma nova fase da televisão no Brasil, foram convidados representantes da indústria e do comércio, autoridades, jornalistas e alguns artistas plásticos. Quando chegou o momento de o programa entrar no ar, foi exibida uma vinheta de abertura com diversos tons coloridos impactantes.

“Precisávamos de uma vinheta para abrir a transmissão; qualquer coisa que fosse atraente em cores. E, como não havia mais tempo de revelar um filme, eu sugeri que usássemos a técnica do Norman McLaren¹⁶ e pegássemos um filme virgem e o pintássemos, fizéssemos algumas coisas coloridas. E, realmente, nós fizemos um filme de 30 segundos, que foi colocado na frente do rolo. Essas imagens foram transmitidas em primeira mão em cores no Brasil”, revela Roberto Miller, diretor de Arte da TV Tupi, no documentário “TV 60 Anos” (Boni Produções).



Alguns frames da vinheta de abertura feita para o lançamento das transmissões experimentais em cores da TV Tupi, em 1963 (reprodução).

16

Norman McLaren foi um dos mais importantes animadores escoceses voltados para a animação artística.

Em seguida, novamente em preto e branco, foi vista uma vinheta da TV Tupi - Canal 4, seguida das imagens ao vivo, diretamente do anfiteatro do Museu de Arte, que estava totalmente lotado. No palco, alguns nomes das Emissoras Associadas, como Heitor de Andrade, Homero Silva, Carlos Spera, Aurélio Campos e Edmundo Monteiro, que proferiu o seguinte discurso:

Meus amigos. Aqui estamos numa demonstração inequívoca do valor da iniciativa privada e da técnica especializada brasileira. Aqui estamos para reafirmar o quanto se pode realizar quando se tem fé nos destinos e no futuro do Brasil. Aqui estamos para oferecer ao povo que possui a segunda radiodifusão mundial a televisão em cores — a primeira da América Latina. Está vencida a primeira fase da batalha — a da transmissão. Esta fizemo-la nós, as Emissoras Associadas, seguindo, assim, a sua trajetória repleta de realizações pioneiras. Necessário será vencer a segunda — a da recepção — e essa dependerá da nossa magnífica indústria eletrônica, que já conta com mais de duas dezenas de fábricas de receptores de televisão em branco e preto. Conhecemos as dificuldades de adaptação dessas indústrias e a necessidade de um tempo prudencial para essa adaptação, que não é somente técnica, mas também comercial. Confiamos nela, porém, e sabemos que poderá superar o intervalo ocorrido mesmo nos maiores países industriais, como foi o caso dos Estados Unidos da América do Norte. Em nenhum momento deixamos de admitir essas dificuldades, e o lançamento que ora fazemos é para colocar mais um marco na trajetória brilhante do Brasil no terreno das comunicações, principalmente referente aos órgãos de expressão do pensamento. Desejo um parágrafo especial para a valorosa equipe “Associada” que, num trabalho impessoal, mas de inegável sentido profissional, tudo fez para colocar São Paulo e o Brasil na vanguarda de mais este empreendimento. A eles, o muito obrigado dos Diários e Emissoras Associados e o meu particular abraço amigo. Que sigam assim, dignificando a honrosa profissão de radialista que escolheram, e na qual tanto têm dado de si à coletividade. Agradeço às autoridades constituídas que, ainda neste instante, nos prestigiam e animam com seus telegramas e departamentos de congratulações, numa eloquente compreensão de que tudo fazemos para o bem do Brasil. Agradeço ao grande e querido público, presente em todas as horas, paciente e compreensivo, ajudando-nos a defender, através da imprensa, do rádio e da televisão, dias melhores e mais risinhos para os nossos filhos e para os filhos dos nossos filhos. Que esta mensagem em cores seja um prenúncio de um futuro “cor-de-rosa”, onde os homens de boa vontade compreendam amparem aqueles que, amando querendo ao Brasil, se arrojam na conquista de novos horizontes e de um porvir promissor. O nosso chefe e amigo, jornalista Assis Chateaubriand, ensinou-nos, na sua grande missão cívica, a pensarmos em termos de Brasil. E essa é a nossa meta. E essa é a própria razão de ser dos Diários e Emissoras Associados. Muito obrigado. (“São Paulo Aplaudiu com Entusiasmo a Primeira Exibição de TV em Cores”, Diário da Noite [SP], 10/05/1963, 2º Caderno, p. 5)

O ponto alto daquela noite especial era a exibição de produções em cores propriamente ditas. Algumas delas faziam parte de uma série com reportagens especiais, produzida e gravada em película colorida de 16 mm, por meio de uma pequena câmera portátil. Os trabalhos foram realizados pelos repórteres José Carlos de Moraes (Tico-Tico) e Carlos Spera, ambos do Departamento Cinematográfico da TV Tupi. Para a primeira exibição da noite, Spera, juntamente com o *cameraman* Irso Cruz e o operador de som José Azevedo, estiveram em Brasília no dia anterior, gravando uma saudação do presidente da República João Goulart sobre as transmissões em cores.

A primeira produção própria da Tupi em cores entrou no ar com belas cenas noturnas do Palácio da Alvorada, em Brasília. A cena se transferiu para sua biblioteca, onde o presidente João Goulart, tendo ao fundo a bandeira brasileira, dirigiu sua saudação.

— Trata-se de mais uma iniciativa pioneira, que se incorpora, neste instante, ao acervo de progresso do Brasil e pela qual me congratulo com os diretores desta emissora. Realmente, nosso povo necessita contar com recursos que o torne sempre atualizado com os problemas do Brasil e do mundo, numa hora histórica em que a Nação se esforça para vencer a batalha do desenvolvimento, abrindo as portas do futuro, através de reformas democráticas que atualizem a estrutura econômica e social da vida brasileira — disse o presidente.

Depois, viram-se cenas do centro de São Paulo, do Museu do Ipiranga e, do interior do antigo Palácio Episcopal Pio XII, o Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Carmello de Vasconcelos Motta, dirigiu também uma saudação, não só pela inauguração das transmissões de televisão em cores, mas também pelo Dia das Mães. Depois, dos jardins do Palácio dos Campos Elíseos, o governador de São Paulo Adhemar de Barros e sua esposa dirigiram igualmente uma saudação. A reportagem ainda levou o telespectador ao Jockey Club, mostrando algumas cenas coloridas do Grande Prêmio São Paulo, ocorrido dias antes. Em seguida, entrou no ar um documentário colorido de Jean Manzon sobre uma fábrica da Companhia Antarctica Paulista e uma reportagem realizada pelo repórter Tico-Tico no estúdio de desenhos abstratos de Roberto Miller¹⁷, o próprio diretor de Arte da emissora, que também era cineasta. Miller demonstrou as técnicas usadas para produzir dois de seus filmes, sendo que um deles era “*Sound Abstract*”, premiado em Cannes e Bruxelas. Por fim, a Tupi exibiu um documentário de Primo Carbonari sobre o garimpo e um filme inglês de animação, retratando a evolução dos instrumentos para medição do tempo.

Os trabalhos técnicos do Canal 4 para realização das primeiras reportagens em cores da América Latina foram dirigidos por Jorge Kurkjian, diretor-técnico do Departamento Cinematográfico da Tupi. O cinegrafista foi Luís Sansini e a direção de jornalismo de José Luís de Paula.

Muitas pessoas acompanharam a transmissão no saguão dos Diários Associados, onde também estavam dispostos alguns receptores coloridos, especialmente destinados ao público. Essa ação fez parte da estratégia de *marketing*, que também previu, nos dias subsequentes, a instalação de receptores em algumas lojas da cidade, mais precisamente na loja Sears do bairro do Paraíso (Rua Treze de Maio, nº 1947), nas Casas Pirani (Avenida São João, nº 869) e na Eletro-Radiobraz (Avenida Rangel Pestana, nº 2151). Tudo isso remonta ao início da própria televisão em São Paulo, em 1950, quando se utilizou de estratégia idêntica para divulgar a estreia da PRF3-TV Tupi-Difusora no mesmo saguão e também em diversas lojas da cidade.

17

O primeiro trabalho comercial de Roberto Miller foi o filme “Rumba”, de 1956, um comercial para os discos Columbia, que acabou premiado no festival internacional de Lisboa. Depois, no ano seguinte, outro comercial para a Varig, com produção de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, também acabou premiado como melhor filme comercial do ano e o animou a investir no filme “*Sound Abstract*”, um trabalho experimental autoproduzido, desenhado e sonorizado diretamente em película virgem. Nos anos 1960, Miller desenvolveu trabalhos na TV Excelsior de São Paulo e, logo depois, participou da produção dos programas “TV de Vanguarda” e “Móbile”, na TV Tupi.

Programação Experimental em Cores

Na despedida do especial “A Maior Noite do Ano”, foi anunciado que em alguns dias seria divulgada a programação experimental em cores do Canal 4, inicialmente semanal e depois diária. A partir do dia 13 de maio, o Canal 4 passou a transmitir regularmente um padrão de testes em cores. Ele ia ao ar de segunda a sábado, entre 11h e 12h, com objetivo principal de dar oportunidade para técnicos e proprietários de televisores coloridos ajustarem o tom das cores. Logo, a emissora estreou uma faixa vespertina com cerca de 60 minutos de duração, de segunda a sexta, sempre por volta das 17h, onde foram exibidos programas variados em cores. Entre as atrações, *slides*, filmes com apresentações de *ballet*, viagens para países exóticos, reportagens, curiosidades científicas e desenhos animados, entre eles, um pacote de animação dos estúdios Walter Lantz, incluindo “O Pica-Pau”, “Andy Panda” e “Chilly Willy”. Um bom exemplo do uso de *slides* foi ao ar no dia 17 de junho, com a 1ª Exposição de Pintura pela Televisão, por onde foram mostradas fotos coloridas de alguns dos quadros universalmente famosos da coleção do Museu de Arte de São Paulo.

Na abertura da sessão diária em cores, a Tupi colocava no ar um *slide* com o símbolo das transmissões em cores da TV Tupi, o conhecido indiozinho Tupiniquim, que segurava alguns balões coloridos. Um locutor passava informações sobre aquela transmissão especial e ressaltava que as cores dos balões do *slide* eram vermelho, verde e azul. Há de se ressaltar que os receptores convencionais sintonizavam nitidamente a sessão colorida do Canal 4, porém, em preto e branco.

O Tupiniquim – símbolo das transmissões em cores da TV Tupi de São Paulo (reprodução).



A beleza incomparável das cores

Sómente o Indiozinho podia prometer. Porque somente a TV-TUPI – A PIONEIRA – podia cumprir. E aí está: a televisão COLORIDA apresentada no Brasil pela primeira vez na América Latina no dia 1.º de maio, no Teatro Tupi. O Indiozinho disse – e cumpriu. E daqui para diante, vai ser assim. Antes do que se espera, a TV-TUPI Canal 4 levará ao seu vídeo ídolo da programação normal maravilhosos em cor. Televisão a cores é mais uma conquista feita para você... porque você é o nosso público!

A TV-TUPI, orgulhosa dessa notável realização de sua equipe, comunica ao público que fará realizar, para a imprensa, autoridades e convidados especiais, uma segunda apresentação de TV COLORIDA, no próximo dia 9, no Museu de Arte, à Rua 7 de Abril, 230 – Edifício dos Diários Associados. Para que o grande público não perca este espetáculo, serão colocados aparelhos receptores no saguão do edifício.

**TV-TUPI
CANAL 4**

A PIONEIRA EM IMAGEM-SOM, ALCANCE E COR

O primeiro programa regular em cores da TV Tupi foi a série “Bonanza”, que foi ao ar aos sábados, às 21h. A estreia aconteceu em 25 de maio de 1963, trazendo ao Brasil um programa que há quatro anos fazia grande sucesso nos Estados Unidos. “Bonanza” foi o primeiro faroeste feito especialmente para a televisão, uma produção da emissora norte-americana NBC e dos estúdios Paramount. A NBC era uma empresa subsidiária da RCA-Victor, proprietária da patente do sistema norte-americano de TV em cores, o NTSC, e a série foi criada justamente para estimular a venda dos receptores. O sucesso das aventuras da família Cartwright, em “Bonanza”, deu uma enorme longevidade à série, somando 14 temporadas e 431 episódios. Tinha um inesquecível tema de abertura, que marcou época para muitos telespectadores brasileiros que reservavam as noites de sábado para ver a série, mesmo que por meio de um receptor em preto e branco.

TV Excelsior e a Primeira Transmissão Ao Vivo em Cores

Hoje, no Ibirapuera (20 horas), será o primeiro “show” em cores ao vivo da América do Sul, em transmissão direta pela TV Excelsior. Os maiores nomes do *cast* do Canal 9 estarão participando deste espetáculo ímpar. Veremos pela primeira vez, em cores, a orquestra de Silvio Mazzucca, o show de Moacyr Franco, J. Silvestre distribuindo prêmios, Silvio Caldas cantando, José Vasconcelos fazendo humorismo e assim por diante. (“Show em Cores Ao Vivo”, Correio Paulistano, 28/06/1963, p. 3)

Como parte da estratégia de impacto, a Excelsior prometia televisão em cores, com a imprensa anunciando a compra de equipamentos para transmissão colorida. Em meados de 1963, foram feitas experiências em São Paulo, tendo a TV Tupi sido a primeira a apresentar filmes coloridos no vídeo. A TV Excelsior, nessa fase eufórica, importou um equipamento básico para produção de programa colorido e não apenas exibição de filmes, como tinha feito a TV Tupi. Assim, realizou em 28/06/63, pela primeira vez na América do Sul, um grande show a cores, televisionado ao vivo, com várias horas de duração, diretamente do Parque do Ibirapuera, em São Paulo. (“Glória in Excelsior - Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira”, Álvaro de Moya, 2004: 183-184)

[...] E o exemplo não ficou só nisto. Hoje, sexta-feira, o Canal 9, TV Excelsior, deverá fazer a apresentação oficial aos telespectadores, de seu equipamento para a transmissão de programas coloridos, em um espetáculo revestido de características todas especiais. A câmera Marconi será mostrada ao público, bem como o funcionamento e os planos artísticos para seu emprego futuro. Segundo soubemos, programas como “Chico Anísio Show”, “Brasil 63” e outros serão, doravante, apresentados, também em cores. (“TV Colorida é Vitória de São Paulo”, Diário da Noite [SP], 28/6/1963, 2º Caderno, p. 5)

Em 28 de junho de 1963 a TV Excelsior – Canal 9 de São Paulo fez sua pré-estreia de transmissões em cores, com uma apresentação especial dentro da Feira Nacional de Utilidades Domésticas (UD). Participaram Chico Anísio, José Vasconcelos, Moacyr Franco e muitos outros artistas do elenco da emissora. Desta forma, a TV Excelsior foi a primeira emissora a transmitir um programa ao vivo em cores no Brasil, ao passo que a TV Tupi de São Paulo foi a primeira a transmitir um programa em cores, simbolicamente, um documentário em filme de 16 mm.

Mesmo em posse de três câmeras em cores, modelo Marconi B3200, a TV Excelsior logo suspendeu suas experiências em cores. O jornal “Folha de São Paulo”, ligado ao grupo controlador da emissora, chegou a publicar que a programação regular em cores seria iniciada entre

dezembro de 1963 e março de 1964. “Os testes já estão sendo feitos e o transmissor novo já foi encomendado”. No entanto, nada aconteceu e, somente em 1968 foi cogitado que o início das experiências aconteceria no ano seguinte. Contudo, a emissora entrou em uma crise institucional, que culminou em sua cassação, em 1970. Já a TV Excelsior - Canal 2 do Rio de Janeiro seria inaugurada em 1º de setembro de 1963, com a proposta de já passar a transmitir alguns programas em cores. Uma pré-estreia também chegou a ser feita em 31 de julho de 1963, no Teatro Excelsior (ex-Cine Astória, em Ipanema), onde foi exibido um programa especial colorido em circuito fechado. À época, a emissora divulgou ter investido 300 milhões de cruzeiros em equipamentos, mas, curiosamente, as experimentações regulares em cores no Rio de Janeiro também não aconteceram.

Indústria Nacional

As Emissoras Associadas congratulam-se com o povo de São Paulo no instante em que, seguindo o seu tradicional pioneirismo e para orgulho da iniciativa privada e da técnica eletrônica brasileira, lança ao ar a primeira transmissão de TV em cores no continente sul-americano. Desejamos ressaltar o caráter experimental das nossas transmissões, pois bem sabemos que haverá um tempo prudencial para que a magnífica indústria eletrônica brasileira possa produzir receptores em cor, como aconteceu nos Estados Unidos da América do Norte. Manteremos programas intervalados como mensagem da capacidade brasileira, para que se produza a indispensável formação técnica e até que a realidade industrial nos permita oferecer plenamente aos nossos telespectadores as maravilhas da televisão colorida. (“Ao Público”, Diário da Noite [SP], 06/05/1963, p. 1)

Apesar de toda comemoração pelo grande feito, as imagens em cores chegariam a poucas residências paulistas. No entanto, além de ressaltar o pioneirismo da Tupi, as transmissões experimentais poderiam criar uma cultura entre os telespectadores, que impulsionaria a formação de técnicos especializados em sistemas a cores — de maior complexidade que o preto e branco — e estimularia a indústria nacional a produzir os receptores em cores. Essa era a visão de Edmundo Monteiro, que tinha muita fé que os primeiros receptores seriam fabricados no Brasil em um prazo razoável.

Apesar da atitude progressista de Monteiro, o estágio que se encontrava a TV em cores nos países desenvolvidos, em pleno ano de 1963, mostrava que transmitir em cores no Brasil era realmente algo precoce. No exterior, a programação colorida ainda era reduzida e estava em processo de experimentação. Naquele mesmo ano, a emissora de TV norte-americana NBC, subsidiária da RCA, era a única a transmitir programas ao vivo em cores, contudo, limitados a uma hora diária. Os demais programas coloridos eram, como na TV Tupi, dos gêneros filmes, desenhos animados e documentários. Ainda nos Estados Unidos, pioneiro na implantação das cores, havia 64 milhões de receptores de TV em 1963, sendo que apenas pouco mais de 1 milhão deles eram compatíveis com transmissões em cores¹⁸. Isso devido ao altíssimo custo de um receptor, praticado em função do monopólio de fabricação que a RCA possuía no mundo. O caso teve que ir ao senado americano e, em 1963, todas as fábricas especializadas puderam produzir receptores a cores, desde que pagassem os devidos *royalties*. O resultado foi que de

18 Diário da Noite [SP], 10/05/1963, 1º Caderno, p. 3.

US\$ 1000, o preço dos receptores caiu para US\$ 450¹⁹. Outro bom exemplo de como a Tupi e a Excelsior se anteciparam na experimentação das cores é que a BBC de Londres, uma das maiores estações de TV no mundo, pretendia estreiar sua programação colorida somente em 1964, ou seja, no ano seguinte da estreia das transmissões experimentais da TV Tupi de São Paulo.

Fim da Fase Experimental da TV em Cores no Brasil

Apesar de prometer que a programação da futura Excelsior-Rio seria a cores, bem como muitas das produções de São Paulo, a Excelsior abandonou a ideia, assim como a TV Tupi, por ser inviável, na ocasião, o alto custo da instalação de novos equipamentos e principalmente pelo alto custo da fabricação de aparelhos de televisão à cores para o público consumidor. Também a indústria eletrônica da época fez forte pressão para a ideia não ir adiante em razão do grande aumento da produção de aparelhos em preto e branco, que estavam sendo vendidos por todo o país. (“Glória in Excelsior - Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira”, Álvaro de Moya, 2004: 183-184)

Os meses foram se passando e, ainda em 1963, a Tupi chegou a ativar as cores em algumas de suas retransmissoras instaladas em cidades do interior paulista, com direito a show de lançamento, entre elas, Campinas, São José dos Campos e Sorocaba. O ano de 1964 iniciou e a programação colorida permanecia no ar, sem alterações, com a sessão vespertina e seus programas variados, e com a série “Bonanza” aos sábados à noite. Houve até a instalação de uma decoração especial no saguão dos Diários Associados, alusiva à televisão em cores, visando agradar ao público que lá costumava ver a programação experimental colorida. As lojas da cidade também continuavam mostrando os programas em cores do Canal 4.

Contudo, a TV Tupi encerrou suas experiências com as transmissões experimentais em cores em fevereiro de 1964. A sessão diária foi substituída por outros programas e a série “Bonanza” passou a ser exibida em preto e branco. Sobre o fim dessas experiências, o almirante José Cláudio Beltrão Frederico, membro da diretoria-executiva dos Diários Associados no Rio de Janeiro e ex-presidente do Conselho Nacional de Telecomunicações (Contel), revelou em uma entrevista²⁰, datada de 1967, que “como o número de receptores existente era de apenas algumas centenas de aparelhos e não prometia subir, não chegou a criar-se um mercado e não houve sustentação financeira para o empreendimento”. Já o jornal “O Estado de São Paulo” apurou que “algumas dezenas de receptores, a maioria vinda de contrabando dos Estados Unidos, era tudo o que havia para receber esses programas [em cores] [...]”²¹ e que “a indústria não estava preparada, não podia fabricar receptores coloridos. Houve pressões e a experiência terminou”²².

Dois meses após o encerramento das transmissões em cores da TV Tupi de São Paulo, a “Revista do Rádio” chegou a publicar uma nota dizendo que era “pensamento do diretor Edson Leite inaugurar a transmissão em cores da TV Excelsior (pelo menos de São Paulo) com um grande

19 “Por Dentro da TV”, Intervalo [RJ], nº 32, 18-24/08/1963, p. 38A.

20 “Entrevista Explica o Futuro da Televisão no Brasil”, O Jornal, 02/07/1967, 5º Caderno, p. 4.

21 “Na TV a Cores Japão Só Espera”, O Estado de São Paulo, 25/09/1971, p. 12.

22 “É a Última Apolo em Branco e Preto? O Céu Só é Cinza nos Nossos Vídeos”, Luiz Roberto de Souza Queiroz, O Estado de São Paulo, 12/04/1970, p. 32.

encontro futebolístico, algo assim na base de um Santos x Botafogo, com o Pelé e o Garrincha alindando o espetáculo”²³. A nota também revelou que, na cidade de São Paulo, havia, pelo menos, 300 aparelhos (segundo estatísticas oficiais) capazes da captação de TV colorida. Mas, essa transmissão não aconteceu, pois há também quem diga que as transmissões em cores tenham sido interrompidas por determinação do recém-instalado governo militar, preocupado em “tomar as rédeas” deste assunto e futuramente organizar a implantação oficial.

O grande desafio da implantação da TV em cores, em qualquer parte do mundo, é que não era (e nunca foi) viável adaptar os televisores em preto e branco. Isso significava que, para ver uma programação em cores, o telespectador teria que comprar outro receptor. No caso do Brasil, ele não estaria à venda nas casas comerciais, apenas acessível por meio de agentes importadores dos Estados Unidos, que praticavam preços exorbitantes. Por outro lado, no Brasil também havia o contrabando de televisores norte-americanos.

Apesar de os tubos de imagem colorida e outros inúmeros componentes necessários serem fabricados somente nos Estados Unidos, o preço do televisor em cores naquele país custava o triplo do televisor preto e branco. No Brasil, essa proporção “um para três” se tornaria muito maior, ao se somar aos custos de importação destes componentes com os custos de linha de produção etc. Além disso, quando um desses receptores importados precisasse de manutenção, não haveria peças de reposição no Brasil, tampouco técnicos especializados e aparelhamento próprio para realizar as devidas revisões. Mesmo assim, logo após o início das transmissões experimentais em cores em São Paulo, algumas lojas passaram a fazer anúncios para importação de televisores preparados. Instalada bem no centro da cidade, a Loja Simis foi uma delas e divulgou nos jornais que estava aceitando limitado número de inscrições para reservas. O *Victor Applianceum*, tradicional centro de compras de brasileiros que iam a Nova York, nos Estados Unidos, fortaleceu sua comercialização de receptores de TV em cores para o Brasil, fazendo anúncios em revistas com notícias brasileiras sobre os bastidores da televisão. O preço final dos receptores nessas lojas poderia chegar à quantia exorbitante de Cr\$ 1,5 milhão²⁴! Devido a essas condições, havia em todo o Brasil menos de 500 aparelhos de TV em cores²⁵.

Segundo a revista “Intervalo”, “os fabricantes da marca [norte-americana] Admiral estavam dispostos a comercializar a fabricação no Brasil, mas desistiram no momento, porque seria necessário importar 60% das peças dos Estados Unidos, justamente numa hora em que devemos economizar divisas”²⁶.

A Associação dos Fabricantes de Receptores de Rádio, Televisão e Eletrônica (Afrate) publicou uma nota nos jornais, logo que se iniciaram as transmissões experimentais de TV em cores em São Paulo. Com um grande volume de pedidos de informações dirigido aos fabricantes e revendedores de eletrônicos que ela representava, recebidos desde a estreia das transmissões

23 “Futebol Colorido Pela TV”, Revista do Rádio, nº 762, 25/04/1964, p. 50.

24 “A Verdade Sobre a TV em Cores”, Revista do Rádio, nº 769, 13/06/1964, p. 9.

25 “Por Dentro da TV”, Intervalo [RJ], nº 32, 18-24 de agosto de 1963, p. 38A.

26 *Ibidem*.

a cores, a Afrate resolveu prestar esclarecimentos publicamente. Apoiou a livre iniciativa das Emissoras Associadas, classificando-a como “brilhante pioneirismo e arrojo técnico”, mas procurou colocar o público perante a realidade.

A fabricação, no Brasil, de aparelhos para recepção em cores, com um nível de qualidade e num grau de nacionalização iguais aos já atingidos pelos televisores em preto e branco, envolve sérios problemas de ordem técnica e econômica cambial, cuja solução demandará ainda muitos estudos a longo tempo. Aliás, o mesmo tem ocorrido em vários países altamente industrializados como a Alemanha, França, Holanda, Inglaterra, e outros, cujos governos e indústrias vêm, há anos, postergando o lançamento definitivo dessa nova técnica, numa preocupação constante pela conciliação dos interesses gerais que lhes cabe defender. (“Televisão em Cores”, Afrate, Diário da Noite [SP], 10/05/1963, 1º Caderno, p. 3)

Por outro lado, a associação declarou que a indústria nacional de eletrônica se manteria vigilante, a fim de poder trazer a nova técnica de televisão colorida ao Brasil, mas com cautela, no tempo certo e sem previsões, já que tudo dependia de outros fatores de interesse nacional, como melhor disponibilidade de divisas etc. Por fim, a Afrate não recomendou as importações de televisores por parte dos telespectadores, destacando que não havia previsão alguma de os fabricantes disporem de assistência técnica especializada no país.

À época do início das transmissões experimentais da Tupi, Walter Negrão, hoje famoso autor de telenovelas, publicou uma crítica em sua coluna no jornal paulistano “Brasil Urgente”²⁷, afirmando que o pioneirismo colorido da TV Tupi se encerrava nos seus próprios corredores. As experiências de televisão em cores da TV Tupi foram curtas, mas realmente tiveram importante parcela no incentivo à implantação definitiva dessa tecnologia no Brasil, algo que acabou acontecendo somente oito anos após o final das experimentações, em 1964. Contudo, dois anos depois das experiências, o governo militar brasileiro já se movimentava para escolher o padrão de cores que futuramente deveria ser usado no país. Em 1969, algumas fábricas nacionais de televisores se declaravam aptas a produzir receptores coloridos e, no ano seguinte, o Ministério das Comunicações investia em infraestrutura para a chegada das cores. Todas essas deliberações são apresentadas em detalhes no próximo capítulo.

27 Walter Negrão, Brasil Urgente [SP], 12/05/ 1963, p. 19.

CAPÍTULO 37

1972 - A IMPLANTAÇÃO DA TV EM CORES NO BRASIL

Definição de Padrões pelo Mundo

Em março de 1965, em Viena (Áustria), uma conferência do Comitê Consultivo Internacional de Radiocomunicações (CCIR) foi realizada para que representantes de 62 países escolhessem um dos três maiores sistemas de TV em cores desenvolvidos até então — o NTSC, PAL ou SECAM. A proposta do comitê era que os países europeus adotassem um só sistema, o que simplificaria as transmissões entre nações e diversas outras facilidades. Entretanto, a decisão entre os três sistemas dependia também de fatores políticos e econômicos.

O desenvolvimento do primeiro dos sistemas de TV em cores foi concluído em 1953, pela RCA-Victor, nos Estados Unidos, e ganhou a nomenclatura de *National Television System Committee*²⁸ (NTSC). Era um bom sistema, mas, por justamente ser o primeiro, trazia alguns inconvenientes, como a estabilidade e fidelidade do matiz das cores, ocorridas principalmente quando o sinal era perturbado. No NTSC, a cor do vestido de uma atriz, por exemplo, geralmente não chegava ao telespectador no mesmo tom entre uma cena e outra, chegando até mesmo a mudar totalmente de cor. Isso gerou até uma brincadeira com o significado da sigla “NTSC”, que jocosamente virou “*Never Twice the Same Color*” (“nunca duas vezes a mesma cor”). Com a variação das cores, o telespectador tinha o inconveniente de ter que frequentemente regulá-las de forma manual. O problema era tão sério que, para corrigi-lo, os técnicos deveriam realizar alterações nos circuitos de todos os receptores e até nos transmissores das estações. Contudo, se as correções fossem realizadas, os quase 13 milhões de receptores coloridos já instalados nos Estados Unidos, em meados dos anos 1960, deixariam de sintonizar os canais. O problema era muito sério.

Na França, o engenheiro Henri de France estudou o NTSC e desenvolveu, em sua *Companies Françoise de Television*, o *Séquentiel Couleur Avec Mémoire*²⁹ (SECAM), um sistema totalmente diferente, em que nada se baseou no pioneiro NTSC. Já Walter Brusch, da Telefunken, na Alemanha Ocidental, aproveitou o próprio NTSC e introduziu modificações que resolveram o problema crônico da falta de fidelidade e estabilidade nas cores. Esse sistema foi chamado de *Phase Alternating Line*³⁰ (PAL ou NTSC-PAL).

28 Tradução livre: Comitê do Sistema Nacional de Televisão.

29 Tradução livre: Sequencial de Cores com Memória.

30 Tradução livre: Linha Alternada de Fase.

O SECAM ganhou parcialmente a disputa no CCIR, com sua adoção em 16 países, entre os quais os socialistas. O PAL obteve nove votos e o NTSC contou apenas com duas adesões (Grã-Bretanha e Holanda). Desta forma, ao contrário do que se esperava, como a Europa ficou dividida em três zonas de TV em cores, foi marcada para julho de 1966 uma nova conferência do Comitê Internacional de Radiocomunicações, desta vez em Oslo, na Noruega, numa segunda chance para os países definirem o sistema que utilizariam. O quadro mudou, mas nem tanto: a União Soviética, Europa Oriental e a Grécia ficaram com o Secam; Alemanha Ocidental, Inglaterra, Holanda e quase toda a Europa Ocidental se pronunciaram pelo PAL. O NTSC saiu de cena na região europeia, só permanecendo na América do Norte e Japão.

Sistema PAL é o Mais Viável para o Brasil

Nas transmissões experimentais em cores, realizadas pela TV Tupi de São Paulo a partir de 1º de maio de 1963, por livre iniciativa, o sistema utilizado foi o NTSC. Isso preocupou o governo militar brasileiro no ano seguinte, que logo designou o Conselho Nacional de Telecomunicações (Contel), do Ministério das Comunicações, para organizar um futuro processo de implementação da TV em cores. O primeiro passo foi a escolha e oficialização de um único sistema a ser usado em todo o país, já que se as iniciativas isoladas como a da TV Tupi continuassem, haveria o risco de se criar uma situação problemática idêntica a dos Estados Unidos, principalmente pelo fato de todo o equipamento das emissoras brasileiras de TV ser norte-americano. Isso poderia resultar numa “proliferação” do sistema NTSC no Brasil, que sofria rejeição por apresentar as instabilidades já mencionadas. Outra questão que levou o governo a agir foi a prática do contrabando de receptores coloridos com procedência norte-americana. Ou seja, o NTSC estava com os dias contados no Brasil.

O processo de escolha de um sistema de TV em cores para o Brasil teve início nos primeiros meses de 1966, quando o Contel abriu uma licitação para formação de um grupo consultivo. A proposta era apontar o melhor dos três sistemas de cores disponíveis pelo mundo, observando desempenho e maior adaptação possível às condições geoeconômicas do Brasil. A entidade vencedora foi a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP) e o grupo de trabalho foi formado pelos professores do Departamento de Engenharia de Eletricidade Hélio Vieira, Nelson Zuanella, Ovídio Barradas e Edson Veiga, todos também ligados à indústria eletrônica. Para dirigir os trabalhos, o governo designou o renomado engenheiro-militar de telecomunicações Alcyone Fernandes de Almeida Júnior, do Instituto Militar de Engenharia do Rio de Janeiro. Em 1º de junho de 1966, o grupo entregou um relatório preliminar para o Contel, deixando clara a superioridade do sistema PAL. Essa escolha também foi debatida pelo engenheiro-militar Almeida Júnior no I Congresso Brasileiro de Telecomunicações, realizado no mesmo mês, no Rio de Janeiro, e, logo em seguida, apresentada por técnicos do Contel na supracitada conferência do Comitê Internacional de Radiocomunicações, realizada em Oslo, na Noruega.

Finalmente, em janeiro de 1967, o grupo consultivo da Escola Politécnica entregou o relatório final ao Contel, ratificando a adoção do sistema alemão PAL. Baseado neste trabalho, o Ministério das Comunicações acompanhou a escolha e a regulamentou pela Resolução nº 20, de

7 de março de 1967. Todavia, o sistema alemão deveria passar por modificações, a fim de adaptá-lo a algumas características do sistema de TV em preto e branco que estava em uso no Brasil.

Na prática, em países ou cidades onde a energia elétrica era gerada na frequência de 50 Hz, como Alemanha e Argentina³¹, o sincronismo da imagem era formado por 625 linhas de resolução horizontal em cada quadro e taxa de atualização de imagem a 25 quadros por segundo, para dar a sensação de movimento. Essas são exatamente as características originais do padrão “B”, usado pelo sistema PAL. Já nas localidades onde a corrente elétrica tem 60 Hz, como Estados Unidos e Brasil, o sincronismo era formado por 525 linhas de resolução e taxa de atualização de 30 quadros por segundo. Essas características eram empregadas no padrão norte-americano “M” de televisão em preto e branco, também utilizado no Brasil. A implementação do padrão “M” no sistema PAL resultou no exclusivo PAL-M, que garantiu a compatibilidade entre os sistemas, proporcionando o aproveitamento de todos os receptores em preto e branco em funcionamento no país. Os antigos receptores poderiam exibir em preto e branco os programas em cores; e, por outro lado, os receptores em cores poderiam exibir programas gerados em preto e branco.

A escolha do sistema PAL se deu pela sua estabilidade, dispensando o ajuste frequente das cores, como no NTSC. O sistema francês SECAM não agradou os professores da USP, visto que, embora também dispensasse a correção manual das cores, apresentava uma complexibilidade na transmissão, que tornava difícil ajustar duas ou mais câmeras para obter a mesma tonalidade de cor branca.

A oficialização do PAL-M não significou a implantação imediata do sistema de televisão em cores no Brasil. Contudo, foi um grande passo e chegava o momento de começar a preparar técnicos e o *know-how* necessário, além de adaptar as escolas de engenharia para formar especialistas naquele sistema. A TV em cores era um produto profundamente mais complexo que a TV em preto e branco, esta última que, inicialmente, teve sua manutenção feita de forma improvisada por técnicos de rádio.



Durante a fase de escolha do sistema em cores no Brasil, houve pressão econômica e até diplomática para que o norte-americano NTSC fosse eleito. Naturalmente, a indústria norte-americana, detentora das patentes do NTSC, defendia a indicação deste sistema para não ter que pagar direitos a empresas de outros países. Mas, a escolha de um sistema que não o norte-americano interessava muito ao governo brasileiro, pois desejava proteger o mercado nacional. A escolha do PAL alemão e as modificações nele implantadas para atender exclusivamente às necessidades do Brasil freariam as importações legais de aparelhos norte-americanos e também as ilegais, que acarretavam no crime de evasão de divisas. Não seria possível ver a futura programação em

31 Por curiosidade, a Argentina fez o mesmo caminho que o Brasil: adotou o sistema PAL e fez sua adaptação, que chamou de PAL-N. Ele foi usado, também, pelo Paraguai e Uruguai. Estes três países têm a frequência de rede elétrica em 50 Hz, e o sistema trabalhava com 625 linhas de resolução.

cores da TV brasileira em um aparelho NTSC, o mesmo acontecendo com um televisor PAL que fosse trazido da Alemanha.

O problema de cobrança dos *royalties* pelo uso do sistema PAL-M foi superado, graças à decisão da Telefunken, detentora da patente, que abriu mão de seus direitos no Brasil e permitiu que todas as empresas fabricassem os receptores no país. No entanto, mesmo assim, houve pressão para que o governo revogasse a determinação de que apenas o sistema PAL seria implantado. Depois, ainda foi feita a tentativa de adiar até a própria implantação da TV em cores, esperando-se alcançar uma mudança na legislação.

Com o término dos trabalhos para escolha do sistema, o PAL-M foi desenvolvido e publicado em 1968. Acreditava-se que poderia ser viável oficializar a televisão colorida já naquele mesmo ano, mas o próprio governo foi cauteloso. “O problema da concessão de exploração da televisão em cores no Brasil ainda está em fase de estudos, como acontece em todas as partes do mundo onde se pretende instalar o sistema. Nossa decisão será baseada nos estudos que estão sendo elaborados e visam os interesses nacionais, principalmente os da indústria eletrônica de nosso país. Qualquer precipitação sobre um problema tão complexo — e que envolve muitos interesses — será improdutiva, tanto para o governo como para os interessados”, declarou o ministro das Comunicações, o engenheiro Carlos Simas, em agosto de 1968. E frisou: “Ainda estamos numa fase de afirmação da TV em preto e branco e qualquer iniciativa no terreno das transmissões em cores seria prejudicial à indústria eletrônica nacional”.

Vinte receptores de televisão, um caminhão-estúdio, antenas e equipamentos vindos da Alemanha, atendendo à solicitação do Conselho Nacional de Telecomunicações, realizarão, na manhã da próxima segunda-feira, uma transmissão em circuito fechado para algumas repartições federais e estaduais. A demonstração do processo alemão será uma tentativa do Contel para demonstrar a validade da Resolução nº 20 daquele órgão, segundo a qual qualquer outro sistema de transmissão a cores no Brasil, que não o alemão, implicaria numa série de adaptações e arranjos além das possibilidades da nossa economia. (“Contel Vê no Rio Televisão Colorida na Segunda-Feira”, *Jornal do Commercio* [RJ] 26/07/1968, p. 9)

Lançamento da TV em Cores: um Problema Econômico-Financeiro

Reportagens de jornais apontavam que, em 1969, as fábricas nacionais de televisores já se declaravam aptas a produzir receptores em cores. Para tanto, elas teriam que utilizar 40% de componentes nacionais e os outros 60% — principalmente o precioso tubo de imagem — viriam do exterior, deixando o preço do produto extremamente elevado. No entanto, apesar do avanço da indústria nacional, os peritos do mercado previam que o início da produção de TV em cores no Brasil, tal como aconteceu em outros países, seria viável apenas quando fosse atingida a saturação do mercado de TVs em preto e branco, ou seja, que as famílias passassem a trocar seus primeiros televisores por um novo, mesmo que em preto e branco. No final dos anos 1960,

apenas começava a surgir os primeiros casos de saturação de produtos básicos no Brasil, como a geladeira e o fogão, trocando-os por outros mais modernos. Tudo graças à implantação do crediário “a perder de vista”. Neste cenário, ainda era um pouco cedo para realizar uma campanha do tipo “entregue seu televisor usado como entrada de um novo” e, segundo pesquisas realizadas em 1969, apenas as regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e de São Paulo também se aproximavam relativamente do ponto de saturação dos televisores, quando seria possível lançar o sistema em cores. A implantação da TV colorida, portanto, deixou o âmbito das comunicações para se tornar um problema puramente econômico-financeiro, restando saber quem poderia pagar por ela.

O Contel só autorizaria o funcionamento regular de uma emissora em cores depois de dar um prazo para que a indústria se preparasse para abastecer o mercado. Com a chegada da Copa do Mundo de 1970, o governo até esperou que as fábricas instaladas no Brasil fossem impulsionadas a começar a produção de receptores em cores. Mas, ainda era cedo.

No momento, pelo que se sabe, quase todas as indústrias do ramo estão preparadas para lançar os receptores a cores. E é quase certo que quando uma o fizer, será seguida por todas as outras em questão de dias. Todavia, o lançamento do receptor a cores exigiria grandes despesas e, para a produção comercial, seria necessária ainda a preparação, custosa, de técnicos e especialistas para a produção dos receptores. Como, atualmente, não se considera que exista um mercado suficiente para esses receptores, o lançamento não foi feito e as próprias emissoras não prepararam seus programas a cores, porque isso representaria uma grande despesa extraordinária, para pouquíssimos receptores. Assim, forma-se um círculo vicioso. (“A Copa Vai ao Ar a Cores”, O Estado de São Paulo, 21/02/1970, p. 10)

1970 - Primeiras Experiências em Cores, Via Embratel

“Na Copa, a imagem que chegar à casa de cada brasileiro, será também colorida, como a [descida da] Apollo, mas os receptores mostrarão apenas o branco, o preto e o cinzento predominante.” (“Na TV, um Mar. Um Mar Azul”, O Estado de São Paulo, 18/04/1970, p. 13)

Além de organizar todo o processo de implantação da TV em cores no Brasil, o Ministério das Comunicações, por meio da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), realizou, em 1970, ano de Copa do Mundo, um importante investimento em equipamentos para a chegada das cores. Eles foram instalados no Centro Internacional de Televisão da primeira estação terrena de comunicações por satélite do Brasil, inaugurada um ano antes, em uma região do município de Itaboraí (RJ), que hoje faz parte do município de Tanguá. A estação estava apta a receber o sinal em cores, codificado em qualquer um dos três sistemas em operação no mundo, e convertê-lo para o sistema brasileiro PAL-M, uma operação simples, feita por meio de transcodificadores.

Já em 1970, a Embratel passou a realizar experiências públicas em cores durante a retransmissão de alguns programas especiais, gerados no exterior. Os sinais eram distribuídos via rede própria de micro-ondas para diversas cidades brasileiras. Uma das centrais de recepção e redistribuição destes sinais ficava no 36º andar do edifício Itália, no centro da cidade de São Paulo, responsável por alcançar os estados de São Paulo, Mato Grosso e do Sul do país. O sinal chegava às emissoras de TV locais com a devida informação de cor e, algumas delas, já tinham capacidade para retransmiti-lo em cores. Contudo, ainda não havia receptores PAL-M disponíveis no mercado e os em preto e branco simplesmente ignoravam a informação de cor, mostrando os programas nos conhecidos tons de cinza. Já os técnicos da Embratel contavam com receptores PAL-M para realização dos testes e monitoramento das transmissões coloridas. Alguns eram NTSC, modificados para PAL-M, e outros eram protótipos fornecidos pela Philco, Telefunken ou Ibrape, já que, em 1970, quase todos os fabricantes de televisores no Brasil haviam criado seus projetos de TV em cores com sistema PAL-M.



O primeiro teste em cores da Embratel seria realizado no dia 11 de abril de 1970, com a transmissão do lançamento da espaçonave norte-americana Apollo 13, que fazia um voo tripulado com destino à Lua. Todavia, a transmissão vinda dos Estados Unidos acabou sendo enviada em preto e branco para o Brasil e os técnicos da Embratel não puderam realizar as devidas experiências.

A Copa do Mundo de 1970, realizada no mês de junho, no México, trouxe grandes novidades na área de transmissão, já que foi a primeira a ser televisionada via satélite para todo o mundo e, além disso, com imagens em cores. Por meio de uma equipe formada por 40 profissionais, a Embratel recebeu o sinal em NTSC do satélite Intelsat III e o transcodificou para PAL-M para a retransmissão para todas as redes de televisão do território nacional que haviam comprado os direitos de exibição.

Ainda sem receptores coloridos no mercado, os brasileiros — que acabariam se tornando tricampeões do mundo — tiveram que se contentar em ver os jogos em preto e branco. A camisa da seleção brasileira era amarela — e não cinza — apenas nos protótipos de receptores em cores da Embratel. No auditório do *Circolo Italiano*, localizado na segunda sobreloja do edifício Itália, em São Paulo, a Embratel instalou seis protótipos em cores e realizou exibições dos jogos para autoridades, militares, diretores da Embratel e empresários. A primeira partida foi vista por cerca de 200 convidados. “Também foram provisoriamente instalados equipamentos para recepção em cores no Palácio das Laranjeiras no Rio de Janeiro e no Palácio da Alvorada em Brasília, num afago ao Presidente Médici.” (“A Grande História dos Mundiais 1962, 1966, 1970”, Max Gehring, E-Galáxia, 2018:202)

Sobre a TV em cores, o Brasil poderá tê-la dentro de 3 anos no máximo. Apesar de a Embratel estar preparada para a implantação da televisão em cores, o governo não vê necessidade de muita urgência. Antes, pretende equipar, com segurança, as fábricas de televisão, além de dar tempo às emissoras para fazerem planejamento e novas instalações. Para o ministro Hygino Corsetti, há grande entusiasmo pela televisão de

imagem colorida, principalmente depois da experiência com as transmissões dos jogos da Copa do Mundo, mas o mercado brasileiro ainda não comporta uma produção maciça, pois, um receptor para imagem colorida deverá custar de 5 a 6 vezes mais do que o preto e branco. (“Corsetti Anuncia a Reforma do Correio”, O Estado de São Paulo, 21/07/1970, p. 6)

Festival Internacional da Canção Transmitido em Cores em 1970 – Numa residência particular, próximo ao Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, o técnico e empresário Jorge Edo recebeu alguns profissionais da área técnica de televisão, na noite de 22 de outubro de 1970. Eles iriam presenciar uma experiência técnica muito importante para a televisão brasileira, pois Edo havia adaptado um antigo receptor colorido norte-americano — portanto, com padrão NTSC — para receber o sinal PAL-M da TV Globo – Canal 5 de São Paulo, que exibia em cores, experimentalmente, o Festival Internacional da Canção, transmitido pela Embratel diretamente do Rio de Janeiro. Pela primeira vez no Brasil, um receptor de TV colorido foi ligado fora das dependências de um circuito fechado ou de um estúdio especial. Estiveram presentes alguns representantes da empresa Bosch, do grupo Fernseh, e representantes das emissoras de TV paulistanas. Todos queriam observar como se comportavam a fidelidade e a estabilidade daquele sinal em um ambiente doméstico. As cores da TV brasileira estavam belíssimas e foram aprovadas por todos, que puderam apreciá-las com detalhes, em diversos tons. Jorge Edo era diretor da empresa Maxwell Eletrônica, Comercial e Industrial S/A, representante brasileira da empresa alemã Fernseh, responsável pelos equipamentos que geraram as imagens do festival, transmitido do Rio de Janeiro para o mundo. A experiência profissional de Jorge Edo na televisão era louvável. Ele foi o principal técnico da TV Tupi de São Paulo, desde sua fase de montagem, permanecendo como diretor na empresa por muitos anos. Também foi um dos responsáveis por instalar equipamentos para a mesma emissora realizar experiências pioneiras com cores, no padrão NTSC, que foram ao ar entre 1963–64. O televisor NTSC que Edo transformou em PAL-M havia sido importado nesta época, justamente para realizar o monitoramento das transmissões experimentais da Tupi. As modificações realizadas em seu receptor tiveram um alto custo e não havia condições de fazê-las em grande escala. Jorge Edo mostrou que as cores que vinham do Rio de Janeiro, pela rede de micro-ondas da Embratel, chegavam perfeitas aos lares de São Paulo. Porém, a novidade ainda era invisível aos telespectadores.

Agendando a Estreia Oficial

“Já fixamos 31 de março próximo para o início da TV em cores no Brasil. Esta data não foi imposta e sim combinada com os diretores das emissoras que estão em condições de realizar o trabalho. Ninguém, portanto, será obrigado a realizar a TV a cores”. (“Corsetti Fala Sobre TV a Cores”, Diário da Noite [SP], 20/01/1972, p. 3)

O Ministério das Comunicações criou uma nova comissão especial, em julho de 1970, logo após a Copa do Mundo, para estudar os diferentes aspectos atinentes à implantação do sistema PAL-M de TV em cores, bem como para propor providências e prazos convenientes para cada fase. Participaram diretores de TV; representantes das associações das emissoras de TV, da indústria de eletroeletrônicos e das agências de propaganda; e, ainda, o engenheiro-militar Alcyone F. Almeida Jr., que já havia participado intensamente dos trabalhos de escolha do sistema de cor, representando o Instituto Militar de Engenharia (IME). O grupo resolveu diversos problemas e, finalmente, definiu, junto ao ministro das Comunicações, a data oficial para o início das operações da TV em cores no Brasil.

Edmundo Monteiro, diretor-presidente dos Diários e Emissoras Associados de São Paulo e presidente da AESP - Associação das Emissoras de São Paulo, foi o entrevistado da edição de 16 de março de 1972 do programa jornalístico “Pinga-Fogo”, da própria TV Tupi, transmitido em caráter experimental “ao vivo e em cores”. O tema foi a implantação da TV colorida e, em determinado momento, um jornalista perguntou se aquele não seria um passo precipitado. Monteiro contou que, depois da Copa do Mundo de 1970, quando o governo chamou as emissoras de televisão para estabelecer o prazo da implantação das cores, elas se posicionaram para que isso acontecesse somente entre 1974-75. “[Havia] um argumento [...] de que era preciso que a televisão em cores fosse a um passo além da televisão em preto e branco. Nós achávamos que ainda havia um mercado amplamente a ser explorado pela televisão em preto e branco, quer no que diz respeito ao volume de receptores, quer no que diz respeito ao aprimoramento da sua programação. Mas o governo também tinha argumentos fortes, que, inegavelmente, a televisão em cores era um avanço tecnológico. Um país em evolução como Brasil, em expansão, em explosão, não poderia retardar a implantação do sistema. Ponderando as nossas razões e as razões do governo, chegamos a uma data intermediária [...]”, revelou Monteiro.

Foi desta forma que se chegou a uma data intermediária, como citou Edmundo Monteiro. Inicialmente, pensou-se em julho de 1971, mas foi transferida para 31 de março de 1972, a pedido do presidente da República Emílio Garrastazu Médici, já que era o dia do oitavo aniversário da “Revolução de 1964”. A data da inauguração das cores foi oficializada pela Portaria nº 679, assinada no dia 9 de dezembro de 1970, pelo ministro das Comunicações Hygino Corsetti.

Em 1971, a indústria ainda tinha incertezas sobre o retorno financeiro e, além disso, as fábricas estavam abarrotadas de televisores em preto e branco nos estoques. Por outro lado, também era possível que as TVs coloridas, apesar de muito mais caras, passassem logo a ter a preferência do consumidor e inviabilizassem as vendas dos estoques em preto e branco.

Os custos de implantação das cores seriam realmente altos para as emissoras, com os equipamentos coloridos de captação, edição e transmissão a preços entre três e quatro vezes maiores do que em preto e branco. O custo de produção de um programa em cores também poderia chegar a quatro vezes mais do que um em preto e branco. Neste cenário, não bastaria que as emissoras se equipassem para poder iniciar as transmissões regulares em cores. Era necessário atingir um número considerável de receptores vendidos, permitindo atrair anunciantes para a programação colorida, cobrando-se mais por isso. Contudo, esses anunciantes poderiam não se interessar muito no começo. O número estimado de aparelhos a ser vendido nos primeiros seis meses era de 40 mil, sendo 15 mil em São Paulo, 15 mil no Rio de Janeiro e 10 mil no restante do país. Em uma reunião na Câmara Americana de Comércio, José Almeida Castro, diretor-geral da Rede Tupi de Televisão no Rio de Janeiro, declarou que “a televisão em cores é um desafio em curto prazo, que as redes brasileiras vão enfrentar e vencer, embora continuem lutando com as imensas dificuldades da estabilização das operações em preto e branco. [...] O início das cores na televisão brasileira poderá se constituir na resposta à necessidade de estruturação das emissoras como empresas modernas, embora as possibilidades do mercado não autorizem, neste momento, a vultosa inversão que se faz necessária”³².



O governo se preocupou em resguardar os interesses do público telespectador, do comércio e da indústria. O início das transmissões seria precedido de medidas preparatórias para que a TV colorida tivesse um elevado padrão técnico. O próprio Ministério das Comunicações ficou encarregado do processo de capacitação, ocorrido durante o ano de 1971 para técnicos, artistas e auxiliares. Entre 2 de janeiro e 29 de fevereiro de 1972, foram realizados os treinamentos práticos e transmitidos sinais de teste em horários preestabelecidos. Durante todo o mês de março vigorou a fase preliminar, com a transmissão de programas de estúdio em cores, para comprovar a capacidade técnica das emissoras, junto ao Contel. Eles foram transmitidos, eventualmente, em meio à programação em preto e branco.

Pelo fato de que a fase prática de implantação da TV colorida aconteceria no mês de fevereiro de 1972, o ministro Corsetti cogitou em promover uma pré-estreia da TV em cores, transmitindo o carnaval do Rio de Janeiro e a abertura da XII Festa da Uva, em Caxias do Sul (RS), um dos mais expressivos acontecimentos sociais, econômicos e turísticos do Sul do país, que acontecia a cada quatro anos e atraía muitos brasileiros e estrangeiros dos países vizinhos.

Um diálogo foi aberto com as emissoras cariocas e gaúchas para definição sobre a geração das imagens dos dois eventos, a serem transmitidas em rede para todo país, via Embratel. Contudo, a transmissão em cores do carnaval carioca teve de ser descartada, visto que o ministro Corsetti avaliou que não haveria tempo suficiente para que as emissoras locais ajustassem corretamente os novos equipamentos. Segundo ele, as imagens não ficariam nítidas e, desta forma, o teste oficial das cores seria realizado somente no dia 19 de fevereiro, com a colorida Festa da Uva.

32 “TV a Cores: um Desafio”, *Diário da Noite*, 10/06/1971, p. 2.

O carnaval carioca não mais será transmitido pela TV a cores. Essa resolução foi adotada ontem durante a reunião realizada nesta capital, sob a presidência do ministro Hygino Corsetti, com diretores de fábricas de aparelhos de TV, diretores de emissoras, representantes da Embratel, Abert e demais entidades vinculadas ao problema. O ministro Corsetti considerou que não haveria tempo para que as emissoras cariocas adaptassem seus equipamentos, de forma a transmitirem imagens nítidas. Foi confirmada, no entanto, a transmissão da Festa da Uva, em Caxias, Rio Grande do Sul, no dia 19 de fevereiro, a cargo da TV Difusora e levada pela Embratel para todo o país. Essa será, portanto, a primeira transmissão a cores do Brasil. (“TV a Cores Não Transmite o Carnaval”, O Globo, 27/01/1972, Geral, p. 3)

De acordo com a autobiografia³³ do então diretor da TV Globo Walter Clark, a ideia de transmitir a Festa da Uva surgiu durante uma reunião entre o ministro Hygino Corsetti e os diretores das emissoras que compunham a Rede Globo em diversas cidades do Brasil. O proprietário da Rede Brasil Sul (RBS), Maurício Sirotsky, para tentar evitar uma possível punição do governo à Rede Globo, que julgava seus programas de auditório como de baixa qualidade intelectual, quis agradar o ministro e sugeriu que um evento com tradições populares que poderia marcar as primeiras experiências em cores do Brasil, além do carnaval carioca, seria a XII Festa da Uva de Caxias do Sul, cidade natal do próprio ministro, a ser realizada justamente em fevereiro de 1972. Aliás, o presidente Médici também era gaúcho, de Bagé.

Maurício sabia que o Corsetti era de Caxias e adoraria fazer um brilha-reco para os conterrâneos [...]. Não deu outra. Assim que ouviu a proposta, o ministro abriu um sorriso de orelha a orelha, os olhos brilharam e ele bateu o martelo [...]. (“O Campeão de Audiência: uma Autobiografia”, Walter Clark com Gabriel Priolli, 1991, não paginado)

TV Tupi de São Paulo na Implantação das Cores

Entre as emissoras brasileiras, a primeira a adquirir equipamentos para televisão a cores foi a TV Tupi de São Paulo. (“Um Produto Procura Mercado: TV a Cores”, Pedro Cafardo, Folha de São Paulo, 07/11/1971, 3º Caderno, p. 32)

Em 23 de dezembro de 1970, os Diários e Emissoras Associados de São Paulo assinaram um contrato com a holandesa *N. V. Philips Gloeilampenfabrieken*, para aquisição de equipamentos de *broadcasting* em cores. Portanto, a negociação, intermediada pela Philips do Brasil, foi fechada apenas oito dias após a publicação da portaria que determinou a data do lançamento da TV em cores no Brasil. Foram encomendados dois conjuntos de equipamentos idênticos, sendo um para a TV Tupi de São Paulo e outro para a do Rio de Janeiro. Pela primeira vez, o Canal 4 de São Paulo operaria com equipamentos que não haviam sido fabricados pela RCA. Os Diários e Emissoras Associados escolheram a Philips devido um acordo comercial, já que ela tinha um grande mercado de venda de receptores no país, área que a RCA não atuava.

Um ano depois, os equipamentos estavam prontos para serem despachados ao Brasil. O valor total da carga dos Diários e Emissoras Associados era de US\$ 500 mil, ou Cr\$ 3,13 milhões. Cada um dos dois conjuntos de equipamentos pesava 11,5 toneladas e continha 102 volumes. Os equipamentos

33

“O Campeão de Audiência: Uma Autobiografia”, Walter Clark e Gabriel Priolli, Summus Editorial, 1991, não paginado.

em cores da TV Tupi foram os primeiros do gênero a chegar ao Brasil, depois da definição do governo em lançar a TV em cores. Até então, algumas emissoras como a TV Difusora de Porto Alegre e a TV Gazeta de São Paulo já haviam sido montadas com alguns equipamentos em cores.

A bordo do cargueiro Itanagé, da estatal Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro, os equipamentos da TV Tupi saíram de Roterdã, na Holanda, na véspera do Natal de 1971. O primeiro destino foi o porto do Rio de Janeiro, onde atracou no dia 3 de janeiro de 1972. Descarregou os equipamentos Philips para a TV Tupi carioca e zarpou em direção ao Porto de Santos, atracando no dia 8. O desembarque dos equipamentos do Canal 4 de São Paulo ocorreu no dia 12, no Armazém 30 da Companhia Docas, onde aguardou as devidas liberações alfandegárias. No dia 18 de janeiro, a carga já estava liberada e uma equipe dos Diários e Emissoras Associados lá estava para recebê-la e promover o transporte até o bairro do Sumaré.

— Depois de um longo trabalho e muito esforço, viemos aqui para retirar o equipamento em cores da Televisão Tupi, com a satisfação de ter participado desse empreendimento que traz para o Brasil o primeiro equipamento completo de televisão em cores — declarou Enéas Machado de Assis, representante da direção dos Diários e Emissoras Associados de São Paulo, ao retirar o aparelhamento importado para esse fim.

Para realizar o transporte até o Sumaré, foram necessárias duas carretas, que começaram a ser carregadas às 15h daquele dia 18 de janeiro. Como se tratava de uma carga muito delicada, a operação exigiu todo o cuidado por parte da transportadora e dos funcionários do Armazém 30. As carretas deixaram o porto às 19h30 e chegaram ao Sumaré por volta de 22h, onde foram recebidas com muito entusiasmo pelos funcionários da TV Tupi e pela alta direção dos Diários e Emissoras Associados de São Paulo, que as aguardavam ansiosamente. Na ocasião, o diretor-presidente Edmundo Monteiro gravou uma mensagem para expressar a importância do momento. Também estavam presentes os demais membros da direção das “Associadas” de São Paulo, Orlando Negrão (superintendente), Fernando Severino (diretor-comercial), Cláudio Donato (diretor-técnico) e Walter Forster (diretor-artístico).

À reportagem do “Diário da Noite”, Enéas Machado de Assis declarou que, há quase um ano, havia assistido, na Holanda, às primeiras experiências dos equipamentos que estavam recebendo. “Representa, sem dúvida, tal iniciativa, o resultado do grande trabalho desenvolvido por Edmundo Monteiro [...], no esforço da implantação da televisão em cores no Brasil, cumprindo assim mais uma meta dentro do pioneirismo das Emissoras Associadas”, disse o executivo “Associado”.

Na manhã seguinte, começou o trabalho de descarregamento no Sumaré, que foi dividido em dois lotes. Um deles continha equipamentos que seriam instalados dentro da emissora e o outro seguiria de carreta para a Indústria Brasileira de Eletricidade S/A (Inbelsa), licenciada do grupo Philips do Brasil, para realizar a montagem de uma unidade-móvel em cores. Assim como no trajeto de subida da Serra do Mar, o trajeto entre o Sumaré e a Inbelsa, no bairro de Santo Amaro, foi feito com ares de desfile, tal como na chegada dos primeiros equipamentos da TV Tupi, em 1950, com as carretas mostrando faixas que alardeavam:

Equipamento de Televisão Colorida chegando ao Brasil / TV Tupi, pioneira em 1950, primeira em 1972.

A pomposa “Unidade Externa *Color*” da TV Tupi foi montada dentro de um contêiner especial, fabricado sob encomenda pela Trivelato S/A - Indústria, Comércio e Engenharia, sediada em São Paulo. Nela, seriam acomodados os diversos equipamentos Philips, geradores das imagens em cores. O contêiner foi adaptado a um “cavalo mecânico” da marca Chevrolet, zero quilômetro, modelo D60. Uma pintura especial, com um arco-íris, fez a decoração externa. O contêiner tinha 14 rodas, 11 m de comprimento, 2,60 m de largura e 2,40 m de altura. Era isolado termicamente e dotado de ar-condicionado para trabalhar sempre em 20° C, dispositivo que não era tão comum para aquela época. Em seu interior, um assoalho de peroba à prova d’água e antiderrapante. O ambiente interno do contêiner era muito confortável e foi projetado para abrigar três câmeras, equipamento de videoteipe e mesas de áudio e vídeo. Havia uma porta traseira e, nas laterais, foram colocadas três portas de correr.



Contêiner fabricado pela Trivelato especialmente para as unidades-móveis da TV Tupi de São Paulo e do Rio de Janeiro (reprodução).

A Trivelato também produziu contêineres especiais para as “Associadas” TV Tupi do Rio de Janeiro e TV Itacolomi de Belo Horizonte, bem como duas carrocerias especiais para veículos da TV Tupi de São Paulo, usados para transporte de geradores de eletricidade para grandes tomadas externas.

Entre os equipamentos adquiridos junto à Philips, havia três sofisticadas câmeras Plumbicon LDK-3, naquela época a mais utilizada pelas emissoras de TV em cores pelo mundo; equipamentos para controle de som; *switcher master* (controle mestre das operações); *switcher* de produção com efeitos especiais; equipamentos de alimentação e geração de sincronismo; amplificador-processador de vídeo; distribuidores de pulso e vídeo; monitores em cores e em preto e branco das câmeras; 48 conjuntos de iluminação para estúdio com lâmpadas de quartzo; e um moderno sistema de telecine, composto por uma câmera Plumbicon LDK-33, dois projetores de filme de 16 mm e um projetor duplo de *slides*.

As antigas salas de controle e exibição do Sumaré foram totalmente reformadas e ampliadas, a fim de permitir a operação coordenada dos equipamentos em cores e preto e branco preexistentes, permitindo a continuidade da programação. Como o transmissor do Canal 4, o RCA TT-6AL, já era preparado para operar em cores, nada precisou ser feito.

Para liderar a montagem dos equipamentos da TV do Sumaré, a Philips enviou, de Amsterdã, os engenheiros Robby Van Lit e Paul Den Boer, que desembarcaram em São Paulo no dia 28 de janeiro de 1972. Segundo declarações dadas à reportagem do “Diário da Noite”, Van Lit afirmou que “o material adquirido pela Televisão Tupi é o melhor possível, reunindo condições e qualidades técnicas das mais apuradas”. Sobre o sistema de cores a ser usado exclusivamente no Brasil, o holandês salientou que o “PAL-M não é uma adaptação, mas um aperfeiçoamento do sistema alemão para as condições brasileiras”. Van Lit ficou responsável pela montagem dos estúdios, enquanto que Den Boer cuidou da montagem da unidade-móvel na Inbelsa, juntamente com Roberto Salvi, das “Associadas”.



O esquema de operações em cores nos estúdios do Canal 4 de São Paulo seria todo baseado na unidade-móvel, posicionada em um local reservado na Travessa Xangô, que divide o terreno das Emissoras Associadas no Sumaré. De um lado, os edifícios mais antigos, onde ficavam todos os estúdios; do outro lado, o edifício de 10 andares, onde funcionavam administração, emissoras de rádio, diretoria e transmissores. Longos e espessos cabos vermelhos ligavam a unidade-móvel em cores ao chamado “Estúdio-Palco” e aos estúdios “A” e “B”. Quando houvesse alguma transmissão externa a ser feita em cores, como partidas de futebol, espetáculos e o “Programa Silvio Santos³⁴”, por exemplo, os cabos eram desconectados e a unidade-móvel deslocada. Orlando Negrão, então superintendente das Emissoras Associadas de São Paulo, lembra que para o desenvolvimento da carreta da unidade-móvel, foram tiradas as medidas da Travessa Xangô, para garantir que

34 O “Programa Silvio Santos” era gerado a partir do Teatro Manoel de Nobrega, do próprio apresentador, localizado na Rua Cotoxó, nº 1021, Vila Pompeia, São Paulo.

conseguisse estacionar no local. “A montagem dos nossos equipamentos em cores dentro de uma carreta foi estratégica, proposta pelos nossos engenheiros. Isso porque os equipamentos não ficariam presos em um estúdio. Ao contrário, teriam toda a mobilidade e mais programas poderiam ser gerados em cores”, ressalta Orlando Negrão³⁵.

O técnico Roberto Salvi, um dos responsáveis pelo gerenciamento da unidade-móvel de São Paulo, revelou que em um primeiro momento, a unidade-móvel não contou com o equipamento de videoteipe e as externas eram todas transmitidas ao vivo ou gravadas pelos VTs coloridos do Sumaré. “Teve uma época em que a programação em cores começava com o jornal do almoço, depois vinha o programa da tarde, o jornal da noite e um show para finalizar. Quando havia futebol, as partidas eram realizadas no estádio do Pacaembu, domingo à tarde. Depois, tínhamos que desmontar tudo rapidamente e correr para transmitir o show noturno dos domingos, dos estúdios do Sumaré. Não era fácil”, revela Salvi.

A Montagem dos Equipamentos

Durante o mês de fevereiro de 1972, o clima dentro dos estúdios do Sumaré foi de movimentação geral. Os funcionários acompanhavam de perto as instalações do sistema de TV em cores e estavam todos empolgados. Para o Canal 4 de São Paulo, o início das transmissões em cores representava o coroamento de um trabalho iniciado mais de um ano antes da estreia oficial. “Desde o início, o que se viu foi uma total colaboração dos elementos que formam o Departamento Técnico e, sem os quais, dificilmente seria obtido êxito. Um trabalho intenso, denodado e com espírito de colaboração, digno de realce. E, esse ânimo, transmitiu-se para todos os demais departamentos, dando vida nova à emissora”, declarou Cláudio Donato, diretor-técnico da emissora, ao “Diário da Noite”. Diversos funcionários fizeram cursos de especialização promovidos pela USP, Philips e RCA; diretores chegaram a estagiar nos Estados Unidos e Alemanha. Os engenheiros da Philips, Robby Van Lit e Paul Den Boer, também treinaram as equipes de operação de São Paulo e, depois, fizeram o mesmo com a equipe da Tupi do Rio de Janeiro, emissora que enviou três de seus engenheiros para estagiar com televisão em cores no exterior, sendo dois deles no Centro de Treinamento da BBC, na Inglaterra, e o outro no Sender Freies Berlin, na Alemanha.

Foram gastos praticamente 30 dias para montar os equipamentos Philips na sala do controle-mestre e na unidade-móvel. A Tupi de São Paulo foi a primeira televisão do Brasil a ser vistoriada e autorizada pelo Contel para gerar e transmitir sinais em cores e, com isso, logo poderia iniciar seus testes.



As principais lojas da cidade iniciaram ontem a venda dos aparelhos de televisão a cores, fabricados pela Philips, Philco e Telefunken. Ainda esta semana, a *General Electric* iniciará suas entregas, enquanto que a fábrica de televisores ABC colocará no mercado

35 O empresário Orlando Negrão concedeu entrevista exclusiva aos autores.

seus aparelhos depois do dia 15, a Admiral para o fim do mês e a Sylvania no início de março. [...] Em frente às vitrinas, onde estão expostos os aparelhos de televisão a cores, há sempre um aglomerado de pessoas. “A procura tem sido grande — explica o [...] gerente-geral da Loja Isnard. [...] Os preços dos aparelhos [todos com 26 polegadas] estão variando de Cr\$ 6.600,00 a Cr\$ 8.700,00³⁶. (“Comércio Coloca a Venda Aparelhos de TV a Cores!”, Diário da Noite [SP], 08/02/1972, p. 11)

Ontem de manhã, depois das 10h, diversos aparelhos de TV em cores instalados em lojas de São Paulo, escritórios das fábricas e mesmo em algumas residências, transmitiram por mais de 30 minutos imagens coloridas. Sintonizados no Canal 4, uma das emissoras de televisão já autorizadas pelo Ministério das Comunicações para realizar seus testes de ajustes no ar, os aparelhos mostraram grandes barras vermelhas, verdes, azuis e amarelas e ainda o padrão normal da emissora, em diversas cores. As captações das cores foram consideradas boas pelos observadores, que somente no dia 19 poderão assistir a uma transmissão normal do aparelho: a Festa da Uva de Caxias do Sul. Até lá, todos terão que se contentar em ver apenas as largas barras multicoloridas. (“As Exibições da Nova TV”, Folha de São Paulo, 09/02/1972, 2º Caderno, p. 11)

Desde meados de janeiro de 1972, o Canal 4 de São Paulo passou a transmitir padrões de testes coloridos entre 9h e 11h, para a realização de experiências do sinal. Contudo, essa transmissão diária também auxiliou em treinamentos de técnicos especializados e para expor nas lojas os primeiros receptores coloridos fabricados no Brasil. Eles chamavam a atenção do público, mesmo que, inicialmente, somente o padrão de cores das manhãs pudesse ser visto em policromia.

No mês seguinte, a emissora já estava pronta para exibir projeções coloridas de filmes e desenhos animados, por meio do seu novíssimo Telecine fabricado pela Philips. O que ainda estava em processo era a montagem dos equipamentos para geração de programas de estúdio em cores, algo muito mais complexo. O ministro Hygino Corsetti, das Comunicações, esteve em São Paulo no dia 2 de fevereiro para reunir-se com os diretores das emissoras de televisão e, mais tarde, visitou a TV Tupi, manifestando-se favorável a toda estrutura que viu.

O próximo passo era aguardar pelo teste oficial de TV em cores, direto de Caxias do Sul.

Festa da Uva

O sábado, 19 de fevereiro de 1972, foi um dia histórico para a televisão brasileira, data em que se realizou a primeira experiência oficial com transmissões coloridas. E não se tratou de um “simples” programa especial em um estúdio. Diretamente de Caxias do Sul (RS), um *pool* de emissoras, liderado pela TV Difusora de Porto Alegre e coordenado pelo Ministério das Comunicações, mostrou para todo o Brasil, ao vivo e a cores, a abertura da tradicional e famosa Festa da Uva. É verdade que não se tratou da primeira transmissão de TV em cores no país, já que, nove anos antes, a TV Tupi de São Paulo saiu na frente e colocou alguns programas em cores no ar, por cerca de 10 meses, como visto no capítulo anterior. Contudo, desta vez, a implantação das cores era oficial, coordenada e definitiva, resultado de um trabalho de seis anos, realizado pelo Ministério das Comunicações.

36

O preço dos primeiros televisores variou entre seis e oito vezes mais que o preço de um aparelho em preto e branco, do mesmo tamanho.

As emissoras que formaram a Rede Brasileira de Televisão para inauguração da TV em cores foram: Emissoras Associadas - TV Tupi (São Paulo e Rio de Janeiro), TV Paraná (Curitiba), TV Itacolomi (Belo Horizonte), TV Piratini (Porto Alegre), TV Itapoan (Salvador) e TV Rádio Clube (Recife); TV Globo (Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília e São Paulo); TV Rio (Rio de Janeiro, em preto e branco); TV Iguaçu (Curitiba); TV Jornal do Comércio (Recife); TV Cultura (Florianópolis); TV Piratininga e TV Difusora (ambas de Porto Alegre).

Para a geração das imagens da festa, a TV Difusora de Porto Alegre se utilizou de equipamentos fabricados pela *EMI Electronics*, da Inglaterra. A emissora era afiliada da REI - Rede de Emissoras Independentes, cuja TV Record de São Paulo era a emissora-geradora. A TV Difusora contou com a colaboração da TV Rio, de sua propriedade, TV Piratini, TV Caxias e da TV Globo, que enviou os atores Francisco Cuoco, Tônia Carrero e o locutor Heron Domingues para animar a festa. A retransmissão em cores foi feita por cerca de 20 emissoras espalhadas pelo Brasil. Vinte jornalistas estrangeiros e a rede europeia de televisão Eurovision estiveram em Caxias do Sul para a cobertura e gravação do evento. Estimou-se a presença de 600 mil turistas.



Os eventos que compuseram as solenidades de abertura da XII Festa da Uva foram divididos em dois blocos: das 9h às 10h30 e das 14h45 às 15h30. O primeiro mostraria a chegada do presidente da República Emílio Garrastazu Médici e a solenidade oficial de abertura da festa. Na parte da tarde, era a vez da apresentação do desfile pelas ruas da cidade, com 42 carros alegóricos e diversos grupos escolares, o ponto alto do evento, rico em cores e tons. O tema era a história da colonização italiana no Rio Grande do Sul, mas também seriam mostrados aspectos das atividades predominantes na região, principalmente da vitivinicultura.

Uma inesperada pane num dos aparelhos de micro-ondas que retransmitiriam os sinais coloridos de Caxias do Sul para as 20 emissoras do país que alugaram canal da Embratel, impediu que a Rede Brasileira de Televisão levasse ao ar, na parte da manhã, o primeiro teste da televisão colorida no Brasil. A Empresa Brasileira de Telecomunicações [Embratel] informou que o defeito foi causado pela baixa tensão na rede elétrica e que teve que substituir às pressas o aparelho danificado. [...] Com isso, as emissoras deixaram de entrar em cadeia no período das 9h30 às 11h. Mas, exatamente às 14h45, como estava previsto, as imagens geradas pela TV Difusora em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, começaram a ser retransmitidas pela Embratel para todo o país. Nos primeiros minutos, os vídeos mostraram aspectos do local onde se daria o desfile de abertura da Festa da Uva, que foi inaugurado pela manhã pelo presidente Médici. (“Iniciada Transmissão de TV a Cores no Brasil”, *Diário do Paraná*, 20/02/1972, p. 5)

Apesar dos testes bem sucedidos no dia anterior, junto à Embratel, surgiram problemas técnicos logo no início da abertura das solenidades e nenhum sinal chegou à Embratel. Houve apenas transmissão local, para a região de Caxias do Sul e Porto Alegre, algo que frustrou milhares de telespectadores situados em diversas cidades do Brasil, entre eles, cerca de 600 famílias brasileiras que puderam adquirir um receptor em cores. Em diversas cidades foi comum avistar calçadas repletas de curiosos, em frente às lojas que vendiam televisores. Para a transmissão da segunda parte do evento, iniciada às 14h45, o problema já estava superado e, segundo avaliação da Embratel, as imagens recebidas nas capitais foram de ótima qualidade. Alguns populares que acorreram às lojas para conhecer a TV em cores se decepcionaram, de certa forma, porque esperavam uma fidelidade maior, já que muitos dos funcionários ainda não tinham prática para ajustar perfeitamente as imagens.

Na tarde do dia seguinte (domingo, 20), foi realizada uma segunda experiência de TV em cores pelo Ministério das Comunicações, entretanto, desta vez, com retransmissão não obrigatória pela rede brasileira de TV em cores. Trata-se de uma partida amistosa de futebol entre Associação Caxias x Grêmio, atração que também fazia parte da Festa da Uva, que se estenderia até o dia 19 de março. A partida foi finalizada sem gols, mas ficou marcada como a primeira transmissão em cores de um jogo de futebol no Brasil. Por não ser obrigatória, não foram muitas as emissoras que a transmitiram, mas, devido à boa qualidade técnica que a TV Difusora de Porto Alegre obteve, o videoteipe colorido acabou sendo exibido pela TV Rio e pela TV Record de São Paulo.

Festa da Uva, em Caxias do Sul (RS): primeira transmissão oficial de televisão em cores no Brasil (festadauva.com.br/reprodução).

A TV Difusora – Canal 10 de Porto Alegre foi inaugurada em 1969, sob a administração da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. A emissora, tal como a TV Gazeta de São Paulo, foi montada com equipamentos preparados para transmitir em cores. Contudo, a TV Difusora foi inaugurada primeiro e, eventualmente, realizou demonstrações de programas em cores, transmitidos em circuito fechado para convidados. Durante o cronograma de implantação definitiva da TV em cores, também foi a primeira a iniciar os testes de transmissão, com o sinal padrão colorido, estático, em 13 de janeiro de 1972, e a primeira a transmitir programas experimentais, exibindo alguns filmes a partir de 20 de janeiro.

Testando as Cores Durante a Programação

As primeiras transmissões experimentais com programas em PAL-M na TV Tupi de São Paulo foram feitas sem alarde, direcionadas apenas aos técnicos da emissora. Quem já estivesse em posse de um novíssimo receptor nacional, também poderia acompanhar os testes de sinal policromático do Canal 4. Foram exibidas ao vivo algumas edições em cores dos programas “Flávio Especial”, “Clube dos Artistas” e “Pinga-Fogo”, aquele em que o diretor Edmundo Monteiro falou sobre a implantação da TV em cores. “Flávio Especial” foi o primeiro programa de auditório a ser transmitido em cores no Brasil, indo ao ar na noite de 29 de fevereiro. A geração das imagens realizadas de dentro do caminhão de externas chamou a atenção de quem compareceu no auditório do Teatro Tupi, no Sumaré. Isso porque nem os convidados do programa e sequer o próprio Flávio Cavalcanti sabiam dos testes. Foi uma grata surpresa quando foi ligado um monitor colorido no palco do programa.

Lançamento Comercial da TV em Cores no Brasil

A data escolhida para a estreia oficial da televisão em cores no Brasil foi bastante movimentada. O dia 31 de março de 1972 era um feriado, quando foram celebrados a “Sexta-Feira da Paixão” e, ainda, o oitavo aniversário da Revolução de 1964. Para evitar concorrência entre as emissoras durante a programação especial em cores, e para promover uma união tecnológica, o ministro Hygino Corsetti sugeriu a formação de um *pool* de emissoras para a transmissão de uma única programação. A proposta foi imediatamente aceita por todos os radiodifusores. Corsetti queria que a programação do dia 31 incluísse uma manhã com caráter religioso — devido à data —, seguida por uma tarde esportiva e uma noite com o pronunciamento oficial do presidente Médici e espetáculos para encerrar. Também sugeriu que os diretores das estações de TV habilitadas a transmitir em cores estudassem a possibilidade de mostrar cenas de todo o país, para que os brasileiros tivessem a oportunidade de ver imagens coloridas de cada estado.

Os meses foram se passando, sem que as emissoras efetivamente se movimentassem para proporcionar uma programação de nível elevado, como desejava o ministro. Na verdade, sequer pareciam preocupadas com isso. Apenas a TV Bandeirantes de São Paulo tinha feito a “lição de

casa” e preparava um espetáculo esportivo colorido, quando seria realizada uma partida de futebol no Estádio do Morumbi, entre as seleções paulista e carioca. A menos de um mês da inauguração das cores, o arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, procurou o Ministério das Comunicações e as estações de TV para cobrar a preparação de alguma apresentação religiosa, como previsto na grade do dia 31. A resposta foi negativa, mas foi informado que algo ficaria definido durante uma reunião entre o ministro Corsetti e as emissoras de TV, a ser realizada no dia 9 de março.

A partir disso, em virtude da data do aniversário da “Revolução” de 1964 coincidir com a “Sexta-Feira da Paixão”, o presidente Médici resolveu que a programação oficial do aniversário do movimento político-militar e a da implantação da TV em cores não deveria ter caráter popular, festivo ou esportivo. Neste sentido, o próprio governo adiou suas comemorações militares para o dia seguinte e a iniciativa da TV Bandeirantes também teria que ser adiada³⁷. Como isso foi uma importante baixa para a programação de estreia das cores, que perdia seu brilho e ganhava problemas, ficou decidido, então, que a programação de inauguração realmente ficaria reduzida e, em rede, seriam transmitidos apenas os discursos do presidente Médici e do ministro Corsetti, um filme sobre o Brasil e uma programação religiosa, que poderia ser a transmissão da tradicional procissão de Tubarão (SC) ou da grandiosa representação da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém (PE). Nos demais horários, quando não fosse haver transmissão em cadeia nacional, cada emissora estaria livre para exibir o que quisesse, em cores ou não.

Refletindo as decisões tomadas, o programa que reuniria imagens em cores de diversas emissoras do Brasil foi substituído por uma coletânea de 54 minutos com filmes coloridos, produzidos pelos documentaristas Jean Manzon e Isaac Rosenberg, sob encomenda da Volkswagen. Para a transmissão da programação religiosa, seria necessário deslocar caminhões de externas até as duas cidades e a ideia teve de ser abandonada. Em seu lugar, programou-se uma missa celebrada pelo Papa Paulo VI, direto de Roma, via Embratel.

Os pronunciamentos do presidente da República Emílio Garrastazu Médici e do ministro das Comunicações Hygino Corsetti deveriam ser gravados no Palácio da Alvorada, em Brasília, ambos em cores. Entretanto, uma dificuldade técnica surgiu no início daquela semana, quando se constatou que nenhuma das emissoras de televisão de Brasília, ou arredores, teria condições técnicas de entregar imagens coloridas com nitidez para a Embratel, por causa da insuficiência de iluminação adequada. A solução surgiu somente a dois dias da inauguração das cores, quando a TV Gazeta - Canal 11 de São Paulo se prontificou a fazer a geração das imagens para o *pool* de emissoras de todo o Brasil, por meio de seus equipamentos em cores da Marconi, incluindo uma câmera Mark-8. A direção da emissora declarou que não teria problemas com a gravação usando iluminação interna no Palácio da Alvorada, tal como as outras emissoras teriam, e que seu ônibus poderia ser transportado para Brasília sem prejuízo de sua programação em São Paulo. A partir disso, a dificuldade foi encontrar um avião que pudesse transportar o ônibus da emissora paulistana. O problema acabou resolvido com a decisão de enviar somente os equipamentos

37

A TV Bandeirantes tentou remarcar o evento, mas os compromissos dos jogadores com os campeonatos e dificuldades para uma nova reserva de canal com a Embratel inviabilizou a iniciativa.

do ônibus. Com o apoio do governo do Estado de São Paulo e do próprio governo federal, logo após o término da transmissão experimental em cores da corrida de Fórmula 1, realizada no dia 30, no Autódromo de Interlagos, em São Paulo, os equipamentos e uma equipe da TV Gazeta foram transportados para Brasília por meio de um avião da Vasp e outro da Embraer.

A transmissão da palavra do ministro Corsetti estava marcada para as 8h30 e, após quase toda a madrugada realizando a montagem e os testes com os equipamentos, estava tudo pronto pela manhã. A ligação com a Embratel foi estabelecida para levar o sinal até sua sede no Rio de Janeiro, onde o pronunciamento seria gravado em videotape colorido para transmissão em rede nacional. Afinal, o pronunciamento de Corsetti abriria a programação especial em cores, às 15h, para todo o Brasil.

A apresentação foi feita pelo jornalista Geraldo Vieira, da TV Gazeta, com as seguintes palavras: “A televisão brasileira vive hoje um dia histórico. Inaugura o seu sistema a cores, nesta semana em que o povo católico do Brasil reverencia a morte de Cristo e em toda a nação brasileira assinala a passagem do oitavo aniversário da Revolução democrática de 1964. É com muita honra que a televisão brasileira recebe hoje, diante de suas câmeras, o excelentíssimo ministro das Comunicações, Hygino Corsetti, o artífice da implantação do sistema a cores nas transmissões de TV no Brasil”. Em seguida, o ministro Corsetti iniciou sua fala, que teve a duração de oito minutos. Ao seu lado, a Bandeira brasileira, e, servindo como fundo, uma tapeçaria de Di Cavalcanti. Findo o pronunciamento, os técnicos da Embratel, que gravaram o *tape*, no Rio de Janeiro, informavam que tinha sido excelente a qualidade da imagem. (“Televisão a Cores Inaugurada no Brasil”, Folha de São Paulo, 01/04/1972, p. 6)

O presidente Médici chegou ao palácio pouco depois do término da transmissão do ministro Corsetti. Seu objetivo não era falar sobre a inauguração da TV em cores, apenas sobre o aniversário da “Revolução” e de planos de governo. A exibição aconteceria às 20h30, em cadeia nacional de rádio e televisão. Contudo, o presidente acabou sendo gravado em outra sala, por outra equipe de TV e com outros equipamentos. Embora fosse um pronunciamento a ser exibido no dia do lançamento oficial do sistema de TV em cores no Brasil, sua fala foi gravada em preto e branco. Comenta-se que para garantir que o presidente gravasse sua importante mensagem, sem correr riscos de a equipe da TV Gazeta sofrer algum contratempo, a presidência solicitou uma equipe de uma TV local, mesmo que seus equipamentos fossem em preto e branco. Mesmo com a equipe da TV Gazeta disponível no horário marcado, o presidente acabou gravando com a equipe das imagens em preto e branco.

Após todos os revezes, a grade de programação em cores da TV Tupi - Canal 4 de São Paulo, programada para o dia 31 de março de 1972, assim ficou constituída:

- 15:00 - Pronunciamento do Ministro das Comunicações Hygino Corsetti (rede nacional)
- 15:15 - Filme Religioso³⁸ (rede nacional)
- 17:00 - “O Brasil a Cores” (rede nacional)

38 Há uma grande inconsistência de informações sobre qual o filme religioso fora apresentado na programação especial do lançamento da TV em cores no Brasil. Entre os diversos periódicos consultados, os nomes que apareceram foram “Vida, Paixão e Morte de Jesus Cristo” (que pode ser de origem israelense ou italiana), “A Vida de Cristo” e “Os 15 Mistérios do Rosário”.

- 18:00 - “Via Crucis” - Direto de Roma, com o Papa Paulo VI (ao vivo, em cores)
 19:00 - Programação normal da emissora (em preto e branco)
 20:30 - 8º Aniversário da Revolução de 1964 - Pronunciamento Oficial do Presidente da República Emílio Garrastazu Médici (em preto e branco e em rede nacional)
 21:00 - “Mais Cor em Sua Vida” - Show especial da TV Tupi
 21:50 - “Holiday on Ice 72” - O show de patinação no gelo, direto de Miami (rede nacional, ao vivo, em cores)

Era impossível escolher um espetáculo mais colorido do que este para começar a televisão colorida:

Um dos maiores filmes de todos os tempos.

Depois da inauguração oficial da tv a cores, dia 31 de março, a TV Tupi começará a mostrar o que tem para você em Tupicolor. “A volta ao mundo em 80 dias” entrará com todas as cores do mundo em sua casa. E também com o maior elenco de nomes famosos reunidos em toda a história do cinema, num mesmo filme: David Niven, Cantinflas, Shirley McLaine, Charles Boyer, Mariene Dietrich, mais de 40 atores e atrizes que você vai reconhecer numa das histórias mais divertidas de Julio Verne. Comece bem sua vida com a tv a cores. Comece com o Canal 4.

**NESTE SÁBADO
1º DE ABRIL
8 DA NOITE**

TUPICOLOR
Canal 4 - mais cor em sua vida.

Patrocínio de
PERSIANAS COLUMBIA S.A.

Campanha publicitária de estreia da programação colorida da Rede Tupi (reprodução).

Às 15h as emissoras formaram a rede nacional, retransmitindo os sinais da Embratel. Foi exibido o videoteipe de oito minutos do ministro Hygino Corsetti. Ele relatou todo o processo de desenvolvimento da televisão em cores no Brasil, mostrou as vantagens da escolha do sistema PAL alemão e, por fim, declarou inaugurado oficialmente o sistema de TV colorido. Em seguida, a Embratel apresentou, em cores, um filme sobre a vida de Jesus Cristo e a coletânea de filmes “Conheça o Brasil”, de Jean Manzon. A rede nacional foi desfeita por 90 minutos e as emissoras exibiram a programação regular de uma sexta-feira, em preto e branco. Às 20h30, a rede foi restabelecida com o presidente Médici falando à nação por meio da gravação em videoteipe preto e branco. Às 21h, as emissoras estavam liberadas para veicular seus conteúdos exclusivos em cores e a TV Tupi colocou no ar, ao vivo, o “Mais Cor em Sua Vida”, um especial musical, produzido e gerado pela Tupi de São Paulo, dirigido por Fernando Faro e apresentado por Walter Forster e Cidinha Campos. Ele deu as boas-vindas às cores e mostrou, para o público de todas as Emissoras Associadas do Brasil, apresentações dos cantores Vinícius de Moraes, Toquinho, Elizeth Cardoso, Jorge Ben Jor, Agnaldo Rayol e Dorival Caymmi. Durante as apresentações, viam-se modelos pelo palco, trajando vestidos coloridos desenhados pelo estilista Clodovil. Também houve desfiles com tais modelos. O show foi produzido por Fernando Faro, Daniel Loforte e Alcindo Diniz. A gravação foi feita no “Estúdio-Palco” do Sumaré e, felizmente, a fita sobreviveu ao abandono e à ação do tempo a que foi submetida entre 1980 e 1989 (ver Capítulo 45), e está preservada, em posse da Cinemateca Brasileira e da TV Cultura de São Paulo.

A TV Globo exibiu seu primeiro programa próprio em cores naquela mesma noite, às 21h. Trata-se de uma peça do “Caso Especial”, adaptada pela escritora Janete Clair e que contou com a participação de grandes estrelas do seu elenco de novelas. O episódio, chamado de “Meu Primeiro Baile”, ganhou o posto de primeiro teleteatro em cores da TV brasileira.

No dia seguinte, 1º de abril, às 20h, a TV Tupi exibiu um grande filme clássico em cores: “A Volta ao Mundo em 80 Dias” (EUA, 1956), com David Niven e Cantinflas.

Desenvolvimento da Programação em Cores na Tupi

As emissoras ficaram obrigadas a transmitir ao menos duas horas semanais de programação em cores, contudo, esse mínimo era superado rapidamente. A Tupi passou a identificar as cores de seus programas como “Tupicolor”, uma espécie de marca registrada, e usou o *slogan* “Mais Cor em Sua Vida”. A proposta do diretor da emissora, Cassiano Gabus Mendes, foi inicialmente transmitir em cores os programas de auditório de maior audiência de forma rotativa, um por semana, começando com “Silvio Santos” (dia 06/04), “Clube dos Artistas”, (14/04) e “Flávio Especial” (18/04). Inicialmente, a maior parte da programação colorida do Canal 4 foi ao ar pelo equipamento de telecine da Philips, ou seja, filmes, séries e desenhos animados. Em abril, estrearam as séries norte-americanas de sucesso “Hawaii 5-0”, “O’Hara” e “Glenn Ford é a Lei”. Duas vezes por mês, o “Cine Espetacular” passou a exibir um filme de longa-metragem em cores³⁹. Foram licenciados episódios coloridos de atrações que eram exibidas em preto e

³⁹ Adquirir os direitos de exibição de um filme longa-metragem em cores era significativamente mais oneroso que um filme em preto e branco.

branco, como aconteceu com as animações “A Pantera Cor-de-Rosa” e “Tom & Jerry”. Partidas de futebol também passaram a entrar no ar em cores, bimensalmente.

De forma gradativa, mais programas de auditório e jogos de futebol foram migrando para as cores. Em 1973, a TV Tupi de São Paulo era a recordista no Brasil, com 15 horas por semana. O horário nobre do Canal 4 passou a ser todo colorido, incluindo as novelas, a partir de agosto de 1974. Somente entre 1977-78 é que as grades de programação de todas as grandes emissoras foram compostas somente por programas em cores, exceto algumas reprises em preto e branco. Vale dizer que, por muitos anos, os intervalos comerciais continuaram sendo produzidos em preto e branco, ainda devido ao alto custo das cores.



Na fase de implantação da TV colorida no Brasil, as perspectivas mais otimistas feitas por especialistas internacionais em vendas, enviados ao Brasil pelas grandes fábricas, previram a comercialização máxima de 45 mil aparelhos. Felizmente, o ano de 1972 foi fechado com vendas superiores a 60 mil unidades. Em outubro de 1973, um ano e meio após o lançamento da TV em cores, o cenário continuava bem animador. Havia sido vendidos em todo país cerca de 115 mil televisores em cores, com expectativa de fechar o ano com 145 mil. Os consórcios foram uma boa saída para alavancar as vendas. “O brasileiro é o maior comprador mundial de televisão em cores, proporcionalmente ao seu consumo de aparelho em preto e branco. [...] Com base em dados estatísticos de produção e venda de TV em cores em outros países, os fabricantes revelam que o Brasil tem o mercado mais revolucionário do mundo, em termos de absorção desses aparelhos”, revelou uma reportagem do “Jornal do Brasil”⁴⁰. O crescimento desse consumo só não foi maior devido à incapacidade da indústria de atender toda a demanda. Isso porque faltava matéria-prima.

Ainda sobre os dados de outubro de 1973, os preços à vista dos televisores já haviam caído consideravelmente. O aparelho com 26 polegadas, único tamanho fabricado no começo da produção e encontrado por mais de Cr\$ 7.500,00, já estava sendo vendido a Cr\$ 5.610,00. Tamanhos menores passaram a ser fabricados e os preços ficaram ainda melhores: Cr\$ 5.600,00 (22”), Cr\$ 5.159,00 (20”) e Cr\$ 4.600,00 (17”).



Quanto às mudanças artísticas nos programas em cores, tornou-se comum ver alguns exageros em figurinos extra-coloridos, usando “rosa-choque, laranja-flamante e vermelho-cheguei”, como criticou uma jornalista. De fato, certos exageros nos tons prejudicavam aqueles milhões de pessoas que assistiam ao mesmo programa em preto e branco, pois muita informação da imagem se perdia ou se confundia. Mesmo assim, “a qualidade da TV em cores brasileira é considerada pelos técnicos estrangeiros — americanos e alemães, inclusive — como excepcional”, declarou

40

“Os Altos Índices de Audiência da Imagem Colorida”, *Jornal do Brasil*, Revista de Domingo, 02/12/1973, p. 1.

Edvaldo Pacote, em 1973, ao “Jornal do Brasil”⁴¹. Ele era o responsável pela divulgação da TV Globo e ressaltou o sucesso da adaptação do sistema PAL alemão com o padrão “M”, abrindo, inclusive, o mercado de exportação de programas em cores da emissora, como a novela “O Bem Amado”, a primeira em cores no Brasil.

Agora tudo é em função das cores. Mas os técnicos têm que levar em consideração que a quase totalidade dos aparelhos ainda é em preto e branco, por isso, estudam os meios de coadunar os dois sistemas, para que a imagem também seja de igual qualidade. Um detalhe que está presente neste trabalho é a relação das cores com os tons de cinza dos aparelhos comuns — um problema para os cenógrafos e iluminadores. O azul-escuro equivale ao cinza-escuro; o amarelo-claro ao cinza-claro. (“Técnicos Falam Sobre Teste de TV a Cores”, Diário do Paraná, 23/02/1972, Primeiro Caderno, p. 5)

A televisão em cores chegou ao Brasil com poucos anos de atraso em relação à maioria dos países desenvolvidos, fazendo com que nosso país tivesse que, literalmente, pagar um preço alto por isso. Contudo, o governo brasileiro pretendia vender a tecnologia PAL-M para outros países latino-americanos, abrindo mercado para exportar cinescópios, televisores e negociar seu *know-how*.

41 *Ibidem*.

CAPÍTULO 38

NOVAS CENTRAIS TÉCNICA E DE PRODUÇÃO

Ainda este mês, quando sintonizar o seu televisor na TV Tupi, você vai assistir [a] uma porção de mudanças nas novelas, nas séries filmadas, nos quadros humorísticos, nos shows, na programação vespertina, no telejornalismo e nos especiais que prometem marcar época por sua importância cultural. E as novidades da Tupi vão continuar em novos estúdios, novos equipamentos, novas contratações. Tudo isso para melhorar a imagem do seu televisor. (Anúncio de 25 anos da TV Tupi, *Manchete*, nº 1224, 04/10/1975, p. 96)

Após as incessantes reformas e ampliações realizadas na Cidade do Rádio durante os anos 1950-60, novos planos do gênero foram surgir somente no ano de 1975, quando a TV Tupi completou 25 anos. Eram parte de um grande projeto de reerguimento da programação nacional da emissora, que estava em plena crise e perdia audiência, principalmente para a Rede Globo, como será retratado no próximo capítulo. Além de investir em bons artistas, produtores e diretores, a Rede Tupi desenvolveu um projeto para promover uma grande renovação técnica, já que os equipamentos da emissora-geradora de programação para as 23 emissoras da Rede Tupi de Televisão, a TV Tupi de São Paulo, estavam demasiadamente obsoletos. O objetivo era otimizar a qualidade da geração das imagens por meio da modernização de seus processos de produção, captação, edição e transmissão.

Os novos projetos técnicos começaram a “ganhar corpo” somente no segundo semestre de 1976, quando a diretoria da TV Tupi de São Paulo finalmente concluiu seus estudos técnicos. Ficou decidido que, além de investir em equipamentos, haveria uma grande reforma estrutural no complexo do Sumaré, que ganharia novos estúdios, novo auditório, novas salas para as centrais de Produção e de Exibição e, ainda, uma grande torre de transmissão para o Canal 4, a “menina dos olhos” do novo projeto. A torre receberia uma moderna antena e o mais potente transmissor de televisão do Brasil, tornando o parque tecnológico do Sumaré um símbolo da força da nova Rede Tupi de Televisão.

Os Diários e Emissoras Associados também investiriam em melhorias na geração do sinal de algumas de suas mais importantes emissoras pelo país. David Raw, superintendente da Rede Tupi, declarou à época que foram investidos US\$ 5 milhões com equipamentos importados para atender às necessidades de toda a rede. Também ganhariam novas torres e transmissores mais potentes o Canal 5 de Salvador (TV Itapoan) e o Canal 6 do Recife (TV Rádio Clube), que seria transferido para Olinda. Quanto à TV Tupi - Canal 6 do Rio de Janeiro, não havia necessidade de trocar seu transmissor já que, anos antes, o antigo RCA TT6-AL teve a potência ampliada de seis para 25 kW, por meio de amplificador linear, tornando-se o mais potente do

Brasil. Por outro lado, o Canal 6 carioca iria construir uma altíssima torre metálica de 156 m no Morro do Sumaré, que ficaria ao lado da pequena torre de 70 m que estava em operação. Esta empreitada se deu em parceria com o Grupo Silvio Santos, que operava a TVS - Canal 11 do Rio de Janeiro. Ambas as emissoras compartilharam a estrutura da nova torre, sendo que a TV Tupi ficou responsável pela construção de um prédio de três andares para abrigar os equipamentos, enquanto que o Grupo Silvio Santos arcou com os custos da montagem da torre.

Tupi do Rio de Janeiro Volta a Produzir Programas Para a Rede - Em agosto de 1977, o novo diretor da Divisão de Shows da Rede Tupi, Maurício Sherman, transferiu para Tupi do Rio de Janeiro a produção do programa “Discoteca do Chacrinha”, dos humorísticos “Domingo é Dia de Graça” e “Deu a Louca no Show”, além do musical “A Grande Parada”. O niteroiense Sherman convenceu que produzir os shows no Rio geraria uma grande economia, já que a imensa maioria dos artistas morava naquela cidade. Entretanto, meses depois, após o carnaval de 1978, a direção da Rede Tupi mudou e o irmão do “global” Boni, Guga de Oliveira, assumiu a superintendência de Programação e Produção da Tupi, levando de volta a produção da linha de shows para São Paulo. Apenas o programa “Flávio Cavalcanti” permaneceu no Rio de Janeiro. Poucos meses depois, em agosto de 1978, o núcleo de produção da Tupi carioca estreia o programa “Carlos Imperial” para toda a rede, mas que acabou tendo vida curta, em função da situação precária da emissora.

A inauguração da torre da TV Tupi/TVS no Rio de Janeiro aconteceu em 18 de agosto de 1977. Para a construção das novas torres de São Paulo, Salvador e Olinda foi elaborado um único projeto, que previa a construção de uma torre cilíndrica de concreto, com duas plataformas em 360°, conjugadas, a cerca de 70 metros do solo, a serem utilizadas para a instalação de antenas de comunicação via micro-ondas e outra destinada para o funcionamento de um restaurante. O projeto mostra clara inspiração na British Telecom Tower, de Londres, que além de abrigar diversas antenas de telecomunicação, dispunha de um altíssimo restaurante giratório. Contudo, nas reportagens publicadas no final dos anos 1970, que retratam a construção das novas torres da Rede Tupi pelo país, há menções sobre a instalação de restaurantes nos projetos de São Paulo, Salvador e Olinda, mas apenas em Olinda é que havia previsão de que ele fosse giratório. A construção da torre de Olinda acabou não sendo executada, em função da crise nos Diários Associados.

As Novas Centrais de Exibição e Produção em São Paulo

O jornal “Folha de São Paulo” publicou uma nota relatando que o diretor-geral da Rede Tupi, Rubens Furtado, estava se preparando para viajar aos Estados Unidos, a fim de consolidar entendimentos para a compra dos equipamentos de transmissão com a RCA. Além da torre, antena e o transmissor de 50 kW para a TV Tupi, o “pacote” incluiu um novo parque técnico para a Rádio Tupi de São Paulo⁴² - AM 1040 KHz, bem como uma nova antena e um novo transmissor para a Rádio Difusora FM - 98,5 MHz. Por outro lado, ao final, a nota ressaltou que, em frente à Padaria Real, um determinado funcionário lamentava o alto investimento, já que os salários estavam atrasados.

Maquete do projeto de construção da nova torre de concreto armado da TV Tupi e de novas dependências para auditório, estúdios e central técnica (reprodução).



⁴² A ser instalado no bairro de Parelheiros, no extremo da Zona Sul de São Paulo.

As obras em São Paulo seriam realizadas numa das extremidades do antigo terreno da Cidade do Rádio, no bairro do Sumaré, com face voltada para a Avenida Prof. Alfonso Bovero, nº 72, esquina com a Rua Piracicaba. O projeto ganhou uma detalhada maquete (foto), que ficou exposta nos escritórios das Emissoras Associadas. Vê-se um jardim com a torre cilíndrica ao centro e, ao seu lado, os dois novos prédios, dispostos de forma perpendicular entre si. Um deles teria três pavimentos para alojar as centrais de Produção e de Exibição, além de um setor de manutenção de equipamentos num piso intermediário. Deste novo prédio, passariam a ser gerados a programação e o sinal via satélite para toda a Rede Tupi, e de onde operariam os potentes transmissores de TV VHF e rádio FM para São Paulo. No outro prédio, que ficaria logo atrás da torre, com um altíssimo pé-direito, seriam montados o novo auditório e os novos estúdios de televisão. Tal qual o edifício-sede das Emissoras Associadas, com 10 andares e construído no terreno ao lado, este novo prédio contaria com um mural artístico na fachada.

Para a viabilidade do grande projeto de modernização do complexo do Sumaré, seria necessário demolir as instalações remanescentes do antigo e imponente prédio da Rádio Difusora, inaugurado em novembro de 1942 e demolido parcialmente em 1967. Nele, vinha funcionando o famoso auditório do Teatro Tupi, além de algumas salas de produção da TV. Do teatro, restaria o “Estúdio-Palco”, que ficaria interligado ao auditório do novo prédio, posicionado bem em frente à “boca” do palco. Ou seja, o novo auditório seria construído na mesma posição do anterior, que fora demolido. Teria menor extensão, mas ofereceria as vantagens de ser mais moderno e contar com um pavimento superior, onde haveriam novos estúdios.

Por fim, à frente dos dois novos prédios, já próximo do limite do terreno, voltado para a Avenida Prof. Alfonso Bovero, haveria um jardim e nele o ponto para elevação da grande torre da TV Tupi de São Paulo, a terceira da emissora. A opção de construir uma base cilíndrica de concreto a partir do solo poupou boa parte do espaço que seria necessário para construir uma torre metálica convencional. A utilização do concreto também visou minimizar problemas com a corrosão que as estruturas metálicas estão sujeitas.

O novo complexo da TV Tupi de São Paulo foi projetado pelo engenheiro-civil João Paulo de Abreu, que trabalhava para a Engform, empresa contratada pelas Emissoras Associadas para executar a obra e que está no mercado até os dias atuais.

Avenida Paulista Como Obstáculo Para o Sinal

O novo sinal do Canal 4 de São Paulo atingiria um raio de 200 km, chegando diretamente a muitos municípios do interior do estado, sem a necessidade de retransmissoras. O transmissor encomendado com a norte-americana RCA era do modelo TT50-FL, que trabalhava com dois módulos paralelos, somando incríveis 50 kW de potência. Para ter noção do aumento da força que o Canal 4 teria, vale lembrar que seu transmissor RCA que estava em operação desde agosto de 1960, operava com 6 kW.

Todo este investimento se deu porque o sistema de transmissão do Sumaré estava se tornando ineficiente, em face das aceleradas transformações da metrópole. Em 1960, a TV Tupi havia migrado seu parque de transmissão do centro da cidade para junto de sua sede, no bairro do Sumaré. Naquela época, praticamente não havia edifícios em São Paulo com altura suficiente para prejudicar a qualidade de seu sinal. A maioria dos imóveis construídos no alto da colina da Avenida Paulista era composta pelos casarões dos barões do café. Entretanto, com aumento rápido da verticalização da cidade, ocorrido nos anos 1970, a construção de dezenas de edifícios naquela região formou um sólido bloco de concreto, que passou a criar as chamadas “zonas de sombra”, comprometendo a boa recepção em algumas regiões da Grande São Paulo, ao ponto de prejudicar os índices de audiência.

Uma declaração do chefe do Departamento de Engenharia e Serviços Gerais da Rede Tupi, Armando Janello, reforça essa ideia: “O trecho conhecido como ‘espigão da Paulista’ tem seu ponto mais alto justamente onde se encontra instalada a Rede Tupi. Ocorre que se formou uma parede de prédios que veio a bloquear nossa imagem. Por isso, a necessidade de uma nova torre, cuja intenção era que tivesse aproximadamente 30 m a mais⁴³. Porém, por se encontrar dentro do cone de descida de aviões, 142 m foi a altura máxima permitida pela FAB [Força Aérea Brasileira]”⁴⁴.

Os novos investimentos realmente poderiam garantir as melhorias necessárias para uma excelente qualidade de imagem e som do Canal 4. Isso porque o topo da torre que estava em operação desde 1960 ficava a 67 m acima do solo e o topo da nova torre estaria a 142 m, superando a altura dos novos edifícios da Avenida Paulista. Por fim, ressalta-se que havia também o plano de adquirir diversos outros equipamentos que ajudariam a melhorar a qualidade do sinal, como uma incrível antena de polarização circular, que falaremos a seguir.

Polarização Circular

Justamente na época em que se desenvolvia o novo projeto de transmissão para a TV Tupi de São Paulo, a nova tecnologia de polarização circular para transmissão de sinais de televisão VHF estava dando seus primeiros passos no mundo do *broadcasting*. Ela foi desenvolvida nos Estados Unidos pela RCA e passou a ser comercializada em 1977. Até então, apenas as transmissões de FM é que contavam com esse sistema. As antenas transmissoras de sinais com polarização circular da RCA dispunham de duas séries distintas de anéis de transmissão, onde, simultaneamente, uma irradiava as ondas eletromagnéticas no sentido vertical e a outra na horizontal, formando um círculo de irradiação no ar. Até então, as emissoras de televisão em VHF transmitiam somente com polarização horizontal, mas o sinal sofria com reflexos diante de qualquer obstáculo um pouco maior, interferindo no sinal recebido pelo receptor e gerando “fantasmas” na imagem. Já o sistema de polarização circular superava os obstáculos, visto que as antenas receptoras, principalmente as internas, rejeitavam o sinal que estivesse falho ou

43 “Este Mês, Conclusão da Parte de Concreto da Nova Torre da Tupi”, Jornal do *Commercio* [AM], 28/03/1979, Segundo Caderno, p. 4.

44 “Nova Torre da Tupi em Ritmo de Conclusão”, Henrique Fróes, *Correio Braziliense*, 27/03/1979, 2º Caderno, p. 4.

deficiente e recebiam somente aquele que tinha melhor qualidade. A RCA chegou a ser premiada pela contribuição da polarização circular no desenvolvimento da indústria da televisão. Com poucas antenas similares em operação no mundo, esse moderno sistema supriria totalmente as necessidades da TV Tupi de São Paulo, que seria a pioneira a utilizá-lo no continente sul-americano. Posteriormente, antenas de polarização circular foram adotadas pela grande maioria de emissoras que transmitiam em alta potência na faixa de VHF das grandes cidades.

Equipamentos

A Rede Tupi está decidida a ganhar o mercado internacional e, em reunião realizada há dias, em Brasília, sob a presidência do senador João Calmon, ficou decidido que a emissora começará a negociar, ainda este mês, a venda de suas novelas para o exterior. A decisão mais importante da reunião da direção associada foi a de investir 10 milhões de dólares na compra de equipamento, que será utilizado por todas as emissoras. Na verdade, a direção associada já tinha autorizado uma verba de 5 milhões de dólares para a compra de equipamento na RCA, e na última reunião decidiu-se que mais 5 milhões seriam empregados na compra de equipamentos da Bosch. As duas decisões mostram que a direção da Rede Tupi está realmente decidida, na base do devagar e sempre, a devolver à emissora recursos que lhe permitam, com o tempo, “brigar” pela liderança da audiência. A reunião, que durou três dias, aprovou também a volta da produção dos shows para a TV Tupi do Rio. Dentro de 30 dias. O Canal 6 carioca terá a responsabilidade de produzir todos os programas de horário nobre, inclusive os de Ronnie Von e Moacyr Franco. A transferência será em caráter de emergência e a Tupi-Rio só produzirá os shows até fevereiro, quando os programas voltarão a ser gerados em São Paulo, mais precisamente na Vila Guilherme, recentemente arrendada pela Tupi paulista. (“Tupi Investe Milhões de Dólares Para Ser a Melhor”, Robert Halfoun Netto, 28/07/1978, *Jornal do Commercio* [RJ], p. 24)

Para a nova Central de Produção da TV Tupi de São Paulo, foram encomendados diversos equipamentos junto à norte-americana RCA e a alemã Bosch, entre eles, ilhas de edição em videoteipe, gravadores e reprodutores de videoteipe, câmeras de estúdio e portáteis, e, ainda, unidades-móveis tipo furgão, para geração de imagens externas. “Estamos investindo em tecnologia nova, que tornará nossa televisão mais ágil. Aquele descompasso que a Globo criou quando veio, apanhando-nos com 17 anos de equipamento cansado, nós agora, 12 anos depois, vamos devolver para ela o mesmo problema”, provocou o diretor Rubens Furtado em matéria publicada nos jornais “Associados”. E completou: “Estaremos em uma competição desigual, pois seremos mais bem equipados do que qualquer um dos nossos concorrentes”.

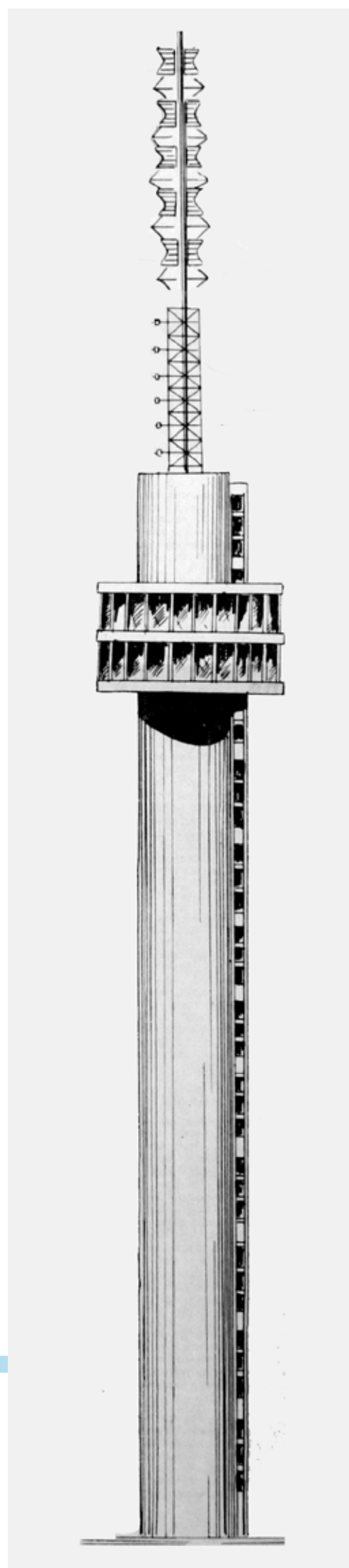
A modernização técnica era, naquele momento, a principal preocupação das Emissoras Associadas. A TV Tupi de São Paulo geraria, teoricamente, a melhor imagem do Brasil e até mesmo da América do Sul. Uma nova programação passou a ser elaborada para estreitar junto com a nova imagem e a população foi “convocada” a opinar por meio de uma campanha realizada nos jornais dos Diários Associados. Foi publicado um formulário com diversas perguntas e espaço para o telespectador enviar sugestões. A nova programação e o excelente parque técnico favoreceriam o reerguimento da emissora e, sobre isso, havia uma grande expectativa entre os funcionários.

As Obras na Torre

A Tupi já está preparando terreno para erguer a sua nova torre no Sumaré. Várias salas do prédio anexo ao edifício-sede estão sendo “desapropriadas” e parte do auditório foi derrubada. Segundo planos da alta direção da emissora, esta obra deverá estar concluída dentro de 120 dias. (Ferreira Neto, Diário de Pernambuco, 19/02/1978, p. B-8)

Uma matéria especial, de página inteira, intitulada “A Grande Torre”, foi publicada na edição de 22 de outubro de 1978 do jornal “Diário de São Paulo”, exaltando a dimensão e a importância do novo projeto de transmissão do Canal 4 de São Paulo. Ferreira Neto, colunista de televisão dos Diários Associados, informou que a nova torre da TV Tupi de São Paulo demoraria 180 dias⁴⁵ para ser erguida, ao custo de Cr\$ 10 milhões. Como o início das obras aconteceria em janeiro, ela seria concluída em meados de julho de 1978 e os testes de sinal realizados em agosto. Desta forma, a inauguração do novo sinal do Canal 4 de São Paulo foi programada para 18 de setembro de 1978, quando a emissora completaria 28 anos no ar. Informações da imprensa revelaram que os recursos para a construção da nova torre foram oriundos do pagamento de US\$ 30 mil mensais que o pastor norte-americano Rex Humbard passou a fazer para arrendamento de horários na programação do Canal 4.

Croqui da nova torre de transmissão da TV Tupi, a ser construída no bairro do Sumaré. No alto, a antena RCA de polarização circular e, mais abaixo, à esquerda, a antena da Rádio Difusora FM (Diário de São Paulo/reprodução).



⁴⁵ O colunista divergiu algumas vezes ao informar a previsão da entrega da nova torre.

Pouco antes de iniciar as obras, a direção optou por cancelar a construção do prédio do novo auditório e dos novos estúdios e comprar um teatro ou cinema na região central da cidade para montar o novo auditório. Já o prédio das novas centrais Técnica e de Produção seria realmente construído, com dois pavimentos e um intermediário, mas com menores dimensões e alguns metros mais afastados do local previsto inicialmente. Ele ficaria anexado ao prédio do “Estúdio-Palco” e teria a fachada voltada para a Rua Piracicaba. A sala dos novos transmissores seria montada em outro local, bem próximo. Trata-se do “Estúdio-Subsolo”, que era exclusivo para novelas e ficava exatamente sob o “Estúdio-Palco”. Ele havia sido desativado recentemente, devido à mudança do núcleo de teledramaturgia para os estúdios da Vila Guilherme, como visto no Capítulo 35.



A demolição do teatro e a construção da torre realmente foram iniciadas em janeiro de 1978 e, como tinham que ser feitas sem interrupções, as gravações dos programas produzidos no “Estúdio-Palco” tiveram que ser adaptadas para o convívio com a ousada construção da grande torre. Cada edição do programa “Clube dos Artistas”, por exemplo, foi gravada em uma emissora diferente. A coluna de Ferreira Neto frequentemente informava sobre o andamento das obras em São Paulo pelos jornais dos “Associados” no país.

Para a construção da torre, o engenheiro-civil João Paulo de Abreu contou com apoio do diretor-técnico das Emissoras Associadas, Cláudio Donato. Com seus 142 m de altura, a grande torre foi dividida em três estágios. O primeiro com uma base cilíndrica, construída em concreto armado, medindo 8 m de diâmetro por 90 m de altura e composta por três lâminas verticais côncavas. Em seu interior, foi instalado um elevador e construídas uma escada de segurança e três caixas d’água, com 56 mil litros cada uma. Duas delas para abastecer as instalações do complexo de televisão e a terceira para combater eventuais incêndios. No alto do cilindro de concreto, a poucos metros do topo, foram construídas duas plataformas que acompanharam o entorno da estrutura, com largura de 4 m e visão de 360°. A primeira plataforma, a 70 m do solo e servida pelo elevador, acomodaria um *snack-bar*, ou seja, um bar para refeições leves ao público em geral, com capacidade para cerca de 50 pessoas. A intenção foi tornar a torre uma atração turística, tal como acabaram se tornando os belos campos onde ficavam a torre e os transmissores da Rádio Tupi nos anos 1940, na região de Interlagos, em São Paulo. A segunda plataforma da nova torre do Sumaré ficou logo acima da primeira e foi destinada para receber diversas antenas de comunicação ponto-a-ponto (*link*). Elas ligariam os estúdios da emissora e as unidades móveis que estariam pela cidade, transmitindo eventos ou reportagens.

A seção intermediária da torre seria composta por uma estrutura feita em aço especial de alta resistência, com 18 m de altura e com objetivo de servir de base para fixação da antena do Canal 4 sobre ela. Na lateral desta seção seria afixada a nova antena RCA BFG-5, com cinco elementos irradiantes, propriedade da Rádio Difusora FM - 98,5 MHz, emissora que também ganharia um novo transmissor RCA BTF-20ES1, de 20 kW — mas com potência autorizada de 18 kW —, que alcançaria o excelente raio de 250 km. No terceiro estágio da torre, a própria

antena de transmissão da TV Tupi, também de fabricação da norte-americana RCA, modelo TFFV-7A5. Ela teria 34 m de comprimento, 16 toneladas e 14 anéis irradiantes, sendo sete do modelo *Superturnstile*, usados para a transmissão do sinal na posição horizontal, e, a novidade, outros sete anéis, similares à letra “W”, para a realização da transmissão vertical. O novo transmissor e a nova antena foram encomendados junto à RCA em dezembro de 1977, ao preço de US\$ 955 mil, incluindo todos os acessórios e equipamentos relacionados.

Por fim, reforçando o caráter turístico da nova torre, seria instalado um sistema de iluminação especial, com refletores na cor branca, do solo até o *snack-bar*, e amarela a partir da segunda plataforma.



Mesmo com o grande esforço para reerguer a Rede Tupi, a crise administrativa foi muito maior na emissora-geradora e vários atrasos ocorreram com o novo projeto técnico, como veremos adiante. A inauguração do sistema de transmissão na passagem dos 28 anos da emissora foi inviabilizada. O superintendente David Raw chegou a anunciar o término da concretagem da torre para o final de 1978, no entanto, foi concluída somente no final de março de 1979. Esta obra consumiu cerca de 700 toneladas de concreto e 160 toneladas de ferro.

Apesar dos problemas, a construção da torre foi sempre motivo de orgulho para a direção e funcionários da emissora. Em março de 1979, por exemplo, um programa especial do “Almoço com as Estrelas” foi realizado no terraço da residência de seus apresentadores, o casal Airton e Lolita Rodrigues, que moravam bem próximos à emissora. Como cenário, propositalmente, via-se a nova torre em construção e a promessa de inaugurá-la em breve, inovação que seria retroativa ao aniversário de 28 anos da emissora, comemorado meses antes.



Reunião realizada no último fim de semana em São Paulo decidiu, como já foi noticiado de primeira, que toda a programação da linha de shows voltará a ser gravada naquela capital, mais precisamente num teatro que a direção da Tupi acaba de arrendar⁴⁶ e que deverá ser utilizado até que o novo auditório da emissora seja construído no Sumaré, onde está sendo instalada uma nova torre que entrará em funcionamento em janeiro ou fevereiro do ano que vem. A TV Tupi [do Rio de Janeiro] continuará tendo apenas a responsabilidade de gerar os programas ao vivo, ou seja, o de Carlos Imperial e “A Grande Chance”, aos sábados, e o “Flávio Cavalcanti”, aos domingos. “Risoteque”, que começou ao vivo e acabou sendo gravado no Rio, despediu-se esta semana do canal 6 carioca, já que a partir da próxima semana passa a ser gravado em São Paulo. [...] A volta dos shows para São Paulo nada tem a ver com a qualidade dos programas: a [nova] superintendência de produção e programação achou que terá mais controle sobre a linha de shows se ela estiver concentrada em São Paulo, o que cria, inclusive, a possibilidade de até os programas ao vivo passar a ser

46

Logo depois, o colunista Ferreira Neto revelou que o contrato de aluguel do teatro foi cancelado.

feitos pela Tupi paulista, ainda este ano. (“São Paulo Não Pode Parar. Nem de Fazer os Shows da Tupi”, *Jornal do Commercio*, 04/10/1978, 2º Caderno, p. 2)

O novo auditório da Tupi será mesmo no Sumaré. Depois de procurar, sem êxito, algum teatro ou cinema, a direção Associada resolveu partir para um projeto diferente. O novo auditório será erguido no Sumaré mesmo e a sua construção será iniciada imediatamente. (*Diário de Pernambuco*, 07/03/1979, p. C-4)

Em 1979, foi feita a montagem parcial da nova sala de exibição do Canal 4, no térreo do novo prédio, e chegaram a ser montados o *switcher* e um sistema de videoteipe. No piso intermediário, montou-se uma sala de manutenção para videoteipes e telecines; e, no 1º andar, a nova Central de Produção, com ilhas de edição de videoteipe e o sistema de *slowmotion*. Novos equipamentos eram aguardados, mas acabaram não chegando, em função da conhecida crise. A construção do novo auditório do Sumaré voltou a ser discutida no primeiro trimestre de 1979, após a tentativa frustrada de alugar algum bom teatro ou cinema na região central da cidade. Contudo, logo o projeto foi cancelado definitivamente.



Novo símbolo da grandiosidade da Rede Tupi: em 1979, a torre do Canal 4 de São Paulo virou modelo para o Troféu Raul Gil, entregue a participantes do “Programa Raul Gil” (Acervo Pró-TV).

Novos Equipamentos e Material Humano Qualificado

Para atingir seu objetivo de estabelecer um padrão de programação [...] a emissora está concluindo a compra de um novo equipamento para o estúdio, que lhe propiciará o melhor parque eletrônico do país. Roberto Salvi, diretor-técnico da TV Tupi de São Paulo e do Rio, esteve recentemente nos EUA, participando do show NAB – *National Association Broadcasting*, uma feira de equipamentos para rádio e TV com expositores do mundo todo. (“O Melhor Parque Eletrônico do País”, Eli Halfoun, Diário da Noite [SP], 04/05/1979, Variedades, p. 14)

Dentro da briga [pela audiência] citada pelo diretor-geral Rubens Furtado e da “busca de uma identidade” sempre ressaltada por Walter Avancini, superintendente de Produção e Programação, a Rede Tupi está investindo em novos equipamentos. [...] “Mas — lembra Rubens Furtado — esta é apenas a parte técnica. Equipamento sem talento não faz sentido. Por isso, quando reassumi a emissora em março, fui buscar os bons profissionais da televisão. Veio o Avancini. Daí trouxemos Álvaro de Moya, Cyro Del Nero para criar uma sistemática visual da empresa, Júlio Medaglia, Solano Ribeiro e tantos outros”. Dessa forma, juntando o material humano com o equipamento, a Rede Tupi partirá para uma briga mais próxima da realidade já no início do próximo ano, com uma programação totalmente renovada. (“Tupi Moderniza Equipamento”, Diário de Pernambuco, 21/09/1979, p. C-4)

A Chegada dos Equipamentos

Como um incêndio havia destruído todo sistema de *switcher* da emissora, poucos meses antes, em 8 de outubro de 1978, isso fez com que a direção da TV Tupi procurasse antecipar o envio dos equipamentos da RCA. Além disso, poucos dias depois do sinistro, o presidente dos Diários e Emissoras Associados, João Calmon, e o superintendente da TV Tupi, David Raw, viajaram à Alemanha e encomendaram quatro *switchers* com Bosch para São Paulo.

Em 27 de março de 1979, a “Folha de São Paulo” informou que os novos equipamentos de produção da RCA haviam sido recebidos no Sumaré, e destacou: “[...] uma nova tentativa para mudar a desgastada imagem da Tupi, unindo ‘equipamento e talento’, como dizem seus funcionários”. Entre estes equipamentos, destacaram-se três unidades da câmera portátil TK-76B e um telecine TP-66, o famoso projetor de filme de 16 mm da RCA, que foi o modelo mais usado na indústria da televisão.

Já se encontra em São Paulo o novo transmissor da TV Tupi, que dará à emissora a melhor imagem da capital paulista. [...] Com isso, a operação de todo o equipamento está prevista para o dia 24 de março, transformando totalmente a imagem da emissora. A zona de “sombra” (deficiência na recepção) em toda Grande São Paulo será reduzida para 1,3 por cento. (“Tupi Com Uma Nova Imagem”, Diário de Pernambuco, 17/01/1980, p. C-4)

As antenas e os transmissores da RCA⁴⁷ tiveram a data de entrega adiada algumas vezes. Isso porque, em crise, a Tupi enfrentou alguns imprevistos para alcançar o montante para pagar 20% à vista do valor dos equipamentos, algo que a RCA exigia em contrato (o saldo devedor poderia

47

Não há informações se a entrega do transmissor e da antena de FM da Rádio Difusora foi efetivada.

ser financiado em até cinco anos). Apesar de a torre de concreto já estar em construção, a fabricação da antena e do transmissor, que era feita sob demanda, teve que ser postergada algumas vezes. Inicialmente prevista para o final de 1978, a inauguração do novo sistema de transmissão do Canal 4 acabou sendo programada para o início de 1980. Mas, para isso, o prazo dado pelo Ministério das Comunicações para colocar a nova estação no ar se esgotaria e foi necessário solicitar uma prorrogação, cujo novo prazo ficou estabelecido em 1º de junho de 1980.

A aquisição do transmissor RCA TT50-FL foi realizada com a empresa S/A Estado de Minas, dos Diários Associados, sua fiadora. O transmissor chegou ao Sumaré em meados de janeiro de 1980 e foi instalado na nova Central de Exibição do Canal 4, no antigo Estúdio-Subsolo, como dissemos. A instalação foi concluída em meados de abril de 1980 e o equipamento chegou a ser acionado para realizar testes, mas sem transmissão pelo ar. A antena ainda era aguardada. Leonardo Scheiner, então gerente-comercial da RCA no Brasil, nos revela que o transmissor foi o primeiro a ficar pronto e “como as Emissoras Associadas tinham pressa, acabaram nos solicitando que o transmissor fosse enviado ao Brasil antes mesmo do término da fabricação da antena”, disse ele. Cerca de seis meses depois, a antena chegou ao Brasil, no entanto, nesse ínterim, o governo havia cassado sete concessões da Rede Tupi pelo país (ver Capítulo 41). José Alfredo Machado de Assis, ex-diretor-administrativo da Tupi de São Paulo, nos revela que mesmo com a perempção da TV Tupi decretada, uma equipe da emissora foi ao Porto de Santos para transportar a antena para São Paulo. No entanto, como aquela antena ainda não havia sido quitada e os Diários e Emissoras Associados tinham dívidas antigas com a RCA, a empresa norte-americana havia entrado com um mandado de segurança para levar de volta a famosa antena de polarização circular para o depósito da RCA em Camden, Nova Jersey. O desfecho desta longa história da nova antena do Canal 4 ficou nas mãos do empresário Silvio Santos, assunto que será tratado em detalhes mais adiante, no Capítulo 43.

Em junho de 1980, em meio a uma greve-geral dos funcionários da Tupi de São Paulo, a emissora cancelou a compra dos novos equipamentos encomendados com a Bosch, na Alemanha, incluindo câmeras e videoteipes.

CAPÍTULO 39

A CRISE DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS

(...) infeliz [a] ideia de Chateaubriand de se fazer suceder por um grupo de condôminos. O grupo era irregular, mas esse não era o problema. O busilis [cerne do problema] estava na forma sui generis e anticapitalista de resolver o problema da propriedade das ações. Um clube em que os sócios eram forçados a se tolerarem, criado artificialmente, sem uma unidade mínima e sem chance de fazer sucessores, não teria mesmo qualquer possibilidade de êxito: *Après moi, le déluge* [*Depois de mim, o dilúvio*]. Com aquele sotaque paraibano forte, bem poderia ser o lema do Velho Capitão ao forjar o diabólico plano de sua herança maldita. (“Os Meios de Comunicação Sob um Fio da Navalha”, Paulo Maia, *Jornal do Brasil*, 20/07/1980, *Televisão*, p. 9)

(...) há muito tempo a Tupi não ganha o campeonato da audiência. Todos sabem que ela venceu a batalha do Ibope no início, sendo a pioneira. Pouco a pouco, foi afastada para um vice-campeonato constante, ficando as glórias da primazia primeiro com a Excelsior, depois com a Record e finalmente com a Globo, que nos anos 70 vem mantendo um monopólio maciço e imbatível. (“Mudança de Técnico na Equipe da Tupi”, Paulo Maia, *Jornal do Brasil*, 29/03/1977, *Caderno B*, p. 5)

Em 1955, Assis Chateaubriand passou a direção-geral dos Diários Associados para João Calmon, até então diretor dos veículos do grupo em Pernambuco (Rádio Tamandaré e “Diário de Pernambuco”). Após obter bons resultados no Nordeste, Calmon foi chamado ao Rio de Janeiro para, em princípio, dirigir a TV Tupi e as rádios Tupi e Tamoio. No entanto, apenas três meses depois, foi elevado ao posto de diretor-geral dos Diários Associados, cuja sede ficava naquela mesma cidade.

O novo diretor-geral chegou com todo o gás que havia caracterizado sua gestão no Nordeste. Só que o cenário carioca era outro e a presença de Assis Chateaubriand, senão obstrutiva, era pelo menos intimidante. Mesmo assim, João Calmon tratou de implantar medidas de racionalização administrativa, que encontraram amplo respaldo em todo o país, com duas exceções: áreas de São Paulo (Edmundo Monteiro, que supervisionava as empresas do Sul); e de “O Cruzeiro” (Leão Gondim de Oliveira), a essa época vivendo ainda a sua grande fase e se preparando para atingir o exterior. (“Brasil, Primeiro - História dos Diários Associados”, Glauco Carneiro, Fundação Assis Chateaubriand, 1999:394)

Já na metade dos anos 1950, a situação financeira dos Diários Associados começava a dar sinais de complicações. Assis Chateaubriand estava contraindo muitos empréstimos para comprar mais obras de arte para o Museu de Arte (MASP) e também para instalar novos veículos de comunicação em todo o Brasil. Em maio de 1956, por exemplo, João Calmon e Edmundo Monteiro — o diretor das “Associadas” em São Paulo — chegaram a redigir uma carta para advertir o Velho Capitão de que seus gastos excessivos poderiam levar os Diários Associados à insolvência.

Os argumentos foram alinhados: demora no pagamento das contribuições atrasadas aos institutos de previdência; generalização do sistema de desconto dos contratos de publicidade, sem qualquer indagação sobre a capacidade da empresa de suportar novos desvios de sua receita normal, o que tornava as mesmas empresas inadmissíveis: “Nos últimos meses, para fazer face ao pagamento da prestação de 500 mil dólares do museu, foram nossas organizações oneradas em 20 milhões de cruzeiros...”. A carta receitava a sugestão para Assis Chateaubriand vender fazendas, laboratórios e a Schering, laboratório que adquirira no tempo da guerra: “Talvez esse ponto de vista resulte de excesso de pessimismo, dirá o senhor. Mas então, aponte-nos, com um de seus lampejos de gênio, outra saída que escapa inteiramente à nossa limitada compreensão”. (“Brasil, Primeiro - História dos Diários Associados”, Glauco Carneiro, Fundação Assis Chateaubriand, 1999:395-396)

A partir deste alerta, Assis Chateaubriand passou a olhar com mais atenção para a administração das empresas e rever o desvio de recursos para pagamento de dívidas e empréstimos. Desde o início dos anos 1960, tornou-se comum que empresas dos Diários Associados descontassem os percentuais previdenciários dos salários de seus funcionários, mas não recolhessem a importância aos órgãos oficiais correspondentes.

Em 1999, foi publicada a autobiografia de João Calmon (1916-1999), onde ele relatou as primeiras dificuldades vividas em sua gestão como diretor-geral, bem como as difíceis situações pelas quais passavam os Diários Associados na metade dos anos 1950.

A origem das dificuldades estava na precariedade da incipiente televisão brasileira. Pioneiro, Assis Chateaubriand implantara em São Paulo a primeira emissora de TV da América do Sul, a TV Tupi. Pouco depois criava a TV Tupi do Rio. Obviamente, existiam poucos receptores de televisão no país; era preciso arcar com o ônus do pioneirismo. Não havia forma de evitar, diante da necessidade de investimentos e das despesas com pessoal, vultosos déficits a cada mês. As instalações eram extremamente precárias; o principal e único estúdio da TV Tupi [do Rio de Janeiro], por exemplo, funcionava na sala anteriormente ocupada pelo diretor-geral dos Associados. Os salários do pessoal do Rio estavam atrasados. E não havia como adiantar a adaptação do prédio que deveria vir a ser a sede da TV Tupi carioca. (“Minhas Bandeiras de Luta”, João Calmon, Fundação Assis Chateaubriand, 1999:60)

(...) A principal batalha nos Diários Associados, nesses meus primeiros anos como diretor-geral, foi a expansão de sua rede de televisão. Essa batalha, por seu pioneirismo, teve lances épicos. No momento em que assumi as novas funções, o grupo possuía apenas duas emissoras de televisão: a TV Tupi de São Paulo, a primeira, cujo equipamento fora adquirido da RCA Victor, e a TV Tupi do Rio, com equipamento da *General Electric*. E Assis Chateaubriand começava a cogitar a ampliação da rede, para cobrir todo o país. As coisas, porém, não eram tão simples. Mesmo a instalação das emissoras do Rio e de São Paulo já constituía uma aventura temerária para a época. Os próprios norte-americanos hesitaram em vender o equipamento para os Diários Associados, lembrando que mesmo nos Estados Unidos a televisão ainda era pesadamente deficitária. O pequeno número de receptores e a audiência diminuta não estimulavam os anunciantes. Em contrapartida, os custos eram altíssimos. Assis Chateaubriand, teimoso, insistiu. Assim como Miguel Azcárraga no México, ou Goar Mestre em Cuba, Assis Chateaubriand queria ganhá-la, mesmo ciente dos riscos da empreitada. As previsões dos norte-americanos cumpriram-se. Quando assumi a direção-geral dos Diários Associados, o déficit era vultoso e a empresa já não pagava as prestações estabelecidas nos contratos com a RCA Victor e a *General Electric*. Assis Chateaubriand se limitara a pagar a primeira parcela, de 10 por cento do valor total

da compra por ocasião da assinatura do contrato, e mais 10 por cento para liberar o material nas alfândegas do Rio e de Santos. Depois, suspendeu-as. Era humanamente impossível cumprir o contrato, que se estenderia por mais cinco anos. Via-me, portanto, entre dois fogos. De um lado, o pioneirismo de Assis Chateaubriand, de cujo impulso muitos de nós compartilhávamos, desejando ampliar a televisão no país. De outro, as dificuldades de cobrir os imensos investimentos indispensáveis para colocá-la no ar. Como diretor-geral em todo o país, deixando apenas de atuar em São Paulo, Paraná e Santa Catarina, busquei saídas para o problema, ao mesmo tempo em que participava com o máximo de meus esforços para a extensão de nossa rede ao resto do país. Quando cheguei ao Rio, já estava encomendado o equipamento de nossa terceira emissora de televisão, que se tornaria a TV Itacolomi, de Belo Horizonte. (“Minhas Bandeiras de Luta”, João Calmon, Fundação Assis Chateaubriand, 1999:66-67)

Cuidei então de renegociar a dívida já existente com o fornecedor de equipamento da TV Tupi do Rio, a *General Electric*. Elaborei uma proposta totalmente nova, embora audaciosa, e a levei ao diretor da GE do Brasil, sr. Romanaghi. Nosso débito, contraído quando eu me encontrava ainda no Nordeste, elevava-se, então, a 350 mil dólares e aumentava dia a dia por causa dos juros. (“Minhas Bandeiras de Luta”, João Calmon, Fundação Assis Chateaubriand, 1999:68)

A matriz [nos Estados Unidos] aprovava integralmente a reivindicação que eu apresentara à revelia de Assis Chateaubriand. (...) Em menos de 10 dias o acerto fora feito e remetíamos para os Estados Unidos os 360 mil dólares devidos. Creio ter sido esse meu primeiro êxito, significativo após a volta para o Rio. (...) Em 23 meses, o empréstimo bancário fora integralmente pago, pouco tempo depois, por sugestão minha, o mesmo esquema foi empregado em São Paulo para liquidar a dívida vencida com a RCA Victor, fornecedora do equipamento da pioneira TV Tupi paulista. Passados mais dois anos, a própria RCA se dispôs a fornecer o equipamento necessário à instalação das seis novas emissoras de televisão dos Diários Associados, assim como a ligação entre Rio e Belo Horizonte por micro-ondas e entre Rio e São Paulo por UHF. (“Minhas Bandeiras de Luta”, João Calmon, Fundação Assis Chateaubriand, 1999:69-70)

Pioneira Perde a Liderança nos Anos 1960

Entre as histórias fantásticas, verdadeiras lendas que fizeram do lépido Chateaubriand uma espécie de Cidadão Kane caboclo, há sempre um elemento constante: a troca de apoio político de seus jornais e rádios por favorecimentos trabalhistas, de crédito e pessoais. (“Diários Associados: O Fim de uma Era”, Opinião [RJ], 22/04/1974, p. 4)

A TV Tupi liderou a audiência no eixo Rio-São Paulo durante os anos 1950, mas, no início da década seguinte, começou a ser ameaçada pela queda da audiência. Em 1964, pela primeira vez, a TV Tupi carioca ficou em segundo lugar, quando passou a perder para a TV Rio, que, curiosamente, exibia uma produção da TV Tupi de São Paulo: a novela “O Direito de Nascer”. Conforme já comentado nesta obra, a Tupi carioca não quis exibir a novela da Tupi paulistana por considerá-la irrelevante, pensamento que era reflexo dos problemas de entendimento entre a direção das duas emissoras.

Em São Paulo, durante os anos 1960, os festivais musicais da TV Record foram os campeões de audiência e, entre 1963-64, o Grupo Simonsen investiu milhões de cruzeiros na sua TV Excelsior, que passou a contratar grandes estrelas. Antes da Revolução Militar de 1964, a Excelsior já liderava a audiência no Rio e em São Paulo. Por fim, em 1965, surge a TV Globo do Rio de Janeiro, do empresário Roberto Marinho, também proprietário do jornal “O Globo”, a mais forte concorrente.

Aos poucos, a concorrência da TV Tupi foi ocupando os espaços vazios deixados pela pioneira, que estava “encolhendo”. Ano após ano, a crise se aprofundou e, com a novata TV Globo ganhando uma força avassaladora — fala-se em milionário aporte da empresa estrangeira *Time-Life* —, a Tupi se enfraqueceu ainda mais (e outras emissoras também). Ainda nos anos 1960, por exemplo, a TV Globo investiu na contratação de elenco e até diretores da TV Tupi, como José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni.

No ano de 1967, os Diários Associados venderam a Rádio e TV Cultura de São Paulo para o governo do Estado de São Paulo para sanear a crise e enquadrar-se à nova lei de telecomunicações (ver Capítulo 44). Uma parte da dívida com a Previdência Social foi paga. No mesmo ano, conta João Calmon em sua autobiografia, a RCA-Victor voltou a pressionar os Diários Associados a fim de receber o pagamento de dívidas com equipamentos. Além disso, Assis Chateaubriand pediu novamente dinheiro aos seus diretores para comprar quadros caríssimos para o MASP. Logo depois, foi realizada uma reunião para discutir a crise da Rede Tupi, que já havia caído para o quarto lugar na audiência. Um plano foi elaborado para salvar a emissora e, já em 1968, a situação melhorou um pouco. Contudo, Chateaubriand falecera neste mesmo ano, algo que acirrou as disputas internas, que haviam se iniciado em 1960, quando Chateaubriand se tornou paralítico. Eclodia o conflito entre os beneficiários de seu legado cívico, liderado pelo principal condômino de São Paulo, o diretor Edmundo Monteiro, que, no início dos anos 1960, havia liderado uma tentativa de destituição de João Calmon, que havia sido eleito presidente do Condomínio. Calmon reagiu por meio de uma lacrimosa carta de 12 páginas dirigida ao adoecido Chatô, na qual o tratou como “meu querido chefe”, relatando estar vivendo os dias mais traumáticos de sua existência. O Velho Capitão, por meio das mãos de seu neurologista, escreveu uma resposta que proibia qualquer condômino prosseguir na tentativa de confirmar uma destituição que ele não realizou, ou mesmo reduzir a autoridade dos órgãos do Condomínio Associado. Contudo, diversas “alas” seguiram travando permanente luta pelo poder dentro da organização, principalmente após a morte de Chatô, ocorrida em 1968. Após isso, muitos rumos foram mudados na organização e os conflitos entre os condôminos tornaram-se rotina.

O grupo de empresas, por sua vez, trazia no seu bojo os germes da desorganização e da improvisação de seu criador [Assis Chateaubriand]. A partir da doença, e depois com sua morte, operou-se total descaso com relação a obrigações fiscais e trabalhistas, e os problemas se avolumaram numa progressão gigantesca, ao invés de serem eliminados pelos seus sucessores. Os débitos foram se avolumando ao longo das últimas décadas e dos últimos governos, chegando a números astronômicos. (“Tupi: A Greve da Fome”, Humberto Mesquita, Cortez Editora, 1982:)

Já em 1969, a emissora passou a cair novamente e, em março de 1970, a audiência já era menor que a metade da audiência da TV Globo. João Calmon revela em sua autobiografia que “em abril de 1972, por exemplo, alcançávamos das 20 às 22 horas, apenas 10,4 pontos de audiência, contra 50,2 da Globo em São Paulo. No Rio ficava nos 4,8”.

Em 1974, o jornal “Opinião” destacou: “O império dos Diários Associados, a maior organização jornalística da América Latina — (...) num total de 77 órgãos de comunicação e cerca de 15 mil funcionários — aparentemente começou a desmoronar”. Naquele ano, o grupo completava

50 anos de fundação e, além da agência de notícias Meridional, teve de fechar seu primeiro veículo de comunicação: “O Jornal”. Na TV Tupi do Rio de Janeiro, foram encerradas as produções de programas gerados para a rede nacional, em função de grandiosa dívida e atrasos de salários que chegavam a seis meses. A decisão transformou o Canal 6 carioca praticamente numa retransmissora da rede, que passou a ser gerada apenas pela Tupi de São Paulo. Outro problema que surgiu em 1974 veio de Gilberto Chateaubriand, condômino e filho de Chatô, que entrou na Justiça pedindo a extinção do Condomínio Associado, alegando que complicadas manobras acionárias teriam deformado o sentido da doação de seu pai a 22 condôminos, o que ameaçava a continuidade dos Diários Associados. A partir deste momento, se agrava a crise administrativa e financeira do grupo.

Mesmo em meio à forte crise, a Rede Tupi conseguiu emplacar grandes sucessos durante os anos 1970, com as novelas “Mulheres de Areia” (1973-74), “Meu Rico Português” (1975), “A Viagem” (1975-76), “O Profeta” (1977-78), e com os programas do Chacrinha, o humorístico “Balança, Mas Não Cai” e “Flávio Cavalcanti”. A partir de 1977, a crise piorou, os salários passam a atrasar com frequência e a dívida junto à Previdência Social já acumulava grande soma. Escândalos financeiros passaram a acontecer com frequência e os equipamentos e instalações da Tupi em São Paulo estavam cada vez mais precários e desatualizados – certa vez, uma enorme goteira se fez sobre uma mesa de corte e a correria foi grande. Em agosto daquele ano, as novelas “Éramos Seis”, “Cinderela 77” e “Um Sol Maior” registraram índices muito baixos de audiência e os volumes dos contratos de publicidade diminuiram. Os salários deixavam de ser pagos em dia e as greves logo se tornariam frequentes. Outros veículos dos Diários Associados também passavam por sérias dificuldades financeiras, como era o caso da poderosa revista “O Cruzeiro”, já em fase terminal.

Novela, o produto mais vendável da TV-indústria, tornou-se, nos últimos três anos, o ponto nevrálgico da luta pela audiência. Até “Antônio Maria” e “Nino, o Italianinho”, da Rede Tupi de Televisão (...) era a principal geradora de novelas e dona do mercado. O incêndio nos estúdios da TV Globo de São Paulo deu início à mudança na estratégia de produção da Rede Globo, que resolveu concentrar seus esforços de produção no Canal 4 do Rio, a emissora líder da rede. Assim, a partir de 1968, a Rede Globo de Televisão deu início à escalada para assumir a liderança do mercado, inegavelmente nas mãos da Rede Tupi, da mesma maneira que a TV Record controlava o mercado de musicais e humorísticos. No início, com Glória Magadan, afirmando que “a gente tem necessidade de escapar, de sonhar; a gente tem que dar ao espectador a possibilidade de escapar do cotidiano”, depois passando por Janete Clair (“A Rosa Rebelde”, “A Ponte dos Suspiros”, “Véu de Noiva”) até chegar ao realismo de Dias Gomes (“Verão Vermelho”, “Assim na Terra Como Céu”, “Bandeira 2”, “O Bem-Amado”) e à sátira social de Bráulio Pedroso (“O Cafona” e o “Bofe”), que abriram caminho para Jorge de Andrade, com a primeira “obra de autor” produzida na televisão, a Rede Globo minou por completo o esquema da Rede Tupi e concorrentes menores. As tentativas de reação da emissora paulista foram iniciadas por Cassiano Gabus Mendes, que chamou Bráulio Pedroso para escrever a história de Beto Rockfeller, um herói mau caráter, que tenta ascender na vida através da conquista de mulheres da alta sociedade. Essa novela, sem dúvida, abriu o caminho da nova linguagem para o gênero e foi considerada a primeira genuinamente brasileira e, segundo Plínio Marcos, teatrólogo (...), “substituiu o gênero que se fazia até então: o drama mexicano”. A Globo passou a controlar o mercado e foi buscar na TV Tupi de São Paulo tudo que considerou indispensável para completar seu elenco: diretores, atores, escritores, cenógrafos, figurinistas e técnicos. Nesse período, a TV Tupi conseguiu sobreviver a duras penas. Algumas experiências fracassaram, como a novela “As Bruxas”, considerada inteligente demais para a época, “A Fábrica”, “O Hospital”, “Camomila”, “Bem Me Quer”, até conseguir uma reação do público com “Vitória Bonelli”, um drama ítalo-paulista de muito apelo popular. Nesse meio tempo, tentou neutralizar a força dos “Irmãos Coragem”, contratando Glória Magadan e depois Yoná Magalhães e Carlos Alberto — a dupla responsável por longos suspiros na fase inicial das novelas da Globo. Mas fracassou. Os dramas da velha senhora não traziam mais aqueles apelos capazes de levar o espectador a escapar da realidade, e o casal, como dupla sentimental, não conseguia mais transmitir a chama irresistível de seu amor, à época em franco desgaste pessoal. Com “Mulheres de Areia”, de Ivani Ribeiro, sucesso na Grande São Paulo e em todo o Brasil, a Tupi começa a recobrar o prestígio perdido. A aceitação dessa novela levou-a a novos ambiciosos investimentos. Usando os mesmos recursos de sua concorrente, contratou Vicente Sesso, autor de “Minha Doce Namorada” — a maior audiência do horário das 7 — para escrever “Divinas e Maravilhosas”. Contratou, também, Isabel Pancada, responsável pela inovação visual das novelas da Globo. Juntou um elenco de primeira qualidade, liderado por Nathalia Timberg, Nicete Bruno, Bety Mendes, Georgia Gomide, Glauce Graieb (...). (“Divinas e Maravilhosas’ na Guerra dos Sonhos”, Diário de Notícias [RJ], 23/12/1973, p. 19)

Em julho de 1977, em plena situação de semi-insolvência das empresas “Associadas” em São Paulo, pedidos de renúncia foram apresentados por Edmundo Monteiro e Armando Oliveira, respectivamente diretor-presidente e diretor-superintendente do Diário de São Paulo, Diário da Noite e da Rádio Difusora São Paulo; Napoleão de Carvalho, diretor vice-presidente do Diário de São Paulo e Diário da Noite; Gustavo Tupinambá Freire, diretor-gerente da Rádio Difusora São Paulo; Joaquim de Matos Gurgel e Eduardo de Moraes Mello e Albuquerque, respectivamente diretor-presidente e diretor-gerente da Rádio Tupi. No entanto, Monteiro, que alegou motivos de saúde para pedir sua renúncia, continuou a atuar como condômino e como presidente da AESP - Associação das Emissoras de São Paulo. A situação das empresas paulistas dos Diários Associados ficou ainda mais difícil e sua administração acabou dividida em três núcleos: João Calmon ficou com a direção dos jornais “Diário de São Paulo” e “Diário da Noite”, Pedro Aguinaldo Fulgêncio assumiu as rádios Tupi e Difusora, e Martinho Luna de Alencar passou a dirigir a TV Tupi - Canal 4, geradora da Rede Tupi de Televisão. Logo depois, em agosto, Rubens Furtado foi designado novo superintendente-executivo das empresas paulistas dos “Associados”.

Apesar dos grandes problemas, as rádios do grupo pelo Brasil eram lucrativas e tinham boa audiência. Algumas chegavam a alcançar o primeiro lugar em suas cidades. A partir de 1978, vários veículos dos Diários Associados foram vendidos ou fechados, reflexo da crise incontornável no grupo. Em 1979, Paulo Cabral de Araújo assumiu o cargo de Procurador-Geral dos Diários Associados e começou a negociar com o governo a prorrogação, mais uma vez, do cumprimento do Decreto-Lei nº 236/67, que estabelecia limites para o número de emissoras de radiodifusão para um mesmo grupo. O primeiro prazo dado pelo governo para cumprir o decreto-lei venceu em janeiro de 1967, mas foi prorrogado algumas vezes, garantindo sobrevivência para as emissoras que teriam que ser vendidas.

Sobre a grande crise da Rede Tupi, o presidente João Calmon não cansou de afirmar que a emissora pagava o ônus do pioneirismo, não podia enfrentar a pequenez do mercado da televisão, nem a poderosa Rede Globo, contra a qual fazia duras críticas, sempre apontando o fato de a emissora carioca ter sido favorecida, desde o início, pelo grupo investidor estrangeiro *Time-Life*, algo que era proibido por lei⁴⁸. Ainda sobre a crise nos Diários Associados, Calmon escreveu que “cada vez mais eu me convencia de que a sobrevivência da obra de Chateaubriand, cinco anos após sua morte, constituía quase um milagre. Vínhamos sendo esmagados entre três tipos diferentes de pressões: o déficit crônico de diversos de nossos órgãos, as despesas financeiras crescentes e a legislação federal que nos exigia a alienação de emissoras em todo o país”⁴⁹.

“Nos últimos três anos, os prejuízos apurados eram da ordem de um bilhão de cruzeiros novos, com a Rede Tupi e o Canal 4 respondendo por 64,4% dos prejuízos. Para enfrentar o déficit, a receita teria de subir, em 1980, de 600 milhões para 1,6 bilhão. A direção geral de São Paulo não via como assumir o compromisso da continuidade de funcionamento, ainda que precário, das empresas paulistas e da Rede Tupi de Televisão,

48 Em outubro de 1967, o consultor-geral da República Adroaldo Mesquita da Costa considerou que não havia uma sociedade entre as duas empresas. Mais detalhes no Volume 2 - Capítulo Extra “A Criação da ABERT”.

49 “Minhas Bandeiras de Luta”, João Calmon, Fundação Assis Chateaubriand, 1999:334.

se a Presidência da República não indicasse quais as fontes de suprimento que iriam atender aos vultosíssimos déficits de caixa”. (“Brasil, Primeiro - História dos Diários Associados”, Glauco Carneiro, Fundação Assis Chateaubriand, 1999:536)

Ofício do Dentel ao Condomínio Associado

Encerramos 1973 com uma grande vitória: o Decreto-Lei 236 não seria aplicado contra nós. Essa promessa foi obtida por nossa comissão na audiência concedida pelo presidente Médici às 16h45, no Palácio das Laranjeiras. Em nome dos Associados, lá estávamos, Edmundo, Edilson e eu. Médici mostrou-se extremamente acolhedor. Lembrou os serviços prestados ao país pelos Diários Associados e por mim, terminando por afirmar: “Pode estar certo, senador, de que enquanto eu for presidente da República, não aplicarei o Decreto-Lei 236”. Cumpriu a palavra à risca. Seu sucessor, Ernesto Geisel, igualmente, não se interessou por executar o decreto que nos tinha como maior alvo. (...) Com efeito, as determinações de Médici a respeito do Decreto-Lei 236 foram cumpridas. (...) Já em Brasília, no dia 21, expus ao diretor do Dentel coronel Lauro, a decisão de Médici. Expliquei simplesmente que o presidente da República nos havia prometido abrir uma exceção ao nosso grupo, uma vez que não estávamos em condições reais de vender as emissoras que nos pertenciam. O coronel ficou bastante surpreso. (...) Higinio Corsetti terminou por declarar que, como membro disciplinado do Governo, acataria simplesmente a decisão do Presidente. A partir daí, durante seis anos, não se criaram para nós problemas ligados ao Decreto-Lei de Castello Branco. (“Minhas Bandeiras de Luta”, João Calmon, Fundação Assis Chateaubriand, 1999:338-339)

Em 1979, no início do governo de João Figueiredo, o último dos militares, o Ministério das Comunicações expediu um ofício ao presidente dos Diários Associados, João Calmon, que também era senador desde o ano anterior. O ministério fez diversos apontamentos sobre a situação das empresas de radiodifusão do grupo e alertou sobre a iminência de ser decretada a perempção (não renovação) de suas concessões vencidas de TV, atendendo ao Decreto-Lei nº 236/67. Sete entre as nove concessões de televisão próprias dos Diários Associados, espalhadas pelo Brasil, haviam expirado em dezembro de 1977. Além disso, a mesma situação se repetia com 14 das concessões de rádio do grupo, sendo que a única que estava em dia era a da Rádio Tupi do Rio de Janeiro. As concessões não podiam ser renovadas em face das complicadas condições administrativo-financeiras em que o Condomínio Associado se encontrava, requisito mínimo exigido pelo governo. Estas emissoras vinham, portanto, operando em “caráter precário”, segundo o jargão da radiodifusão, até que tudo fosse resolvido. Contudo, desta vez, o governo Figueiredo começou a cobrar mais intensamente a resolução dessas pendências.

Outro ajuste a ser feito pelos Diários e Emissoras Associados estava relacionado à quantidade elevada de emissoras: 46 emissoras próprias de rádio e de televisão. À luz do Código Brasileiro de Telecomunicações, o governo apurou que, em vez de três emissoras de Ondas Médias regionais permitidas, os “Associados” possuíam 15; que em vez de duas de Ondas Médias com alcance nacional, controlavam sete; que ao invés de até duas emissoras de Ondas Curtas, o grupo era dono de oito; que, na Onda Tropical, ao invés do limite de três, havia sete em operação; e, por fim, enquanto eram autorizadas cinco emissoras de televisão de um mesmo grupo pelo país, os Diários e Emissoras Associados operavam nove. Segundo o governo, o grupo foi advertido várias vezes pelo Dentel sobre este abuso, mas nada foi resolvido.

Por fim, o governo também apontou que o regulamento dos serviços de radiodifusão, pelo Decreto nº 52795/63, estabelecia que para obter uma concessão dos serviços de radiodifusão, as entidades deveriam apresentar declarações firmadas pelos respectivos diretores de que aquela sociedade — ou aqueles que detinham a maioria das cotas ou ações — não estava autorizada a operar duas ou mais estações de radiodifusão em uma mesma localidade. Mesmo assim, diversas empresas dos “Associados” atuavam duplamente numa mesma localidade, a exemplo da Rádio Clube de Pernambuco e Rádio Tamandaré, em Recife; da Rádio Tupi e Rádio Tamoio, no Rio de Janeiro; da Rádio Borborema e Rádio Cariri, em Campina Grande; da Rádio Tupi e Rádio Difusora, em São Paulo; da Rádio Guarani e Rádio Mineira, em Belo Horizonte.

Logo após os apontamentos, o Ministério das Comunicações estabeleceu um prazo de 90 dias para apresentação de soluções. Caso contrário, o governo iria declarar peremptas as concessões de rádio e televisão, além de intervir nas empresas e promover abertura de novos editais de concorrência pública, passando as emissoras a outros grupos empresariais. Os membros do Condomínio Acionário Associado se reuniram e acataram a sugestão de seu procurador Paulo Cabral, aceitando vender parte do patrimônio para proporcionar condições financeiras mais estáveis, colocando, ainda, como possibilidade, a participação acionária de outros grupos.

Além das pendências com o Ministério das Comunicações, outros sérios problemas faziam parte do contexto administrativo do Condomínio, tais como uma situação complicada em que se encontrava o inventário de Assis Chateaubriand; a ação ordinária de extinção do condomínio proposta pelo herdeiro Gilberto Chateaubriand; o clima de sérias acusações por parte do repórter David Nasser, após sua decisão em deixar o Condomínio; e, ainda, o fato de que, nas entidades que compunham o Condomínio, vários cotistas eram representados por espólios de pessoas falecidas, pois ainda não era conhecido o destino das cotas de ações correspondentes.

Em São Paulo, a Crise Era Mais Aguda

A empresa Rádio Difusora São Paulo S/A, que compreendia os órgãos de comunicação Televisão Tupi, Rádio Difusora FM e Rádio Difusora AM, era a única do grupo “Associado” que se encontrava em estado de insolvência durante a crise mais aguda do grupo, agravada a partir de 1977. Relatórios do Ministério das Comunicações mostram que, em fevereiro de 1980, a TV Tupi e a Rádio Difusora contavam com uma folha de pagamento de Cr\$ 24 milhões, sendo que as despesas estavam consignadas em Cr\$ 110 milhões, a receita em Cr\$ 80 milhões, registrando, portanto, um déficit de Cr\$ 30 milhões. Segundo a revista “Veja”, no início de 1980, o ministro-chefe do Gabinete Civil, general Golbery do Couto e Silva, afastou “a possibilidade de o governo conceder novos financiamentos à atual direção da Tupi”. Ao presidente do Sindicato dos Radialistas do Estado de São Paulo, Alberto Freitas, o ministro assim desabafou: “A solução mais viável é mesmo a transferência da concessão. Vocês estão sofrendo e nós estamos cansados”.

Para João Calmon, presidente dos Diários Associados, existiam planos para levar a TV Tupi de São Paulo à falência, uma vez que as três emissoras de rádio do Sumaré vinham trabalhando normalmente. Segundo ele, queriam transformar o Canal 4 em massa falida para ser comprada

com maior facilidade. Calmon enfatizava a necessidade de mudança do quadro da televisão brasileira contra o monopólio da audiência nas mãos de um só grupo privado — no caso, da Rede Globo. O presidente “Associado” mostrava-se, também, irritado com a atuação dos sindicatos de São Paulo, que conseguiram fazer com que os funcionários da televisão paralisassem suas atividades. Por outro lado, o jornalista David Nasser, quando se afastou como membro do condomínio, assim se expressou: “por estar certo que V.S. (referindo-se a João Calmon) passará à história como demolidor da obra gigantesca de Assis Chateaubriand, expresso a irrevogável decisão de me retirar do condomínio acionário dos Diários e Emissoras Associados”. Também, Humberto Mesquita, representante da comissão de greve dos funcionários da TV Tupi, ressaltou que “não há nenhuma crise na televisão brasileira, como afirmou o sr. João Calmon. A televisão entre nós nunca esteve tão bem. A Rede Tupi é quem está mal”.

CAPÍTULO 40

GREVES

“Em 1976, com a saída de Orlando Negrão [da superintendência], começaram os atrasos de pagamento [na Tupi de São Paulo] e iniciou-se a sucessão de diretores que ficavam de três a seis meses nos cargos e logo saíam, sem conseguir estabelecer um plano de ação e cumpri-lo. Todos começamos a ficar preocupados, lamentando, vendo que as coisas estavam caminhando para o caos e dando tudo para evitar isso”. (Depoimento do ator e diretor Walter Forster, “TV Tupi o Triste Fim Antes dos 30 Anos”, Ana Maria Tahan, *Jornal do Brasil*, 03/08/1980, Caderno B, p. 8)

Em 1977, quando assumimos a direção do sindicato, deparamos com a primeira greve na Tupi por falta de salários. E fomos bem-sucedidos, porque a empresa pagou os vencimentos e o décimo-terceiro salário. De novembro de 1977 a janeiro de 1980, fizemos perto de 120 acordos para pagamento de salários. (Depoimento de Alberto Freitas, então presidente do Sindicato dos Radialistas de São Paulo, “Tupi: A Greve da Fome”, Humberto Mesquita, Cortez Editora, 1982:50)

Com três meses de salários atrasados, os funcionários da TV Tupi de São Paulo iniciaram a primeira greve da emissora em 1977, logo interrompida com o pagamento parcelado dos débitos. A partir daquele ano, as pequenas paralisações no Sumaré se tornaram corriqueiras e, aos poucos, “ninguém levava muito a sério os movimentos paredistas, porque a direção possuía dispositivos naturais para absorver os impactos das paralisações”⁵⁰, conta Humberto Mesquita, diretor de jornalismo da TV Tupi e representante dos funcionários da emissora no Sindicato dos Radialistas. Era comum que, de repente, atores de uma determinada novela resolvessem fazer uma paralisação, mas acabavam voltando ao trabalho poucos dias depois. O mesmo acontecia em outros setores do Sumaré e, apesar de serem corriqueiras e isoladas, essas pequenas paralisações demonstravam que já havia sérios problemas na administração da empresa. Mesquita também revela em sua obra que os atrasos nos pagamentos começaram a acontecer com maior frequência “porque, a pretexto de manter sua grandeza, [a Tupi] resolveu [...] fazer contratações que jamais estiveram ao alcance de suas possibilidades financeiras. E os contratados, temendo a falta de pagamento, exigiam uma multa de 100% por atraso de salário. Eram os então conhecidos ‘contratos de risco’, como foram chamados na Tupi. Se a emissora não saldasse seus compromissos a cada dia 10, teria de pagar o salário em dobro para esses novos contratados”⁵¹. Essa prática criou uma situação de constrangimento, pois enquanto a grande maioria ficava sem receber um ou dois meses, esses privilegiados tinham seus vencimentos pagos em dia.

Os altos salários de alguns funcionários, aliados às novas cláusulas de recebê-los em dia, oneravam muito a folha de pagamento. O clima era de muita tensão nos bastidores da emissora do

50 “Tupi: A Greve da Fome”, Humberto Mesquita, Cortez Editora, 1982:41.

51 “Tupi: A Greve da Fome”, Humberto Mesquita, Cortez Editora, 1982:42.

Sumaré, devido aos constantes atrasos dos salários e às perspectivas cada vez mais remotas para regularização da situação. As satisfações dadas aos funcionários eram cada vez mais inconsistentes.

Esse era o cenário em novembro de 1977, quando o bem-sucedido e bem-relacionado publicitário Mauro Salles assumiu a recém-criada vice-presidência executiva dos Diários Associados para tentar unir e levantar o império, que estava à beira da falência. O publicitário foi empossado em uma cerimônia num hotel em Brasília, que contou com a presença de 11 ministros de Estado e dezenas de parlamentares. Mesmo desaconselhado por alguns a assumir os “Associados”, Salles não havia resistido à ideia de tentar transformar os Diários Associados em uma empresa *holding*⁵². Nesta época também foi divulgada uma grande novidade: os Diários Associados investiriam US\$ 11 milhões em material técnico moderno, dos quais US\$ 3,5 milhões se destinariam às emissoras paulistas. Em uma reunião de negócios, Salles declarou que “decidimos que a capital dos Associados será São Paulo, ante a potencialidade do mercado; selecionamos o veículo que poderá apresentar respostas mais rápidas — a Rede Tupi de Televisão; e iniciamos a montagem de uma estrutura administrativa integrando todas as empresas do grupo”. Dificuldades extremas para a execução dos planos, no entanto, fizeram com que Salles desistisse do cargo quatro meses depois.

O Começo do Fim

Depois de esperar pelo pagamento por três meses, os funcionários da TV Tupi entraram em greve no mês de maio de 1979, que logo terminou, após a celebração de um pacto, no qual a direção da Tupi se comprometeu, com três sindicatos (Radialistas, Artistas e Jornalistas), a reduzir os atrasos de forma gradativa, liquidando-os em quatro meses. Nesta época, a Tupi de São Paulo recebeu de volta Rubens Furtado para ocupar a direção-geral. Por sua vez, Furtado contratou o experiente diretor de TV Walter Avancini⁵³ para atuar como superintendente de programação, promovendo muitas mudanças, tanto na programação quanto no quadro de funcionários (que contaram com a cláusula que não permitia atrasos nos pagamentos).

Em agosto, a Tupi se antecipou ao prazo do pacto e pagou o salário de julho em dia. Contudo, no dia 10 de setembro de 1979, data do próximo pagamento, apenas os 615 funcionários com salários inferiores a Cr\$ 10 mil foram pagos. A direção justificou que o feriado de 7 de setembro havia retardado a confecção das folhas de pagamento e, por isso, ele sairia em quatro etapas, de acordo com a faixa salarial. Desta vez, a Tupi ignorou os contratos de risco e colocou os funcionários privilegiados na mesma situação de atraso dos demais. Com o rompimento do acordo firmado no início do ano, todos os funcionários pararam as atividades na tarde daquele dia 10. Agora, com a adesão de artistas e dos ex-privilegiados, todos estiveram no Estúdio “B” na noite do dia 11, não para gravar um programa, mas para participar de uma assembleia-geral dos funcionários. Mesmo com a atuação pacífica do diretor-geral Rubens Furtado, que tinha a

52 *Holding* é uma empresa que detém a posse majoritária de ações de outras empresas, denominadas subsidiárias, centralizando o controle sobre elas.

53 Walter Avancini havia trabalhado no programa “Clube Papai Noel” e em radionovelas da Cidade do Rádio, no Sumaré, iniciando em 1943, aos seis anos de idade. Também trabalhou como ator no filme “Quase no Céu”, de Oduvaldo Vianna, lançado em 1949 pelos Estúdios Cinematográficos Tupi.

simpatia da maior parte dos funcionários, a assembleia decidiu que era hora de “pagar para ver” e a greve seria mesmo deflagrada.

“Quisemos pagar todos os funcionários com apenas quatro dias de atraso, mas ninguém aceitou. Agora, nem sei quando poderemos ter o dinheiro para fazer os pagamentos. Ninguém quer ser anunciante numa emissora em greve geral”, declarou à “Veja” o diretor-geral dos Diários Associados, Paulo Cabral de Araújo.

Com a geradora da Rede Tupi em greve, os Diários Associados recorreram à Embratel, que socorreu a emissora ao manter um canal de satélite à disposição para que a programação nacional pudesse ser gerada pela Tupi do Rio de Janeiro. Para tanto, a estatal anistiou a emissora temporariamente de uma dívida de Cr\$ 13 milhões. Sobre esse assunto, Humberto Mesquita, jornalista da TV Tupi, revelou ao “Jornal do Brasil” que “não hesitamos em perguntar ao ministro das Comunicações por que o Ministério permite que a Embratel abra seu canal do Rio para São Paulo para a Tupi. O ministro respondeu que pensava em nós, porque, se a emissora saísse do ar, não haveria como evitar, pela lei, a cassação do canal. Por isso — diz Mesquita —, decidimos mandar o pessoal da técnica trabalhar [para manter o Canal 4 retransmitindo a programação do Rio] e continuamos os considerando como grevistas autênticos e da primeira hora”. Cerca de 60 radialistas mantinham as emissoras de rádio e TV do Sumaré no ar durante esta greve.

Os patrões endureceram suas posições e argumentaram que a greve prejudicou os contratos de publicidade. Consequentemente, os pagamentos teriam que ficar para 26 de setembro e os grevistas receberam essa decisão como uma tentativa de apagar o acordo firmado em maio, resolvendo prosseguir o movimento. Alguns capítulos inéditos das novelas puderam ser exibidos normalmente pela Tupi do Rio. O jornalismo entrava no ar com matérias produzidas no Rio de Janeiro e também pela TV Rádio Clube de Recife e TV Brasília. O que se via na Rede Tupi, em todo o Brasil, entretanto, era apenas uma “programação fria”, como muitos órgãos de imprensa relataram.

O resultado foi a apresentação de um insólito espetáculo, onde a separação entre o que se via e o que se ouvia conseguia produzir uma estranha sensação em seus telespectadores — a de que estava assistindo a uma sessão de cinema mudo e ouvindo rádio ao mesmo tempo. Assim, entre ruídos de uma máquina de *video-tape* girando ao contrário, cortes repentinos e outros acidentes exibidos com muita frequência, a emissora levaria ao ar o filme de uma das campanhas da AERP [Associação das Emissoras de Radiodifusão do Paraná], enquanto, em *off*, surgia a voz do ator Paulo Goulart, desafiando uma de suas companheiras do anúncio de sabão em pó: “Vamos à prova da janela?”. Durante o telejornal “Rede Tupi de Notícias”, desfalcado de toda a equipe de São Paulo, os fatos mais corriqueiros do Recife foram contados com detalhe para os paulistas, aos quais seriam também oferecidas as carnes vendidas num modesto açougue de Vila Isabel no Rio de Janeiro. (“À Moda da Casa”, *Veja*, 19/09/1979, p. 131)

No início de outubro, os patrões aceitaram um acordo e pagaram os salários no dia 18 do mesmo mês, além de abonar as faltas e assumir o compromisso de não demitir ninguém até o dia 18 de janeiro de 1980. A Rede Tupi voltou a ser gerada pelo Canal 4 de São Paulo.

Foi “apenas” mais uma greve, embora tenha ficado uma importante marca, como conta Humberto Mesquita: “A partir desse episódio, contudo, o presidente do Condomínio Acionário resolveu mudar a linha da sua cadeia de televisão, decidindo transformar a TV Tupi do Rio de Janeiro, canal 6, em cabeça de rede, enquanto São Paulo passaria a atuar quase como simples repetidora⁵⁴. A primeira providência nesse sentido seria a dispensa em massa na Tupi de São Paulo. O diretor-superintendente José Arrabal chegou a criar a primeira relação, composta de 105 elementos, desrespeitando, inclusive, o acordo que fora feito na ocasião da greve. A demissão só não ocorreu porque o diretor-administrativo Wilson de Andrade recusou-se a levar adiante a medida, chegando a propor a inclusão do seu nome como o 106º da lista. Em vista disso, falhou a ideia do João Calmon; mas ele prometeu aos seus auxiliares imediatos que na primeira oportunidade levaria a cabo a mudança”⁵⁵, escreveu Mesquita.

Apesar do drama dos funcionários, havia uma piada “interna” no Sumaré que juntava os nomes de duas novelas da Tupi: “Dinheiro Vivo” e “Como Salvar Meu Casamento”. Segundo a brincadeira, a “novela” da vida real dos funcionários deveria se chamar “Dinheiro Vivo Para Salvar Meu Pagamento”.

A Programação em 1980

Façamos agora uma pausa no assunto das greves, para falar da programação da Rede Tupi para o ano de 1980, cujas greves a afetaram diretamente, devido ao agravamento da crise na geradora da rede, em São Paulo.

Em meio a tantas dificuldades financeiras e administrativas que a pioneira TV Tupi – Canal 4 enfrentava já no início de 1980, seu coração ainda batia forte, impulsionado pela direção otimista de Rubens Furtado e pelo amor e dedicação que seus funcionários tinham por aquela casa, que foi a escola da televisão. E não era por menos: a emissora precisava tomar rumo em grande estilo para a celebração de seus 30 anos no ar a serem comemorados naquele ano. Era a grande chance para o reerguimento e alcançar novas conquistas.

Desde o ano anterior, após os jornais dos Diários Associados publicarem uma longa reportagem intitulada “Uma Volta às Origens: A TV Tupi Parte Para a Briga”, a emissora realmente produziu alguns programas que contaram com boa audiência e crítica, como as novelas “Gaivotas”, “Dinheiro Vivo”, “Como Salvar Meu Casamento”, e também o “Festival 79 da Música Popular”, que reavivou os famosos festivais da televisão brasileira dos anos 1960. Produziu, ainda em 1979, diversos especiais musicais, como “Aquarelas do Brasil” e os internacionais Jackson Five e Dione Warwick. No jornalismo, o “Meio Dia”, era apresentado pela hoje “global” Ana Maria Braga.

54 Situação inversa do que aconteceu em 1974, à revelia de João Calmon, conforme abordado no Volume 2 - Capítulo 32. No final dos anos 1970, contudo, alguns programas da Rede Tupi estavam sendo produzidos pela TV Tupi carioca.

55 “Tupi: A Greve da Fome”, Humberto Mesquita, Cortez Editora, 1982:47.

Em novembro de 1979, a Tupi mostrou que havia ficado em segundo lugar na média da audiência do mês anterior, em um anúncio que dizia: “A pesquisa de outubro do Ibope mostra que não é só a crítica que gosta dos programas da Tupi” (foto).

REDE TUPI EM 2º LUGAR.

A Pesquisa de outubro do IBOPE mostra que não é só a crítica que gosta dos programas da Tupi.

HORÁRIO	DIAS	GLOBO	TUPI	RECORD	BANDEIRANTES
20/22h	2ª a 6ª	45.2	11.3	8.0	7.9
20/22h	2ª a sáb.	45.3	11.4	8.3	7.7
20/22h	2ª a dom.	45.5	11.6	8.8	6.9
22/24h	2ª a 6ª	23.1	10.0	8.0	6.4
22/24h	2ª a sáb.	24.0	9.7	7.4	7.4
22/24h	2ª a dom.	24.0	9.0	8.3	6.9

Fonte: Relatório IBOPE - São Paulo - 1 a 30 de outubro

É a crítica e o público.

Tupi. Depois do sucesso da crítica, estamos atingindo o sucesso de público.



TV Tupi se consolidando no 2º lugar em 1979 (reprodução).

Essa “reerguida” foi fruto de um trabalho coordenado por Walter Avancini, que deixou a TV Globo por acreditar no novo projeto da Tupi, dando um ar de renovação à programação e estabelecendo um novo padrão. “Precisamos recuperar a credibilidade dos telespectadores antes de pensarmos em números no Ibope”, declarou Avancini ao assumir a superintendência de Produção e Programação, em março de 1979. Com a chegada de Avancini, criaram-se muitas esperanças na emissora e seus diretores agregaram a decisão de fazer uma televisão popular — não popularesca —, inteiramente voltada para o brasileiro. As novelas ganharam uma nova “roupagem” e conseguiram um bom conceito entre o público telespectador.

O jornalismo foi totalmente renovado sob a direção de Heitor Augusto, que conseguiu estabelecer um alto padrão de qualidade com o novo “Jornal Tupi”, que estreou em 7 de abril, às 19h, substituindo o “Rede Tupi de Notícias”. Com uma hora de duração, em rede nacional, o jornalístico foi apresentado por Rejane Lima Verde, Lívio Carneiro, Fausto Rocha e Antônio Casale, contando com noticiário internacional, via satélite e, também, com a produção de reportagens de todas as emissoras da rede, refletindo a ideia de Rubens Furtado para integrar o Brasil, fazendo com que “toda a população tomasse conhecimento dos problemas de todos os estados”. Já para as crianças, o canal criou “O Leão Está na Tupi”, numa parceria com o parque Simba Safari; fechou negócio com a Disney para exibir “O Clube do Mickey”; e exibia o educativo “Arco-Íris”, com Daniel Azulay. No campo de variedades, havia o “Mulheres”, com Ângela Rodrigues Alves, antes de sua ida para o “Mulheres em Desfile”, na TV Gazeta de São Paulo, ao lado de Ione Borges. Muitas séries também fizeram parte da programação da Tupi nesse período final, como “Bonanza”, “Flipper”, “A Noviça Voadora” e “Petrocelli”. Entre os desenhos animados, o dramático “Pinocchio” era exibido diariamente. Nas sessões de cinema, a emissora do Sumaré exibiu matinês, filmes adultos brasileiros, em “Cinema Brasileiro Proibido”, e seleções temáticas de terror e de suspense, como a “Sessão Hitchcock”.

Por fim, a Tupi ganhou um novo visual, mais atraente, com novas vinhetas, chamadas e um novo logotipo, com a letra “T” em destaque, criado por Cyro Del Nero (veja detalhes no Capítulo 46), profissional que foi trazido por Avancini.



Anúncio dos 29 Anos da Rede Tupi (reprodução).

O diretor da Rede Tupi, Rubens Furtado, e Walter Avancini foram os oradores de uma importante palestra para o mercado publicitário, realizada num evento da então Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil (ADVB). A ideia era mostrar a nova logomarca da rede e responder à pergunta: “O que existe por trás deste símbolo?”. Além da revitalização da imagem institucional da Rede Tupi, os diretores abordaram a realidade da emissora e as perspectivas com a criação de uma programação com características mais modernas, abandonando métodos antiquados que “deram o tom” na programação nos últimos 15 anos.

Apenas nove meses depois de ter assumido, Walter Avancini deixou o comando da programação e a Tupi se preparou para enfrentar uma nova fase, tentando manter, principalmente, o padrão estabelecido em 1979 no setor de novelas. A saída de Avancini fez com que a direção da Tupi eliminasse o cargo de superintendente de Produção e Programação. Os veteranos Antonino Seabra e Paulo de Grammont assumiram, respectivamente, a direção de Programação e direção de Produção.

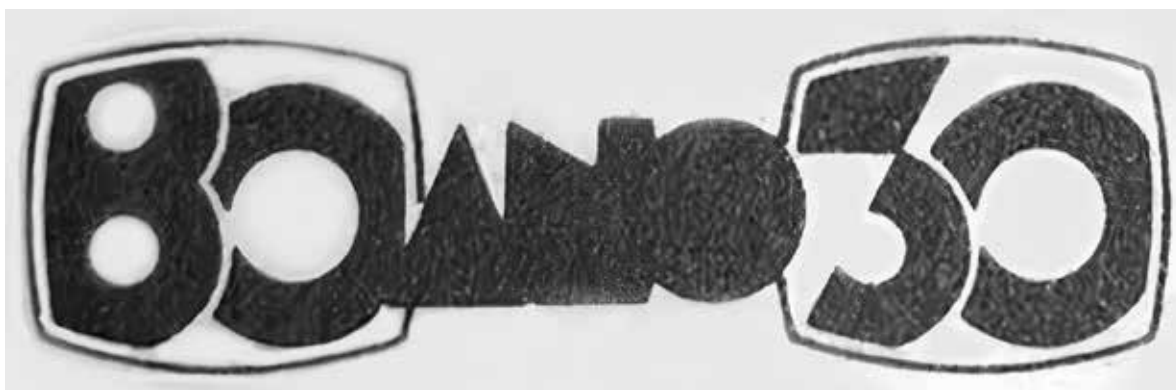
Aproveitemos para citar aqui alguns nomes dos diretores da TV Tupi de São Paulo, que atuaram nos últimos meses em que a emissora esteve no ar. Algo difícil de ser feito, pois as trocas de comando se tornaram muito frequentes durante o agravamento da crise, uma verdadeira “dança de cadeiras”, em que ninguém, ou nenhuma ideia, durava mais do que poucos meses. Maurício Sherman, Caetano Zamma, Roberto Jorge, Júlio Medaglia e Solano Ribeiro são alguns dos que dirigiram a Divisão de Shows; João Dória Jr., hoje governador do Estado de São Paulo, foi o diretor do Núcleo de Comunicações, responsável pela assessoria de imprensa, e que, a certa altura, foi substituído por Cyro Del Nero (apenas na área de Comunicação Visual) e, depois, por Péricles Leal. Na Teledramaturgia, não foram poucos: Carlos Zara, Henrique Martins, Antonino Seabra, Rildo Gonçalves e Roberto Talma, com direito a alguns desses assumir o posto por duas vezes. Antônio Abujamra dirigiu novelas neste período, como o sucesso “Gaivotas”. Os dois únicos setores na Tupi que tinham estabilidade na direção eram a Divisão de Esportes, comandada por Walter Abrahão, e o Departamento Comercial, dirigido desde a inauguração em 1950, por Fernando Severino. Todos seguiam a orientação direta de Rubens Furtado, diretor-geral da rede desde março de 1979.



Em 1980, era preciso preparar o público para “ficar na Tupi” e celebrar seus 30 anos, a serem completados no dia 18 de setembro. Era tempo de aproveitar a audiência conquistada no ano anterior e consolidar o interesse popular com novos programas, contudo, com o desafio de encontrar uma fórmula capaz de oferecer condições de produzir boas atrações, mas sem onerar as finanças. Outro ponto positivo para 1980 era a inauguração dos novos equipamentos que a emissora havia adquirido entre 1977-79, incluindo câmeras, *switchers*, ilhas de edição e o novo sistema de transmissão do Canal 4, com o potente transmissor de 50 kW e a antena de polarização circular que, juntos, iriam oferecer uma qualidade muito melhor de imagem em boa parte do Estado de São Paulo.

Logo depois da saída de Walter Avancini, a Rede Tupi movimentou-se para apressar a elaboração da nova programação de 1980, que ganhou o *slogan* “80 Ano 30” (foto). Ela estrearia no mês de março, com o principal destaque para a volta da linha de shows às 21h, horário anteriormente ocupado por novelas na fase “Avancini”. Também haveria um bom investimento no jornalismo e no esporte.

No ano anterior, 1979, a direção-geral havia definido que todos os shows seriam produzidos pela TV Tupi do Rio de Janeiro, a exemplo de um novo musical chamado “Cassino da Urca” e do humorístico “Apertura”, uma sátira ao consagrado programa jornalístico “Abertura”, da mesma emissora. Entretanto, essa proposta foi cancelada e a Tupi-Rio só produziria para a rede o programa “Flávio Cavalcanti”, algo que já vinha fazendo há algum tempo, juntamente com outras poucas produções locais, como “Risoteque” e “Carlos Imperial”. A Tupi quis recontratar Chacrinha, mas o “velho guerreiro” não pretendia (e nem podia) deixar a Rede Bandeirantes.



“80 Ano 30”: a logomarca da TV Tupi para comemorar seus 30 anos no ar (reprodução).

Duas novas novelas entrariam no ar em março. Uma delas era “Maria Nazaré”, escrita por Teixeira Filho e pelo seu filho Cleston Teixeira. No entanto, em meio à crise da emissora, a autoria passou para Daisy Bregantini e Humberto Mesquita. A outra novela era “Drácula”, de Rubens Ewald Filho, estrelada por Rubens de Falco, Carlos Alberto Riccelli e Bruna Lombardi, com algumas cenas gravadas no “sinistro” vilarejo histórico de Paranapiacaba, na Grande São Paulo. “Maria Nazaré” seria estrelada por Eva Wilma, Carlos Augusto Strazzer e Carlos Zara. A história era sobre cangaço, ambientada no nordeste brasileiro durante os anos 1930, com padre Cícero e Lampião. Para gravá-la, apesar da crise, a Tupi investiu alta soma na montagem de uma grande cidade cinematográfica em uma fazenda que ficava na divisa de Campinas e Jundiaí, no interior de São Paulo. Uma igreja de 140 m² e 22 casas de alvenaria foram construídas e algumas, já existentes, recuperadas. A direção da Tupi gostou tanto do local que chegou a cogitar transformá-lo em estúdio permanente, para gravações de outras novelas, especiais e shows. A direção da emissora chegou a iniciar tratativas para produção de novelas que estreariam em agosto. “Gente Sem Qualidade”, de Edy Lima, Ney Marcondes e Carlos Lombardi (para o lugar de “Como Salvar Meu Casamento”), e “Testamento”, de Jorge Andrade e Consuelo de Castro (para o horário de “Maria Nazaré”).

Se o diretor Walter Avancini quase presenciou o fim da Rede Tupi, na Rede Manchete ele realmente vivenciou o fechamento da emissora, no ano de 1999. Ele já era seu diretor-geral, quando o setor de teledramaturgia foi encerrado com a novela “Brida”, um ano antes. O vilão da novela foi interpretado por Rubens de Falco, que havia sido o protagonista de “Drácula”, a curta e inacabada novela da Tupi. “Brida” foi ao ar em substituição a “Mandacaru” (1997), novela que tratou do universo do cangaço, tal como era a proposta de “Maria Nazaré”, também da Tupi.

Mas a crise se acirrou na emissora do Sumaré... Os planos de colocar no ar uma nova programação foram perdendo força já no final do mês de janeiro de 1980, quando, no dia 18, foi iniciada uma greve de atores na emissora, que estavam com os salários atrasados (um pouco mais adiante, daremos mais detalhes sobre esta paralisação).

Medidas drásticas foram adotadas, em meio a diversas reuniões que buscavam soluções para contornar os crescentes problemas da emissora-geradora da Rede Tupi. Como as novelas custavam muito caro, a produção do núcleo passou a produzir somente uma por vez e a escolhida foi “Drácula”, que estreou em 28 de janeiro, às 19h. Devido à greve, apenas quatro episódios foram exibidos em esquema de rotatividade por alguns dias, até que foi definitivamente cancelada e seus cenários desmontados⁵⁶. As gravações de “Maria Nazaré” chegaram a ser iniciadas, mas foram suspensas por três meses.

Nesta fase, a Tupi estava exibindo outras duas novelas. Uma delas era o compacto de “O Profeta” (1977-78), que vinha sendo “estrategicamente” reapresentada às 21h, desde novembro de 1979. Já a outra novela era “Como Salvar Meu Casamento” e estava em plena produção. Exibida às 20h, tinha boa audiência, mas foi interrompida no dia 22 de fevereiro, a cerca de 20 capítulos do final, com a promessa de voltar ao ar em breve. O compromisso não pôde ser cumprido e, portanto, a novela realmente não teve um desfecho gravado. Seu final foi revelado pelos autores em algumas entrevistas.

“Por conta da boa audiência da novela, tínhamos esperança que ela ajudasse a salvar a Tupi. A chamávamos nos bastidores de ‘Como Salvar Meu Pagamento’. O fim da novela e da TV Tupi foi como se alguém viesse e pisasse em um formigueiro. Saímos desesperados em busca de ajuda e emprego”, conta a atriz Patrícia Mayo, que interpretava Dinorá nesta novela.

A reprise de “A Viagem”, de Ivani Ribeiro, substituiu “O Profeta” a partir de 29 de fevereiro, na faixa das 21h, em rede nacional. Apesar de ser muito claro o motivo das reprises, a emissora divulgava que estava atendendo aos pedidos da audiência. Mas, é fato que, realmente, elas tiveram boa aceitação.

⁵⁶ Logo depois, o mesmo roteiro, que era de Rubens Ewald Filho, passou a ser produzido pela TV Bandeirantes. Sob o título de “Um Homem Muito Especial”, estreou dois dias depois da cassação da TV Tupi. O responsável pela migração foi o próprio diretor Walter Avancini, que havia sido contratado pela Bandeirantes, juntamente com muitos outros da teledramaturgia da Tupi.

Os dias foram passando e ficava mais difícil que a emissora pudesse voltar a gravar suas novelas e seus programas. “Enlatados” e reprises iam tomando conta da grade da rede. O diretor Carlos Zara e os atores Eva Wilma e Carlos Augusto Strazzer chegaram a fazer um trabalho de convencimento junto a outros atores, para criar uma cooperativa que produziria a novela “Maria Nazaré” e a venderia para a própria TV Tupi. Informações extraoficiais disseram que a proposta foi bem aceita pela emissora, mas o problema da crise os impediu de prosseguir. “Maria Nazaré”, apesar de ter tido algumas cenas gravadas, não chegou a estrear.

A direção da emissora até cogitou produzir seriados para ocupar o espaço deixado pelas novelas, algo que não foi possível, pois logo a Tupi de São Paulo encerrou totalmente suas produções e passou a funcionar apenas como repetidora da Tupi carioca, que virou a geradora.



(reprodução)

Entre os destaques da programação dos últimos meses da Rede Tupi, podemos citar “Abertura”, um programa singular que ia ao ar aos domingos, 22h30, com apresentação de Glauber Rocha, Ziraldo, Sargentelli e outros. A direção era de Fernando Barbosa Lima e os entrevistadores e entrevistados “diziam o que pensavam a respeito de tudo e de todos”, em plena época da abertura política no governo militar de João Figueiredo. A “Olimpíada da Música Popular Brasileira” (“Olimpop”) foi apresentada por Rose Farias e Thomas Roth e promovia uma disputa entre novos talentos da Música Popular Brasileira. Havia uma edição produzida na Tupi do Rio de Janeiro e outra na de São Paulo. No mais, estavam no ar os tradicionais “Clube dos Artistas” e “Almoço com as Estrelas”, ambos apresentados por Airton e Lolita Rodrigues; o “Programa Flávio Cavalcanti”, produzido pela Tupi carioca; o “Programa Raul Gil”; as entrevistas do “Pinga-Fogo”; e o dominical “Programa Silvio Santos”, que era produzido pelos Estúdios Silvio Santos, não pela Tupi. Nesta época, o apresentador aguardava o término do contrato com a Tupi para deixá-la e exibi-lo apenas pelas suas Rede Record e TVS do Rio de Janeiro.

A Grande Greve

No dia 18 de janeiro de 1980, liderada pelo ator Rubens de Falco e pelo diretor de novela Atilio Riccó, foi iniciada a paralisação de atores da TV Tupi de São Paulo. A direção da emissora, no entanto, se comprometeu a pagar, até 24 de janeiro, os salários reivindicados de novembro e dezembro. Contudo, na data estabelecida, o diretor-geral Rubens Furtado avisou que não havia dinheiro em caixa e ele próprio mandou que todas as categorias também parassem as atividades. Segundo Rubens Furtado, a iniciativa de paralisar as operações de São Paulo foi do próprio presidente do Condomínio, João Calmon, algo que o Sindicato dos Radialistas entendeu como “um plano para dispensar os trabalhadores de São Paulo e entregar ao Rio de Janeiro o comando da rede de televisão”.

O Sindicato dos Radialistas foi ao ministro do Trabalho, Murilo Macedo, a fim de que ele intermediasse uma negociação para a volta ao trabalho, garantindo abono das faltas e estabelecimento de uma data para pagamento dos atrasados. Mas o ministro disse que precisavam manter a greve para pressionar a direção dos “Associados” a vender as emissoras. Dias depois, o próprio Furtado, numa assembleia acontecida no Sindicato dos Radialistas, tentou um acordo e pediu aos funcionários que voltassem ao trabalho sob a promessa de pagamento de adiantamento e de não haver demissões. Com isso, em 11 de fevereiro, cerca de 90% dos funcionários voltaram ao trabalho após receberem o adiantamento, embora sem perspectivas de recebimento dos salários atrasados desde novembro. A Tupi de São Paulo voltou a gerar programação própria, mas a do Rio continuou como geradora da programação para as demais emissoras da rede.

Os atores decidiram permanecer em greve e a direção da TV Tupi tomou uma drástica posição, encerrando seu histórico Departamento de Teledramaturgia, ao demitir todos os atores por justa causa. “O problema agora é da Justiça do Trabalho”, afirmou o superintendente Rubens Furtado, que disse “lastimar as demissões”. Não revelou de onde partiu a decisão e rebateu o argumento dos atores de que a Justiça não havia declarado ilegal a greve porque a legislação permite paralisação em caso de atraso de salários: “O que a Justiça decidir, a Rede Tupi de Televisão acaba pagando todos os direitos”. Até o final da noite de 12 de fevereiro, cerca de 50 atores receberam cartas de demissão.

Sem novelas a produzir, os estúdios da Vila Guilherme foram desativados e, logo depois, o mesmo aconteceu com a Central de Produção do Sumaré, quando a geração da rede voltou a ser feita pela TV Tupi do Rio de Janeiro. Lá, os funcionários não estavam em greve, pois vinham recebendo salários com atrasos entre 10 e 15 dias, algo considerado “normal”. Mas, a empresa carioca, que pagava parte de suas contas com recursos da sua Rádio Tupi, tinha diversas outras dívidas com os funcionários. Os cariocas da Tupi estavam convencidos de que o governo iria “dar um jeito” mais uma vez na crise em São Paulo.

Após as várias demissões e ainda com salários atrasados, o Sindicato dos Radialistas planejou uma nova greve com o objetivo de torná-la legal, o que fez a direção da Tupi se preocupar e procurar o sindicato. Um acordo foi selado para realização do pagamento dos salários atrasados até 15 de abril, com a garantia de que os direitos de greve fossem assegurados. A proposta foi aceita pelos funcionários.



A Central de Produção do bairro da Vila Guilherme corria risco de ter o contrato de locação rescindido. Contudo, no mês de abril de 1980, o novo diretor geral da Rede Tupi de Televisão, José Arrabal, quis reativar a produção no local. A ideia era justificar sua manutenção e poder contar com aquela estrutura após a dramática crise. Mas tudo isso foi em vão.

Para pagar os salários atrasados e encerrar a greve, os Diários Associados resolveram vender algumas empresas e logo surgiram interessados, como a seguradora Atlântica-Boa Vista e a Rede Capital de Comunicações⁵⁷ — cuja emissora-líder era a Rádio Capital de São Paulo —, interessada na TV Alterosa⁵⁸ de Belo Horizonte, pela qual o diretor da Rede Capital, Edevaldo Alves da Silva, estava disposto a pagar até Cr\$ 40 milhões. No entanto, a operação não foi concretizada porque o Ministério das Comunicações exigia que a situação financeira da emissora fosse antes regularizada, o que não ocorreu. Posteriormente, foi aventada a possibilidade de penhora de um imóvel da Rádio Tupi, em São Paulo, e de dois outros em Belo Horizonte, servindo como garantia a um novo empréstimo de Cr\$ 30 milhões, solicitado ao Banco do Brasil, e que daria para cobrir a folha de pagamento de um mês de salários, mas não resolvendo em definitivo o problema administrativo da TV Tupi de São Paulo. Vale salientar aqui que não foram poucas as vezes em que o governo militar concedeu assistência financeira aos Diários Associados.

Como já era esperado, no dia 15 de abril não houve pagamento e o Sindicato dos Radialistas promoveu uma mesa de conciliação juntamente com um procurador da Justiça do Trabalho,

57 A Rede Capital de Comunicações anteriormente tentou adquirir as concessões extintas dos canais 9 do Rio e de São Paulo para estreitar sua Rede Capital de Televisão.

58 A TV Alterosa pertencia a membros do Condomínio Associado, mas não era vinculada a ele. Não fazia parte da Rede Tupi de Televisão, contando com uma programação própria. Após a perempção das sete emissoras “Associadas”, a TV Alterosa permaneceu no ar normalmente.

que deu um prazo de 72 horas para a empregadora pagar os salários, prazo que se encerrava em 30 de abril. Neste dia, a TV Tupi de São Paulo pagou os funcionários com cheques que só poderiam ser descontados no dia 2 de maio. Chegado o dia, os funcionários foram pela manhã à agência bancária e constataram que, incredivelmente, nenhum cheque tinha fundo. “A justificativa dos Associados, de que o presidente do [banco] Banespa não assinara o cheque do empréstimo que prometera, sobre o qual a empresa havia distribuído os documentos de crédito aos funcionários em greve, não foi levada em consideração”⁵⁹.

Às 16h21 daquele histórico 2 de maio de 1980, foi deflagrada a derradeira greve-geral do Canal 4, com a adesão de dois terços dos 968 funcionários. Neste horário, estava no ar o jornalista Saulo Gomes, que apresentava o programa “Isto É São Paulo”, que foi interrompido.

No estúdio da emissora estava toda a equipe do “Isto É São Paulo”. [O diretor do programa] Fernando d’Ávila recomendou a Saulo Gomes que desse a notícia, sem mais comentários, de que as transmissões da TV Tupi seriam encerradas. O repórter sentiu a quebra da situação. Seu desejo era protestar, esbravejar, polemizar, mas d’Ávila era um amigo e as consequências seriam dele. Então, consternado com aquele pedido, o repórter de verdade limitou-se a noticiar: “Senhores telespectadores, neste instante a TV Tupi de São Paulo encerra suas atividades”. Todos esperavam ver uma tela preta, sem imagem, sem histórias. Um silêncio que significaria o fim de um projeto de muitos. Mas não foi isso que aconteceu. Alguns diretores estavam preparados para tirar o canal de São Paulo do ar e manter a transmissão do sinal do Rio de Janeiro. Hilton Franco, imediatamente tomou o lugar dos paulistas e a TV seguiu. (“Saulo Gomes - O Grande Repórter Investigativo”, Adriana Silva, Infinda, 2016:314)

Encerrava-se, naquele momento, para todo o sempre, a geração da programação da televisão pioneira do Brasil, TV Tupi - Canal 4 de São Paulo, antiga PRF3-TV Tupi-Difusora - Canal 3. A grade do dia era a seguinte:

15:00 Isto É São Paulo	Encerrado às 16h21
18:00 Olimpop	
19:00 Jornal Tupi	
20:00 A Viagem	Programas que
21:00 Carro da Morte	não chegaram a ser
22:00 O Mágico	exibidos
23:00 Policiais em Ação	
24:00 Filme: “Jogos da Noite”	

A morte de Benedito Baptista Guimarães foi o símbolo da luta dos funcionários contra o “mau patrão”, como eles diziam. “Ditinho” faleceu com sua filha de três anos em seus braços, vítima de colapso cardíaco, em função do desespero de receber um cheque sem fundo, em meio a uma crítica situação financeira.

Segundo os funcionários, com a suspensão das atividades no Sumaré, João Calmon mandou transportar muitos equipamentos para a o Rio de Janeiro, já que, como citado anteriormente,

59

“Brasil, Primeiro - História dos Diários Associados”, Glauco Carneiro, Fundação Assis Chateaubriand, 1999:538.

eles apontavam que os planos eram de transformar o pioneiro Canal 4 de São Paulo em retransmissora e dispensar os funcionários grevistas por justa causa.

Alguns shows musicais foram realizados em prol do fundo de greve. Um deles aconteceu no Palácio das Convenções do Anhembi, contando com a participação de Chico Buarque, Alcione, Renato Teixeira, Beth Carvalho, Geraldo Azevedo, MPB-4, Djavan, João Bosco, entre outros. Segundo o jornal “O Globo”, o cenário foi cedido pela TV Globo. Foi arrecadada a considerável quantia de Cr\$ 1,2 milhão com a venda de ingressos.

Concordata Preventiva

Em 21 de maio de 1980, 20 dias após o início da segunda greve do ano, as empresas que compunham os Diários Associados de São Paulo — S/A Rádio Tupan, Rádio Difusora São Paulo S/A, S/A Diário de São Paulo e S/A Diário da Noite — entraram na Justiça com pedidos de concordata preventiva por dois anos, algo que suspendia ações de execução movidas contra essas empresas e dava o prazo de pagar as parcelas da dívida de seus credores em até dois anos. Todos os pedidos foram deferidos e um comunicado oficial dos Diários Associados foi publicado na imprensa, onde oferecia aos credores a garantia do seu “apreciável patrimônio”, prometendo saldar os débitos em dois anos.

Calmon Vai à TV

Na noite de 8 de junho de 1980, o senador João Calmon usou um espaço de duas horas na programação da TV Tupi para fazer “um importante pronunciamento à nação”. Aquele horário estava vago, pois era do apresentador Flávio Cavalcanti, que estava em greve, já que, apesar de gravar no Rio de Janeiro, recebia pela folha de pagamento da TV Tupi de São Paulo, assim como outros 40 funcionários, que também aderiram à greve. “Num só pronunciamento, o biônico⁶⁰ conseguiu comprar várias brigas que lhe foram fatais. Comprou a briga com a Globo, ao reavivar páginas que não lhe são muito simpáticas; com o governo, porque denunciou a doação de dinheiro para rompimento do citado acordo da TV Globo com o grupo *Time-Life*; e até mesmo com as outras emissoras de televisão, quando sugeriu ao governo a estatização da TV brasileira. A briga conosco já estava comprada há muito tempo”, disse Humberto Mesquita, em sua obra “Tupi: a Greve da Fome”⁶¹. Entre as diversas reações contra o discurso de João Calmon, destacamos a da ABERT:

A diretoria da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão — ABERT —, em sessão realizada nesta data, resolveu emitir a presente nota, rebatendo publicamente as declarações do presidente do Condomínio Associado, senador João de Medeiros Calmon, feitas no domingo último, dia 8 do corrente, através da Rede Tupi, segundo as quais impõe-se a estatização da televisão brasileira, que estaria em colapso econômico e financeiro. A situação descrita pelo senador não se estende além das empresas pertencentes ao Condomínio que preside. Quanto ao apelo à estatização, dispensa-se

60 Os senadores biônicos foram eleitos indiretamente por um Colégio Eleitoral, de acordo com uma Emenda Constitucional de 1977. Tomaram posse em 1º de setembro de 1978, para um mandato de oito anos.

61 “Tupi: a Greve da Fome”, Humberto Mesquita, Cortez Editora, 1982:92-93.

a ABERT de comentá-lo, de tal forma eivado de ideias que atentam contra os mais elementares princípios de ética, e destituído de qualquer fundamento que justifique um debate. (Nota oficial publicada pela ABERT em diversos jornais no dia 12/06/1980)

Greve de Fome no Congresso Nacional

A greve-geral foi declarada legal no Tribunal Regional do Trabalho, mas com a situação difícil e precisando de uma breve solução, o Sindicato dos Radialistas planejou uma greve de fome a ser feita em Brasília. A ideia era chamar a atenção das autoridades federais para a causa dos funcionários, impulsionada com o apelo da visita do Papa João Paulo II ao Brasil, que passaria pelo Distrito Federal. No total, 73 funcionários da Tupi paulistana foram a Brasília participar da greve, contudo, dois tiveram problemas de saúde. Sob muita controvérsia entre os parlamentares, os grevistas acamparam dentro do importante Salão Negro do Congresso Nacional e deram início ao movimento no dia 17 de junho. “Era perturbador percorrer os corredores de terno e gravata e esbarrar em sujeitos de toalha de rosto no ombro e escova de dente na mão. Como explicar isso a turistas e políticos estrangeiros?”⁶². A resistência de muitos deputados e senadores foi vencida pelo apoio de outros, que tornaram os grevistas seus “convidados” e prometeram formar uma barreira na frente do pessoal da Tupi para impedir que fossem expulsos com jatos d’água. Durante os dias de inanição, os grevistas ingeriram apenas água, laranjas e sal. A imprensa, que apoiou os grevistas, cobriu com detalhes o ato, que ganhou repercussão nacional, algo que o governo não queria.

José Rabelo — o popular “Sabú” — e Walter Tasca eram os funcionários mais antigos em atividade na TV Tupi de São Paulo e participaram ativamente do movimento de greve. Mais do que antigos, eles eram pioneiros da emissora, pois lá trabalhavam desde o primeiro dia com as câmeras da emissora. Contudo, há na história de Tasca um desfecho triste, mas ao mesmo tempo heroico. Logo após a tensão e o nervosismo de uma assembleia de greve, em 1980, ele não resistiu e teve um ataque cardíaco fulminante. No total, durante o curso desta greve, quatro funcionários da emissora foram a óbito, todos vítimas do estresse e do nervosismo que passaram com a falta de compromisso de alguns dirigentes da empresa.

O governo reconheceu a gravidade da situação e passou a se reunir diariamente com uma comissão dos grevistas. Faziam propostas, mas nem todas que os funcionários precisavam. Na reunião do quarto dia da terrível greve de fome, com grevistas já muito abatidos e com problemas de saúde, estavam presentes quatro ministros, deputados, senadores e representantes da Federação Nacional dos Radialistas e da Confederação dos Trabalhadores em Comunicações. O ministro Haroldo Corrêa de Mattos, das Comunicações, presidiu o encontro que visou apresentar mais algumas propostas: como a greve tinha caráter legal, seria feita uma abertura de crédito junto

62

“Brasil, Primeiro - História dos Diários Associados”, Glauco Carneiro, Fundação Assis Chateaubriand, 1999:540.

à Caixa Econômica Federal para ser realizado o pagamento dos salários atrasados dos funcionários em greve, cuja soma seria posteriormente cobrada do novo concessionário dos canais extintos; pagamento de salário-desemprego por seis meses; pagamento do FGTS (apesar de não ter sido recolhido pela Tupi); e, por fim, o governo se comprometia a “estimular de forma clara e objetiva a negociação da Rede Tupi com um grupo idôneo”.

“Não estamos exigindo do governo a expulsão dos condôminos, mas gostaríamos de nos assegurar da transferência dessas emissoras para outro patrão, como também gostaríamos de ter a certeza da absorção desta mão de obra”, posicionaram-se os grevistas. Em resposta, o ministro Haroldo de Mattos revelou que o governo se empenhava também nesse sentido, mas que não podia expulsar um empresário de sua própria empresa. As propostas foram aceitas e a greve de fome acabou. Mas a greve-geral, que estava no seu 50º dia, continuaria até que as promessas se concretizassem.

Negociações do Governo

A essa altura, tomavam forma três possibilidades capazes de solucionar o interminável impasse dos Diários Associados: grupos adquirem os direitos dos condôminos (opção mais rápida); Gilberto Chateaubriand ganha a ação que moveu para destituição do Condomínio e promove um grandioso leilão; ou o governo intervém para que os direitos dos funcionários sejam garantidos e os bens ficam sob custódia.

O governo finalmente resolveu se posicionar na questão e esperava solucionar o problema em duas ou três semanas “preservando os interesses dos trabalhadores e resguardando os créditos da União”. Já que a perempção demoraria seis meses para ser concluída e, por diversas razões, havia pressa em resolver a situação, o governo optou primeiro por estimular empresários do ramo das comunicações a estudar possíveis transferências direta ou indiretamente das concessões próprias da Rede Tupi de Televisão. Para tal, poderia ser feita legalmente uma negociação entre o concessionário e o pretendente e, após, as partes apresentariam ao Ministério das Comunicações os atos necessários para serem submetidos à homologação do presidente da República. Depois de concluído o ato de transferência, a pessoa jurídica que cederia as concessões permaneceria ativa, no caso a Rádio Difusora São Paulo S/A, mantendo-se, na hipótese de transferência indireta, as responsabilidades relativas ao seu próprio passivo. No caso de um processo de negociação para a transferência direta, seria exigida a anuência da totalidade dos condôminos, o que era considerado inviável de alcançar, por ser um condomínio dissidente. E, ainda, havia o problema da sentença que o declarava extinto, em face do processo interpelado por Gilberto Chateaubriand, com iminência de a execução provisória ser promovida a qualquer momento. Negociar uma transferência direta das ações da Rádio Difusora São Paulo S/A seria algo complicado, pois a empresa já era concordatária, dispositivo que tornou indisponíveis todos os bens da emissora, incluindo a concessão. Mesmo assim, o governo enxergava possibilidades, já que, como havia a necessidade de concordância da transferência por parte dos credores particulares da TV Tupi, eles poderiam ver em outro concessionário a garantia para receber seus créditos.



A previsão do governo era concluir essas tratativas em duas ou três semanas após o acordo com o comando de greve. Na posição de intermediário, mantendo contatos e examinando a situação de grupos interessados em obter as concessões, o ministro das Comunicações procurou o deputado federal Paulo Pimentel, ex-governador paranaense e proprietário de jornal e emissoras de rádio e TV no mesmo estado; Edevaldo Alves da Silva, da Rede Capital de Comunicações e sócio do governador paulista Paulo Salim Maluf; Roberto Civita, da Editora Abril; e Otávio Frias de Oliveira, do jornal “Folha de São Paulo”, que não demonstrou interesse. O presidente dos Diários Associados, João Calmon, nomeou o procurador do Condomínio Paulo Cabral de Araújo, para negociar a transferência das emissoras. Aos empresários, foram oferecidas vantagens para liquidar as dívidas, entre outras facilidades. O ministro apontou que as negociações de transferência de ações das empresas de radiodifusão poderiam ser feitas individualmente, com cada uma das concessões, ou ainda, com lotes delas, chegando ao máximo de cinco emissoras para um mesmo grupo empresarial, respeitando o limite da lei. A composição desejada pelo governo era a da transferência, para um mesmo grupo, do controle das emissoras de TV do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Belo Horizonte, com uma quinta emissora, podendo ser a do Recife ou a de Porto Alegre, deixando uma das duas e as restantes (Salvador, Fortaleza e Belém) para grupos regionais. Para o governo, a transferência dessas cinco concessões para um único grupo empresarial permitiria manter a unidade da rede e concederia maior viabilidade ao empreendimento.

A outra opção que o governo tinha era decretar a perempção (não-renovação) das concessões com desapropriação dos bens, devido ao velho e “arrastado” problema de descumprimento do Decreto-Lei nº 236/67, já que os Diários Associados eram proprietários de nove emissoras de televisão, ou seja, quatro além do permitido. Essas emissoras eram sociedades anônimas distintas, controladas diretamente pelo Condomínio Acionário Associado. Os 22 integrantes do grupo possuíam, no mínimo, 51% das ações de cada uma destas emissoras espalhadas pelo Brasil. Entretanto, sete dessas concessões já estavam com prazo de validade vencido, pois não podiam ser renovadas. Isso porque, como condição para a renovação, a legislação brasileira de telecomunicações exige do concessionário uma situação financeira estável e recursos disponíveis à altura dos custos operacionais, algo que os “Associados” não tinham. Com isso, desde dezembro de 1977, as TVs Tupi do Rio de Janeiro e de São Paulo, a TV Rádio Clube do Recife, a TV Itacolomi de Belo Horizonte, a TV Marajoara de Belém, a TV Rádio Clube de Fortaleza e a TV Piratini de Porto Alegre seguiam operando em “caráter precário”, como faculta a legislação, mas contando com a benevolência do governo militar, que já havia prorrogado prazos algumas vezes para regularização da situação. Já a concessão da TV Brasília estaria em vigor até 27 de setembro de 1981 e a da TV Itapoan, de Salvador, tinha vigência até 21 de outubro de 1980. Vale ressaltar que, em 1980, a Rede Tupi de Televisão era constituída por 22 emissoras, sendo que 13 delas eram somente afiliadas e pertenciam a grupos locais, embora, em alguns casos, com alguma participação do Condomínio Associado.

Caso optasse pela perempção, o governo poderia desapropriar os bens e instalações vinculados aos serviços das sete emissoras em caráter precário, podendo até mesmo ser extensivo a todas as nove emissoras do Condomínio. Neste caso, a TV Brasília e a TV Itapoan teriam suas concessões cassadas apenas em decorrência da desapropriação. Em seguida, seriam promovidas as aberturas de editais para escolha de novos concessionários. A decretação de perempção e a simultânea abertura dos editais seriam acompanhadas de cobrança judicial dos créditos da União junto às entidades controladas pelo Condomínio Associado, com o objetivo de obter-se o mandado de penhora dos bens e instalações em garantia da execução. Seria permitindo, assim, que o governo adotasse rapidamente as necessárias providências, visando à continuidade do serviço e a preservação do mercado de trabalho. A União, como depositária dos bens, poderia deles fazer uso ou arrendá-los, até que, concluída a fase processual da execução, obtivesse a decisão judicial de que os bens agora lhe pertenceriam (adjudicação), para que pudesse ser realizado o pagamento de seus créditos. A partir desse momento, então, a União poderia deles dispor da forma que bem entendesse, como colocá-los em leilão, por exemplo.

Após a desistência de todos os empresários que haviam sido convidados a estudar a possibilidade de assumir os canais da Rede Tupi, no dia 3 de julho de 1980, o governo chegou à conclusão de que a perempção era o único caminho para resolver o problema dos funcionários da televisão do índio. Na esperança de ainda aparecer outro interessado, o governo resolveu aguardar mais alguns dias, mas avisou ao procurador dos Diários Associados, Paulo Cabral, que aguardaria a efetivação de eventual transferência dos canais até o final daquele mês. Após, mesmo que não fosse a intenção do governo em intervir, seria adotada uma “solução unilateral”. E, de fato, surgiram mais dois grupos, cada um deles representado por um banqueiro: Walter Moreira Salles e Herbert Levy. Contudo, além dos conhecidos problemas com a falta de informações sobre as dívidas, logo as conversações sobre as transferências com os banqueiros se encerraram, já que, segundo Humberto Mesquita (1982:143), mesmo à beira da falência, os Diários Associados teriam pedido aos banqueiros “elevada soma a pretexto de indenização”, algo que irritou até o ministro Said Farhat, da Comunicação Social.

O Dia em que a Pioneira Não Entrou Mais no Ar

No dia 14 de julho de 1980, uma segunda-feira, já se somavam 72 dias de greve dos funcionários da TV Tupi - Canal 4 de São Paulo e das rádios Tupi e Difusora. Continuavam trabalhando 320 técnicos para manter as estações no ar. Mas, a partir desta data, o público não pôde assistir mais ao pioneiro Canal 4, emissora com o prefixo ZYB-855, que vinha entrando no ar às 10h para retransmissão da programação gerada pela TV Tupi - Canal 6 do Rio de Janeiro. Alguns diretores da emissora, que não eram grevistas, resolveram suspender definitivamente as transmissões, correndo-se o risco, portanto, de que o Dentel cassasse sua concessão caso não voltasse ao ar em 72 horas. A estação estava sendo mantida no ar “depois de um acordo firmado pelo comando de greve, atendendo a uma sugestão do ministro das Comunicações, que nos solicitara manter precariamente o sinal do Canal 4 no ar para possibilitar a transferência da concessão, sem transtornos”, revela o jornalista Humberto Mesquita (1982:148), representante dos grevistas. Por outro lado, César Monteclaro, assessor da diretoria-geral da emissora, declarou que

a retirada do canal do ar “é um protesto contra a decisão do governo [...] de conceder o empréstimo (...) para pagar os salários atrasados por meio do sindicato. Como [...] [resolveram] pagar apenas os funcionários grevistas, achamos que a medida é discriminatória. Tiramos a emissora do ar e comunicamos o fato ao Ministério das Comunicações e ao presidente do Sindicato dos Radialistas de São Paulo”. Ainda de acordo com informações de Mesquita, no Sindicato dos Radialistas, os responsáveis pela transmissão do Canal 4 negaram que tivessem paralisado suas atividades. “Eles nos informaram que a ordem partiu da diretoria, que os obrigou a tirar a emissora do ar”, disse Mesquita.

A TV Tupi fora do ar gerou muita preocupação, em especial ao sindicato. O Departamento Jurídico do Ministério das Comunicações, entretanto, encontrou uma fórmula capaz de autorizar a emissora ficar fora do ar durante 30 dias sem punições e assim foi feito. Enquanto isso, reuniões e mais reuniões do governo estavam acontecendo para tratar do problema da Tupi. Esta é uma das últimas grades de programação gerada pela TV Tupi de São Paulo, que foi ao ar no dia 13 de julho de 1980. Após este dia, o Canal 4 paulistano passou a ser uma repetidora da TV Tupi do Rio de Janeiro.

CAPÍTULO 41

“DEIXE-NOS TRABALHAR, SR. PRESIDENTE!” - A CASSAÇÃO DA REDE TUPI

As tratativas dos Diários Associados com os grupos de comunicação interessados duraram cerca de duas semanas e a Editora Abril vinha sendo apontada como favorita para assumir toda a rede. Seu presidente, Roberto Civita, frequentemente viajava a Brasília para as tratativas. “Estamos simplesmente acompanhando as negociações. Até agora, apenas um grupo privado (Abril Editora) está efetivando negociações concretas”, declarou o ministro Said Farhat, da Comunicação Social, ao *Jornal do Brasil*⁶³. O favoritismo seu deu porque os demais empresários foram gradativamente perdendo o interesse nas negociações, já que, além do problema do altíssimo montante estimado das dívidas, que teria que ser assumido com juros e correções, os Diários Associados demoravam para atender à solicitação de encaminhar o balanço geral com o ativo e o passivo das empresas de São Paulo aos juízes competentes, em face do pedido de concordata. Sem conhecer detalhadamente a situação do ativo-passivo⁶⁴ das empresas e sem uma auditoria, não existiria possibilidade concreta de transação.

“O grupo Civita, da Editora Abril, está negociando com os Associados, mas enfrenta reações de pessoas interessadas em não permitir uma solução do problema”. (“Governo Exige Solução Para Associados Este Mês”, *O Globo*, 03/07/1980, *O País*, p. 4)

A venda afinal não se realizaria e a Abril deixaria de ter acesso à televisão aberta. Conforme Paulo Cabral, “o governo resolveu tirar o tapete e não mais aprovar a venda da Tupi ao Grupo Abril”, Ele [Cabral] que entabulara negociações com Roberto Civita visando àquela finalidade, viu-se frustrado diante do recuo do governo em aprovar a transação que teria resolvido a crise e evitado que os Diários Associados sofressem sua grande perda. (“Brasil, Primeiro - História dos Diários Associados”, Glauco Carneiro, Fundação Assis Chateaubriand, 1999:544)

Tomando Uma Decisão

Na manhã de 16 de julho, cinco dias após o término da visita do papa João Paulo II ao Brasil, atendendo à determinação do presidente Figueiredo de reavaliar a questão da Rede Tupi em busca de solução imediata, foi realizada uma reunião na sala do chefe do Gabinete Civil, General Golbery do Couto e Silva, com a participação dos ministros da Fazenda, Ernane Galvêas; do Planejamento, Delfim Neto; da Comunicação Social, Said Farhat; da Previdência Social, Jair Soares; e das Comunicações, Haroldo Corrêa de Matos; além do secretário-geral do Ministério

63 “Farhat Diz que o Governo Age no Caso da TV Tupi se Não Houver Solução Até Agosto”, *Jornal do Brasil*, 04/07/1980, 1º Caderno, p. 4.

64 Posteriormente, o governo fez um cálculo aproximado de que a TV Tupi de São Paulo lhe devia Cr\$ 4 bilhões, sendo Cr\$ 1,3 bilhão somente ao INPS. A correção monetária era de 3,5% ao mês. Já o próprio departamento financeiro da Tupi calculou que o seu passivo trabalhista, entre atrasados, indenizações e ações na Justiça, estava em torno de Cr\$ 600 milhões e Cr\$ 1,5 bilhão de dívida fiscal.

das Comunicações, Rômulo Furtado; do presidente da Caixa Econômica Federal, Gil Macieira; e do procurador-geral da Fazenda, Cid Heráclito de Queiroz. Este grupo vinha se reunindo havia várias semanas para examinar as fórmulas a serem adotadas na tentativa de transferência das ações das emissoras da Rede Tupi. Na ocasião daquela reunião, a Editora Abril estava retomando as negociações que havia decidido encerrar em 20 de junho. Contudo, sob um clima de denúncias e de publicação de editoriais ferrenhos contra o Condomínio Associado, o grupo de ministros desistiu de intermediar a transferência de ações e, com todas as alternativas esgotadas, o ministro-chefe do Gabinete Civil, general Golbery do Couto e Silva, solicitou o encaminhamento da única alternativa que restou ao presidente da República.

O Anúncio e as Justificativas

Na tarde de 16 de julho de 1980, a dois meses de a emissora pioneira completar 30 anos no ar, o ministro da Comunicação Social, Said Farhat, anunciou oficialmente em Brasília que o presidente João Figueiredo resolvera acatar a sugestão de seus ministros e assinar a perempção das sete concessões precárias de televisão que pertenciam ao Condomínio Acionário dos Diários e Emissoras e Associados. Segundo Farhat, uma licitação pública seria aberta “dentro do mais breve espaço de tempo possível” para que um novo grupo assumisse a rede. Todos os bens da empresa Rádio Difusora São Paulo S/A, avaliados em cerca de Cr\$ 1 bilhão, entre equipamentos, imóveis e terrenos — 20 deles eram postos retransmissores no interior do estado — seriam desapropriados e as dívidas executadas judicialmente através da Procuradoria Geral da Fazenda. Quanto às 37 emissoras de rádio dos Diários Associados, 31 delas teriam que ter suas concessões transferidas a outros grupos para se ajustar à lei de telecomunicações. O problema era que, para tanto, deveriam estar com as concessões devidamente regularizadas, uma realidade somente na Rádio Tupi do Rio de Janeiro.

O decreto com a decisão de cassar sete das concessões da Rede Tupi de Televisão foi publicado no Diário Oficial em 18 de julho de 1980. O artigo 1º declara a perempção de cada concessão; o 2º determina que o Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel) “adotará as providências no sentido de interromper, imediatamente, os serviços objeto da concessão ora declarada perempta”, enquanto o artigo 3º estabelece sua entrada em vigor na data da publicação no Diário Oficial. Logo pela manhã, o Dentel passou a proceder a lacração dos transmissores da TV Tupi - Canal 4 de São Paulo, TV Tupi - Canal 6 do Rio de Janeiro, TV Itacolomi - Canal 4 de Belo Horizonte, TV Rádio Clube - Canal 6 do Recife, TV Marajoara - Canal 2 de Belém, TV Ceará - Canal 2 de Fortaleza e TV Piratini - Canal 5 de Porto Alegre. “Ficaram de fora a TV Brasília, por intercessão de um condômino influente em Brasília, e a TV Itapoan de Salvador, por causa das gestões do governador Antônio Carlos Magalhães”⁶⁵, disse o jornalista Humberto Mesquita. Por outro lado, o ministro Said Farhat justificou apenas que essas concessões estavam em plena vigência, faltando assim condição legal para a suspensão imediata da operação das duas emissoras.

65 “Tupi: A Greve da Fome”, Humberto Mesquita, Cortez Editora, 1982:149.

Como resultado da decisão, o Condomínio Acionário dos Diários Associados perdeu os sete canais, mas continuou de posse do patrimônio das empresas — prédios e equipamentos — para responder pelas dívidas existentes, seja para com órgãos e entidades públicas ou privadas.

Posteriormente, as concessões não cassadas da TV Brasília e da TV Itapoan foram renovadas. Após o encerramento da Rede Tupi, ela passou a transmitir a programação da REI (Rede de Emissoras Independentes), liderada pela TV Record e TVS do Rio de Janeiro. Com o surgimento do SBT em 1981, a TV Brasília passou a ser uma de suas principais afiliadas. Em 1986, quando o SBT conquistou uma emissora própria no DF, a TV Brasília se afiliou à Rede Manchete, tornando-se a principal afiliada daquela rede. Hoje, os Diários Associados ainda têm participação acionária na TV Brasília, que retransmite a programação da RedeTV!. Já a TV Itapoan foi vendida logo depois das perempções para o Sistema Nordeste de Comunicação. Com a extinção da Rede Tupi, a TV Record passou a liderar, juntamente com a TVS do Rio de Janeiro, a REI, composta em sua maioria por emissoras que integravam a Rede Tupi e buscavam sobrevivência, inclusive a TV Itapoan, vendendo espaço para as produções dos Estúdios Silvio Santos. A TV Itapoan se tornou propriedade da Rede Record em 1997. Quanto à situação das 13 emissoras locais que eram afiliadas da Rede Tupi, o diretor-geral do Dentel autorizou que elas efetivassem negociações livremente para passar a retransmitir sinais de outras redes, a fim de não prejudicar a prestação dos serviços.

O governo justificou as medidas de perempção afirmando que exigiram o fechamento das emissoras os sistemáticos atrasos no pagamento dos salários dos funcionários e o não recolhimento dos tributos federais e de contribuições sociais obrigatórias, aliados aos vultosos débitos das empresas componentes da rede junto aos órgãos de entidades da administração pública. Todavia, para amenizar o problema social decorrente do desemprego dos funcionários das sete emissoras, o governo estimularia os novos concessionários a contratá-los novamente, determinaria ao Ministério do Trabalho e à Caixa Econômica Federal que pagassem os salários atrasados e estudaria a possibilidade de permitir o adiantamento das quantias referentes ao Fundo de Garantia não recolhido.

O ministro Farhat ressaltou que “nos últimos 10 anos, ou mais, a TV Tupi se caracterizou por problemas administrativos e inadimplência de obrigações fiscais e trabalhistas”. Afirmou que todos os acordos feitos entre a Tupi e os ministérios das Comunicações e Previdência, para parcelamento da dívida de Cr\$ 1,3 bilhão, foram descumpridos pelo Condomínio. “Quase poderia contar nos dedos os casos em que as empresas do Condomínio estiveram em dia com suas obrigações sociais”.

Farhat revelou que “a decisão oficial foi tomada após demorado exame da situação das emissoras: as altas dívidas — com a União, empregados e bancos — tornavam impossível a transferência para grupos privados. E a continuar tudo nas mãos dos atuais concessionários, estaria o governo a financiar indefinidamente os Associados. O governo resolveu dar um basta”.

A respeito das críticas de que o governo criou um problema social com as cassações, já que haveria o desemprego de milhares de profissionais, Farhat refutou. “Não vamos esquecer por um minuto sequer o fato de que a situação social foi criada pelo condomínio e não pelo governo. O governo entra no caso apenas dando um remédio drástico, mas que é o melhor possível para assegurar o restabelecimento destas emissoras de TV e, portanto, dos empregos afetados”. Disse ainda que os novos concessionários “terão de recorrer naturalmente” a estes funcionários demitidos, “pois não há no Brasil tanta gente assim especializada em TV”⁶⁶.

A reação dos Associados foi de espanto e indignação. Sabiam que a situação da sua rede era insuportável, mas tinham a garantia do governo de prorrogação do prazo para reexame do assunto do enquadramento do grupo no Decreto-Lei 236. Em outros termos, o próprio governo não levava em conta a suspensão do prazo fatal, garantida por documento. Por outro lado, um comprador fora mobilizado para a rede — a Editora Abril — e a seguir descartado pelo próprio governo. Os Associados, portanto, não haviam se recusado a vender os canais, nem protelado a busca do comprador. (“Brasil, Primeiro - História dos Diários Associados”, Glauco Carneiro, Fundação Assis Chateaubriand, 1999:545)

A notícia, apesar de também ser esperada, causou pânico em muitos diretores e demais funcionários das sete emissoras, principalmente das que não acompanhavam o dia a dia da greve da Tupi paulista. Alguns dirigentes do Condomínio Associado declararam à imprensa que havia a “mão” da Rede Globo na decisão do governo. O que mais indignou o grupo “Associado” foi o número e a situação de alguns dos canais cassados. Para eles, seria compreensível que a TV Tupi de São Paulo fosse cassada e, eventualmente, a do Rio, que tinha dívidas, mas bem inferiores às de São Paulo. Na opinião da diretoria e funcionários, “incluir emissoras perfeitamente equilibradas como a TV Itacolomi de Belo Horizonte e a TV Rádio Clube, do Recife, empresas diferentes, hígdas, que nada tinham a ver com o grupo de São Paulo, foi considerado abusivo e despropositado”⁶⁷.

Quanto a essas emissoras que estavam com as concessões vencidas, mas financeiramente sadias, o ministro Farhat explicou que “o grupo responsável pela maioria do capital não deu ao governo condições de admitir que, depois de ter sido assistido financeiramente tantas vezes, a título de saldar dívidas, viesse a se recuperar. Achou o governo que não devia preservar emissoras como a Itacolomi, pois significaria deixá-las em poder de um grupo que já dera largas provas de incapacidade gerencial”. Em relação aos empregados destas emissoras, garantiu que “a situação deles será cuidadosamente examinada”.

66 “Governo Não Renova Concessões de Sete Canais da Tupi”, *Jornal do Brasil*, 17/07/1980, 1º Caderno, p. 16.

67 “Brasil, Primeiro - História dos Diários Associados”, Glauco Carneiro, Fundação Assis Chateaubriand, 1999:546.

“Segundo uma fonte do Planalto, o governo tinha informação de que o presidente do Condomínio Acionário, senador João Calmon, vinha sacando recursos das unidades mais sólidas [do Condomínio]. Resultado: os funcionários do ‘Estado de Minas’ e da TV Itacolomi receberam o último salário com 20 dias de atraso”. (“Governo Cassa Concessão de Sete Canais da Rede Tupi, O Globo, 17/07/1980, O País, p. 6)

Para a própria diretoria do Sindicato dos Radialistas, a decisão governamental também foi impactante, já que o governo havia criado uma grande expectativa de que a transferência direta das concessões resolveria o problema. Em São Paulo, no sentimento dos funcionários, responsáveis pela grandeza que um dia representou a TV Tupi – “Do Tamanho do Brasil”, como dizia seu *slogan*, havia uma mistura de emoção e alívio, depois de tanto sofrimento causado pelo descalabro administrativo.

O presidente da Associação das Emissoras de Rádio e Televisão de São Paulo (AESP), Edmundo Monteiro, ex-diretor dos “Associados” em São Paulo, considerou “precipitada” a decisão do governo, alegando que a medida “alastrou” a crise social, fazendo subir de 800 para 3500 o número de desempregados.

O senador João Calmon, presidente do Condomínio Associado, recusou-se a receber a imprensa ou divulgar uma nota oficial sobre as perempções. Já o procurador do Condomínio, Paulo Cabral, considerou a decisão do governo como “uma posição unilateral”. Para ele, a melhor solução para todas as partes envolvidas era a negociação para transferência dos canais a outros grupos.

Das empresas concessionárias das sete estações de TV da Rede Tupi cassadas em julho de 1980, apenas a Rádio Difusora São Paulo S/A (Canal 4) teve sua falência decretada, algo que aconteceu em 31 de agosto de 1981. Em São Paulo, as rádios Tupi e Difusora ainda seguiram em operação por mais algum tempo após a cassação do Canal 4, algo que será retratado no Capítulo 4.4. No Rio de Janeiro, a Rádio Tupi segue em operação até os dias atuais, ainda como parte da empresa S/A Rádio Tupi, a mesma que foi responsável pelo Canal 6 carioca. Há ainda outras empresas pelo Brasil que hoje operam suas estações de rádio, mas que tiveram suas emissoras de televisão entre as sete da Rede Tupi que perderam a concessão no governo Figueiredo.

As origens das causas que levaram ao fechamento da Tupi remontam ao ano de 1968, quando Chatô morreu cometendo seu maior erro empresarial: deixou o império de empresas de comunicação que havia construído para um condomínio constituído por seus mais próximos colaboradores. Foi o começo do fim. A falta de uma liderança forte e o fato de que os condôminos não podiam deixar suas cotas como herança para as famílias deu início a um processo de descapitalização das empresas, corrupção financeira e absoluto descalabro administrativo. E não há império que resista a uma péssima administração e constante sangria criminosa de seus lucros. Pressionado por funcionários que não recebiam há muitos meses, pelas dívidas previdenciárias, para com o fisco e pelo escândalo empresarial que representava a diretoria do Condomínio Associado, não pôde o governo federal tomar outra atitude que a cassação da maior parte dos canais da Rede Tupi. (Revista Briefing, nº 25, setembro de 1980)

Retirada dos Cristais e Lacração dos Transmissores

“Cristal é uma palavra pura. Parece que eles tiraram nosso cristal interno. Foi um dia trágico e saímos do ar para sempre” (Cyro Del Nero).

A profunda frase do diretor de comunicação visual da TV Tupi de São Paulo, Cyro Del Nero, retrata bem o que significou a lacração dos transmissores das sete emissoras cassadas da Rede Tupi. Na manhã do dia 18 de julho de 1980, funcionários do Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel) de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Fortaleza, Belém e Recife cumpriram ordens para adentrar as salas de transmissão das emissoras e inviabilizar o funcionamento dos transmissores, algo a ser feito no painel de controle com a remoção do cristal de quartzo, que é um componente vital e responsável por todo o sincronismo das transmissões, uma espécie de coração do equipamento. Em seguida, um lacre seria colocado no mesmo painel de controle do transmissor. Sua remoção caracterizava crime.

Às 8h30 do dia 18, o diretor-geral do Dentel, coronel Antônio Fernandes Neiva, expediu ordens, via telex, para que os diretores regionais do órgão, onde se localizavam as emissoras cassadas, interrompessem imediatamente as transmissões. A TV Marajoara, de Belém, foi a primeira a sair do ar, às 9h20, e a TV Tupi do Rio de Janeiro foi a última, às 12h36. Durante o processo de lacração, não houve qualquer incidente, apenas o clima de muita emoção dos funcionários. O coronel Neiva declarou recomendar aos encarregados de executar a missão que evitassem qualquer tipo de confronto e fossem cautelosos para não haver atritos com os funcionários.

Em Belém (PA), a TV Marajoara nem teve tempo de entrar no ar naquele dia, mas havia encerrado a programação à 0h17 da noite anterior com um filme chamado “Tempos Difíceis”. O transmissor foi lacrado às 9h20.

Em Belo Horizonte, a TV Itacolomi ainda não havia iniciado a programação e transmitia seu padrão de testes. Foi lacrada às 10h27, deixando cerca de 300 funcionários desempregados. O clima chegou à desolação, pois, devido à estabilidade financeira da emissora, não era esperada sua cassação. A operação de lacre nos transmissores foi executada com a presença de um batalhão de choque da Polícia Militar, que depois se deslocou até o prédio central da emissora e permaneceu durante todo o dia.

Em Recife, diante de 160 angustiados empregados da TV Rádio Clube de Pernambuco, três funcionários do Dentel lacraram os transmissores às 10h47. A emissora iniciava sua programação às 10h, mas naquele dia iniciou às 9h45 a última transmissão, feita do estúdio principal, mostrando o momento em que o superintendente da emissora, Ricardo Pinto, se dirigiu aos 160 funcionários: “Não há motivos para lágrimas e apereios para vocês”, frisando depois que ninguém seria desamparado. Mesmo avisados de que não poderiam filmar as derradeiras cenas, a emissora chegou a transmitir para Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas o pânico em que se transformou o prédio da televisão poucos momentos antes do lacre. O locutor Osório Romero e um dos editores do jornalismo da emissora chegaram a poucos metros dos transmissores para narrar o epílogo da TV Rádio Clube. Fez um apelo ao presidente Figueiredo e

um agradecimento ao público pela audiência e solidariedade. Três minutos depois, o transmissor foi desligado. O superintendente da emissora, Ricardo Pinto, não entendeu a punição a uma empresa que “apesar de não dever nada a ninguém, é cassada apenas pelo fato de ser ‘Associada’”.

“Afim! Chegou o momento”. Após a mensagem, às 11h19, saiu do ar a imagem da pioneira de seu estado, a TV Ceará de Fortaleza. Diante das câmeras estava o animador de auditório Augusto Borges, que lia mensagens de apelo dos telespectadores ao presidente da República para que revogasse a medida de cassação dos canais da Rede Tupi. Um dos últimos a falar foi o cantor Fagner, que nasceu artisticamente na TV Ceará, em programas de auditório da década de 1970. “Isso tudo faz parte de um complô contra a criatividade brasileira. Eu estou pasmado e até chorando”, disse Fagner, em uma fala que durou oito minutos. “Eu nasci aqui. A gente deve brigar por isso. Espero que retomemos brevemente”, disse o cantor que, em seguida, deu um abraço em Augusto Borges, chorando convulsivamente.

A TV Piratini, Canal 5 de Porto Alegre, interrompeu suas transmissões às 11h55, depois de 21 anos de operações. Naquele momento, estava sendo exibido um desenho animado dos estúdios Hanna-Barbera. Aos funcionários, ficou a promessa do superintendente regional Associado, Estácio Ramos, de transformar a TV numa central produtora de comerciais. A direção da emissora evitou declarar qualquer coisa à imprensa, inclusive justificando a saída do ar como se fosse um problema técnico.

Em São Paulo, poucos minutos antes do meio-dia, um delegado da Polícia Federal e mais quatro agentes davam proteção a três engenheiros do Dentel, que subiram ao 10º andar do edifício-sede das Emissoras Associadas de São Paulo, na Avenida Prof. Alfonso Bovero, nº 52, bairro do Sumaré. Eles lacraram o transmissor RCA TT6-AL da pioneira TV Tupi - Canal 4, que já se encontrava desligado havia cinco dias, em função da total adesão à greve dos funcionários. A emissora saía do ar exatos 29 anos e 10 meses depois de sua inauguração. Um delegado da Polícia Federal e mais quatro agentes davam proteção aos engenheiros. “Joguei flores quando foi inaugurada. Agora, jogo a pá de cal”, disse o diretor-financeiro Mauro Gonçalves, que recebeu os três cristais das mãos do agente fiscalizador do Dentel, assinou o termo de interrupção e colocou as peças em um cofre. “Quem deveria estar aqui para receber o Dentel era o João Calmon e Edmundo Monteiro, e não eu”, reclamou.

Cerca de 40 funcionários assistiram ao ato de lacração do Canal 4. Alguns procuravam os cantos para esconder as lágrimas. O diretor-administrativo Wilson Andrade considerou o desfecho da TV Tupi “natural pelo comportamento da direção da empresa, mas extremamente chocante para quem foi dela funcionário”. O ato de retirada dos cristais e a lacração foram rápidos e, após, agentes do Dentel, funcionários e diretores da TV Tupi reuniram-se no 9º andar para assinatura do termo de interrupção. Naquela época, a TV Tupi ocupava cinco dos 10 andares do prédio, onde também funcionavam as rádios Tupi, Difusora AM e Difusora FM, que continuaram em operação (ver Capítulo 44).

A Vigília no Rio de Janeiro

Nos últimos tempos, a TV Tupi especializara-se em levar ao ar programas emotivos e dramáticos. Mas em nenhum desses momentos seus funcionários, acostumados já a tantas crises, pensaram, sequer, na possibilidade de virem a transmitir sua própria agonia como o que aconteceu na noite e madrugada do dia 17 para 18 da semana passada, naquele que foi, com certeza, o mais longo e dramático programa de sua história, no qual mostrava-se o próprio funeral da empresa e a luta e desespero dos funcionários para não deixá-la ser enterrada. (“A Longa Noite de Esperança”, *Amiga*, nº 533, 07/08/1980, n.p.)

No Rio de Janeiro, o impacto nos funcionários da TV Tupi - Canal 6 foi maior do que em outras praças. Assim que soube da decisão do governo, o animador de TV Mauro Montalvão foi às pressas até o prédio da Urca, preocupado em retirar cerca de Cr\$ 80 mil de eletrodomésticos que seriam doados nos seus programas. O material tinha chegado ao prédio pouco antes da notícia da medida do governo.

As movimentações dos funcionários logo se iniciaram. Na tarde do dia 17 de julho, estava no ar o programa “Aqui e Agora”, co-produzido entre a TV Tupi do Rio de Janeiro e a PAB - Produções Artísticas Brasileiras, do argentino Odair Marzano, locatário de todo o horário vespertino da Tupi carioca⁶⁸.

O auditório estava impressionado com o caso da madrasta que maltratava a enteada. Os moradores de Guadalupe não queriam perder suas casas. O programa “Aqui e Agora” seguia seu *script* ao vivo, quando, de repente, apareceram diante das câmaras centenas de pessoas, que mesmo sem terem sido chamadas, também resolveram contar o seu drama: eram os próprios funcionários da TV Tupi. O povo tem livre acesso ao programa (...), mas ontem à tarde os papéis se inverteram: os funcionários e que levaram seu drama para o auditório, que, surpreso, bateu palmas solidário quando soube do fechamento iminente da emissora e dos 540 empregados que ficarão sem trabalho. (“Dentel Tira do Ar Hoje Sete Canais de Televisão da Tupi: Funcionários Querem Ficar, ‘Aqui e Agora’”, *Jornal do Brasil*, 18/07/1980, Nacional, p. 8)

Por volta das 18h, o “Aqui e Agora” acolheu diversos funcionários da emissora para comunicar ao público sobre o fechamento da emissora e falar de seus dramas pessoais, com a iminência do desemprego. Em determinado momento, a transmissão foi cortada por ordens do diretor-superintendente da emissora, José Arrabal. Mais tarde, às 20h, com a direção da emissora já sem o controle da situação, dava-se início à transmissão especial de uma vigília dos funcionários da Tupi do Rio, sob o comando dos apresentadores Carlos Lima e Jorge Perlingeiro, numa tentativa derradeira de sensibilizar as autoridades, ou na pior das hipóteses, dar dignidade à noite de despedida da estação. Foram reunidas todas as câmeras e todos os recursos técnicos disponíveis para a vigília, que se prolongou até o momento da lacração dos transmissores. Vários políticos, advogados e personalidades, como o cantor Agnaldo Timóteo, os atores Rosamaria Murtinho e Milton Gonçalves, e o humorista Costinha, entraram no ar e deram seu apoio aos funcionários e à manutenção da emissora.

⁶⁸ Além da PAB, a TV Tupi do Rio tinha vários outros concessionários que alugavam horários, como Mauro Montalvão e Monsieur Limá, um modelo que a emissora adotou para economizar com produção própria e, ao mesmo tempo, garantir maior arrecadação.

A agonizante Tupi espalhou sua dor para o público, e o povo foi para a Urca em peso, se aglomerando pelas dependências da estação e arredores, numa demonstração de apoio incondicional para que ela não fechasse as portas. Artistas da casa e de outras emissoras, cantores e jornalistas se juntaram atônitos e tristes. O *grill*, palco de tantos musicais realizados nos vinte e nove anos (...) de existência da Tupi, e mais tantos outros de espetaculares shows do Cassino da Urca, em sua forma arredondada, virou a taba da agonia, com o apresentador Jorge Perlingeiro ancorando a vigília e abrindo microfone para o apelo derradeiro de todos os presentes. (“TV Tupi do Rio de Janeiro - Uma Viagem Afetiva”, Luís Sérgio Lima e Silva, Imprensa Oficial, 2010:212)

No amanhecer do dia 18 de julho, cerca de 200 pessoas participavam da vigília no principal estúdio do centro de televisão da Tupi, no antigo Cassino da Urca. A TV Rádio Clube do Recife e a TV Ceará retransmitiam trechos da vigília. Duas guarnições da Polícia Militar faziam plantão no local, mas os policiais pareciam perplexos com as cenas dramáticas que testemunhavam. Comícios foram improvisados na porta da emissora, inclusive com a participação de políticos, e o trânsito no bairro chegou a ficar congestionado. Faixas foram afixadas no lado externo do prédio, com os dizeres “Queremos Trabalhar!!!” e funcionários erguiam cartazes com as mensagens “A TV Tupi no ar é nossa salvação”, “Queremos o direito de reerguer a Tupi”, entre outras.

Em um determinado momento, os apresentadores tentaram, em vão, falar com o presidente João Figueiredo, ao vivo, pelo telefone. Pouco depois das 12h, passaram a ser exibidos trechos da missa do Papa João Paulo II, realizada dias antes no Aterro do Flamengo. No vídeo, em sobreposição, foram inseridos os dizeres: “Até breve, telespectadores amigos. Rede Tupi”⁶⁹.

Por volta das 12h20, as imagens da missa continuavam em exibição e os técnicos do Dentel entraram em contato telefônico com o diretor-superintendente José Arrabal, comunicando que já estavam prontos no transmissor do Morro do Sumaré.



A vigília na Tupi carioca e as cenas da missa do papa João Paulo II no Rio (Video Archives Brasil/reprodução).

⁶⁹ Em 2020, quando a cassação das emissoras da Rede Tupi completou 40 anos, um canal do YouTube, especializado em arquivos da TV, postou uma relíquia: um vídeo com vários minutos contendo trechos da vigília dos funcionários da TV Tupi do Rio de Janeiro. Não foi revelada a procedência do material, que pode ser visto em youtu.be/FiHMJcfXEAI.

— Os senhores não receberam ordem expressa para isso? Então cumpram. Só peço que aguardem um pouco para exibirmos nossa última mensagem — disse Arrabal. E assim foi feito.

Nesse instante, seguem as imagens da missa papal e a frase sobreposta, mas o áudio de “João de Deus” é substituído por uma narração gravada, dirigida a outro João, o presidente da República. A dramática mensagem, redigida na véspera por alguns diretores da emissora, foi gravada pelo apresentador de telejornais da emissora, Cévio Cordeiro, ao som de uma trilha que provocou as lágrimas em quase todas as 200 pessoas no estúdio, inclusive nos *cameramen*.

Na mensagem, com fundo musical dramático, implorava-se, em nome de Deus, que o presidente revisse sua posição e não fechasse aquela emissora, para que eles mesmos, funcionários, pudessem assumir as operações. Disse o trecho final da mensagem:

Sr. presidente, em nome desta pátria que vossa excelência comanda; em nome de um povo que acredita na sua justiça; em nome de uma nação inteira que reconhece seus sentimentos humanitários, em nome de Deus, sr. presidente: reveja a posição e nos conceda o direito de continuar trabalhando. Se nada do que invocamos, o povo, a nação, nem mesmo o sr. Se nada disso interessar, pelo menos, sr. presidente, em nome de nossos filhos, de nossas esposas — filhos iguais aos seus, netos iguais aos seus, amigos iguais aos seus —, em nome, afinal, de tudo aquilo que vossa excelência achar que é válido, nós rogamos a sua ajuda. Nem Deus poderá fazer o milagre. Nem mesmo o outro João, o papa atleta, ou atleta de Deus. Desta feita, sr. presidente, só vossa excelência poderá nos salvar. Receba os agradecimentos dos empregados da Rede Tupi, em seu nome, e em nome de suas esposas, de seus filhos, cujo único desejo, única reivindicação, é trabalhar. Deixe-nos trabalhar, senhor presidente! Senhor presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo: só isso que desejamos. Vossa excelência é o único capaz de realizar esse milagre. Nem João de Deus poderia fazê-lo. Só o João de Brasília. Deus que te abençoe, sr. presidente.

Após 11 minutos, a mensagem ao presidente se encerrou sob demorados aplausos. A vigília havia durado 18 horas ininterruptas de lágrimas, indignação e súplicas. Entra no ar naquele instante a última logomarca da TV Tupi, criada por Cyro Del Nero, ainda sobreposta pelos dizeres “Até breve telespectadores amigos. Rede Tupi” e, ao fundo, uma empolgante trilha sonora para marcar o fim. Logo em seguida, às 12h36, depois de quase 30 anos de atividade, o sinal da TV Tupi - Canal 6 do Rio de Janeiro saía do ar, com o desligamento do potente transmissor RCA da emissora, instalado no Morro do Sumaré. A emoção ficou ainda maior e algumas pessoas tiveram que ser atendidas por uma equipe médica que estava presente. Os funcionários recebem ordens de colegas de liderança para irem para seus setores e tomar conta do material, evitando que “sejam levados pelo senador Calmon e seus companheiros”. Ninguém deveria sair da emissora. “A casa é nossa”, gritava alguém. Lentamente e chorando, os técnicos iniciaram o desmonte das aparelhagens. O *cameraman* Luís Roberto Moreira, de 27 anos, abraçou-se à câmera, aos gritos. A cena comoveu a todos. Mais de dez colegas tentaram retirá-lo, mas Luís não largava o aparelho. A muito custo, conseguiram levá-lo para os bastidores.

“Lacrei os transmissores da seguinte maneira: retirando o excitador e locando em curto os soquetes das câmaras térmicas dos cristais do transmissor principal” (Trecho do termo de lacração do transmissor do Canal 6 do Rio de Janeiro, redigido pelo técnico do Dentel)

Durval Cardoso Filho, que havia nove anos trabalhava como técnico de manutenção na emissora, e que recebeu do funcionário do Dentel o termo de lacração dos transmissores, olhou em frente depois de assinar quatro vias do documento, e disse sem muita convicção: “É chato, mas a vida continua”. As cenas da lacração na Tupi do Rio foram gravadas por uma equipe de reportagem da TV Bandeirantes e exibidas no mesmo dia pelo “Jornal Bandeirantes”⁷⁰.

“Vamos cair de pé, mantendo todos os programas no ar, para irmos até o fim”, disse o superintendente José Arrabal, acrescentando que ninguém acreditava que a crise de São Paulo acabasse com “uma medida violenta”.

Apesar do “Até breve” e da posterior movimentação dos funcionários e de sindicatos para formalização de uma proposta ao governo para reabrir a emissora sob a condição de cooperativa, a TV Tupi jamais voltou ao ar.

A Tupi sucumbiu à ideia de Chateaubriand de se fazer suceder por um grupo de condôminos. (...) Mas, a Tupi sucumbiu também à incompetência dos sócios do clube. A decadência vertiginosa por que passaram os canais de uma rede enorme, formada justamente num momento em que o simples fato de possuir uma rede já significava, uma vantagem adicional incrível, não pode ter outra explicação racional que não fosse uma desastrosa administração do acervo em mãos do grupo empresarial que tinha nas mãos concessões tão preciosas em momento tão estratégico. (“Os Meios de Comunicação Sob um Fio da Navalha”, Paulo Maia, *Jornal do Brasil*, 20/07/1980, *Televisão*, p. 9)



Última imagem exibida pela TV Tupi do Rio de Janeiro, que saiu do ar às 12h36 (Video Archives Brasil/reprodução).

70 Esta reportagem pode ser vista em youtu.be/qd2dtSlcDGE.

A Opinião do Colunista de TV Eli Halfoun – Com a confirmação da cassação, os funcionários movimentaram-se imediatamente e decidiram realizar, de câmaras abertas, a noite da solidariedade. (...) A Tupi viveu sem dúvida, em seus últimos momentos, instantes heroicos, mas muito menos heroicos do que aqueles que aguentaram firme durante anos a emissora no ar, às custas de muito sacrifício, de fome até. Mas faltou naquele momento serenidade para entender que a razão precisava estar acima da emoção. E a razão, baseada em fatos, ao contrário da emoção que é fruto de um momento de nenhuma reflexão, deixava evidente que todo aquele sacrifício de vigília, toda a solidariedade, toda a vontade de querer trabalhar, era mais um desgaste: querer manter a Tupi no ar, às custas de mais sacrifícios, não era uma solução. Me parece apenas masoquismo. A Tupi vinha errando há anos e (...) conseguiu enganar sua gente, uma gente que merece respeito por sua dedicação e lealdade. Um respeito que certamente virá pelas mãos do novo grupo que vencer a concorrência aberta pelo governo. Como solidariedade, a longa noite da Tupi foi bonita e deixou muitas lições. Mas, por outro lado, foi também um espetáculo surrealista com apelos desnecessários e repetitivos e com muita gente, como sempre, querendo apenas aparecer. Certamente, agora o pessoal deverá estar consciente de que a esperança de novos caminhos é muito mais gratificante do que a luta por uma causa perdida. E a Tupi estava perdida há muito tempo. Sua cassação foi o atestado de óbito de um morto que já não batia o coração há anos. (...) Durante toda a noite da vigília da esperança, falou-se muito no fechamento do mercado de trabalho. Mais uma ilusão inspirada pela emoção. A Tupi já tinha deixado de ser mercado de trabalho há anos. Ela vinha, isto sim, explorando o trabalho de pobres, decentes e dedicados profissionais que não encontravam uma saída e que mantinham a ilusão, enganados pelos poderosos, de que um dia a situação se resolvesse. E foi só esse engano que não os deixou perceber que mercado de trabalho é aquele que paga em dia, cumprindo suas obrigações trabalhistas, e que dá condições para o exercício da profissão? O que jamais aconteceu na Tupi. É lamentável, não há dúvidas, o fechamento da Tupi, mas não porque com ele fechou-se mais uma porta do mercado de trabalho. É lamentável, acima de tudo, porque uma rede de televisão — a maior do Brasil — deixou-se afundar por absoluta incompetência. Pela ganância de poucos que prejudicaram muitos. E era, sem dúvida, o momento de acabar. A Tupi não tinha mais solução: era uma bola de neve a crescer cada dia e que, como aconteceu, acabaria rolando e despedaçando. Felizmente não fez mais vítimas. (“Tupi: Um Triste Passado, um Futuro de Esperanças”, Eli Halfoun, Amiga, nº 533, 07/08/1980, p. 16-17)

João Calmon Deixa a Presidência dos “Associados” – Três dias após o decreto do governo que tornou perempta sete emissoras da Rede Tupi de Televisão, João Calmon, em meio ao fogo dos adversários, renunciou à presidência do grupo Diários Associados. Chefe supremo da instituição há 12 anos. Calmon creditou seu gesto “ao salutar princípio da rotatividade na direção da empresa”. Antes da saída do senador, o nutrido rol de equívocos que marcou seu período na presidência do Condomínio foi engrossado por uma extravagante decisão. Às vésperas do decreto federal que fechou sete das nove emissoras Associadas, a [TV] Bandeirantes quis comprar todos os trajes [e cenários] que a Tupi mandara fazer para as filmagens da novela “Drácula”, e que poderiam ser utilizados na novela “Um Homem Muito Especial”, o mesmo “Drácula” que a Bandeirantes resolveu gravar com outro nome. A Tupi recusou. Agora, os condôminos estão proibidos de vender bens das emissoras fechadas, e as roupas, condenadas a apodrecer nos abandonados estúdios do Sumaré. (“Mais Duas Redes”, Veja, 30/07/1980, p. 29) “Continuo na qualidade de membro da comissão executiva dos condôminos em caráter vitalício, dada pelo próprio Chateaubriand. Estou plenamente integrado, apenas com a diferença de não ser mais o presidente”, declarou Calmon. Quem o substituiu foi Paulo Cabral de Araújo, que permaneceu no cargo até o ano de 2002.

O Cristal de São Paulo

Segundo o “Jornal do Brasil”, o cristal do transmissor da TV Tupi de São Paulo chegou a ser recolocado no dia 22 de outubro de 1980, atendendo a um pedido do ministro da Previdência Social, Jair Soares, uma vez que o levantamento do material da emissora estava sendo feito pelo Instituto de Arrecadação da Previdência Social, depositário daqueles bens no momento. O Sindicato dos Radialistas de São Paulo teria deixado um grupo de funcionários no local, por duas horas diárias, para manter o equipamento em boas condições de uso em São Paulo. Fora de operação, o transmissor fica sujeito à oxidação. O representante dos funcionários da Tupi, Humberto Mesquita, informou à imprensa que aquele era o primeiro sinal do renascimento da emissora, que seria “cabeça” de uma das redes de televisão em licitação.

Enfim, o Pagamento dos Salários Atrasados

Cumprindo o compromisso assumido junto ao Sindicato dos Radialistas do Estado de São Paulo, o governo federal iria amparar imediatamente os funcionários desempregados da TV Tupi de São Paulo, concedendo um salário-empréstimo junto à Caixa Econômica Federal, a ser pago pelo futuro concessionário do Canal 4 de São Paulo. Entretanto, por meio de negociações do mesmo sindicato, o empréstimo se tornou extensivo a todos os desempregados que trabalhavam nas outras seis emissoras cassadas. Poucos dias após a preempção decretada, os

funcionários desempregados da TV Tupi de São Paulo receberam a primeira parcela de seus cinco salários atrasados e passariam a receber o seguro-desemprego até serem “absorvidos” pelo próximo concessionário. Para pagar os atrasados dos funcionários demitidos nas outras emissoras declaradas peremptas, o montante do empréstimo da Caixa Econômica Federal passou de Cr\$ 40 milhões para cerca de Cr\$ 65 milhões. Segundo o ministro interino do Trabalho, Geraldo Miné, a soma do número de trabalhadores desempregados em todas as sete emissoras cassadas chegou a 2534.

Indenização – Diários Associados, empresa fundada em 1924 pelo jornalista Assis Chateaubriand, recebeu, em 1998, uma ação indenizatória de R\$ 220,8 milhões da União pela decretação da perempção da TV Rádio Clube de Pernambuco, ocorrida em 18 de julho de 1980 por determinação do então presidente da República João Figueiredo. O embasamento jurídico surgiu quando o Ministério das Comunicações oficiou os “Associados”, no início de 1979, fixando prazo de 90 dias para regularizar suas concessões, de acordo com o Decreto-Lei nº 236/67. Paulo Cabral, procurador do Condomínio, solicitou prorrogação do prazo, alegando ser exíguo. Em resposta, o Ministério afirmou que “está suspenso o prazo estabelecido de 90 dias, com o assunto sendo encaminhado para novo pronunciamento da consultoria jurídica”. No livro “Brasil, Primeiro”, de Glauco Carneiro, que conta a história dos Diários Associados, Paulo Cabral revela que “isso foi um achado para nós”. Segundo ele, o Ministério das Comunicações não tomou mais nenhuma providência. “Mais tarde, com base nessa resposta, levando em conta que o governo pouco depois iria cassar sete das nove estações da Rede Tupi de Televisão sem levar em conta a suspensão do prazo, os Associados encontraram base jurídica para entrar com ações de perdas e danos contra a União, pelo fechamento de suas emissoras, em nome da TV Rádio Clube de Pernambuco, que não possuía débitos trabalhistas”. O Condomínio Associado, à época, contava com 12 jornais, seis emissoras de TV e 13 estações de rádio, ocupando a sexta posição no *ranking* nacional das empresas de comunicação. A vitória nos tribunais aconteceu após 12 anos de disputa. Há outras ações na Justiça em nome da TV Ceará, TV Marajoara, TV Itacolomi, TV Tupi do Rio e TV Piratini. Os Diários Associados só não acionaram a União por ter cassado a TV Tupi de São Paulo, já que foi a única empresa que faliu. “Se o governo tivesse dado o apoio que solicitamos naquela época, teríamos tido condição de recuperar a Rede Tupi e estabelecer uma concorrência forte. Porque, afinal de contas, éramos os pioneiros da mídia televisão, conhecíamos o negócio, sabíamos o que era preciso e possível fazer”⁷¹, declarou Paulo Cabral de Araújo em 1999, então presidente do Condomínio Associado.

A Censura - “Este programa da Rede Tupi de Televisão foi aprovado e liberado pelo serviço de censura federal para ser exibido neste horário”. Em época de censura, para obter esse tipo de liberação, as emissoras de televisão tinham que submeter previamente as fitas com suas produções aos censores para que fossem avaliadas. Não diferente das demais emissoras, a TV Tupi teve problemas com a censura federal e, em suas novelas, muitos diálogos e piadas foram cortados. Dois casos emblemáticos de censura na TV Tupi envolveram a participação de dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo metropolitano de São Paulo. Ele vinha participando da novela “O Profeta”, de Ivani Ribeiro, exibida em 1977-78. O primeiro problema se deu quando uma das cenas com dom Paulo não foi cortada como havia determinado a Censura. Nela, o religioso lia uma carta que fazia duras críticas às atrocidades em que eram submetidos os presos políticos do governo militar. Poucos dias depois, uma situação similar gerou mais problemas com a Censura. Um capítulo com outra leitura de carta com acusações contra o governo foi submetido à verificação prévia, mas, na verdade, o capítulo já tinha ido ao ar integralmente no dia anterior à verificação prévia. O fato foi comunicado ao Senhor Ministro da Justiça, com pedido de aplicação de penalidade para a emissora faltosa.

CAPÍTULO 42

LICITANDO OS CANAIS DA REDE TUPI

“A Abril chegou a ter o pão na boca”, informou recentemente uma fonte palaciana, acrescentando que os nove canais disponíveis estiveram quase que integralmente de posse daquela empresa. Mas os outros grupos interessados não perderam tempo e buscaram, também, trunfos que viessem a interferir no processo que caminhava sigilosamente no interior do Palácio [do Planalto]. (“Governo Anuncia Ganhadores das Redes: Como Foi o Processo de Licitação”, Folha de São Paulo, 20/03/1981, Economia, p. 16)

Logo após o governo declarar peremptas as concessões de sete emissoras da Rede Tupi de Televisão, foi preparada a abertura da licitação das concessões desses canais, com a preocupação de selecionar rapidamente novos cessionários e manter aberto o mercado de trabalho, assegurando o emprego dos técnicos, artistas e demais funcionários das emissoras extintas.

O ministro das Comunicações, Haroldo Corrêa de Mattos, autorizou a abertura dos editais de licitação apenas sete dias após as decretações de perempção. A distribuição de canais foi feita em dois lotes, observando-se os efeitos do Decreto-Lei nº 236/67, que impedia uma mesma entidade de manter mais de cinco concessões próprias de TV na faixa de VHF (a quantidade de afiliadas não era limitada). Nos editais, uma novidade: além de licitar as concessões dos sete canais cassados da extinta Rede Tupi, o governo adicionou outros dois. Um deles era o canal 9 de São Paulo, da extinta TV Excelsior, e, o outro, o canal 9 do Rio de Janeiro, da extinta TV Continental. Eles estavam sem uso, visto que, após vencer uma concorrência realizada em 1974, o grupo Jornal do Brasil (JB) passou por uma série de problemas — inclusive a mudança de sede da empresa — que impossibilitou a implantação das emissoras. Houve, ainda, uma renovação do prazo para que o JB se habilitasse novamente, mas desistiu por decorrência do prazo e as concessões voltaram ao governo.

Agora, com um total de nove emissoras na concorrência, o governo poderia contemplar dois grupos distintos de comunicação, determinando que cinco emissoras ficassem com um único concessionário, a fim de se constituir uma rede mais sólida possível, gerando competitividade e estimulando a abertura de mais postos de trabalho. A licitação dos canais em dois lotes também excluiu a participação dos concessionários que possuíam emissoras no Rio de Janeiro e em São Paulo, como era o caso da Globo, Bandeirantes e do Grupo Silvio Santos. Entretanto, quem possuísse apenas uma emissora de televisão, como era o caso da TV Regional de Brasília, do Grupo Capital, poderia concorrer à rede formada por quatro canais.

Para garantir a sobrevivência dos empregados das emissoras da Rede Tupi de Televisão, até que os novos concessionários colocassem no ar as novas emissoras, o governo vinha mantendo o pagamento de salário-desemprego por meio da Caixa Econômica Federal. Como previsto, foi incluído nos editais que esses recursos deveriam ser ressarcidos pelos futuros concessionários das duas redes de TV. Os novos concessionários teriam que garantir os empregos dos

ex-funcionários das sete emissoras cassadas, pelo menos sua maior parte, ou apresentar outra solução satisfatória para o problema trabalhista. Para assegurar a continuidade do serviço e resguardar o mercado de trabalho, o novo concessionário também precisaria fazer uso das instalações e equipamentos das emissoras, que estavam em poder da União, mediante arrendamento, aquisição ou outra forma que fosse acordada entre as partes. As emissoras poderiam comprar novos equipamentos, mas não antes de ter negociado os que a Rede Tupi utilizava.

As principais emissoras de TV pelo Brasil ficaram preocupadas com a notícia da criação de duas redes, pois, para seus diretores, era evidente que não haveria faturamento publicitário suficiente para todas as emissoras, após a entrada de mais duas redes no ar.

O desejo da TV Bandeirantes de São Paulo mudar de canal era antigo, visando ter uma melhor propagação do sinal, já que seu canal 13 era o último da faixa VHF e tinha menor alcance. Mas, em 21 de junho de 1978, quando soube da desistência do Jornal do Brasil em operar o canal 9 de São Paulo, a Bandeirantes entrou com um pedido no Ministério das Comunicações, almejando ocupar o 9 e devolver o 13. Pela proposta de João Carlos Saad, vice-presidente da TV Bandeirantes, para a transmissão no canal 9, a emissora deixaria de transmitir do Pico do Jaraguá e migraria para uma torre a ser construída na região da Avenida Paulista. O pedido foi autorizado em 3 de julho de 1980 e novos equipamentos chegaram a ser encomendados. Apesar de todo o preparo, a mudança acabou não sendo concretizada, devido à falta de recursos e o tempo exíguo para a mudança. O novo concessionário aguardava confirmação para saber se iria comprar equipamentos para operar em São Paulo no canal 9 ou no 13.

Além de empresários, os próprios funcionários da TV Tupi do Rio também pretenderam candidatar-se à concessão do canal 6, oferecendo o passivo trabalhista da empresa como garantia. A proposta foi encaminhada ao ministro das Comunicações, com a assinatura da maioria dos 540 funcionários, mas foi negada. O mesmo aconteceu com os funcionários da TV Tupi de São Paulo, por meio do Sindicato dos Radialistas do Estado de São Paulo, que chegou a pedir apoio ao ministro das Comunicações para que pudesse formar uma sociedade e concorrer na licitação dos canais, algo que a legislação não impedia. Contudo, a intenção do governo era mesmo dar preferência a quem tivesse grande capacidade de liderar uma rede. Antes de abandonarem a ideia de também concorrer à licitação, os empregados da Tupi chegaram a ser procurados por interessados numa associação: a Rede Piratininga e os grupos estrangeiros Rádio Caracas, da Venezuela, e outro que tinha à frente exilados cubanos que viviam em Miami.

O Certame

Com a abertura do processo licitatório ocorrida em 23 de julho de 1980, a previsão era que as novas redes entrassem em operação já em janeiro do ano seguinte. Os dois editais de concorrência foram publicados contendo diferenciações apenas no tópico que continha a exigência do capital mínimo. O Edital nº 34/80 era referente à rede com geração pelo canal 6 do Rio de Janeiro e retransmissoras em São Paulo (canal 13 [TV Bandeirantes migraria do 13 para o 9]), Belo Horizonte (4), Recife (6) e Fortaleza (2). Para concorrer, era necessário apresentar comprovação de que a sociedade pretendente possuía capital mínimo de Cr\$ 93 milhões. Já os interessados pelo Edital nº 35/80, com a geradora da rede a partir do canal 4 de São Paulo e retransmissoras no Rio de Janeiro (canal 9), Porto Alegre (5) e Belém (2), tiveram que comprovar um capital de Cr\$ 74,4 milhões.

Como já apontado, a contratação do maior número possível de desempregados das emissoras cassadas somaria muitos pontos na licitação. A compra dos imóveis e dos equipamentos dessas emissoras, que estavam em posse do governo, seria obrigatória aos dois novos grupos concessionários e contribuiria para o ressarcimento das dívidas das antigas emissoras.

Dentre as cláusulas especiais, segundo declarou o diretor do Dentel, coronel Antônio Fernandes Neiva, teria “peso” significativo para a vitória de um concorrente o tempo de instalação do projeto. “A legislação dá ao vencedor da concorrência seis meses para apresentar o projeto e mais dois anos para implantá-lo, ambos os prazos prorrogáveis. Se algum dos concorrentes se comprometer a implantar o projeto em prazo inferior, terá muitas chances de vencer”, declarou Neiva à “Folha de São Paulo”.

O diretor da Editora Abril, sr. Edgard de Silvio Faria, informou ontem que a empresa mantém o interesse em relação às emissoras da Rede Tupi, mas que, agora, vai antes analisar as condições existentes nos editais de licitação. [...] disse que a Editora Abril não se surpreendeu com a decretação de perempção de sete emissoras da Rede Tupi de Televisão, pois esta já era uma das opções levantadas nas últimas semanas. Esclareceu que a Editora Abril “interrompeu suas negociações desde o dia 20”. — Desde o início — acrescentou — havia duas alternativas claras: a primeira seria a concessão de cinco emissoras da Rede Tupi para um grupo, que poderia ser ou não a Abril. Outra alternativa já indicava a perempção e, portanto, o caminho da licitação. (“Dentel Tira do Ar Hoje Sete Canais de Televisão da Tupi: Abril Confirma que Mantém Interesse”, *Jornal do Brasil*, 18/07/1980, Nacional, p. 8)

A abertura dos envelopes com todas as propostas recebidas ocorreu no dia 30 de setembro, no Ministério das Comunicações. Apesar de 15 empresas e a própria ABERT – Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão solicitarem oficialmente cópias dos editais, nove delas apresentaram-se efetivamente como candidatas à posse das duas redes de televisão. Essas empresas foram a Rede Piratininga de Rádio e Televisão Ltda., encabeçada pelo general Sizeno Sarmiento e pelo dr. Ribeiro de Andrade; Rádio e Televisão Universitária Metropolitana Ltda.

(Rede Capital de Comunicações⁷²), de Edevaldo Alves da Silva, Labibi Elias Alves da Silva e Arnold Fioravante; Rede Rondon de Telecomunicações Ltda., de Paulo Masci de Abreu e José Masci de Abreu (atualmente proprietários de diversas emissoras de rádio e TV pelo país); Sistema Brasileiro de Comunicações Ltda., de Roberto Figueira Farias e Sérgio Santana; TV Manchete Ltda., de Oscar Bloch e Pedro Jack Kapeller (Bloch Editores [revistas Manchete, Amiga, Fatos e Fotos] e Rádio Manchete); Visão - Rádio e TV S/C Ltda., de Henry Maksoud, Roberto Felix Maksoud e Cláudio Dênis Maksoud (Grupo Visão); Rádio Jornal do Brasil Ltda., de Maurina Dunshee Abranches Pereira Carneiro e Manoel Francisco do Nascimento Brito (tecnicamente associados ao empresário Walter Clark); Televisão Abril Ltda., de Victor Civita (Editora Abril); e SBT - Sistema Brasileiro de Televisão S/C Ltda., de Carmem Torres Abravanel, Luciano Callegari e Eleazar Patrício da Silva (Grupo Sílvio Santos).

As demais empresas que chegaram a retirar os editais foram o Unibanco (Grupo Moreira Salles), Serrador Cinematográfica, Rede Brasil-Sul de Comunicação (RBS), Rede Globo, TV Liberal do Pará e Impar Ltda. (empresa de representações). No caso da ABERT, a Associação retirou a documentação com o caráter de acompanhamento do importante certame feito pelo governo.

O próximo passo era a comissão técnica do Ministério das Comunicações examinar as propostas recebidas e enviar um parecer final ao presidente da República, a quem caberia a decisão final de outorgar as concessões.

Em novembro de 1980, a Rede Piratininga, o Sistema Brasileiro de Comunicações e Rede Rondon foram inabilitados na concorrência, seja por falta de recursos financeiros compatíveis, falta de comprovações dos recursos financeiros, falta de apresentação da grade de programação, ou, ainda, pela não apresentação de um projeto técnico-operacional. O SBT também foi desclassificado, em cumprimento ao Decreto-Lei nº 236/67, que vetava a possibilidade de um grupo possuir mais de uma emissora de televisão numa mesma cidade. Neste caso, como o Grupo Sílvio Santos já contava com canais de TV no Rio de Janeiro (TVS) e em São Paulo (TV Record), encaminhou ao ministro das Comunicações uma carta de intenções, na qual Sílvio Santos se comprometia a ceder suas ações da TV Record a quem o governo indicasse e, ao próprio sócio Paulo Machado de Carvalho, as ações de algumas das emissoras a que estavam concorrendo. Ainda de acordo com a proposta, caso fossem contemplados com a rede desejada, a converteriam em duas novas redes, com o Grupo Paulo Machado de Carvalho passando a controlar, além da TV Record - Canal 7 de São Paulo, os recém-conquistados canal 9 do Rio de Janeiro e a TV Marajoara - Canal 2 de Belém do Pará. Já o Grupo Sílvio Santos formaria sua rede com a TVS - Canal 11 do Rio de Janeiro e com as recém-conquistadas TV Piratini - Canal 5 de Porto Alegre e o canal 4 de São Paulo. “Estariam assim formadas duas novas redes, de empresários tradicionais do ramo [...] e ainda sobraria uma rede para um novo grupo, sem tradição, mas com credenciais para se lançar no mercado de TV”, reforça a carta de Sílvio Santos.

72

A Rede Capital de Comunicações possuía emissoras próprias de rádio em São Paulo, Curitiba, Brasília, Porto Alegre, Rio de Janeiro, além da TV Regional de Brasília - Canal 8 (ex-afiliada da TV Record) e a FMU - Faculdades Metropolitanas Unidas, em São Paulo. A empresa, através de seu diretor Edevaldo Alves da Silva, teve interesse em comprar as TVs Tupi do Rio de Janeiro e de São Paulo no ano de 1979.

O “homem do Baú” conseguiu permanecer na disputa após um encontro mantido pelo empresário com o ministro-chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, general Golbery do Couto e Silva, e com o ministro das Comunicações, Haroldo Corrêa de Mattos. Posteriormente, o próprio ministro das Comunicações explicaria à imprensa que o SBT não tinha um canal de televisão no Rio de Janeiro, mas, sim, o empresário Silvio Santos, que não participava do quadro societário do SBT. A empresa Sistema Brasileiro de Televisão era ligada ao empresário Silvio Santos, mas seu nome não constava na lista de sócios, pois era constituída por Carlos Marcelino Machado de Carvalho, filho do empresário Paulo Machado de Carvalho (sócio com Silvio Santos na TV Record); Carmen Torres Abravanel, cunhada de Silvio Santos; Luciano Callegari, que atuava com Silvio Santos; e Eleazar Patrício da Silva e João Abrão, outros dois empresários.

As outras seis empresas foram declaradas aptas a concorrer e organizadas em dois lotes, de acordo com características similares. As vencedoras estariam uma em cada lote.

Em um relatório do governo, há os seguintes apontamentos: “Por outro lado, considerando que somente dois grupos deverão ser contemplados com a concessão de canais, apesar de todos os seis selecionados apresentarem condições econômicas e financeiras satisfatórias, esta Agência Central, agrupando-os em dois lotes, de acordo com as características técnicas que mais os aproximam, chegou à seguinte composição:”

Lote 1	Lote 2
<ul style="list-style-type: none"> - Grupo Sílvio Santos (SBT); - Grupo Abril; - Grupo Visão; - Grupo Jornal do Brasil. 	<ul style="list-style-type: none"> - Grupo Metropolitano (Capital); - Grupo Bloch Editores (Manchete).

Como se observa, os grupos Abril, Visão e Bloch concorreram pela concessão das duas redes; o Jornal do Brasil disputou apenas a rede com a geradora no Rio de Janeiro; o grupo Silvio Santos e a Rede Capital concorreram somente pela rede com geradora em São Paulo. Após a divulgação dos seis grupos pré-selecionados, foi dada a largada para uma grande disputa de bastidores em Brasília, envolvendo altos escalões do governo e os grupos empresariais. Essa disputa motivou uma série de reuniões na esfera da Presidência da República e houve muita especulação sobre os dois grupos que sairiam vencedores na concorrência.

Restam Três

As fontes não sabem dizer quais as razões que levaram o Palácio do Planalto a escolher este ou aquele grupo. O que elas afirmam é que, inicialmente, “após várias reuniões e discussões”, foram escolhidos os grupos Manchete e Capital como os novos concessionários e, quando o anúncio desses novos nomes estava prestes a ser feito, “resolveu-se beneficiar também o Grupo Sílvio Santos”. (“Grupos que Disputam Redes de TV Preocupados com o Volume da Dívida”, Folha de São Paulo, 07/03/1981, Economia, p. 14)

No parecer final da comissão, foram eliminados os grupos Abril, Jornal do Brasil e Visão. Portanto, três empresas, ao invés de duas, foram habilitadas a assumir as concessões: Bloch, Capital e o SBT, que, por iniciativa própria, dividiria suas concessões com a TV Record. Após

aprovar o parecer final, dez dias depois, o ministro das Comunicações encaminhou o documento para o presidente Figueiredo, que teve que lidar com o problema de conceder duas redes de televisão para três grupos. Após conversações que envolveram desde o Palácio do Planalto até o Ministério das Comunicações, iniciou-se, em fevereiro de 1981, um trabalho de convencimento e acordo entre os três escolhidos para que fizessem uma composição. A proposta era que a Bloch ficasse com a rede com geradora no Rio e Silvio Santos com a rede de São Paulo, mas teria que repassar alguns canais para a Rede Capital, já que, afinal, na prática, Silvio Santos já operava a TVS - Canal 11 do Rio de Janeiro (apesar de não estar em seu nome) e detinha 49% de participação na TV Record - Canal 7 de São Paulo.

Tudo parecia acertado até que, próximo do anúncio oficial do resultado, Silvio Santos reuniu-se com representantes dos outros dois grupos e, depois de um dia inteiro de conversações, se recusou a aceitar a proposta do governo. A princípio, os vencedores aceitaram a divisão entre si, até que surgiu um problema: os três grupos estavam querendo contar com a outorga de um canal na cidade de São Paulo. Como havia somente dois canais paulistanos na concorrência, o 4 e o 13, o Ministério das Comunicações chegou a consultar a possibilidade técnica de ser aberto mais um canal de televisão VHF no plano de radiodifusão daquela cidade. A resposta foi negativa e, a partir daí, piorou o impasse. O jornal “Folha de São Paulo” informou que “uma das pessoas envolvidas na questão sugeriu que o canal da TV Gazeta de São Paulo fosse cassado e incluído nas negociações das duas redes”⁷³. A proposta, segundo a reportagem, foi descartada.

O governo perdia uma boa oportunidade para serenar os ânimos, já que o Carnaval se aproximava e absorveria quaisquer repercussões desfavoráveis da escolha dos vencedores, devido ao longo período de paralisação das atividades. Para o governo, a recusa de Silvio Santos foi uma surpresa, já que não acreditava que teria dificuldades para decidir a licitação e se previa que até dezembro de 1980 as emissoras já estariam em operação. Na verdade, como visto, o próprio governo é quem provocou o problema, quando passou a considerar tecnicamente que o número de grupos habilitados seria três ao invés de dois — ou que precisaria beneficiar um grupo de comunicação apoiador a mais, como disseram muitos críticos à época.

Em Brasília, prosseguem as negociações entre as empresas vencedoras e os grupos liderados por Edevaldo Alves (Rede Capital) e Paulo Machado de Carvalho (Record). O grupo Bloch deverá ceder os canais de Recife e Fortaleza à Rede Capital, que compraria a TVS, do Rio, e metade da TV Record de São Paulo. Silvio Santos dividiria com Paulo Machado de Carvalho os canais de Belém e Porto Alegre. (“Governo Revela Quem Ganhou Redes de TV”, *Jornal do Brasil*, 20/03/1981, p. 1)

Foi levantada a hipótese de que a Rede Capital ficaria com os canais do Recife e de Fortaleza das mãos da Bloch. Do Grupo Silvio Santos, a Capital ficaria com o canal 9 ou 11 do Rio de Janeiro e poderia comprar seus 49% na TV Record. Cogitou-se, também, que a TV Record receberia de Silvio Santos as emissoras de Porto Alegre e Belém. No entanto, nada mais aconteceu e, ao que parece, tudo ficou apenas no diálogo.

73

“Grupos que Disputam Redes de TV Preocupados com Volume da Dívida”, *Folha de São Paulo*, 07/03/1981, *Economia*, p. 14.

Anunciando Oficialmente os Vencedores

Observadores asseguram que, por se tratar de uma decisão política, a concessão dos nove canais de TV em ano pré-eleitoral, fatalmente levaria o governo a entregar as redes a empresas que, se não podem ser consideradas suas aliadas, também não são opositoras, chegando-se a conclusão de que a linha de trabalho das empresas Silvio Santos e Manchete é mais conveniente ao governo. Todavia, não se poderia deixar de fora o grupo Capital, que também, estava fazendo pressões nos bastidores políticos. (“Impasse Leva à Indefinição da Concessão de TV”, Folha de São Paulo, 03/03/1981, Economia, p. 7)

O ministro das Comunicações, Haroldo de Mattos, após um grande atraso para concluir a concorrência, finalmente anunciou os vencedores no dia 19 de março de 1981, oito meses após a abertura dos editais. As empresas selecionadas para operar as duas redes formadas por sete canais da extinta Rede Tupi e por mais outros dois das extintas TVs Excelsior e Continental foram o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), do Grupo Silvio Santos, e a TV Manchete, do Grupo Bloch. O SBT ficou com a rede composta pelos canais 4 de São Paulo (geradora), 9 do Rio de Janeiro, 5 de Porto Alegre e 2 de Belém. A rede de emissoras da TV Manchete ficou composta pelos canais 6 do Rio de Janeiro (geradora), 13 de São Paulo (posteriormente mudado para o 9), 4 de Belo Horizonte, 6 do Recife e 2 de Fortaleza.



O Ministro das Comunicações, Haroldo Corrêa de Mattos, anuncia os vencedores das licitações dos canais que pertenciam à Rede Tupi e à TV Excelsior (Manchete/reprodução).

Eis a íntegra da nota oficial distribuída na ocasião pelo Ministério das Comunicações:

“O governo federal decidiu adjudicar à empresa TV Manchete Ltda. a concessão correspondente ao Edital 34/80 e à empresa Sistema Brasileiro de Televisão Ltda. (SBT), correspondente ao Edital 35/80, referentes às duas novas redes nacionais de TV, que se achavam em licitação em decorrência da perempção das concessões da antiga Rede Tupi de televisão. Os decretos de outorga serão imediatamente assinados, cabendo ao Minis-

tério das Comunicações a prática subsequente dos atos complementares. Os contratos de concessão conterão, dentre outras, cláusulas especiais relativas ao aproveitamento dos empregados da antiga Rede Tupi, em consonância com as exigências dos editais e compromissos assumidos pelos dois concorrentes em suas propostas. O governo registra com satisfação que todos os licitantes habilitados apresentaram propostas de elevada qualidade, o que tornou a decisão tanto mais complexa e revela, por outro lado, confiança de expressivos grupos empresariais no futuro da radiodifusão brasileira”.

Entre outros fatores, explicou o ministro Haroldo de Mattos, o que ajudou a decidir pela escolha dos vencedores foram “as condições especiais exigidas nos editais, aceitas por eles, e na experiência dos proponentes para a exploração do sistema de radiodifusão”. Entre essas “condições especiais”, a comissão levou em consideração as empresas que tinham condições de reativar os canais no menor prazo possível e que estavam dispostas a aproveitar o maior número de ex-empregados da Tupi. Esclareceu o ministro que a dívida dos canais da extinta Rede Tupi junto ao INPS (antigo IAPAS) “é uma dívida do Condomínio Associado”.

O Ministro das Comunicações Coronel Haroldo Corrêa de Mattos negou ontem no Rio, caráter político do resultado da concorrência para as novas redes de televisão, entregues aos grupos Manchete e Silvio Santos. Garantiu que o julgamento se baseou no retrospecto dos candidatos em serviços de radiodifusão, avaliado entre as propostas “que melhor atendiam aos termos do edital”. “Não tem sentido falar em decisão política — afirmou o Ministro, retificando declaração feita há meses — pois foi um resultado baseado nos termos do próprio edital. Os comentários são livres, mas, infelizmente, é muito raro que sejam acertados e esse fato é mais uma prova do que estou dizendo”. (“Manchete e S. Santos Ganham Novas Redes: Ministro Nega Caráter Político”, O Fluminense [RJ], 20/03/1981, p. 6)

Embora não quisessem dar entrevistas, os responsáveis pelo Grupo Bloch distribuíram nota assinada por Adolpho Bloch e seus sobrinhos Oscar Bloch Sigelmann e Pedro Jack Kapeller, dizendo-se “honrados e gratos ao governo, nas pessoas do presidente João Figueiredo e do ministro Haroldo de Mattos, pela concessão para operar uma nova rede de televisão. [...] Empregaremos todos os nossos esforços e recursos para correspondermos à confiança com que fomos distinguidos. E produziremos uma televisão que será motivo de orgulho e alegria para todos os brasileiros”. O diretor da Editora Abril, Roberto Civita, lamentou não estar entre os escolhidos, desejou muito sucesso aos novos concessionários e afirmou continuar interessado na exploração de meios de comunicação eletrônicos.

Quanto à Rede Capital, restaram apenas as esperanças de, futuramente, participar de novas concorrências para conseguir montar sua Rede Capital de Televisão. “As emissoras aí estão, os negócios continuam a existir. Sempre haverá a possibilidade de participar de um negócio e constituir uma rede de televisão”, disse, resignado, o professor Arnold Fioravante, da diretoria da Rede Capital.

“Não é segredo para ninguém que foram feitas reuniões no sentido de se dividir a antiga Rede Tupi de Televisão e mais os canais 9 (que passará para 13) de São Paulo e do Rio entre os Grupos Bloch, Silvio Santos e Capital. Na ocasião, havia interesse do governo em que os três concorrentes, entendidos como habilitados, fizessem uma composição para que as duas redes se tornassem três. Mas, das reuniões havidas, nenhuma logrou êxito definitivo. A imprensa chegou até a noticiar que o presidente João Figueiredo não ficara satisfeito com a marcha das negociações. Mas posso garantir que, depois de

anunciadas oficialmente as concessões para os grupos Bloch e Silvio Santos, nada mais houve. Não participamos mais de qualquer reunião” — informou o professor Arnold Fioravante, [...] diretor da Rede Capital de Comunicações. [...] “Se o governo chamou três grupos e disse que os três estavam habilitados e depois, sem acerto entre os três na divisão, entregou os canais a dois grupos... bem, a conclusão deve ser do jornalista”. (“As Novas TVs - Em São Paulo, a Partilha dos Canais”, José Nêumanne Pinto, *Jornal do Brasil*, 06/04/1981, Caderno B, p. 4)

Após a divulgação das duas empresas vencedoras, o Sindicato dos Radialistas e os ex-funcionários da Tupi entraram em luto simbólico, pendurando uma imensa faixa preta em uma das janelas do prédio do sindicato, no bairro da Bela Vista. Afirmavam que Silvio Santos não cumpriria a promessa de absorver o quadro de 823 funcionários do extinto Canal 4. Logo em seguida, o sindicato passou a exigir formalmente do Grupo Silvio Santos a contratação dos funcionários dentro do mais curto tempo possível, com as negociações para as contratações sendo realizadas no recinto daquele sindicato, juntamente com um representante da empresa. Humberto Mesquita, que representava os funcionários da Tupi, declarou que as duas propostas vencedoras não eram, a seu ver, as que reuniam melhores condições técnicas e econômico-financeiras para exploração das novas redes de televisão. Para ele, os grupos que reuniram as melhores qualidades e condições eram Abril, Visão e Jornal do Brasil.

Impasse

Depois de tanta discussão e atrasos, teve início um novo episódio marcante da história de sucessão dos canais da antiga Rede Tupi. Após receberem os contratos de concessão para consulta, os dois novos concessionários não quiseram assinar os contratos com o governo por não se sentirem seguros enquanto a questão da dívida trabalhista dos ex-funcionários da Rede Tupi não fosse resolvida. Quando o governo publicou os editais de licitação das duas novas redes de televisão, não estabeleceu qualquer cláusula sobre o pagamento do passivo do Condomínio dos Diários Associados e o que ficou determinado era que os dois vencedores assumiriam o ressarcimento dos empréstimos feitos pela Caixa Econômica Federal aos desempregados, adquiririam equipamentos e prédios penhorados pelo IAPAS — como garantia das obrigações não quitadas com a Previdência — e contratariam o maior número possível de ex-funcionários da Tupi. Mesmo assim, os novos concessionários quiseram uma garantia de que, no futuro, não fossem acionados por funcionários ou credores.

Em meio a esta insegurança, surgiram fortes boatos em Brasília, segundo os quais, o impasse entre os novos concessionários e o governo teria iniciado após os ex-funcionários da TV Tupi de São Paulo e a diretoria do Sindicato dos Radialistas terem tentado transferir os compromissos trabalhistas do Condomínio Associado para os grupos Silvio Santos e Bloch. O Sindicato dos Radialistas negou e disse que o impasse só surgiu por causa do imobilismo do governo, “que não quer assumir os erros que cometeu ao fazer o edital de concorrência e que, tendo promovido uma série de reuniões estéreis com cada grupo interessado, recusou-se, até agora, a reunir na mesma mesa os funcionários da Tupi e os novos concessionários das redes de televisão”. Foi comprovado que os sindicalistas estavam movendo uma ação coletiva na Justiça do Trabalho contra a Rádio Difusora São Paulo S/A e o Condomínio Acionário dos Diários Associados,

e não contra os novos concessionários. Diante dos boatos de que estariam agindo de má fé, os radialistas de São Paulo lembraram que “os devedores, isto é, o Condomínio, ainda tinham 39 emissoras de rádio em operação, duas de televisão, seis emissoras ‘biônicas’ (em nome de parentes próximos dos condôminos), vários jornais, o terreno do Sumaré, a torre de TV, o equipamento, o prédio da Rua Sete de Abril e outro terreno na Rua Álvaro de Carvalho, sem contar os bens particulares dos condôminos, mais que suficientes para pagar todo o passivo, desde que o governo esteja disposto a cobrar a dívida existente”⁷⁴.

Em vista deste impasse, o governo prorrogou em 30 dias o prazo das assinaturas para novas discussões. O entrave persistiu e o governo prorrogou, mais uma vez, o prazo para 60 dias. Caso não chegassem a um acordo, seriam convocados os grupos Abril, Visão e Jornal do Brasil, também classificados na licitação, ou até anulada a licitação, tornando sem efeito os decretos de concessão.

Durante os três meses de prazo e muita discussão, o Sindicato dos Radialistas de São Paulo manteve entendimentos com o Condomínio Associado, mas para apresentar uma proposta à diretoria da Televisão Tupi, com o aval do presidente do Condomínio, Paulo Cabral, visando liquidar todo o crédito trabalhista da emissora. A proposta era acompanhada de uma carta do Grupo Silvio Santos, que manifestava a intenção de comprar os equipamentos e imóveis do Sumaré, que fossem transferidos aos funcionários, para serem utilizados pelo SBT. A empresa Rádio Difusora São Paulo S/A chegou a fazer um relatório com todos os equipamentos disponíveis para compra dos novos concessionários das sete emissoras que compunham a Rede Tupi. Os autores desta obra literária tiveram acesso a uma cópia deste documento, que traz a seguinte introdução:

“Situação Técnica da Rede Tupi de Televisão em Julho de 1980” - Tem o presente trabalho, por objetivo, descrever a situação técnica da Rede Tupi de Televisão em julho de 1980, ou seja, por ocasião do ato de preempção, visando levar ao conhecimento de todos os interessados nas concessões dos canais colocados em licitação, as estruturas técnicas (material e funcional) das emissoras em referência, permitindo, com isso, uma rápida adaptação destas estruturas às novas condições de distribuição dos canais, conforme editais já publicados, bem como possibilitar o breve retorno destas emissoras ao “AR”.

[...] 1500 profissionais deverão ser instalados no prédio em que funcionava a TV Tupi, no alto do Sumaré, em São Paulo. O diretor do sistema Record-TVS, José Carlos Moreira, explicou que as negociações para aluguel do prédio do Condomínio Associado estão avançando. O contrato [de] aluguel [...] poderá ser firmado ainda este mês, para que em maio o Grupo Silvio Santos cumpra a promessa de pôr no ar, experimentalmente, a imagem do canal 4 [...]. (“As Novas TVs - Em São Paulo, a Partilha dos Canais”, José Nêumane Pinto, Jornal do Brasil, 06/04/1981, Caderno B, p. 4)

A proposta de venda dos equipamentos e prédios do Sumaré chegou a ser encaminhada e protocolada em vários ministérios, mas a transação não se efetivou porque o próprio IAPAS, que tinha o arresto dos edifícios e equipamentos, não concordou em levantá-lo, alegando dificuldades legais. Com isso, eles teriam que ser leiloados.

74

“Funcionários Negam que Provocam o Impasse”, O Estado de São Paulo, 23/06/1981, p. 18.

Silvio Santos e Adolfo Bloch conseguiram chegar a um acordo para afastar o fantasma da sucessão trabalhista e sugeriram que o próprio governo assumisse a dívida ou que incluísse nos contratos uma cláusula com base jurídica, que não considerasse os novos concessionários como sucessores das emissoras dos Diários Associados, o que os eximiria da responsabilidade do passivo trabalhista. O governo acatou a segunda proposta e fixou uma nova cláusula nos contratos: “A nova relação de emprego não se vinculará, para efeitos de Legislação Trabalhista, Civil ou de outra natureza, a qualquer relação de emprego havida entre os ex-empregados a serem aproveitados e as concessionárias anteriores”.

Quanto ao ressarcimento da Caixa Econômica Federal, referente aos gastos incorridos com salários, desde a data do fechamento da Rede Tupi, em julho de 1980, o SBT teria que pagar cerca de Cr\$ 450 milhões e o grupo Bloch cerca de Cr\$ 180 milhões.



O Grupo Silvio Santos contava que, por um baixo custo, poderia locar, com opção de compra, os equipamentos e as instalações dos estúdios e da torre de transmissão do Sumaré. Mas, foi obrigado a procurar outro imóvel para montar a estação: os velhos estúdios da Vila Guilherme, em São Paulo, que já havia ocupado, durante a década de 1970, com a produtora Estúdios Silvio Santos. Este contrato de aluguel e a aquisição de todos os equipamentos necessários para colocar a emissora no ar provocaram uma situação diferente da apresentada no edital de licitação da rede com geradora em São Paulo. O empresário admitiu a possibilidade de ter que mudar a posição acertada em Brasília, junto ao presidente da República, e, em pouco tempo, deveriam ser absorvidos os funcionários da TV Tupi que ficaram desempregados.

“E sem o contrato, o Grupo Silvio Santos, que deveria absorver os funcionários da Tupi que estão desempregados, limitou-se a cadastrar os 790 que procuraram seus escritórios [...], mas não contratou nenhum”⁷⁵. Silvio Santos acabou não podendo cumprir também, num primeiro momento, a promessa verbal feita em Brasília, segundo a qual cederia seus direitos na TV Record de São Paulo a quem fosse indicado pelo governo. Mas essa não era a principal preocupação do animador, que confessou ao sócio Paulo Machado de Carvalho Filho que, caso não conseguisse um preço justo, preferiria continuar com sua participação na emissora. O Grupo Capital se desinteressou de comprar a TV Record, por considerar muito alto o valor pedido por Silvio Santos e o Grupo Abril tentou novamente adquirir uma emissora de televisão — agora, a TV Record. Isso aconteceu em 1988. A proposta da Abril foi de pagar US\$ 14 milhões, mas em 17 de maio de 1988, o grupo divulgou uma nota oficializando sua desistência. “Desde o início a Abril deixou clara sua intenção de buscar uma solução que envolvesse todos os atuais acionistas da Record. Como não foi possível chegar a essa solução, apesar do interesse e boa vontade demonstradas por todas as partes envolvidas, a Abril decidiu retirar-se dessa negociação e concentrar seus esforços nos demais projetos na área de televisão em que está envolvida hoje. Além da Abril Vídeo, uma produtora em franca expansão, a Abril é detentora da concessão do Canal

75

“Tupi: Agora Ação de 870 Milhões”, O Estado de São Paulo, 28/04/1981, p. 15.

32, em UHF, para São Paulo, que deverá entrar em operação em 1989, e vai participar da recém aberta concorrência para a concessão do primeiro canal de TV por assinatura do país, também em São Paulo⁷⁶. Esses planos são uma demonstração clara de que continuamos interessados em participar mais ativamente do mercado brasileiro de televisão”, afirmou o persistente Roberto Civita, diretor-superintendente da Abril.

No Rio de Janeiro, como o Grupo Silvio Santos já contava com a TVS - Canal 11 em operação, o destino do canal 9 do Rio de Janeiro, concedido ao SBT na licitação recém-realizada, passou às mãos de seu sócio Paulo Machado de Carvalho, que colocou no ar a TV Record do Rio de Janeiro. Silvio Santos só vendeu sua participação nas ações da TV Record em 1989, juntamente com a família Machado de Carvalho, quando a emissora foi comprada pela Igreja Universal do Reino de Deus.

SBT e Manchete – A Reativação dos Antigos Canais da Rede Tupi

Um fato, até então inédito em todo o mundo, marcou essa solenidade. A TVS Canal 4 de São Paulo colocava no ar, ao vivo, a cores, as imagens da assinatura desse contrato, ou seja, as imagens de seu próprio nascimento. O fato simbolizou o espírito de pioneirismo que iria marcar a trajetória do SBT no mundo das comunicações. Essa é a razão pela qual se comemora a data de 19 de agosto de 1981 como a do efetivo nascimento do SBT, e não 22 de dezembro de 1975, quando surgiu a TVS canal 11 do Rio, a primeira emissora conquistada. É que em 19 de agosto de 1981 o SBT adquiriu, verdadeiramente, as dimensões de uma Rede Nacional de TV. (“A Fantástica História de Silvio Santos”, Arlindo Silva, Editora Seoman, 2017:137)

As emissoras que compunham o SBT e a Rede Manchete entrariam em operação em prazos que variavam até 24 meses, de acordo com a disponibilidade de prédios e equipamentos das sete emissoras cassadas, que se encontravam bloqueados (penhorados) por decisão da Justiça, a pedido dos credores. A previsão era que as assinaturas dos contratos das concessões com o governo ocorressem em maio de 1981. Apesar de ter grande prazo disponível, Silvio Santos tinha muita pressa e queria que a sua nova TVS - Canal 4 de São Paulo (TV *Studios*) entrasse em funcionamento o mais breve possível.

Para tanto, um grupo de diretores, gerentes, assessores, engenheiros, técnicos e funcionários de diversos setores do Grupo Silvio Santos formaram no mês de maio uma força-tarefa para montar o projeto técnico das emissoras e enviar ao Ministério das Comunicações para aprovação. Sob o comando de Mário Albino Vieira, esse grupo se reunia até duas vezes por semana e, às vezes, os trabalhos se prolongavam pela noite.

A pretensão inicial de Silvio Santos era utilizar-se de toda a estrutura da extinta Tupi no Sumaré, enquanto não fosse concluído seu novo centro de televisão, em construção na Via Anhanguera, cidade de Osasco (SP).

76

Civita se referiu às futuras emissoras MTV Brasil e TVA Filmes.

O Grupo Silvio Santos já conta com uma enorme área de 220 mil m² na Via Anhanguera, onde está instalado seu centro administrativo. Lá pretende-se construir um estúdio de 2 mil m², exclusivamente voltado para a produção de programas [do SBT]. Os demais departamentos da rede serão fixados no prédio da extinta TV Tupi, no Sumaré, que deverá ser alugado, com opção de compra, [junto] ao Condomínio Associado. Segundo José Carlos Moreira, o prédio do Sumaré (equipamentos, móveis, além do próprio imóvel) está avaliado em Cr\$ 600 milhões. Dermeval Gonçalves, diretor-técnico, acrescentou que serão necessários investimentos complementares de 4 milhões de dólares para compra de equipamentos de transmissão e produção. A rede deverá contar com 1500 a 2000 empregados, dos quais, cerca de 800 funcionários são remanescentes da TV Tupi. Todos esses profissionais já se apresentaram para cadastramento e identificação de funções. (“Preparativos Para Uma Grande Batalha”, Luís Sérgio Borgneth, Meio e Mensagem, nº 56, 1ª quinzena de maio de 1981, p. 18-19)

O empresário e animador teve êxito em celebrar um contrato de locação junto à Justiça Federal, com opção de compra, para utilização dos estúdios da TV Tupi e de sua torre, que havia sido concluída dois anos antes. “O risonho animador paga um aluguel irrisório: Cr\$ 387 mil por mês”, informou “O Estado de São Paulo”⁷⁷. O mesmo jornal também divulgou que equipamentos da Tupi de São Paulo como câmeras, máquinas de videoteipe, *switchers* e iluminação de estúdio — chamada de “panelões” — também foram alugados para emissoras de TV e produtoras de vídeo pela Justiça. Esse dispositivo de locação ou venda de bens da massa falida visava obtenção de recursos para indenização dos funcionários e quitação de dívidas com o próprio governo.

Os técnicos da TVS, então, elaboraram o projeto técnico do novo Canal 4 com base nessas instalações, mas logo surgiu a já mencionada preocupação de evitar a caracterização do SBT como sucessor da TV Tupi. Pensando nisso, os advogados de Silvio Santos o desaconselharam a efetivar a locação de toda a infraestrutura da Televisão Tupi de São Paulo, efetivando apenas a locação da torre, que necessitava, basicamente, de um transmissor e de uma antena de transmissão para ser finalizada.

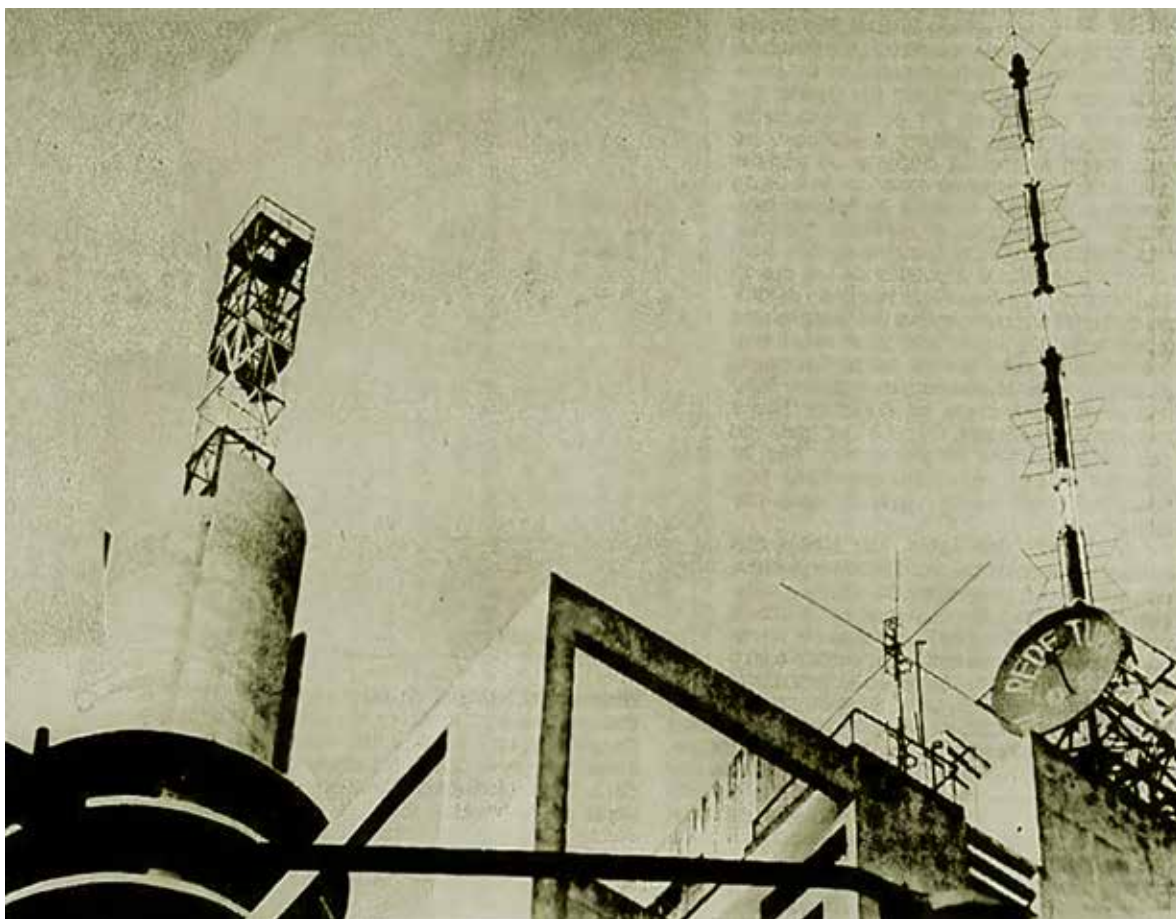
Os técnicos da TVS tiveram, portanto, que abandonar o projeto técnico do Sumaré, que já estava praticamente pronto. O caminho que o “homem do Baú” percorreu para poder montar a emissora-geradora do SBT foi o da Vila Guilherme, em São Paulo, onde havia um conjunto de estúdios de TV que ele conhecia bem, pois lá já havia funcionado a sua produtora Estúdios Silvio Santos, entre os anos de 1972 e 1978. Naqueles veteranos estúdios de televisão, que ficavam na Rua Dona Santa Veloso, nº 575, também já haviam passado a TV Excelsior (1967-70) e o núcleo de novelas da TV Tupi (1978-80).

Às pressas, foi preciso montar um novo projeto técnico para a TVS, todavia, sem o “fantasma” da sucessão. O contrato de locação da Vila Guilherme passou a vigor a partir de 15 de abril de 1981 e logo começou a montagem da TVS - Canal 4, coordenada por Alberto Cortez, diretor-técnico que há muitos anos trabalhava com Silvio Santos. Cortez tinha como assistentes os engenheiros Nilton Montemurro e Rubens Fernando Ortiz, ex-funcionários da TV Tupi. Rapidamente, foram montadas as estruturas técnica, administrativa, artística e financeira do

77

“Leilão da Torre de Transmissão Poderá Tirar TVS do Ar”, O Estado de São Paulo, 31/05/1985, p. 10.

SBT. O departamento de Recursos Humanos logo foi mobilizado para cadastrar e examinar a qualificação profissional de 823 ex-funcionários da Tupi⁷⁸, de acordo com o decreto da concessão. Para a transmissão do novo Canal 4 de São Paulo, o SBT praticamente manteria as mesmas características do projeto que a TV Tupi havia feito para aquela torre, mas acabou não podendo colocá-lo em prática. Evitando comprar o novíssimo transmissor de 50 kW da TV Tupi, que chegou a ser instalado no complexo do Sumaré, e caracterizar a sucessão, o SBT acabou encomendando, por US\$ 1 milhão, outros dois transmissores, modelos TTG-30/30L, que somavam 60 kW de potência. A fabricação era da norte-americana RCA-Victor. Já a aquisição da antena transmissora foi um caso muito especial: o SBT renegociou com a própria RCA a compra da moderna antena de polarização circular, modelo TFV-7A4. Ela havia sido fabricada especialmente para a TV Tupi de São Paulo, mas teve que voltar para os armazéns da empresa nos Estados Unidos sem ter sido instalada, em função da cassação da emissora. Após ficar armazenada por quase dois anos, a antena TFV-7A4 voltaria ao Brasil para finalmente ser instalada onde deveria estar desde 1980, ainda sob os auspícios da pioneira TV Tupi.



Aspecto da torre da TV Tupi (esq), em São Paulo, logo após a cassação das sete emissoras da rede, em 1980. Ao Grupo Silvío Santos, que alugou a torre, restou apenas a instalação de dois transmissores e da antena sobre a estrutura metálica já existente (Jornal do Brasil/reprodução).

⁷⁸ Futuramente, após o período de estabilidade garantida pelo contrato, alguns ex-funcionários da TV Tupi deixaram o SBT, mas muitos outros seguiram carreira na emissora, chegando a ocupar importantes cargos.

O prazo para entrega dos transmissores e da antena da RCA se encerraria apenas em fevereiro de 1982 e, para entrar no ar o mais breve possível, Silvio Santos fez um acordo com a família Machado de Carvalho, sócia-majoritária da TV Record, emissora na qual ele ainda detinha 49% das ações. Um projeto técnico provisório foi executado na torre da emissora, na Avenida Paulista, onde foi instalado o transmissor reserva da TVS - Canal 11 do Rio de Janeiro, especialmente transportado para São Paulo, e, também, uma antena mais simples, de fabricação nacional, comprada para a ocasião. Enquanto isso, os projetos técnicos da Vila Guilherme, da torre do Sumaré e o provisório da torre da TV Record tramitaram no Ministério das Comunicações e foram aprovados ainda antes do agendamento da cerimônia de assinatura dos contratos do SBT e da Rede Manchete, visto que ele vinha sendo postergado, em função do impasse que surgiu após o aconselhamento de advogados para evitar a caracterização de sucessão das emissoras da Rede Tupi, por parte dos dois novos concessionários.

Finalmente, a cerimônia foi agendada para o dia 19 de agosto, às 9h30, em Brasília, e como o SBT estava pronto para entrar no ar, Silvio Santos pediu autorização ao governo para “a TVS - Canal 4 de São Paulo entrar no ar no instante em que nascia”⁷⁹, transmitindo toda a cerimônia ao vivo.

Transmitindo e Assinando os Contratos

O transmissor provisório do Canal 4 na Avenida Paulista entrou no ar com padrão de testes no dia 4 de agosto de 1981. No dia 19, enfim, foi exibido o programa inaugural da emissora, colocado no ar por antigos funcionários da TV Tupi de São Paulo⁸⁰, agora contratados pelo SBT. Entre eles, o ex-representante dos funcionários da Tupi durante a greve, Humberto Mesquita, que, bastante emocionado, irradiou a cerimônia da assinatura dos contratos de concessão das redes.

Os contratos foram assinados somente 13 meses após a cassação da Rede Tupi de Televisão. Na cerimônia estavam presentes os ministros de estado Haroldo de Mattos, das Comunicações; Murilo Macedo, do Trabalho; Ernane Galvêas, da Fazenda, e Jair Soares, da Previdência Social.

O ministro Haroldo de Mattos afirmou, durante a cerimônia, que cabia à televisão um papel de grande importância naquele momento em que o mundo e o Brasil atravessavam uma fase turbulenta. “Atualmente, multiplicam-se as responsabilidades dos que, tão marcadamente, podem influir na formação da opinião pública e no empenho do povo para encarar e sobrepujar, com otimismo e decisão, os desafios que o destino lhe arme. Nada representa maior risco para o homem e, com mais razão, para uma nação, do que a desesperança, o pessimismo, a perda de horizonte. O derrotismo é paralisante e antecipa, e até precipita, a derrota evitável”. Haroldo de Mattos disse também que a pretensão da televisão não era a criação de um falso clima de fantasia ou a divulgação de meias verdades. “Espera-se dela a contribuição serena”.

⁷⁹ “A Fantástica História de Silvio Santos”, Arlindo Silva, Editora Seoman, 2017:137.

⁸⁰ De acordo com um anúncio do Grupo Silvio Santos, até o mês de outubro de 1980, já haviam sido contratados 163 ex-funcionários da TV Tupi de São Paulo para trabalhar nas redes TVS-Record e SBT. Entre eles, técnicos, produtores, administrativos e apresentadores, como Raul Gil e Airton e Lolita Rodrigues.

Mais tarde, o SBT também transmitiu um almoço comemorativo na sede da revista “Manchete”, em Brasília, com a presença de ministros e empresários. Naquele mesmo dia, já estrearia a programação regular da emissora.



Logomarca do SBT (divulgação).

O SBT foi formado inicialmente pelos canais 4 de São Paulo (geradora), 11 do Rio de Janeiro, 5 de Porto Alegre (que entrou no ar logo depois, em 26 de agosto), 2 de Belém (a partir de 2 de setembro), além de 12 emissoras afiliadas distribuídas de norte a sul do país. Um problema enfrentado na instalação da TVS foi a rede para o interior, onde o “Programa Silvio Santos” tinha grande audiência. Os retransmissores da Tupi não puderam ser usados por falta de manutenção e também pelo risco de caracterizar a sucessão. A solução encontrada foi, além de exibir o programa pela TVS, o programa seria mantido na TV Record, que contava com uma excelente rede montada no interior, 450 torres. O “Programa Silvio Santos” já vinha sendo exibido pela Record desde fevereiro de 1980, devido às constantes greves dos funcionários da TV Tupi.

O canal 4 tem, outra vez, som e imagem. Mas, principalmente, tem novo concessionário. Hoje, às 9h30 da manhã, a TV *Studios* (ou simplesmente TVS), inicia sua transmissão diretamente de Brasília, com a assinatura do contrato entre o Ministério das Comunicações e o Sistema Brasileiro de Televisão, o grupo comandado pelo animador Silvio Santos. A transmissão desse evento era ponto de honra dos novos concessionários. Nos estúdios no bairro da Vila Guilherme, onde antigamente já funcionaram a TV-Excelsior e parte da TV-Tupi antes de serem adquiridos pelo SBT, que lá produzia alguns programas transmitidos pela TV-Record e pela TVS do Rio de Janeiro, todos repetem que esta é a primeira vez que uma emissora transmite uma solenidade que autoriza seu funcionamento. É por esse mesmo motivo que tudo ainda está confuso. A programação definitiva, pelo menos para a primeira semana de funcionamento, só foi acertada no final da tarde de ontem, menos de doze horas antes de a emissora entrar no ar. (“Som e Imagem Voltam a Ocupar o Canal 4 Hoje”, *O Estado de São Paulo*, 19/08/1981, p. 20)

Desde quarta-feira, quando entrou no ar a TVS de São Paulo no lugar da antiga TV Tupi, canal 4, os moradores de prédios onde existem antenas coletivas de televisão não conseguem sintonizar com perfeição os canais 5 e 2 (respectivamente Globo e Cultura [transmitidos a 15 km de distância, no Pico do Jaraguá]). Segundo os moradores, principalmente aqueles que residem na região da Avenida Paulista [onde está provisoriamente instalado o transmissor do canal 4], em alguns locais as imagens destes canais chegam a “sumir” totalmente para dar lugar às imagens do canal 4, e em outros há tanta interferência (defeitos no som e “fantasmas” de imagem) que a única solução é desligar o aparelho. [...] Alberto Cortez, diretor-técnico da TVS, diz que o problema

está com as antenas coletivas. Sua explicação é de que o canal 4 esteve muito tempo fora do ar — 13 meses — e por isso as empresas que instalam antenas coletivas “alargaram” a faixa dos outros canais próximos ao 4 para melhorar-lhes as imagens. “Quando o canal 4 voltou, tomou este espaço e interferiu nos outros”, disse Cortez, acrescentando que a possibilidade de que isso ocorresse não foi lembrada “tanto que ficamos durante 15 dias com sinal em barra no ar e não tivemos reclamações”. (“TVS Atrapalha Outras Emissoras”, Folha de São Paulo, 22/08/1981, Ilustrada, p. 25)

Após sete meses de operação provisória na torre da TV Record, o SBT inaugurou a nova estação transmissora do Canal 4, no Sumaré, na tarde do dia 1º de abril de 1982, durante um ato solene dentro do programa “O Povo na TV”. A construção da torre do Sumaré foi o símbolo da resistência da TV Tupi perante a crise, contudo, como o governo entendeu que a empresa não tinha mais condições de saldar suas dívidas, pôs fim no império “Associado”. Felizmente, a grande torre foi finalmente ativada pelo SBT e segue em operação até hoje, um dos maiores símbolos da memória da TV Tupi-Difusora.

A torre da TVS - Canal 4 de São Paulo, após sua conclusão. Sua antena foi encomendada pela TV Tupi mas, quando chegou ao Porto de Santos, a emissora tinha sido cassada e a fabricante RCA a enviou de volta para os EUA. Um ano depois, a mesma antena foi recomprada pelo SBT e voltou ao Brasil para, finalmente, ser instalada nos altos da nova torre do Sumaré (Moacyr dos Santos/SBT).



Se em São Paulo o SBT teve condições estruturais para entrar no ar já em agosto de 1981, o caso da Rede Manchete, com sede no Rio de Janeiro, foi bem diferente e a previsão era de entrar no ar no mínimo em 12 meses. A maior parte dos prédios necessários para instalação dos estúdios, centrais de exibição, produção etc., teria que ainda ser construída, ao passo que a parte preexistente teria que ser toda reformada. O Teatro Adolpho Bloch, por exemplo, situado ao lado da sede do grupo, foi adaptado para abrigar 10 estúdios e, ao seu lado, um novo prédio exclusivo foi construído. Havia muito trabalho a fazer e, também, a preocupação de respeitar o prazo de dois anos que o governo havia estipulado. Representantes do grupo logo foram ao Japão, Alemanha e Estados Unidos para negociar a compra de modernos equipamentos.

Em 1981, após ganhar as concessões, Adolpho Bloch começou a tirar do papel os projetos da Rede Manchete. Aplicou dinheiro na compra de um terreno de 300 mil metros quadrados no bairro carioca de Água Grande e pediu ao amigo Oscar Niemeyer que projetasse um segundo prédio no terreno, ao lado do Edifício Manchete (Rua do Russel, 804). Em 1982, teve início a construção do prédio da televisão, com entrada pelo nº 766. Os dois prédios pareciam um único por causa da mesma altura e do estilo da fachada, em aço e vidros escuros. Foram encomendados também outros projetos para as demais sedes da Manchete em São Paulo, Fortaleza, Belo Horizonte e Recife. Ainda estava sendo negociado com Niemeyer o projeto da construção de um centro de produção da TV Manchete na Barra da Tijuca, a Cidade da TV, englobando uma área de 100 mil metros quadrados, que seria inaugurado em 1985, que acabou não se concretizando. (“Rede Manchete - Aconteceu, Virou História”, Elmo Francfort, Imprensa Oficial, 2008:17-18)



Logomarca da Rede Manchete (reprodução).

Adolfo Bloch desembolsou a altíssima cifra inicial de US\$ 52 milhões entre equipamentos e instalações para a rede, e mais US\$ 14 milhões para compra de filmes, séries e desenhos animados. Inicialmente, foram contratados cerca de 500 funcionários, muitos deles oriundos da TV Tupi do Rio de Janeiro, de acordo com o contrato do governo.

Além da necessidade de promover grandes obras para montagem de sua sede, a Rede Manchete também enfrentou problemas com atrasos na entrega dos equipamentos importados e conseguiu entrar no ar ao término do prazo de dois anos. Seu primeiro sinal de testes foi gerado do Rio de Janeiro no dia 13 de maio de 1983 e a inauguração aconteceu em 5 de junho, com cinco emissoras próprias no ar: Rio de Janeiro (geradora), Belo Horizonte, Fortaleza, Recife — ex-emissoras da Rede Tupi que voltavam ao ar após três anos de inatividade — e em São Paulo — ex-TV Excelsior, que estava 13 anos fora do ar. Para a estreia, a rede pôde contar também com sua primeira afiliada, a TV Pampa de Porto Alegre. Por curiosidade, alguns anos depois, a TV Brasília, que pertencia à Rede Tupi, passou a ser uma retransmissora da Rede Manchete, contudo, ainda sob o controle dos Diários Associados.

Para nós, a televisão representa responsabilidade. Estamos produzindo uma programação de alto nível. Com emoção, posso dizer que a Rede Manchete é Bloch. É um dever mencionar o pioneiro Assis Chateaubriand, um homem de grande visão. Apresento minhas saudações à TV Educativa, à TV Cultura, à TV Bandeirantes, à TV Gazeta, à TV Sílvio Santos, à TV Record, às emissoras independentes e à Rede Globo de Televisão. E ao sr. Roberto Marinho, uma amizade que já passa de meio século. Deixo com vocês, meus amigos, a Rede Manchete de Televisão. Ela está no ar. (Discurso de Adolfo Bloch na inauguração da Rede Manchete)

Enquanto a programação do SBT era voltada para o gosto popular com um polêmico programa de auditório, novelas, humorísticos, jornais, filmes, infantis, séries e desenhos animados “enlatados” e o próprio programa dominical de Sílvio Santos, a Rede Manchete se dirigiu ao exigente público das classes A e B, com uma linha de programação com infantis, muito jornalismo, mas também trazendo teatro, apresentações musicais e documentários. O jornalista e radialista Rubens Furtado, o primeiro ex-funcionário da TV Tupi a ser contratado pela Manchete — não por força de contrato, mas por espontaneidade — ocupou o cargo de diretor-geral e quis levar para a TV “um pouco daquilo que tinha visto há décadas, nos já distantes anos 1950: uma programação voltada para as classes mais favorecidas e que vinham sendo abandonadas com a popularização do meio”⁸¹. A proposta era trazer algo de bom do passado para o presente e futuro, como preconizava seu *slogan*: “Rede Manchete - A Televisão do Ano 2000”.

81

“Rede Manchete - Aconteceu, Virou História”, Elmo Francfort, Imprensa Oficial, 2008:319.

CAPÍTULO 43

O LEILÃO DOS BENS DAS ASSOCIADAS DE SÃO PAULO

[...] a juíza Ana Goffi Scartezini, da 4ª Vara da Justiça Federal, aceitara o pedido de arresto (embargo) dos bens imóveis e dos equipamentos da Rádio Difusora S/A (TV Tupi) e [da] Rádio Tupan S/A [Rádio Tupi], formulado pelo Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social – IAPAS, para garantir a dívida de Cr\$ 244.860.266,75 milhões, relativa a contribuições recolhidas dos empregados, de janeiro de 1961 a julho de 1973, e não pagas à previdência. Ontem mesmo a juíza determinou a citação das duas empresas. (“Nenhuma das Rádios Associadas Pode Ser Vendida Atualmente”, O Estado de São Paulo, 30/07/1980, p. 14)

Após o governo declarar peremptas as concessões de sete das emissoras da Rede Tupi pelo Brasil, em 18 de julho de 1980, os bens das empresas dos Diários e Emissoras Associados de São Paulo passaram a ser administrados pela Justiça Federal, para que pudessem ser locados ou vendidos e viabilizar o pagamento preferencial das dívidas trabalhistas com os ex-funcionários das emissoras. No bairro do Sumaré, em São Paulo, o edifício-sede das Emissoras Associadas, na Avenida Prof. Alfonso Bovero, nº 52, permaneceu fechado por quase uma década, assim como os estúdios do centro de televisão, com cerca de 5 mil m², situado no terreno ao lado, na Rua Catalão, nº 48.

Nos prédios dos estúdios e centrais técnica e de produção, os materiais de trabalho das emissoras de televisão lá permaneceram da mesma forma que foram deixados pelos 320 técnicos que não estavam em greve e mantinham o Canal 4 no ar, retransmitindo a programação da Tupi do Rio de Janeiro. No dia 14 de julho, eles também “cruzaram os braços” e a emissora não entrou mais no ar. Como havia esperança de que logo pudessem voltar ao trabalho, nada foi retirado, mas o retorno não aconteceu devido à cassação da emissora e a Justiça lacrou os prédios com todos os equipamentos e acervo lá dentro. No ano seguinte, o mesmo aconteceu com o edifício-sede, com 10 andares, na ocasião da lacração da Rádio Difusora.

José Alfredo Machado de Assis, ex-diretor-administrativo da TV Tupi, nos revela que, cerca de um ano depois da cassação do Canal 4, esteve de volta ao edifício-sede, juntamente com um oficial de justiça, para resgatar as guias de importação do novíssimo equipamento transmissor da RCA do Canal 4, já que ele seria leiloado. “Como o edifício foi evacuado às pressas, os funcionários tiveram que largar tudo como estava e nada pôde ser levado embora”, revela. Para ele, duas imagens ficaram muito marcadas naquele dia difícil. “Uma foi no restaurante, no subsolo, que estava infestado de ratos, pois a comida da última refeição sequer pôde ser retirada. A outra cena marcante aconteceu quando estive de volta na minha antiga sala, no 9º andar. Lá, sempre havia flores e as últimas delas ainda estavam lá, desidratadas, mas inteiras. Contudo, como o ar do ambiente foi renovado com nossa presença, as flores se desfizeram em instantes”, conta. Para

ele, essa história soa como uma metáfora, como um símbolo: flores que se desfizeram tal como aconteceu com todo aquele império da comunicação. José Alfredo é filho de Enéas Machado de Assis, já falecido, um nome importante na história da radiodifusão paulista e que trabalhou muitos anos como diretor das Emissoras Associadas de São Paulo.

Justiça Marca o Leilão dos Bens da Tupi

Como a opção de aluguel e venda dos equipamentos e prédios da falida Rádio Difusora São Paulo S/A não foi autorizada pelo próprio IAPAS, que alegou dificuldades legais, eles teriam que ir a leilão. A Justiça Federal logo passou a organizar todo o processo e, enquanto isso, os contratos com os locatários dos prédios e equipamentos continuariam em vigência. No início de julho de 1982, surgiram comentários nos bastidores do meio televisivo sobre o interesse da Rede Globo de Televisão em participar do leilão das antigas instalações da TV Tupi de São Paulo, algo que prejudicaria muito a estratégia do SBT, locatária da torre e a maior interessada em arrematar todo o complexo. Segundo informações do jornalista Ferreira Neto, então colunista sobre televisão na cadeia “Associada” de jornais, os estúdios das Emissoras Associadas chegaram a ser vistoriados por técnicos da Rede Globo e as implicações jurídicas estudadas por diversos de seus advogados. Em outubro de 1985, o mesmo colunista informou que a emissora ainda tinha interesse no prédio de 10 andares, nos diversos estúdios e na torre de concreto que estava alugada para a TVS. Para esta torre, a TV Globo tinha um projeto para utilizá-la para ampliação da capacidade do sistema de transmissão de seu canal 5 de São Paulo. As Organizações Globo também planejaram concentrar suas emissoras de rádio Globo e Excelsior nos edifícios do Sumaré, inclusive uma redação para o jornal “O Globo”.

A execução fiscal movida pelo IAPAS contra a Rádio Difusora São Paulo S/A foi realizada pela Dra. Ana Maria Goffi Flaquer Scartezzini, juíza federal da 4ª Vara da Seção Judiciária do Estado de São Paulo. Os bens penhorados seriam colocados à venda em leilão público, sendo que os bens móveis seriam vendidos no dia 4 de dezembro de 1984 e, no dia seguinte, seriam recebidas as propostas para compra dos bens imóveis. Contudo, as datas foram adiadas e os leilões aconteceram somente em 30 de maio de 1985, quando cerca de Cr\$ 150 milhões foram arrecadados para o pagamento prioritário de salários atrasados e dívidas trabalhistas dos ex-funcionários da TV Tupi e da Rádio Difusora, calculados em Cr\$ 70 bilhões. Deste valor, Cr\$ 60 bilhões eram a soma das dívidas com o IAPAS. Nesta primeira fase dos leilões, por Cr\$ 2,20 bilhões a empresa JZE Planejamento Imobiliário e Construções Ltda. arrematou o terreno de 6700 m² na Vila Sofia, Zona Sul de São Paulo, de onde a Rádio Difusora AM 960 KHz transmitia seus sinais. O edifício Guilherme Guinle, ex-sede dos Diários Associados em São Paulo, situado na Rua Sete de Abril e onde ficavam instalados os jornais “Diário de São Paulo” e “Diário da Noite”, foi arrematado por Cr\$ 14 bilhões pela Cia. Tecidos e Fiação Guaratinguetá. Um terreno em nome do jornal “Diário da Noite”, de 4300 m², situado na Rua Álvaro de Carvalho, também foi arrematado. Contudo, ficou postergado para o dia 13 de dezembro de 1985 o leilão dos imóveis que compunham o complexo de estúdios e da nova torre da TV Tupi, a ser leiloados em conjunto, do edifício de 10 andares do Sumaré, dos figurinos e

dos equipamentos das emissoras de rádio e TV. A torre era o item mais cobiçado, prevendo-se uma intensa disputa por parte das emissoras de televisão.

Cerca de 80 arrematadores compareceram ao leilão, mas apenas três deles participaram ativamente da disputa: o famoso leiloeiro Luiz Fernando de Abreu Sodré Santoro, o experiente arrematador Duarte de Souza e o próprio apresentador e empresário Silvio Santos, que, ao que tudo indica, agora estaria desimpedido de adquirir a estrutura da TV Tupi, sem que ficasse caracterizado como sucessor da massa falida da Rádio Difusora.

Dentro de um terno azul-claro, Silvio Santos, Senor Abravanel, 49, disse: “Este é um leilão muito importante para mim. Tenho muito interesse em ficar com a torre e se não for possível comprá-la, tenho interesse em conseguir prazo, porque não é possível deixarmos a torre de um momento para o outro, pois do contrário, dois mil funcionários (o quadro da TVS) vão ficar praticamente numa situação muito difícil”. (“Leiloeiro Arremata Torre da Tupi”, Folha de São Paulo, 14/12/1985, p. 47)

Silvio Santos cumpriu sua promessa de comparecer pessoalmente e dar um lance um pouco maior do que a avaliação oficial dos imóveis. Estava convencido de que caso não conseguisse arrematar a torre ou, ao menos firmar uma negociação com o novo proprietário para continuar alugando a estrutura, sua estação transmissora do Canal 4 teria que ser transferida de local. Segundo Silvio Santos, seria necessário entre oito meses e um ano para construir uma torre e transferir sua pesada antena. Esse novo local seria o pátio da concessionária Vimave Pacaembu, que pertencia ao Grupo Silvio Santos e ficava localizada a apenas 1 km das antigas instalações da Tupi, nas esquinas das ruas Galeno de Almeida e Oscar Freire.

“Tirar esta antena rapidamente, há quem garanta não ser possível sem que ela se rompa”, afirmou Silvio Santos aos jornalistas. Segundo ele, a fabricante RCA havia descontinuado a produção daquele modelo exato da antena e o contrato previa que, caso ela sofresse avarias, a RCA seria obrigada a fabricar outra idêntica. Entretanto, isso demandaria quatro meses, no mínimo.

O primeiro lance foi de Silvio Santos — Cr\$ 8,42 bilhões —, mas logo foi superado. Ele ainda subiu sua oferta para Cr\$ 8,45 bilhões, contudo, a disputa ficou mesmo entre os outros dois participantes. “Eu havia prometido para a juíza Ana Maria Flaquer Scartezzini que ofereceria o valor real para poder ajudar os funcionários”, declarou Silvio Santos à imprensa. Ele também revelou que não ofereceu um valor ainda maior, pois não seria interessante economicamente, já que construir uma nova torre em terreno próprio e transferir a antena custaria muito menos: Cr\$ 4 bilhões.

Entre os presentes no leilão, estava Miguel Cipolla, chefe do Departamento de Engenharia da TV Bandeirantes, que não escondeu o interesse da emissora em fazer negócio com a torre, caso ela fosse arrematada por Duarte de Souza. Como a torre também interessava à TV Globo, havia rumores de que ela havia mandado um representante.

De Berço da TV Brasileira a Depósito Para Leilões

A torre e os edifícios da central de produção da TV Tupi foram arrematados por Cr\$ 9,58 bilhões, a serem pagos por Luís Fernando de Abreu Sodré Santoro, que era primo do ex-governador de São Paulo Roberto de Abreu Sodré e proprietário do maior escritório de leilões do Brasil. Entretanto, segundo reportagens, Duarte de Souza impetrou um mandado de segurança, solicitando medida liminar, alegando que o imóvel foi vendido antes mesmo da terceira batida, um costume de qualquer leilão. Isso porque o oficial de justiça havia avisado aos interessados que iria até a sala da juíza para informar sobre o maior lance apresentado (de Santoro) e, caso ela concordasse com o valor, estaria encerrado o leilão. Duarte sentiu-se lesado, pois não pôde apresentar seu novo lance antes do oficial se dirigir à juíza, em outro andar. Segundo Duarte, seu último lance seria de Cr\$ 10 bilhões, muito maior do que o do vencedor. Por esse motivo, o processo de execução dos bens dos Diários e Emissoras Associados foi suspenso, no entanto, meses depois, foi oficializado que o vencedor foi mesmo o leiloeiro Luís Santoro.

Surpreendentemente, no entanto, o nosso herói [Silvio Santos] continua muito tranquilo. Ele não perdeu a pose e, em nenhum momento, revelou qualquer abatimento com a derrota. Ontem, em contato com a alta cúpula da Vila Guilherme, a APDL - Associação dos Por Dentro do Lance - verificou que essa calma e tranquilidade foi transmitida a todos os dirigentes e funcionários daquela emissora. Ninguém está preocupado com o assunto. Segundo se informa [...] Silvio Santos poderá continuar utilizando a torre por mais um ano, tempo suficiente, segundo eles, para um bom acordo com o novo proprietário ou, na pior das hipóteses, encontrar e construir uma nova torre num outro local. Na opinião de todos, por sinal, as possibilidades de a TVS ter que deixar o Sumaré quase nem devem ser consideradas. Da mesma forma, nenhum desses dirigentes, ou as pessoas mais chegadas ao Silvio Santos, sabem explicar as razões do seu procedimento no leilão. Ele fez o primeiro lance e depois silenciou, acompanhando passivamente e sem qualquer reação o desenrolar dos trabalhos. Isto, como não poderia deixar de ser, gerou grande mistério e fez surgir uma série de especulações em torno do assunto. Agora, a expectativa é grande e todos querem saber qual será o desfecho dessa história. (“Tiraram a Torre das Mãos de Silvio Santos”, Ferreira Neto, Correio Braziliense, 19/12/1985, p. 36)

Um minuto depois de arrematar o complexo de televisão, Santoro foi cumprimentado por Silvio Santos, que o indagou se teria condições de alugar a torre pelo menos por um ano, tempo necessário para construir sua nova torre. Santoro respondeu que precisaria pensar no assunto, pois tinha acabado de participar do primeiro leilão de sua vida no papel de arrematador. Mas se prontificou a receber Silvio Santos para uma conversa. O “homem-sorriso” pediu seu nome completo e se despediu. Caso não houvesse negociação de locação com Santoro, Silvio Santos estava disposto a recorrer à Justiça para obter um prazo hábil para poder construir a nova torre da TVS.

“De minha parte, não há nenhuma intenção de fechar portas a qualquer negociação, mesmo com o Silvio Santos. Mas, primeiro, quero fazer uma avaliação do negócio para saber se a torre serve somente para a televisão ou se pode também operar como uma central de rádio”, afirmou Santoro. O leiloeiro assegurou, no entanto, que seu interesse maior não era pela torre, mas sim pelos estúdios — chamados por ele de “armazém” —, que lhe serviriam para a realização de leilões e depósito de materiais. Contudo, admitiu que poderia alugar a torre para quem pagasse mais e negou que teria feito acordo com a TV Globo. “Tenho diversos armazéns onde realizo

leilões, mas são afastados. O armazém mais próximo do centro de que tive notícia foi este. A aquisição da torre foi uma contingência”, disse Santoro aos jornalistas.

Numa entrevista à “Folha de São Paulo”⁸², publicada seis meses após o leilão da torre e dos estúdios, Guilherme Stoliar, então vice-presidente do SBT, afirmou com tranquilidade que não estava preocupado com o desfecho da situação. “Existe 1% de chance de perdermos a locação. Já entramos em acordo com Santoro a respeito de um contrato para os próximos cinco anos”, disse Stoliar. A reportagem destacou que “certamente o aluguel combinado (Stoliar não quis revelá-lo) não seria tão baixo quanto os Cz\$ 2.230,00 pagos atualmente na Justiça Federal”.

Naquele mesmo dia, os lances dados pelo edifício de 10 andares, situado ao lado dos estúdios de TV, não atingiram o valor mínimo de Cr\$ 3,44 bilhões. O maior lance chegou a apenas Cr\$ 1,83 bilhão e foi necessário agendar outro leilão. Também foi leiloada uma casa na Rua Amália de Noronha, em São Paulo, além dos mais diversos equipamentos para rádio e televisão, material fotográfico, entre outros, como veremos a seguir.

Leiloando Equipamentos

O edital com a relação dos bens da Rádio Difusora S/A que iriam a leilão ocupou várias páginas do Diário Oficial. Entre eles, destacam-se um lote com 5342 fitas de videotape Quadruplex gravadas; 137.568 rolos de filmes em 16 mm, 43 filmes em 16 mm de longa-metragem em estado precário de conservação. Esse material acabou sendo leiloado por Cr\$ 80 milhões, mas não chegou a ser concretizado, porque o IAPAS o adjudicou, com o compromisso de transferir o acervo para a Fundação Pró-Memória (ver Capítulo 45).

Os valiosos transmissores também estavam nesta listagem. Da TV Tupi, seria leiloado o RCA TT50-FL, com 50 kW de potência, “em estado de novo, sem uso, avaliado em Cr\$ 1.053.810.608,00”, informou o edital. Trata-se daquele equipamento que foi enviado pela RCA ao Sumaré antes da antena, como relatado no Capítulo 38. Ele chegou a ser ligado para realização de testes, mas sem transmissão no ar. Com o fechamento da TV Tupi, este transmissor ainda permaneceu no prédio por alguns anos, até ser retirado pela Justiça Federal. Entretanto, ele não chegou a ser leiloado, pois, de acordo com o jornal “O Estado de São Paulo”⁸³, houve um acordo onde o IAPAS abriu mão da penhora sobre o transmissor, na tentativa de a fabricante RCA reavê-lo, sob a alegação de que o equipamento estaria alienado fiduciariamente a seu favor, revela a reportagem. Após, este transmissor foi comprado pelo Grupo Bandeirantes, a ser utilizado em sua emissora em Brasília.

O transmissor da Rádio Difusora FM - 98,5 MHz, fabricado pela RCA, modelo ET-17, e o transmissor do Canal 4 que estava em operação quando a emissora foi fechada pelo governo, o RCA TT6-AL, também foram leiloados, juntamente com suas linhas de transmissão, antenas e torres.

⁸² “A Disputa da Torre da Tupi”, Folha de São Paulo, 03/05/1986, p. 46.

⁸³ “Ministério Confirma Irregularidades em Negociação do IAPAS”, 25/12/1990, Geral, p. 14.

Os demais itens da listagem eram mesas de controle, microfones, transmissores de micro-ondas, gravadores, receptores de TV, monitores, telecines, projetores de *slides*, mobiliários de escritório, veículos, quase todos em “péssimo estado”, entre eles, as duas carretas que serviram como geradoras de imagens, adquiridas em 1972, quando chegaram as cores na televisão.

A “Folha de São Paulo” revelou que a Rede Mulher de Televisão⁸⁴, por meio de seu diretor Antônio Montoro, arrematou equipamentos de *links*, válvulas e cabos no valor de Cr\$ 60 milhões. Segundo ele, esse material seria utilizado na TV Morada do Sol, em Araraquara (SP), geradora da Rede Mulher.

Os veículos que pertenciam à TV Tupi aguardaram os leilões, por alguns anos, em um pátio do IAPAS – Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social, que ficava na Rua Cap. Mor Jerônimo Leitão, nº 96, ao lado da Avenida Prestes Maia, região central de São Paulo.



Viaturas da TV Tupi de São Paulo, em 1982, no pátio do IAPAS (Carlos Eduardo Câmara Del Bianco/Acervo pessoal).

Figurinos Vendidos num Lote

Enquanto as roupas eram arrumadas em cabides, uma paraibana de Campina Grande vasculhava tudo, emocionada. E entre os cabides identifica um blazer que participou da novela “O Direito de Nascer”, recorde de audiência em 1964. Apesar de só ter entrado na Tupi em 1972, Maria Guedes sabe do que está falando. Afinal, durante os oito últimos anos de vida da emissora, Maria foi a chefe de guarda-roupa e camareiras.

84

A Rede Mulher foi vendida em 1999 para o grupo de comunicação da TV Record e hoje é chamada de Record News.

Hoje, sem emprego fixo, talvez ela seja a única pessoa que possa reconstruir a história da primeira emissora brasileira, através dos figurinos da Tupi. Quem mais poderia saber que um robe lilás, escondido entre incontáveis peças de roupa, foi usado por Rodolfo Mayer, já falecido? São poucas as peças que conservam alguma etiqueta de identificação. [...] Enquanto relembra, separa um traje de espanhola: “Este foi a Lolita Rodrigues quem vestiu num dos programas ‘Almoço com as Estrelas’”. Muitas das roupas foram produzidas na própria Tupi — “tínhamos cinco máquinas industriais, além de seis pequenas”, conta Maria. Roupas de época, fantasias para programas humorísticos fazem parte do figurino. Mas há também roupas prontas. Alguns paletós, Maria Guedes reconhece — “Este aqui Antônio Fagundes usou em ‘O Machão’. Na mesma novela, Jacques Lagoa vestiu aquele quadriculado”. (“Vende-se a História da Nossa TV. Quem Dá Mais?”, Jacqueline Enger, O Estado de São Paulo, 14/02/1987, Caderno 2, p. 7)

No dia 14 de fevereiro de 1987 — e só neste dia —, parte do figurino da TV Tupi de São Paulo foi posta à venda a qualquer pessoa que se interessasse. Foi arrematada por Cr\$ 5 milhões no leilão de 13 de dezembro de 1985, pelo empresário Sérgio Pereira, proprietário da Lojão, empresa especializada em arrematar produtos em grandes leilões. Ele ficou com os 9 mil vestidos, 4,5 mil ternos, mais de 2 mil saias, além de *smokings*, gravatas, calçados, ou seja, praticamente toda vestimenta utilizada em programas e novelas da emissora pioneira de televisão. Pereira também arrematou equipamentos de som, luz, geradores e material de reposição da Tupi, desembolsando mais de Cr\$ 120 milhões no total.

O lote dos figurinos, no entanto, acabou sendo liberado pela Justiça Federal somente em novembro de 1986. Parte desse material, cerca de 6 mil peças, foi reunida para venda no “Lojão” da Rua Bom Pastor, no bairro paulistano do Ipiranga. Uma empresa chamada “Bolsa de Antiguidades” foi contratada por Pereira para transporte, organização e vendas, que foram divulgadas por meio de um folheto, que anunciava a venda de fantasias, sapatos, botas, chapéus e acessórios carnavalescos, além de trajes sociais e a rigor. Mas, como não se tratava de um anúncio qualquer, ao final do texto o folheto assinalava que aquele material pertenceu à extinta TV Tupi.

[...] durante esta semana, transportou as roupas para os fundos da filial do Lojão no Ipiranga. Embrulhadas em sacos de lixo, as roupas, enfim, deixaram o prédio que pertenceu à Tupi, no Sumaré, onde permaneceram durante quase sete anos em péssimas condições. “Perdemos muita coisa, por causa das goteiras”, afirma [José] Forastieri [proprietário da Bolsa de Antiguidades]. (“Vende-se a História da Nossa TV. Quem Dá Mais?”, Jacqueline Enger, O Estado de São Paulo, 14/02/1987, Caderno 2, p. 7)

O Edifício-Sede das Emissoras Associadas

Em janeiro de 1986, o antigo edifício-sede de 10 andares das Emissoras Associadas, no Sumaré, finalmente foi arrematado, encerrando o ciclo de leilões da Justiça Federal. O investidor Sarkis Tcharghjian arrematou o imóvel, mas o revendeu, logo em seguida, para o leiloeiro José Eduardo de Abreu Sodré Santoro, irmão de Luís Fernando, o mesmo que havia arrematado a torre e os estúdios “do outro lado da viela”.

O edifício foi mantido fechado por três anos e meio, até ser vendido para o Grupo Abril, em agosto de 1989, por US\$ 1,5 milhão. Ao jornal “Gazeta Mercantil”⁸⁵, José Eduardo Santoro revelou que “resolveu vendê-lo em razão da mudança dos planos da sua empresa Sodré Santoro Leiloeiro Oficial e Rural, que pretendia usar a área como sede administrativa”. Em uma reportagem da “Folha de São Paulo” sobre os leilões dos bens da massa falida dos Diários Associados, um “peso-pesado” do ramo dos leilões, José Maurício Machareth, explicou que “o pessoal de leilão mantém relações cordiais e, durante as sessões, formam ‘sociedades de fato’ para adquirir um lote e depois repartir entre si”⁸⁶.

85 “Grupo Abril Compra Antigo Prédio da Rede Tupi no Sumaré”, José Luiz Longo, Gazeta Mercantil, 13/09/1989, não paginado.

86 “Leiloeiro Arremata Torre da Tupi”, Folha de São Paulo, 14/12/1985, p. 47.

CAPÍTULO 44

O DESTINO DAS DEMAIS EMISSORAS ASSOCIADAS DE SÃO PAULO

Rádio e TV Cultura

Chateaubriand era muito amigo de Cândido Fontoura. Conhecido como tio Candinho, Fontoura é o “Homem de Jeca Tatu”, pois seu Biotônico Fontoura fora o financiador dessa obra memorável de Monteiro Lobato. Em uma conversa, perguntei-lhe de repente, se ele não venderia a Rádio Cultura, que detinha a concessão de um canal de televisão, o canal 2. Tio Candinho admitiu a possibilidade. Disse até que desejava negociá-la, mas ninguém se interessara. Nós nos interessamos, afirmei-lhe. Contei a conversa a Chateaubriand, que se entusiasmou. Embora lembrasse a ele que as emissoras estavam na esfera de Edmundo Monteiro, nosso chefe determinou que pusesse mãos à obra imediatamente, aproveitando minha experiência de comprador acumulada durante os anos de norte e nordeste. “Edmundo está em Londres e até sua volta o Candinho pode mudar de ideia”, acrescentou. Negociei a aquisição em condições extremamente favoráveis para nós. Cândido Fontoura nos transferiria a totalidade das ações pertencentes a sua família e, em troca, nós nos limitávamos assumir duas importantes dívidas da Rádio Cultura (...), uma para com o Banco do Estado de São Paulo e outra para com a Caixa Econômica Federal. Melhor ainda, durante os dois anos que levaríamos para instalar a TV Cultura — que ainda não estava no ar — o próprio Candinho pagaria por nossa conta, através de publicidade de seus produtos farmacêuticos, os débitos vinculados a uma dessas dívidas. Chateaubriand ficou tão satisfeito com esse resultado que me presenteou com 20% das ações da empresa que reunia a Rádio e a TV Cultura. (“Minhas Bandeiras de Luta”, João Calmon, Fundação Assis Chateaubriand, 1999:176-177)

Em 1967, a TV Cultura - Canal 2 de São Paulo “estava faturando razoavelmente bem e dava para se manter”, revela seu então diretor-artístico Mário Fanucchi⁸⁷. No ano anterior, inclusive, foram feitos grandes investimentos para a construção de sua nova sede, junto à Rádio Cultura, no bairro da Água Branca. No entanto, naquele ano, as emissoras da empresa Rádio Cultura S/A foram colocadas à venda pelos Diários e Emissoras Associados, “numa tentativa de obter recursos para tentar contornar a crise, que já se afigurava perigosa”, declarou João Calmon⁸⁸ em sua autobiografia.

[...] em 1967 a Previdência Social já pressionava o reino dos Diários [Associados] e tornava pública a imensa dívida de Cr\$ 6 bilhões antigos. (“Um Presente de Grego”, O Estado de São Paulo, 01/05/1988, Caderno 2, p. 12)

87 Entrevista à Pró-TV, em junho de 1998.

88 “Minhas Bandeiras de Luta”, João Calmon, Fundação Assis Chateaubriand, 1999:338.

Realmente, a crise já se instalava nas “Associadas” e um despacho publicado no “Diário Oficial do Estado de São Paulo”, em agosto de 1967, dá conta que as quatro empresas paulistas do grupo “Associado” solicitaram ao ministro da Fazenda um parcelamento de seus débitos, alegando “dificuldades financeiras oriundas do decréscimo da publicidade em geral”.

O governo fez alterações no Código Brasileiro de Telecomunicações em fevereiro de 1967, por meio do Decreto-Lei nº 236, “o decreto que nos tinha como maior alvo”, como declarou o presidente dos Diários Associados, João Calmon, em sua autobiografia⁸⁹. O decreto instituiu uma limitação do número de concessões às empresas que prestavam serviços de radiodifusão de som e imagem para o máximo de cinco em todo território nacional. Como a Rádio e TV Cultura faziam parte do conglomerado dos Diários e Emissoras Associados, à época o detentor da maior rede de rádio e televisão do Brasil, colocar estas emissoras à venda garantiria novos recursos para o grupo e respeitaria a lei.

Muita gente queria saber se o governo estava interessado em comprar materiais para instalação de um canal de televisão, mas proposta para a concorrência só apareceu uma, a da Rádio e TV Cultura - Canal 2. A concorrência pública para a aquisição, pelo governo do Estado, de estação de rádio e televisão, foi encerrada sábado último às 14 horas. A proposta apresentada deverá ser aberta pela Comissão Julgadora, possivelmente, na próxima semana. (“Só Uma TV Se Inscreveu”, O Estado de São Paulo, 18/07/1967, p. 6)

A notícia da intenção de venda se espalhou e o governo do Estado de São Paulo justamente — ou estrategicamente — abriu uma concorrência pública a fim de comprar emissoras de TV, AM, FM e OC da Capital para formar o Centro Paulista de Rádio e Televisão Educativas. Era um grande desejo do governador Roberto de Abreu Sodré de que o Estado de São Paulo contasse com emissoras próprias para ampliar o projeto de TV Educativa, criado seis anos antes sob o nome de “TV Escolar”, mas que era veiculado em determinados horários de algumas emissoras. Como não havia mais canais disponíveis para novas emissoras de televisão na cidade de São Paulo, a TV Educativa só teria o seu canal próprio caso, realmente, a Rádio Cultura S/A e outras se inscrevessem no certame e estivessem com suas documentações, exigências legais e equipamentos em ordem para participar. Segundo o edital, havendo mais de uma empresa na disputa, a comissão julgadora escolheria as emissoras de rádio e TV que mais conviessem ao Estado, que pagaria um preço justo.

A estação que o governo quer adquirir precisa ter, no mínimo, transmissores próprios com a potência mínima de 5 kW; não estar onerada por passivo, de qualquer natureza, e por encargos trabalhistas; ter plena capacidade técnica e operacional dentro de 60 dias após a assinatura do contrato de aquisição; e operar em ondas médias e curtas. (“Só Uma TV Se Inscreveu”, O Estado de São Paulo, 18/07/1967, p. 6)

A data limite para entrega dos envelopes com propostas foi 15 de julho de 1967 e, realmente, inscreveu-se apenas a Rádio Cultura S/A, concessionária do canal de TV VHF-2 e das rádios FM 88,9 MHz, OM 1300 KHz e de mais três de Ondas Curtas.

89

“Minhas Bandeiras de Luta”, João Calmon, Fundação Assis Chateaubriand, 1999:338.



O governador Abreu Sodré assinou ontem, no Palácio dos Bandeirantes, a escritura de compra por 3,5 milhões de cruzeiros novos, pelo Estado, da TV Cultura, canal 2, e da Rádio Cultura, e em seguida fez doação das emissoras para a Fundação Padre Anchieta, que irá administrar a TV Educativa. O grupo vendedor foi representado pelo deputado federal Edmundo Monteiro. [...] Falando após o ato, o governador Sodré disse que a instalação da TV Educativa é um velho sonho seu, e que com a aquisição das emissoras, o Estado de São Paulo dá um salto no sistema educacional brasileiro, como pioneiro da TV educativa no país. (“Estado Adquire Emissoras”, O Estado de São Paulo, 08/12/1967, p. 34)

Por NCr\$ 3,5 milhões, o governo estadual acabou comprando a Rádio e TV Cultura, mesmo que muitos dos equipamentos não estivessem em estado ideal para operação. Mas, de fato, eram emissoras que poderiam entrar no ar a qualquer instante, caso fossem obedecidas algumas limitações.

Como emissora secundária do grupo de Chateaubriand, a Cultura em sua fase comercial fazia o papel de “prima pobre”, herdando os equipamentos que a Tupi aposentava, incluindo a pioneira torre de transmissão, instalada no alto do edifício-sede do Banco do Estado de São Paulo. (“Uma História da TV Cultura”, Jorge da Cunha Lima, Imprensa Oficial, 2009:43)

Para funcionar em setembro ou outubro deste ano, a TV Educativa não poderá utilizar as instalações e equipamentos adquiridos da antiga TV Cultura, diante do estado precário em que se encontram, razão por que, o sr. José Bonifácio Coutinho Nogueira está adquirindo novos e modernos aparelhos: transmissores “RCA Victor” e câmeras “Marconi”. Tão logo chegue ao Brasil, esse equipamento será instalado no antigo prédio da TV Cultura, na Lapa, em caráter precário. No prédio ontem recebido por doação da condessa Renata Crespi, depois de reforma e ampliação totais, serão instalados dentro de dois anos todos os setores da Fundação: estúdios, salas de conferências, auditórios de projeção de filmes, galeria de arte e a Rádio Cultura. (“TV Educativa Recebe Solar Fábio Prado”, O Estado de São Paulo, 09/05/1968, p. 23)

Preocupado em implantar uma TV educativa de alto nível, o governo paulista decidiu dedicar-se ao planejamento e à atualização técnica, para só depois iniciar as atividades da “nova” TV Cultura, agora pública. (“Uma História da TV Cultura”, Jorge da Cunha Lima, Imprensa Oficial, 2009:43)

Em 26 de setembro de 1967, o governador do Estado criou a Fundação Padre Anchieta - Centro Paulista de Rádio e TV Educativa, uma entidade de direito privado, ou seja, mantida por dotações orçamentárias e recursos obtidos junto à iniciativa privada. Ela seria administrada por um conselho misto, com representantes de instituições públicas e privadas ligadas à área de cultura e educação do Estado, como USP, UNESP, Unicamp, PUC, Mackenzie e outras. Assim que o governo comprou a Rádio e TV Cultura, imediatamente a doou para a Fundação Padre Anchieta e cobrou 70 centavos de cada paulista para a reestruturação das emissoras. Isso porque a fundação optou por inaugurar suas estações de rádio e TV com tecnologia moderna, dispensando praticamente todos os equipamentos que vinham sendo usados pelas emissoras. Importações foram realizadas junto às renomadas RCA e Marconi. Somente com a RCA, foram investidos US\$ 1,4 milhão em equipamentos de estúdios e sistemas de transmissão. Na encomenda, câmeras coloridas TK-42; sistema de micro-ondas para *links*, gravadores, *switchers*

e o transmissor TT-25DL, com 25 kW de potência para o Canal 2. Para a Cultura FM, foi encomendado um transmissor de FM estéreo (o primeiro no Brasil) com 10 kW de potência e uma antena de polarização circular. Uma nova torre de transmissão seria montada no Pico do Jaraguá, Zona Oeste de São Paulo, para transmissão da TV Cultura e Cultura FM. No ano seguinte, a Cultura AM e OC ganhariam uma nova área e novos equipamentos no Parque Novo Mundo, na Zona Norte paulistana. A aquisição da Rádio Cultura S/A englobou, além dos antigos equipamentos, os prédios do complexo da Água Branca. Já os transmissores e a antena da Rádio Cultura em Ondas Médias e Curtas não foram incluídos no plano de venda, visto que faziam parte do complexo de transmissão da Rádio Difusora, em plena operação no bairro de Vila Sofia, Zona Sul.

O governo estadual finalmente conquistou suas próprias emissoras de rádio e televisão, mas não sem deixar de gerar uma grande polêmica. Alguns deputados, por exemplo, foram contra o governo controlar emissoras de radiodifusão e contra a forma de como a fundação foi criada. Até uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) foi criada na Assembleia Legislativa, mas não prosperou, pois a criação da Fundação Padre Anchieta se baseou na Lei Estadual nº 9849, que autorizava o Poder Executivo justamente criar uma entidade que promovesse atividades culturais e educativas por meio de rádio e televisão. Mesmo assim, uma matéria publicada em junho de 1969 pelo jornal “O Estado de São Paulo” deu voz a um deputado estadual contrário à concorrência pública que resultou na compra da Rádio e TV Cultura. Ele acusou que o interesse por aquela compra não correspondia ao interesse público, mas, sim, ao grupo proprietário da TV2 Cultura. “Todos sabem [...] que a Televisão Cultura, Canal 2, tem material obsoleto, de dez anos, é até chamada de ‘televisão chuvisco’, e é isso que o Estado quer comprar. Precisaria ser feito um estudo mais apurado”⁹⁰.



“É de todo impossível passarmos, sem profundas modificações, de uma estação comercial para outra cultural e pedagógica. O Contel compreendeu e autorizou a emissora a sair do ar” — declarou o sr. José Bonifácio [presidente da Fundação Padre Anchieta]. A Rádio Cultura, entretanto, que dispõe de melhores condições para manter o seu atual nível de audiência, que é bom, continuará com suas transmissões normais; apenas, agora, sem quaisquer anúncios, devendo sofrer, dentro de alguns meses, alterações em sua programação, que passará também a ser educativa. [...] “Ao delinear o início da nossa atividade — disse o sr. José Bonifácio — tivemos de enfrentar a opção dentre começarmos transmitindo programas de nível fraco ou sairmos temporariamente do ar”. Explicou, então, as providências adotadas para que a televisão educativa inicie suas atividades num nível técnico — tanto de pessoal, quanto de equipamento — de primeira ordem, apresentando, ademais, programação adequada às suas finalidades culturais e pedagógicas. (“Prepara-se a TV Educativa”, O Estado de São Paulo, 06/12/1967, p. 14)

Imediatamente após a venda, a TV Cultura parou suas atividades, aguardando que o Governo do Estado lhe desse novos equipamentos e infraestrutura. (“Uma História da TV Cultura”, Jorge da Cunha Lima, Imprensa Oficial, 2009:43)

90 “MDB é Contrário à Aquisição de TV”, O Estado de São Paulo, 11/08/1967, p. 4.

A fase “Associada” da TV Cultura se encerrou em 31 de dezembro de 1967, quando, após a programação normal, surgiu a seguinte mensagem na voz de Mário Fanucchi, diretor-artístico da emissora:

— Esta emissora encerra, neste momento, não apenas um programa ou a programação diária. Mas, toda uma fase de sua vida. Dentro em breve, porém, tudo aqui ganhará vida nova. Não é a morte da emissora, é uma hibernação para um ressurgimento que, estamos certos, será digno de um espírito que sempre animou a nossa equipe.

Como a Fundação Padre Anchieta preferiu comprar novos equipamentos, foi pedida uma autorização para o Contel - Conselho Nacional de Telecomunicações, a fim de que o Canal 2 pudesse ficar fora do ar por alguns meses, até que tudo fosse instalado. Além disso, antes de entrar no ar, seria necessário realizar treinamentos com os funcionários do departamento técnico. Já a Rádio Cultura AM dispunha de equipamentos em melhores condições e se manteve no ar normalmente por meio de um acordo de locação celebrado com as Emissoras Associadas, até que se pudesse montar seu novo parque técnico. A Rádio Cultura seguiu tocando apenas músicas e sem anúncios. Nos meses seguintes, também passaram a serem veiculados conteúdos educativos.



A previsão de a TV Cultura voltar ao ar em poucos meses não pôde ser cumprida. A fase experimental da nova TV Cultura foi iniciada somente no dia 7 de abril de 1969, data em que, simbolicamente, o governador Abreu Sodré acionou o novo transmissor do Canal 2, instalado junto à nova torre do Pico do Jaraguá, e colocou no ar a imagem do novo logotipo da TV-2. Na oportunidade, o governador declarou que estava realizando seu sonho ao acionar, pela primeira vez, o transmissor da nova TV Cultura. “Essa é a obra de maior repercussão de toda minha administração”, declarou Abreu Sodré à reportagem do jornal “Diário da Noite”.

Nova logomarca da TV Cultura, emissora que foi reinaugurada em 1969 sob administração da Fundação Padre Anchieta (reprodução).



A sede da Rádio e TV Cultura continuou na Rua Carlos Spera, nº 179, bairro da Água Branca, apesar de ter havido um movimento para se mudar para um belíssimo casarão, especialmente doado para este fim, situado na Avenida Brig. Faria Lima, Jardim Paulistano, que atualmente abriga o Museu da Casa Brasileira.

Após quatro meses de transmissões experimentais, a TV Cultura e a Rádio Cultura AM, FM e OC foram reinauguradas na noite de 15 de junho de 1969. Hoje, a TV-2 está no *ranking* das melhores emissoras do país, cumprindo seu papel educacional e social, recebendo diversos prêmios pela qualidade de sua programação.



Ainda em 1968, durante a fase de montagem dos novos equipamentos das emissoras de rádio e TV, as instalações da Água Branca foram ampliadas, chegando à área que aquele complexo possui nos dias atuais. Para tanto, o governo estadual aterrou a Lagoa Santa Marina, utilizando as terras que estavam sendo retiradas das escavações da Linha 1 do Metrô de São Paulo. Após o aterramento, foram construídos mais dois estúdios, o “C” e o “D”.

Com o fim da fase “Associada” da TV Cultura - Canal 2, encerraram-se, também, as operações de transmissão de televisão na histórica sala do 34º andar do então edifício-sede do Banco do Estado de São Paulo, futuro Banco Banespa, na Rua João Brícola, nº 24. O edifício passou a ser chamado de Altino Arantes e continua sendo um dos maiores símbolos da cidade de São Paulo, onde agora funciona o centro cultural Farol Santander. Voltando um pouco no tempo, especificamente no dia 24 de julho de 1950, do alto do edifício, iniciavam-se as transmissões experimentais da PRF3-TV Tupi Difusora - Canal 3, a primeira emissora de TV da América do Sul. Dez anos depois, assumia os mesmos equipamentos a estreante TV Cultura - Canal 2, que os utilizou até 31 de dezembro de 1967. Quanto ao transmissor pioneiro da TV Tupi, um RCA TT-5A, foi transferido para o novo parque de transmissão da TV Cultura no Pico do Jaraguá para ser utilizado como equipamento reserva do novo transmissor RCA TT-25DL do Canal 2. A antiga antena Superturnstile, modelo TF-3A, também da RCA, foi removida no início dos anos 1970 do edifício Altino Arantes, dando espaço para um novo mastro onde seria hasteada a bandeira da cidade de São Paulo e, posteriormente, a do Estado de São Paulo. A antena foi levada para um depósito junto aos transmissores da Rádio Cultura AM e OC, localizado no Parque Novo Mundo, Zona Norte de São Paulo. “Lá, ela serviu de modelo de estudo para mim e para os demais engenheiros da Fundação Padre Anchieta, que, na década de 1970, iniciaram a implantação da rede da TV Cultura pelo interior do estado”, revela o engenheiro Wilson Martins. O transmissor pioneiro da TV Tupi foi utilizado por algumas décadas e hoje se encontra fora de operação. Por volta de 2014-15 ele foi desmontado e segue no Pico do Jaraguá, aguardando a construção de um espaço para multifunções da TV Cultura, onde deverá ficar exposto.

Rádio Difusora - AM e FM

A empresa Rádio Difusora São Paulo S/A teve sua falência decretada no dia 30 de agosto de 1981, por não cumprir a determinação judicial de depositar parte de seus débitos que, entre os julgados e não julgados, somavam Cr\$ 61,5 milhões. Segundo nota divulgada pelos Diários Associados, como não foi autorizada a venda de equipamentos e instalações da TV Tupi aos dois novos grupos concessionários de seus extintos canais — Silvio Santos e Bloch — não havia recursos para solucionar o problema prioritário do pagamento dos créditos trabalhistas. Como visto no Capítulo 41, a falência da Rádio Difusora São Paulo S/A foi requerida pelo IAPAS - Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social em julho de 1980, pois respondia pela concessão da TV Tupi de São Paulo, que apresentava sérios problemas com suas obrigações trabalhistas. Após a cassação de sua emissora de televisão, a empresa Rádio Difusora perdeu sua maior fonte de receita e ficou impedida de continuar a fazer suprimentos de caixa às outras três empresas do grupo “Associado” em São Paulo, que eram a Rádio Tupi e os jornais “Diário da Noite” e “Diário de São Paulo”, todas também em situação de concordata.



Decretada a falência da empresa Rádio Difusora São Paulo S/A no dia 30 de agosto de 1981, seu advogado recorreu para que suas emissoras de rádio AM, FM e OC permanecessem em funcionamento e solicitou 30 dias de prazo para concluir negociações de transferência direta das concessões para outro grupo interessado, evitando-se prejuízos econômicos e sociais aos funcionários ainda em atividade. Na tarde do dia 3 de setembro, o juiz da 4ª Vara Cível da Capital negou o recurso, apontando que o passivo de toda a massa falida dos “Associados” era de aproximadamente Cr\$ 3 bilhões e, como levaria anos para quitá-lo, algo imprescindível para realizar a transferência, provocaria uma prorrogação do processo de falência, o que não era permitido por lei. Ainda segundo o juiz, a cessão ou venda dos direitos de exploração das concessões de AM, FM e OC a interessados só seria possível caso o governo federal as renovasse por mais 10 anos, já que elas se encontravam no chamado “caráter precário”, ou seja, vencidas, operando e aguardando uma solução junto ao governo. Para realizar as renovações das concessões, a empresa teria que cumprir obrigações legais e contratuais, como idoneidade moral e capacidade técnica-financeira, algo que já estava fora do alcance da Difusora. Nessa época, das 41 emissoras de rádio que os Diários e Emissoras Associados possuíam no Brasil, apenas a Tupi do Rio de Janeiro não funcionava precariamente. As demais estavam com seus processos de renovação da outorga tramitando no Ministério das Comunicações.



[Os funcionários,] embora desde as 17 horas, quando souberam da decisão judicial, começassem a esvaziar gavetas, não esperavam que a lacração acontecesse tão rapidamente; estavam tão confusos que não sabiam o que fazer. Depois do conhecimento da notícia, houve choro, crises nervosas, muitas informações desconhecidas e conversas de que há muitos grupos interessados na Difusora, entre eles o de Silvio Santos e o Rondon, de Brasília. (“Transmissores Lacrados, a Difusora Sai do Ar Após 45 Anos”, O Estado de São Paulo 04/09/1981, Geral, p. 12)

A lacração dos transmissores de AM e FM da Rádio Difusora foi uma medida tomada pelo Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel) no fim da tarde de 3 de setembro de 1981, logo após a decisão do juiz de negar o recurso da empresa. Por volta das 17h, soldados armados do Exército deram cobertura para técnicos do Dentel e dois oficiais de Justiça executarem a ordem judicial. Eles se dividiram em dois grupos e tomaram direção aos estúdios do Sumaré e aos transmissores de Ondas Médias, no bairro de Vila Sofia, na Zona Sul. Quando o oficial de justiça adentrou o 2º andar do edifício do Sumaré, faltavam poucos minutos para as 19h. No estúdio da Difusora FM - “Jet Music”, quase terminando seu programa do dia, estavam o locutor Dárcio Arruda, o técnico de som Ângelo Zanquetta e alguns outros funcionários. Todos teriam que evacuar o prédio imediatamente, algo que gerou um grande choque. Dárcio Arruda, nervoso, pediu que lhe fossem concedidos alguns minutos para fazer uma despedida no ar, o que foi concedido. “Foi emocionante. Confesso que cheguei às lágrimas ouvindo o Dárcio falar. [...] Em seguida, os estúdios e os transmissores foram todos lacrados. Todos nós ficamos “sem eira nem beira” e fomos para a Padaria Real”, revela Ângelo Zanquetta⁹¹.

Os funcionários da Difusora eram apaixonados pela empresa. Além disso, sabiam que se tratava de um verdadeiro patrimônio de São Paulo, que prestava serviços havia 47 anos. Na briga por manterem seus empregos e preservar as estações, eles fizeram apelos ao síndico da empresa e até ao Ministério das Comunicações, para que as emissoras não fossem tiradas do ar e que fossem concedidas a outro grupo empresarial, idôneo, que se propusesse a assumir os funcionários. Mas, tudo foi em vão. O estrago era muito grande e, pouco depois das 19h daquele dia 3 de setembro, os técnicos do Dentel encerraram as operações da Rádio Difusora em AM 960 KHz — a antiga “Estação do Som de Cristal” —, em FM 98,5 MHz — a “Jet Music” — e as Ondas Curtas de 25 m (11765 KHz) e 49 m (6095 KHz), usadas pela Rádio Tupi.

Para o diretor-superintendente da Rádio Difusora, Osvaldo Amorim, a lacração dos transmissores ocorreu justamente no momento em que a emissora estava com sua situação financeira estável. Segundo ele, “ninguém esperava que isso pudesse acontecer, pois ainda havia esperanças porque já tínhamos pedido ao presidente da República, ao ministro das Comunicações que mantivessem a emissora no ar”. Ao jornal “O Estado de São Paulo”, Amorim revelou que “com esforço dos próprios empregados e sem a ajuda de mais ninguém, a empresa vinha alcançando uma receita de Cr\$ 15 milhões, contra uma despesa de apenas Cr\$ 9 milhões mensais”. Mesmo assim, as operações da Difusora AM vinham sendo feitas com dificuldades para reposição de materiais e equipamentos, chegando ao ponto de ter que, por exemplo, emprestar cabos de outra emissora para colocar um repórter de campo no ar, durante uma partida de futebol. Contudo, a Difusora AM estava em uma boa colocação na audiência de São Paulo — 4º lugar, fazendo a cabeça dançante da juventude paulistana, uma referência na programação musical no rádio brasileiro. Sobre isso, seu diretor-superintendente declarou que “essa posição é muito importante por mostrar que a qualidade da programação só tem melhorado, levando em consideração o fato de que a Rádio Record transmite com potência de 150 kW, enquanto a Difusora transmite entre quatro e seis”.

91 “Falência das Rádios Tupi/Difusora (Parte Final)”, Ângelo Zanquetta, youtu.be/3HoFITsBmhA.

Arnaldo Gaeta, chefe do Departamento Técnico das rádios do Sumaré, preocupado com seus funcionários, acionou contatos em outras emissoras e conseguiu emprego para muitos funcionários. Outros foram “absorvidos” pela própria Rádio Tupi, que ainda seguiria algum tempo no ar.

As concessões de AM, FM e OC da Rádio Difusora foram decretadas peremptas nos dias 1º e 3 de fevereiro de 1982. Na semana seguinte, o ministro das Comunicações já assinava duas portarias dando novas destinações às frequências de AM e FM. O canal de Ondas Médias - 960 KHz foi transferido à Rádio São Paulo, pertencente à Rádio e TV Bandeirantes e que operava em 1300 KHz. Agora, além de poder contar com a audiência habituada a sintonizar os 960 KHz, a emissora poderia aumentar sua potência, já que a frequência permitia. Já o canal de FM 98,5 MHz foi assumido por um grupo de comunicação liderado pelo empresário Jair Sanzone, que operava a Rádio Mensagem Ltda. em 103,3 MHz, com o nome fantasia de “Metropolitana FM”. Ambas as emissoras seguem em funcionamento até os dias atuais, nas mesmas frequências.

Esse foi o triste fim da Rádio Difusora São Paulo S/A, empresa de onde se fez surgir a emissora pioneira PRF3-TV Tupi Difusora, em 1950. Logo após a concordata decretada, houve interesse de compra por parte de alguns empresários, dispostos a quitar as dívidas e reerguer as emissoras. No entanto, as transações foram dificultadas por membros da direção do Condomínio Associado.

Divulgação da Rádio São Paulo sobre sua nova frequência de Ondas Médias, em 960 KHz, usada por 47 anos pela extinta Rádio Difusora (reprodução).

**AGORA
É MAIS
NO MEIO**

No meio do diá: 960 KHz.
No meio musical: o que há de melhor na MPB.
No meio informativo: jornalismo compacto, moderno, vibrante.
No meio técnico: maior potência, melhor som.

O melhor meio é ouvi-la o dia todo.

RÁDIO  SÃO PAULO
A MAIS QUERIDA
EMISSORA DA REDE BANDERANTES

Comunicado dos Diários e Emissoras Associados de São Paulo sobre pedido de concordata preventiva (Correio Braziliense/reprodução).

COMUNICADO

A Rádio Difusora São Paulo S/A (TV Tupi — Canal 4, Rádio Difusora AM e FM), S/A Rádio Tupan (Rádio Tupi), S/A Diário da Noite e S/A Diário de São Paulo comunicam aos seus clientes, credores, funcionários e ao público em geral que, por motivos imperiosos, de natureza financeira, foram compelidas a impetrar concordata preventiva, com proposta de pagamento integral dos débitos, no prazo de 2 (dois) anos. Esperam contar com a compreensão de todos aqueles com os quais mantêm relações de negócios, a fim de que possam ser superadas, com o remédio legal de que se valerem, as dificuldades transitórias com que se defrontam.

O apreciável patrimônio dos Diários e Emissoras Associados de São Paulo constitui garantia para o atendimento de todos os credores pela forma constante da proposta de concordata.

São Paulo, 21 de maio de 1980.

Rádio Tupi

A Rádio Tupi ainda não acabou. Pode até ser que nunca acabe — essa possibilidade sempre existe — mas as marcas da atual fase ficarão. Algumas vozes — às vezes solenes, quase sempre apocalípticas — ainda podem ser ouvidas nos 1040 quilohertz que há quarenta anos marcavam “A mais poderosa emissora paulista”. É bem verdade que quase todas as músicas tocadas não constam das paradas de sucesso. Não há mais os animados programas musicais que dominaram a audiência em São Paulo. Também o “Grande Jornal Falado Tupi” não é sequer sombra dos áureos tempos em que a voz estridente de Corifeu de Azevedo Marques trombeteava para os municípios do interior. (“A Rádio Tupi Ainda Existe. Vive de Milagres e Profecias”, Maurício Ielo, O Estado de São Paulo, 02/08/1981, p. 45)

Das quatro empresas do Grupo Associado que obtiveram em julho do ano passado os benefícios da concordata preventiva, somente a Rádio Tupan ainda não teve falência decretada. Muito embora já decorrido o prazo de um ano fixado para depositar a primeira parcela de seus débitos (dois quintos da dívida), a emissora ainda não satisfaz a exigência. Ontem, o curador de Massas Falidas, Mário José Ronsin, pediu ao juiz da 25ª Vara Cível a fixação de um prazo para que a Tupan satisfaça a exigência, sob pena de ser decretada sua quebra.

Teve um fim melancólico aquela que foi uma das principais emissoras do país e que praticamente consolidou a importância do radiojornalismo nos anos 1940, através do “Grande Jornal Falado Tupi”, e que mantinha uma das mais fortes equipes para coberturas esportivas do país, a Equipe 1040. Após a lacração das emissoras da S/A Rádio Difusora de São Paulo, a PRG2 - Rádio Tupi de São Paulo ainda conseguiu se manter no ar por três anos, já que sua concessão era vinculada a outra empresa — a S/A Rádio Tupan. No entanto, como ela também fazia parte do grupo dos Diários e Emissoras Associados, também estava em concordata preventiva. Era sabido que mais cedo ou mais tarde, a Tupi AM teria o mesmo fim das demais emissoras do grupo em São Paulo. Era grande a luta pela sobrevivência e o representante do Condomínio Associado e superintendente da emissora, Oswaldo Amorim, tinha muita garra.

Como indicava seu *slogan*, a Tupi AM era “a mais poderosa emissora paulista”, isso porque sua frequência de 1040 KHz era um dos quatro canais internacionais exclusivos⁹² de Ondas Médias disponíveis para a cidade de São Paulo — os outros eram da Eldorado, Record e Globo. Isso significa que a Tupi era a única autorizada a operar em alta potência — 50 kW — nesta frequência, em quase todos os países da América do Sul e Central, ficando livre de interferências e assim obtendo alcance continental.

Depois de 4 anos de luta contra a Nacional, consegui levar a Tupi ao primeiro lugar de audiência. Isso foi em fevereiro [de 1977] e só caímos para o quarto porque a direção vendeu o terreno de Interlagos onde estavam instalados nossos transmissores de 50 kW. Passamos a operar, então, com os transmissores da antiga Rádio Piratininga, que só têm 5 kW de potência. Caiu a audiência porque perdemos potência de penetração. (Depoimento de Cayon Jorge Gadia, “Novo Diretor Artístico Provoca Crise na Tupi”, Folha de São Paulo, 05/10/1977, Ilustrada, p. 35)

92 Em 1980, havia 13 emissoras em Ondas Médias no Brasil, que operavam em canais internacionais exclusivos.

O valioso terreno do Jd. Marabá, ao lado do Autódromo de Interlagos, com 86 mil m², acabou sendo vendido para uma construtora, em 1976, a fim de gerar receita para a S/A Rádio Tupan. A proposta era montar um novo parque técnico com maior potência dos transmissores, mas em uma região cujo valor do metro quadrado fosse barato. Até que esse novo local fosse preparado, a Tupi AM transmitiu provisoriamente a partir das precárias instalações da extinta Rádio Piratininga, no bairro do Butantã, Zona Oeste, coincidentemente localizada na avenida que rende homenagem a um dos grandes nomes da própria Rádio Tupi de São Paulo, o radialista Corifeu de Azevedo Marques. A concessão da Piratininga não havia sido renovada pelo governo militar e tornou-se perempta em maio de 1974. No entanto, os transmissores da Piratininga chegavam a 7 kW no máximo e a forte diminuição da intensidade do sinal da “Tupi 1040”, que antes operava com 50 kW, impactou muito na audiência, já que milhares de ouvintes deixaram de ser alcançados.

Apesar dos sérios problemas com a transmissão da rádio, foi feito um grande investimento no novo parque técnico, de onde a emissora passou a transmitir a partir de maio de 1978, com novos equipamentos RCA-Victor e impressionantes 120 kW de potência. O terreno contava com 133 mil m² e ficava localizado à beira da represa Billings, no bairro de Varginha, distrito de Parelheiros, no extremo da Zona Sul de São Paulo. Duas torres paralelas, com 144 m cada uma, transmitiam a maior potência da América do Sul. Entretanto, apesar da altíssima potência, o sonho de uma nova arrancada da emissora naufragou, visto que um erro de cálculo no projeto fez com que o sinal “fugisse” para o interior do estado, sem antes cobrir corretamente toda a região metropolitana de São Paulo. Simplesmente, alguns bairros da própria Capital não recebiam bem o potente sinal.



No ano de 1980, em profunda crise financeira, a Rádio Tupi de São Paulo estava longe de continuar sendo “a mais poderosa emissora paulista”. Após a lacração da sua coirmã Rádio Difusora, em 3 de setembro de 1981, a Tupi AM continuou operando por poucos meses no térreo e no 2º andar do edifício do Sumaré. Como aquele imóvel estava atrelado à Difusora, em breve seria interdito pela Justiça Federal. Com isso, novos estúdios foram montados para a Rádio Tupi no edifício Guilherme Guinle, na Rua Sete de Abril, nº 230, onde funcionou, por décadas, a sede paulista dos Diários Associados. Aliás, foi neste mesmo endereço que nasceu a própria Rádio Tupi de São Paulo, em 1937.

A partir do momento em que a Tupi AM passou a operar como massa falida, em novembro de 1981, sua direção, a fim de resolver suas pendências trabalhistas, passou a vender espaços da programação para igrejas evangélicas, segmento religioso que estava em plena ascensão no país, já contando, naquela época, com 8,5 milhões de seguidores⁹³. Com isso, a maior parte da programação foi arrendada para as igrejas “Deus é Amor”, “O Brasil Para Cristo” e, também, para a “Legião da Boa Vontade” (LBV). Os programas eram produzidos pelos poucos funcionários

93 “Pentecostalismo Já Tem 8,5 Milhões de Seguidores no País”, Paulo Sérgio Scarpa, Folha de São Paulo, 18/01/1982, Religião, p. 15.

que restaram da Tupi, e que, desta forma, finalmente passavam a receber os salários em dia. Por força da obrigatoriedade de veiculação de informativos na programação, o “Grande Jornal Falado Tupi” continuou no ar, mas com uma equipe mínima, com popularidade “infinitamente” aquém do que este programa jornalístico conquistou um dia.

Nesta época em que a Rádio Tupi de São Paulo apenas tentava sobreviver, havia uma rede de emissoras de rádio que seguia no sentido oposto: a do crescimento. Tratava-se da Rede Capital de Comunicações, cuja emissora-líder era a Rádio Capital AM - 560 KHz, de São Paulo, havia apenas seis anos no ar, sendo que os três primeiros operando como “Rádio Novo Mundo”. Seu diretor Edevaldo Alves da Silva, que quase levou algumas das concessões na licitação dos canais da Rede Tupi de Televisão, em 1981, ainda tinha interesse em adquirir algumas das emissoras “Associadas” de rádio e televisão pelo Brasil. Edevaldo queria ampliar a cobertura da Rádio Capital e assim multiplicar seu mercado de trabalho, algo que a Rádio Tupi já não tinha mais condições de buscar. Como não era possível aumentar a potência da Capital, devido suas restritas características técnicas determinadas pelo Ministério das Comunicações, Edevaldo fez uma proposta que poderia beneficiar ambas as emissoras. Observando as condições críticas da Rádio Tupi e a subutilização de seu canal internacional de 1040 KHz — que corria o risco de ser repassado para “qualquer” outra emissora após uma eventual cassação —, foi sugerida uma permuta de frequências e parques técnicos. Para tanto, a Rádio Capital ofereceu Cr\$ 60 milhões, que ficariam à disposição do juízo onde prosseguia a concordata preventiva da S/A Rádio Tupan, a ser usados no pagamento de dívidas de funcionários e ex-funcionários da emissora. Um pedido foi formalizado junto ao Ministério das Comunicações, que autorizou a permuta em outubro de 1981, já que havia um embasamento legal. Na negociação, a Rádio Capital também se propôs a custear todas as modificações técnicas necessárias para garantir que a Rádio Tupi passasse a se utilizar dos transmissores de 25 kW e do sistema irradiante utilizado para transmitir a emissora em 560 KHz.

Até que no dia 15 de setembro de 1984, após esforços junto ao governo para que se pudesse realizar a transferência da concessão a outro grupo, foi decretada a falência da “mais poderosa emissora paulista”, que deixou as ondas do rádio após 47 anos no ar. Já havia, inclusive, um novo dono para a frequência de 560 KHz, a Rádio e Televisão Campestre Ltda., uma modesta emissora ainda em fase de instalação na cidade de Santa Isabel (SP), a 40 km de São Paulo. Em 1985, essa emissora foi comprada por José Maria Marin, ex-cartola da CBF, e passou a ser chamada como “Rádio Paulista”, que está no ar até os dias atuais.

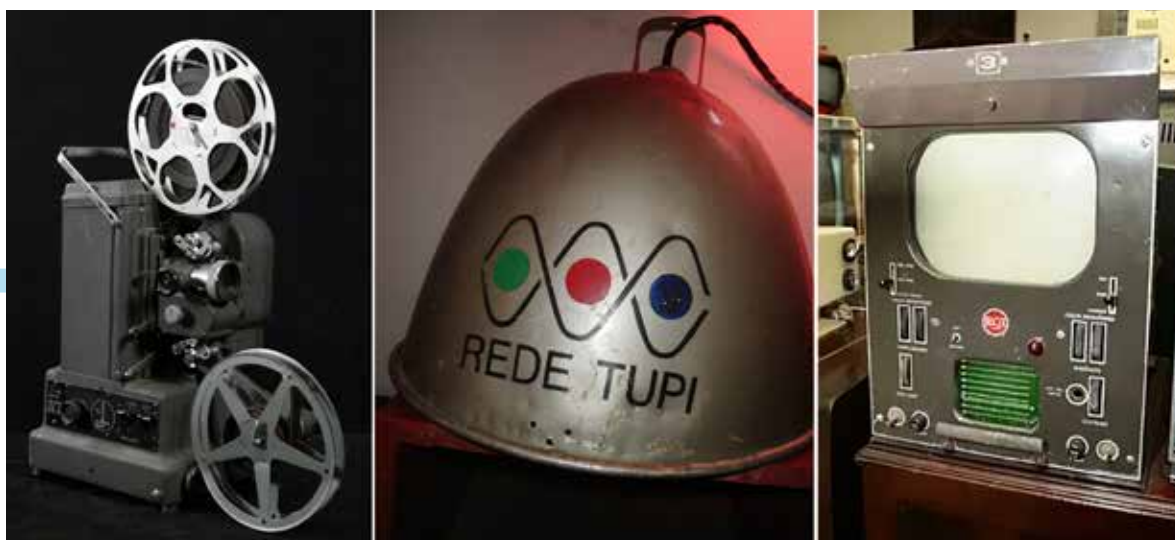
Em 1982, o empresário de radiodifusão Paulo Masci de Abreu obteve autorização para transferir o sistema irradiante de sua Rádio Cacique AM - 1150 KHz, deixando São Caetano do Sul (SP) e se instalando no Parque do Trote, na Vila Maria, Zona Norte de São Paulo. A razão social da estação foi mudada para Rádio Difusora do Brasil S/A e, pouco tempo depois da falência da Rádio Tupi de São Paulo, aquela estação passou a ser identificada com o nome fantasia de “Super Rádio Tupi”. Manteve uma linha popular e ganhou boa posição no *ranking* de audiência. A emissora permanece no ar até os dias atuais, contudo, desde dezembro de 2013, passou a se identificar somente como “Super Rádio”, após ser acionada judicialmente pelos Diários

Associados, que ainda é proprietário da marca e a utiliza em sua emissora de Ondas Médias e Frequência Modulada no Rio de Janeiro. Quanto aos Diários Associados, como já citado no Volume 2 - Capítulo 33, hoje tem sede em Brasília e controla algumas emissoras de rádio e televisão pelo país, além de portais de conteúdo na internet e jornais.

[...] Peguei o ônibus “Apiacás” na Praça do Patriarca, no centro de São Paulo. Ao dobrar a esquina da Padaria Real, famosa por ser frequentada pelos artistas da TV Tupi, eu avistei o prédio. Era um edifício de 10 andares, com riscos horizontais modernistas na fachada, onde havia um mural, tudo meio acinzentado pelo tempo, e uma antena no topo. Parei por uns instantes no lado oposto da rua, contemplando o local e imaginando as histórias que se desenrolaram lá dentro. Em seguida fui até a portaria. [...] [O zelador] me atendeu e confirmou que ficava ali o que eu procurava. E para meu espanto e eterno agradecimento, perguntou se eu gostaria de conhecer o local. No saguão de entrada havia um busto de bronze [de Assis Chateaubriand]. A luz elétrica fora desligada, os elevadores obviamente não funcionavam. Pelas escadas, deixando minhas pegadas no chão empoeirado, subi até algum andar. E lá estava, fantasmagórica, a Rádio Difusora AM. A primeira rádio que eu escolhera ouvir, um dos embriões do chamado rádio jovem atual, ao lado da Excelsior (a “Máquina do Som”, hoje CBN) e da Rádio Mundial do Rio de Janeiro. Foi a Difusora que me inspirou e me fez desejar ser locutor. [...] Parecia cenário de filme, era igual a um local abandonado às pressas pelo alarme de bombardeio aéreo. Estava tudo lá, papéis sobre as mesas, arquivos, pastas e o que mais me aguçava a curiosidade: o estúdio. Tudo permanecia ali, cheio de pó. Cartuchos, fitas, a programação do dia numa prancheta, o microfone, a mesa de áudio. A impressão era de que as coisas foram largadas de repente pelas pessoas que trabalharam ali na data da hipotética bomba H (aquela que mata as pessoas, mas não destrói os objetos). Mas todos pareciam acreditar que as coisas em breve voltariam à normalidade. Tanto que não havia sinal de arrumação, preparação, despedida... Tudo ficou como no último dia. Mas estava acabado, ninguém mais esteve lá. Exceto, aparentemente, eu. [...] As folhas de papel eram a programação de 03/09/1981, uma quinta-feira, conforme estava escrito à máquina. (“Viajando na Onda - Blade Runner”, Lui Riveglini, 28/01/2010, www.tudoradio.com/colunas/ver/189)

A Trajetória Técnica das rádios Tupi e Difusora - A Rádio Tupi de São Paulo foi inaugurada em 3 de setembro de 1937 com transmissores instalados na Vila Sofia, Zona Sul, às margens da antiga Autoestrada de Santo Amaro (atual Avenida Washington Luiz), região que ainda era pertencente ao extinto município de Santo Amaro. Em novembro de 1949, a Tupi operava com 25 kW e inaugurou um novo parque técnico bem próximo dali, no Jd. Marabá, ao lado do Autódromo de Interlagos, passando a transmitir com um potente transmissor RCA de 50 kW. Dois anos depois, as estações de AM e OC da Rádio Difusora deixaram o Sumaré e mudaram-se para o terreno que a Rádio Tupi havia desocupado, na Vila Sofia. Permaneceram lá até 1962, mas como surgiu um projeto para construir um grande complexo para a TV Tupi naquele terreno, as antenas da Difusora se mudaram para o bairro da Água Branca. Lá, a Difusora operou em modo “diplexer” (conjugado) com a coirmã Rádio Cultura, algo que se estendeu até 1966, quando ambas as estações se mudaram para a Vl. Sofia, já que o projeto da TV Tupi foi cancelado. Esta mudança de local se deu porque naquele terreno da Água Branca seria construída a nova sede da Rádio e TV Cultura. No terreno da Vila Sofia, que estava ocioso, a Difusora e a Cultura voltaram a operar novamente “diplexadas”, assim permanecendo até 1971. Neste ano, a Rádio Cultura mudou-se para o Pq. Novo Mundo, já sob o comando da Fundação Padre Anchieta, e a Difusora se manteve no mesmo local até o final dos seus dias, em 1981. Em 1977, a Rádio Tupi deixou o Jd. Marabá, já que o terreno foi vendido para capitalizar os Diários Associados. Com isso, a emissora passou a se utilizar temporariamente das instalações da extinta Rádio Piratininga, no bairro do Butantã, até inaugurar, no ano seguinte, seu novo parque técnico em Parelheiros, com potência recorde de 120 kW. Em 1981, a Tupi fez uma permuta e mudou-se para o parque de transmissão da Rádio Capital, no bairro do Limão, em São Paulo, de onde transmitiu até seu último dia no ar, em 1984, na frequência de 560 KHz. Quanto às estações de Frequência Modulada das Emissoras Associadas de São Paulo, a Rádio Tupi, diferentemente da coirmã Rádio Tupi do Rio de Janeiro, optou por não aderir ao plano do governo, criado em 1974, no qual era possível converter as estações de *link* estúdio-transmissor em emissoras comerciais de FM com alta potência e programação própria. Foram devolvidas ao governo as concessões dos *links* de 96,9 MHz da Tupi e de 91,3 MHz da Difusora. A única estação de FM mantida em São Paulo foi o segundo canal da Difusora, em 98,5 MHz, que já nasceu em 1970 como uma emissora comercial e independente.

Equipamentos Preservados da TV Tupi - Ao menos uma das câmeras originais da TV Tupi foi preservada e restaurada. A original “Câmera 2”, modelo RCA TK-30, chegou a ser utilizada na série “Nada Será Como Antes” (Rede Globo, 2016) e está em exposição permanente na sede da Pró-TV, na Rua 7 de Abril, em São Paulo, próxima do antigo prédio dos Diários Associados. A histórica câmera foi doada por Roberto Rodrigues Alves, ex-diretor de imagem das TVs Tupi, Excelsior e Gazeta. A história desta câmera é um capítulo à parte. Após ter sido utilizada pelas Emissoras Associadas (Tupi e Cultura), por volta de 1959-60, foi comprada pela TV Excelsior de São Paulo. A partir de 1970, passou para o patrimônio da TV Gazeta de São Paulo e, em seguida, o então diretor da emissora, Luiz Francfort — tio de um dos autores deste livro e também pioneiro da TV Tupi — doou a “câmera 2” à Faculdade Cásper Líbero para fins educativos. Por fim, Rodrigues Alves, então funcionário da TV Gazeta, intermediou a doação da câmera da Cásper Líbero para a Pró-TV. Já as outras duas câmeras TK-30 pioneiras da TV Tupi tiveram destinos bem diferentes. A “câmera 3” desapareceu e a “câmera 1” foi destruída no incêndio ocorrido nos estúdios da TV Cultura - Canal 2, em 28 de abril de 1965, no edifício-sede dos Diários e Emissoras Associados. Desta, sobrou apenas uma lente, resgatada entre os destroços do incêndio pelo diretor-artístico da emissora, Mário Fanucchi, mais um pioneiro da TV, que a guarda com carinho até hoje. Outro equipamento RCA preservado, que chegou no carregamento da TV Tupi em 1950, é um monitor de vídeo, usado na mesa de corte de imagens. Ele está ao lado de cerca de outros mil receptores de TV, todos de propriedade do colecionador Alceu Massini, acomodados em um galpão na cidade de Santo André (SP). Também estão a salvo na sede da Pró-TV um projetor RCA da TV Tupi, um refletor de luz e um copiador de filmes, que passou a ser usado pela emissora após o encerramento das atividades dos Estúdios Cinematográficos Tupi.



Equipamentos preservados: projetor de filmes da RCA, refletor de luz e monitor de mesa de corte (divulgação).

CAPÍTULO 45

COMO ESTÃO HOJE OS BENS MATERIAIS DA TV TUPI DE SÃO PAULO?

Grupo Silvio Santos e a Aquisição de Imóveis das Emissoras Associadas

Dentro de 45 dias o público telespectador de São Paulo estará vendo, de novo, a imagem do Canal 4, ex-Tupi, agora com o logotipo da TVS, uma emissora do Sistema Brasileiro de Televisão. Os estúdios de Vila Guilherme, a partir da primeira semana de junho, começarão a ser ocupados pelos departamentos de Produção, Jornalismo e Administrativo-Financeiro. O Departamento Técnico já está lá. “É o início da nova fase de atividades do Grupo Silvio Santos no campo da comunicação” - diz, com uma ponta de orgulho, Luciano Callegari, vice-presidente geral da área de comunicação do grupo. (“O SBT sem Segredos”, Arlindo Silva, Revista Manchete, 13/06/1981, p. 90-91)

Como visto no Capítulo 43, no dia 13 de dezembro de 1985 houve mais um dos leilões dos imóveis dos Diários e Emissoras Associados de São Paulo e Silvio Santos perdeu a disputa pela aquisição do lote que incluía a torre e os estúdios do Sumaré (o edifício de 10 andares foi leiloado em um lote à parte). A licitação da torre e estúdios foi arrematada pelo experiente leiloeiro oficial Luiz Fernando de Abreu Sodré Santoro, que declarou estar pela primeira vez “do outro lado do balcão”. A partir daí, Silvio Santos passou a pagar aluguel para Santoro e, meses depois, ainda no primeiro semestre de 1986, o leiloeiro acabou fazendo uma proposta ao dono do SBT para a compra de todo aquele complexo. Segundo fonte segura, Santoro causou espanto ao pedir um valor três vezes mais alto que o avaliado. Mas, acabou montando um “pacote” composto pela torre — que mais interessava a Silvio Santos — e pelo grande “Estúdio-Palco” da Tupi, localizado logo atrás da torre. Foi então que, observada a necessidade, o Grupo Silvio Santos acabou fechando a compra destes dois imóveis.

Inicialmente, não houve interesse pelos demais estúdios e pelo prédio de 10 andares⁹⁴ do antigo complexo da TV Tupi, visto que, além de supervalorizados, estavam muito degradados e seria necessário outro grande investimento para sua recuperação. No entanto, mesmo assim, alguns membros da direção do SBT passaram a tentar convencer Silvio Santos a adquirir os demais estúdios do Sumaré, visto que já faltava espaço nas instalações da Vila Guilherme. Até que, por volta de setembro do mesmo ano de 1986, Silvio Santos fez uma proposta e acabou fechando negócio por um preço mais acessível. Todo o complexo de estúdios da pioneira TV Tupi no Sumaré — exceto o edifício de 10 andares, que não interessava — agora pertenceria ao Grupo

94 O edifício de 10 andares do complexo do Sumaré, apesar de ter sido repassado ao irmão daquele que arrematou a torre e dos demais estúdios, foi oferecido para compra a Silvio Santos juntamente com os demais imóveis.

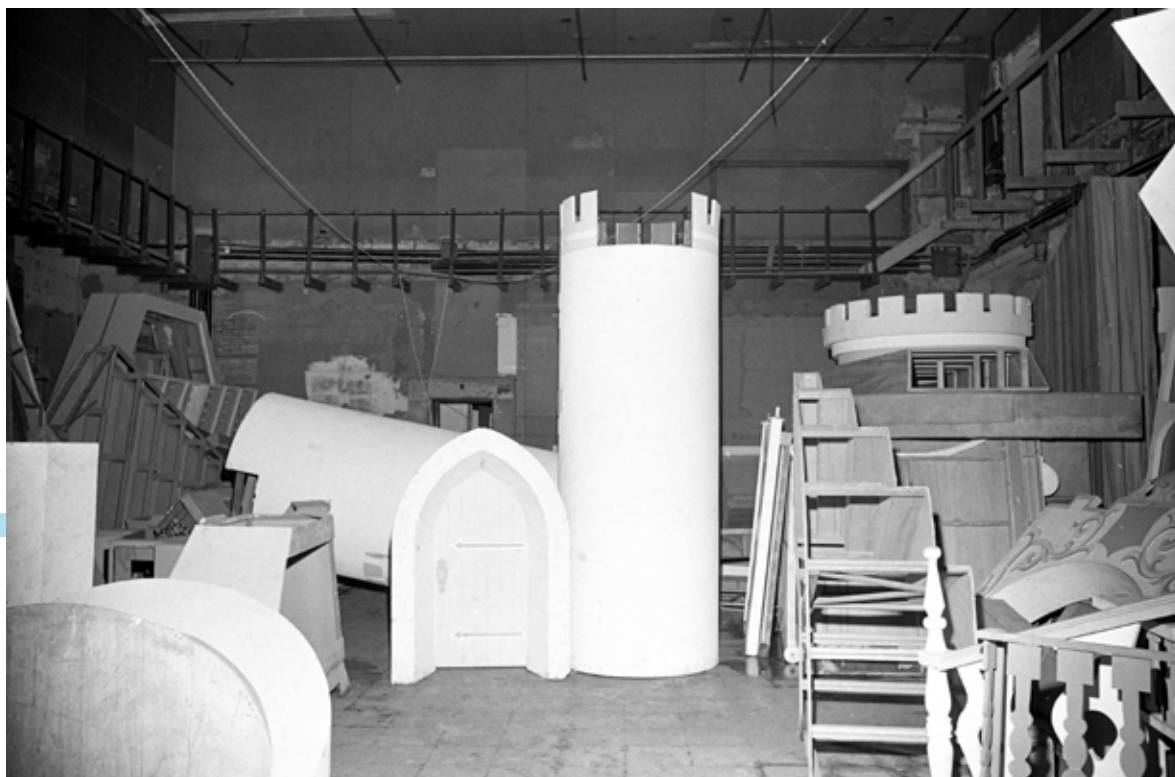
Silvio Santos, com a proposta de abrigar uma parte da Central de Produção do SBT. A atitude do animador e empresário Silvio Santos evitou que toda a antiga Cidade do Rádio tivesse destinação outra, que não a produção de programas de televisão, podendo ter chegado a virar um depósito de materiais para leilões, como era a intenção inicial de Santoro.

Dizem, mas ainda não provam, que Silvio Santos está com o assunto muito bem encaminhado e, até o final deste ano, poderá integrar à TVS as antigas instalações da falecida TV Tupi, no bairro do Sumaré, em São Paulo. (09/10/1986)



Silvio Santos chegou dos Estados Unidos na quarta-feira e apenas no seu desembarque tomou conhecimento da triste consequência das chuvas, que atingiram violentamente a sua emissora de televisão em São Paulo. A TVS perdeu muita coisa e sofreu um prejuízo incalculável, com a inutilização de câmeras, aparelhos de videoteipe, cassetes, documentos, cenários etc. Uma situação profundamente lamentável. Silvio Santos não teve as férias que pretendia. Até mesmo o seu retorno ao Brasil foi tremendamente complicado pelo frio de Nova Iorque e a dificuldade de arrumar um voo para São Paulo. Aqui chegando se encontrou com a triste realidade. A TVS, na verdade, perdeu muita coisa. Isto só está levando os seus dirigentes a pressionarem um pouquinho mais, na tentativa de ocupar o mais rápido possível, as antigas instalações da TV Tupi, no bairro do Sumaré. Silvio Santos é o mais interessado e, dizem, tem quase tudo acertado para que isso possa ocorrer num prazo de tempo muito curto. A direção da Vila Guilherme, como não poderia deixar de ser, não confirma, mas também não desmente coisa nenhuma. Está todo mundo em cima do muro, evitando se comprometer com algum pronunciamento infeliz. De qualquer forma, esta é a notícia: as chuvas e os estragos causados na TVS - SP, neste começo de semana, podem levar Silvio Santos a apressar sua mudança. ("Silvio Santos: Antes o Frio que a Chuva", Ferreira Neto, Correio Braziliense, 02/02/1987, p. 28)

Os estúdios da Vila Guilherme sofriam com enchentes durante o verão, que muitas vezes causaram danos à emissora, chegando, inclusive, a tirá-la do ar. Até que em janeiro de 1986, o volume de água foi ainda maior e assolou os estúdios. Houve a perda de câmeras, aparelhos de videoteipe, fitas, documentos, arquivos, cenários etc. Silvio Santos estava nos Estados Unidos e, ao voltar, ficou convencido de que a emissora deveria se mudar para o Sumaré de qualquer jeito. Contudo, isso não poderia ser feito em curto prazo, já que havia o problema da forte degradação dos imóveis e seria necessário promover uma grande reforma ou até uma demolição. Esta última opção não era viável, pois a lei de zoneamento não permitiria a construção de outro edifício do mesmo porte no lugar. Silvio Santos, sem alternativa, mandou desenvolver um novo projeto para a reforma completa do complexo histórico, principalmente das suas instalações elétricas e hidráulicas. A elaboração deste projeto caminhou lentamente e diversas salas e corredores, enquanto não eram iniciadas as obras, passaram a servir temporariamente como depósito de cenários trazidos da Vila Guilherme ou do Teatro Silvio Santos.



Estúdios e salas do Sumaré em 1988, já em posse do SBT. Enquanto as obras de recuperação não começavam, o local virou um depósito de cenários (Moacyr dos Santos/SBT).

Após diversos adiamentos, as obras só foram iniciadas em 1989. Seriam preparados três estúdios para gravação de novelas e outro para shows. No final de 1990, ficou pronto o Estúdio “S” (“S” de “Sumaré”), nome técnico dado ao estúdio que foi reformado para realização de shows do SBT e que, outrora, fora o “Estúdio-Palco” da Rede Tupi. A partir de 21 de janeiro de 1991, a energia da televisão voltou a permear os velhos estúdios do Sumaré, com a gravação do primeiro

programa do SBT no local, o infantil “Show Maravilha”, apresentado por Mara Maravilha. Em seguida, vieram também o infantil “Mariane”, o humorístico “Escolinha do Golias”, o *talk-show* “Jô Onze e Meia”, com Jô Soares, e o show “Cocktail”, com Carlos Miele. Alguns deles migraram da Vila Guilherme e outros estrearam já no Sumaré. Em 24 de novembro de 1993, com o teleteatro “A Justiça dos Homens”, o SBT inaugurou as reformas dos estúdios onde essencialmente seriam gravadas as telenovelas, segmento que o SBT investiu forte, contratando o experiente Nilton Travesso para dirigir o núcleo. Na fase “TV Tupi”, esses três estúdios eram chamados de “A”, “B” e “C”.

Marcos Caruso e Jandira Martini — ou Virgulino e Genu — inauguraram na última terça-feira o primeiro dos três estúdios que o SBT reformou para a novela “Éramos Seis”. Localizados no prédio da emissora no bairro do Sumaré, os estúdios — que pertenciam à extinta TV Tupi — foram reconstruídos e batizados de Complexo Cassiano Gabus Mendes, em homenagem ao diretor morto no ano passado. Com a reforma dos três estúdios — que totalizam uma área de 1100 m² — o SBT gastou cerca de US\$ 850 mil. (“SBT Inaugura Estúdios Reformados”, Annette Schwartzman, Folha de São Paulo, 20/03/1994, TV Folha, p. 7)

A primeira telenovela a ser produzida pelo SBT nos antigos estúdios da TV Tupi foi o *remake* de “Éramos Seis”, inclusive, um folhetim original da própria Tupi. As gravações se iniciaram em março de 1994 e, na sequência, nos mesmos três estúdios e ainda sob a direção de Nilton Travesso, foram produzidas as novelas “As Pupilas do Senhor Reitor”, “Sangue do Meu Sangue” e, a última, “Razão de Viver”, finalizada em julho de 1996, quando o núcleo de novelas foi transferido para o novo complexo do SBT, na Via Anhanguera⁹⁵, em Osasco (SP). Já as gravações dos programas que eram produzidos no estúdio de shows do Sumaré seguiram até dezembro daquele ano de 1996.

O SBT se utilizou do restaurante da torre do Sumaré com certa frequência, especialmente nos anos 1980 e 90, promovendo almoços de negócios ou comemorações entre sua direção e políticos, empresários, atores, agências de publicidade etc. Nos dias de hoje, contudo, é muito raro que algo aconteça naquele espaço excêntrico.

TV Abril/MTV no Edifício-Sede das “Associadas”

A TV Abril vai reativar o prédio da extinta TV Tupi — um verdadeiro marco na história da telecomunicação do Brasil — na Avenida Professor Alfonso Bovero, no Sumaré, devolvendo vida àquele trecho da cidade que assistiu de perto ao desenvolvimento da televisão brasileira. (“Vida Nova no Vídeo”, Veja SP, 13/06/1990, p. 16)

⁹⁵ As tomadas externas das novelas gravadas no Sumaré eram feitas na cidade cenográfica do SBT, construída no CDT da Via Anhanguera em 1994, ainda durante as obras do complexo.

A “chama” do velho bairro do Sumaré reacendeu em 1990, ano em que a TV Tupi comemoraria 40 anos no ar. Com o início das operações da faixa de UHF para transmissão de TV, durante todo o ano a Editora Abril foi dando vida novamente a parte das antigas instalações da TV Tupi, ao inaugurar seu próprio canal de televisão no local. Nascia no Sumaré mais uma emissora: a TV Abril.

No início dos anos 1980, o Grupo Abril começou a traçar planos para se tornar um verdadeiro conglomerado de comunicação. Seu parque gráfico era o maior da América Latina, publicando mais de 100 revistas mensais. A Editora Abril era uma das mais importantes empresas de comunicação do Brasil e estava disposta a se expandir para a mídia eletrônica.

A primeira oportunidade para a Abril apareceu após 1980, quando o governo desmembrou a pioneira TV Tupi. Depois de numerosas negociações, comerciais e políticas, a Abril foi preterida, em favor do Grupo Silvio Santos e do Grupo Editorial Bloch. Em 1985, quando Silvio Santos foi pressionado a vender suas ações na TV Record, a Abril foi novamente considerada pela imprensa como a melhor candidata às ações. Por razões ainda não propriamente explicadas, entretanto, o acordo caiu por terra. A Abril começou, então, a perseguir estratégias diferentes. A Abril Vídeo, produtora independente de vídeo, criada alguns anos antes, comprou tempo na TV Bandeirantes e, depois, na Gazeta, para transmitir seus programas jornalísticos. [...] No ano seguinte, a Abril Vídeo retirou-se das transmissões de TV, reposicionando-se no crescente mercado do vídeo doméstico, como produtora e distribuidora. Em 1985, o governo abriu a concorrência para a concessão de novas estações UHF na cidade de São Paulo e, nessa batalha, a Abril finalmente teve sucesso, vencendo outros poderosos grupos de mídia na concessão do canal 32. (“É Pagar Para Ver: TV Por Assinatura em Foco”, Luiz Guilherme Duarte, Summus Editorial, 1996:139)

Entre 1985 e 1988, o Grupo Abril conquistou a concessão de dois canais de televisão na faixa de UHF da cidade de São Paulo. Um seria a TV Abril - Canal 32 e outro a TVA - Canal 24. Este último seria uma emissora de TV por assinatura, modelo de negócio que estava se iniciando no país. Os planos iniciais para a TVA Abril eram de gerar uma programação baseada em jornalismo ou em programas femininos, seguindo a linha de algumas das revistas publicadas pelo grupo. No entanto, outro rumo foi tomado e, em 7 de março de 1990, foi promovida uma festa celebrando a assinatura de um contrato de licenciamento do canal de TV por assinatura “MTV Networks”, da Viacom. Era anunciada a “MTV Brasil”, com programação nacional e importada, a primeira da marca no mundo a operar em TV aberta.

Com a proposta de colocar a TV Abril no ar durante o primeiro semestre de 1990 e a TVA no ano seguinte, o Grupo Abril conseguiu efetivar, em agosto de 1989, a aquisição do antigo edifício-sede das Emissoras Associadas de São Paulo, na Avenida Prof. Alfonso Bovero, nº 52, bairro do Sumaré, um dos marcos da história da televisão brasileira.

A opção pelo prédio da Tupi trouxe vantagens visíveis à nova emissora, mas não evitou a necessidade de uma drástica interferência dos engenheiros na edificação. A primeira barreira encontrada foi a situação estrutural do imóvel, alvo de um processo degenerativo causado pela própria inatividade ao longo de dez anos, aproximadamente. Além disso, havia a necessidade de adequar as instalações, obsoletas, a um novo layout dos espaços internos pelos equipamentos mais sofisticados da Abril [...]. Como de-

safio adicional, havia a exigência da implantação de uma torre metálica e da antena transmissora no topo da já problemática edificação, com o cronograma estabelecendo prazos exíguos pelas empresas envolvidas. (“A Imagem do Reforço”, Silvério Rocha, Construção, nº 2222, 10/09/1990, p. 8)



Logomarcas da MTV e TVA (reprodução).

Para a montagem das duas emissoras de televisão, a Editora Abril desembolsou US\$ 15 milhões, sendo US\$ 10 milhões apenas em equipamentos. O estado do antigo edifício da TV Tupi era deplorável, já que estava totalmente fechado e sem manutenção por pelo menos sete anos. O desafio era grande, pois o objetivo não era apenas restaurá-lo e torná-lo viável para instalação de simples escritórios. Complexas estruturas de emissoras de televisão é que iriam se instalar no local e muitos conceitos e soluções modernas teriam que ser implementados, a exemplo de um grande reforço nas estruturas, da renovação dos sistemas hidráulico e elétrico, bem como da instalação de um moderno sistema de segurança contra incêndio, inclusive com a construção de escadas de concreto em uma das faces externas. Um edifício que originalmente foi projetado para abrigar emissoras de rádio e salas administrativas – que transmitiu programas de TV ainda em preto e branco, captados por câmeras pesadíssimas e gravados por máquinas enormes de videoteipe, e que “presenciou” a edição de imagens feitas literalmente com cortes em fitas com giletes e emendas com durex – agora iria gerar e transmitir sinais que demandariam modernos decodificadores especiais e conversores UHF para serem captados. Tudo era novidade, principalmente o sistema físico e robotizado da Ampex, modelo ACR-225, que iria colocar automaticamente os videoclipes da MTV no ar.



O início dos trabalhos revestiu-se de um caráter de pesquisa quase “arqueológica” na busca de plantas originais. “Tivemos de resgatar a memória do prédio”, afirma [o engenheiro Marcelo Ferreira, da Pratec, empresa contratada para gerenciar as obras]. O resgate foi bem-sucedido e os projetos originais recuperados junto à Construtora Ferronato & Mainieri traziam a data de 1959 com os dados necessários aos novos cálculos. (“A Imagem do Reforço”, Silvério Rocha, Construção, nº 2222, 10/09/1990, p. 8)

Para anular os esforços de tração, o projeto previu a execução de quatro placas de concreto (vigas-paredes) que funcionam como tirantes, interligando os pilares e, dessa maneira, ligando o pé da torre aos pavimentos inferiores. Com isso, formou-se uma verdadeira “malha” adicional de pessoas interligadas — a massa das placas somada às reações dos pavimentos equilibrariam os esforços de tração na torre. Concreto e armaduras de reforço se uniram à estrutura já existente. (“A Imagem do Reforço”, Silvério Rocha, *Construção*, nº 2222, 10/09/1990, p. 9)

As obras tiveram início em outubro de 1989 e o maior desafio foi o reforço de suas estruturas, a fim de suportar o peso extra de uma nova e pesada torre de 34,5 toneladas, com o triplo do tamanho daquela deixada pela TV Tupi no topo do edifício. No último piso — um terraço considerado como 11º andar — havia um grande salão e, ao seu lado, a caixa d’água e a casa dos elevadores, que serviram de apoio para a antiga torre de transmissão. Todo esse pavimento fazia parte do átrio (ver Capítulo 27) e foi demolido para a construção de outro mais amplo, ocupando toda a área disponível do edifício, dando melhores condições para a fixação de uma nova torre e abrigando melhor a casa de máquinas.

Também houve uma modificação importante no 9º andar, onde o antigo jardim foi substituído por um prolongamento do andar, para a montagem de uma grande “sala vip” e restaurante privativo, a serem usados para reuniões e convivência da diretoria da empresa. Para tanto, paredes tiveram que ser parcialmente demolidas e um prolongamento envidraçado foi montado, proporcionando que aquele pavimento passasse praticamente a ter a mesma área dos andares inferiores.

Capa da revista “Construção”, de setembro de 1989, retratando as obras de readequação do antigo edifício da TV Tupi, no bairro do Sumaré, para instalação da TV Abril e TVA (reprodução).



A torre foi desenhada por engenheiros da fabricante francesa Thomson-LGT. Para tanto, foi elaborado um *design* especial para não prejudicar o diagrama de transmissão do vizinho SBT - Canal 4, a apenas 40m à esquerda. Antes da construção da torre, os engenheiros montaram uma estação transmissora de televisão provisória, para realizar testes de campo. Pela primeira vez era transmitido um sinal de televisão daquele histórico edifício, desde que, nove anos antes, os funcionários da TV Tupi entraram em greve e a emissora saiu definitivamente do ar, em 14 de julho de 1980.

Na área externa do edifício, tudo foi recuperado conforme as características originais, em especial os murais com tema indígena, produzidos em 1959 pelo artista israelita Gershon Knispel. Eles estavam com as cores muito desgastadas, mas foi possível restaurar os tons originais. A recepção do edifício foi toda reformulada, instalando-se pisos em porcelanato e criando-se um *hall* maior, com sala de espera, onde, por muitos anos, funcionou a sala de controle-geral das rádios Tupi, Difusora e Cultura. Por fim, o edifício ganhou o nome de Victor Civita, o fundador da Editora Abril, que sofreu um infarto fulminante a dois meses de poder realizar o antigo sonho de inaugurar uma emissora de televisão.



Alterar a legenda da foto para: Aspecto do antigo edifício-sede das Emissoras Associadas logo após o término das obras de restauração, nos anos 1990. No local, funcionava a TV Abril/MTV Brasil além de outras emissoras de TV do Grupo Abril (Francisco Inácio/SBT).

Prevista para estreiar em agosto de 1990, a MTV Brasil acabou sendo inaugurada em 20 de outubro do mesmo ano. Como as obras e a montagem de equipamentos, mesmo que aceleradas, só terminariam alguns meses depois, durante seu primeiro ano de operações a programação da MTV foi gerada a partir de um galpão da Abril Vídeo, que ficava na Rua dos Coropés⁹⁶, no bairro paulistano de Pinheiros. O local foi todo adaptado e abrigou estúdios, produção e a administração da TV Abril. No Sumaré, desde 20 de outubro, entraram em operação o controle-mestre, os transmissores e a novíssima torre metálica de 94,5 m de altura, cujo topo da antena chegou a 145 m do solo.

O canal UHF-24 iniciou suas operações de TV por assinatura em 9 de junho de 1991, exibindo grandes filmes de Hollywood. Foi batizado de “TVA Filmes” e fez parte de um sistema composto por mais quatro canais pagos, transmitidos pelo sistema MMDS⁹⁷ do próprio edifício do Sumaré, mas que ocupavam espaço reduzido de operação, pois as programações não eram produzidas no Brasil. Posteriormente, a Editora Abril transformou a TVA também em uma operadora de TV por Assinatura, com distribuição pelo sistema MMDS e, posteriormente, também por cabo. A central técnica de transmissão da TVA foi montada no 7º andar do mesmo edifício.

Organização do Edifício do Sumaré – Fase MTV

- Subsolo - Casa de Máquinas
 - Térreo - Recepção / Hall / Sala de Espera / Sala de Manutenção
 - 1º - Relações Artísticas
 - 2º - Estúdio “A” (VJs)/ Salas de Edição/ Sonoplastia
 - 2º Intermediário - Acervo
 - 3º - Estúdio “B” e “C”
 - 3º Intermediário - Produção
 - 4º - Produção
 - 5º - Produção
 - 6º - Diretoria
 - 7º - Central Técnica da Operadora TVA e do provedor A Jato!
 - 8º - Controle-Mestre
 - 9º - Sala-Vip
 - 10º - Transmissores de TV
 - 11º - Área Técnica do Edifício
-



⁹⁶ O local exato onde a MTV Brasil iniciou suas produções, na Rua dos Coropés, foi desapropriado anos depois para extensão da Avenida Brig. Faria Lima. Como referência, o galpão da MTV ficava muito próximo de onde hoje está instalado o edifício Tomie Ohtake.

⁹⁷ O sistema MMDS (siglas em inglês para Serviço de Distribuição Multiponto Multicanal) é uma tecnologia de telecomunicações sem fio, terrestre, usada para transmissão simultânea de diversos canais de televisão por assinatura, tal como é feito no sistema a cabo ou por satélite. No Brasil, o sistema entrou em desuso.

A MTV Brasil passou a ter problemas financeiros no final de 2009, quando começou a perder faturamento. O problema se agravou em 2012, mesmo com uma forte redução de gastos. No ano seguinte, o Grupo Abril colocou a TV Abril à venda, juntamente com suas retransmissoras por todo o país, e encerrou o contrato de utilização da marca MTV com sua detentora Viacom. Sem compradores interessados, a Abril chegou a analisar dois projetos de gestão para a rede de televisão manter-se no ar, mas com outro nome, apostando apenas em produções de humor, na linha que a própria MTV já fazia. O outro projeto seria manter a emissora exibindo apenas documentários estrangeiros e videoclipes. A programação da MTV Brasil deixou de ser operada pelo Grupo Abril às 23h59 do dia 30 de setembro de 2013 e, em seu lugar, ressurgiu a Ideal TV, um canal de TV por assinatura da própria Abril Radiodifusão S/A, extinto quatro anos antes, e que ficaria no ar como “tapa-buraco”, até que toda a estrutura da emissora fosse vendida. Na programação, apenas reprises dos programas sobre carreira e mundo corporativo, produzidos pelo Ideal TV, além de rápidos boletins noticiosos atualizados.

O Grupo Spring, também do ramo editorial — edita a versão brasileira da revista “Rolling Stone” — iniciou o processo de compra da TV Abril em dezembro de 2013, mas conseguiu efetivá-lo somente seis meses depois. Em seguida, o Grupo Kalunga, proprietário de uma rede de papelarias, se associou à Spring e posteriormente se tornou o único proprietário da empresa. Após a TV Abril ser vendida, o edifício histórico do Sumaré ficou subutilizado, mas com praticamente toda a estrutura da MTV ainda montada. Mesmo vendida, a emissora, que é a geradora de uma grande rede de retransmissoras pelo país, seguiu com o nome de Ideal TV, contudo, restringiu-se em alugar seus horários a denominações religiosas. Apenas alguns poucos programas foram produzidos no edifício, algo que mobilizou pouco mais de uma dezena de funcionários. No segundo semestre de 2020, tudo mudou com o Grupo Kalunga investindo na criação do *Loading*, um *player* de conteúdo audiovisual com foco em cultura pop, com exibição de séries, animes, games, *e-sports* e outros programas relacionados ao entretenimento jovem. Dentre as várias plataformas de distribuição de conteúdo, está a rede de emissoras da Ideal TV. A estreia do *Loading* aconteceu na noite de 7 de dezembro de 2020, trazendo movimentação novamente ao antigo prédio do Sumaré.

E, assim, de forma cíclica, mais uma vez aquele trecho do bairro do Sumaré vai voltando a ser frequentado por profissionais de mídia e, também, apreciadores de um bom café na antológica “Padaria Real”.

Grupo Abril como Locatário do Grupo Silvio Santos

Em 1995, ainda antes de a Central de Produção do Sumaré migrar totalmente para seu novo Centro de Televisão da Via Anhanguera, a TV de Silvio Santos passou a locar alguns estúdios

e salas do Sumaré para a Abril Radiodifusão S/A⁹⁸. O complexo passou a ser utilizado pela vizinha TV Abril/MTV, pelo futuro canal CNA - Central de Notícias Abril — com parceria de conteúdo com o próprio SBT — e pelo canal ESPN Brasil, lançado naquele ano de 1995, fruto de um modelo inédito de parceria com a ESPN norte-americana, o maior canal esportivo de TV por assinatura do mundo.

Quando lançada, a ESPN Brasil dispunha de pouco espaço para suas operações e sequer contava com um estúdio próprio. A redação foi montada em algumas salas do prédio da MTV e, para produzir os programas, utilizava alguns horários em um dos estúdios da MTV, no mesmo prédio. “No estúdio que usamos na MTV não dá para trazer seis convidados. O cenário, que basicamente é composto de uma única mesa, não tem profundidade, e o local comporta duas câmeras no máximo”, declarou José Trajano⁹⁹, diretor de programação da ESPN Brasil.

Com a saída total do SBT no final de 1996, o Grupo Abril passou a alugar todo o complexo do Sumaré. A redação da ESPN Brasil foi montada no 1º pavimento do prédio de três andares, voltado para a lateral do terreno, na Rua Piracicaba. No andar acima, o espaço abrigou o estúdio do CNA. Já o ex-Estúdio “S” do SBT passou a ser usado exclusivamente pela MTV, em 1997, para produção de programas com plateia. A partir deste contrato de locação das instalações do Sumaré, o SBT passou a utilizar apenas a área de sua torre de transmissão, com portaria na Avenida Prof. Alfonso Bovero, nº 72.

Em março de 1998, após ter adiado várias vezes a data de estreia, o projeto do canal CNA foi cancelado e, com isso, a ESPN Brasil passou a usar o estúdio e diversas salas de forma exclusiva.

Em 1999, o Grupo Abril vendeu sua parte acionária na ESPN Brasil para a proprietária da franquia, a *The Walt Disney Company*. No entanto, o canal esportivo segue até hoje operando do complexo do Sumaré, locatário do Grupo Silvio Santos. Quem passar pelas ruas Piracicaba e Catalão vai observar diversos galpões geminados, sem estética, chegando até a demandar uma nova pintura externa. O fato é que o investimento da ESPN está focado nas dependências internas, que, ao contrário, são muito belas, agradáveis, funcionais e eficientes. Externamente, é como se a TV Tupi ainda estivesse ali, parada no tempo; mas, internamente, há um aspecto de preservação, aliado à segurança, modernidade e tecnologia. Ainda com relação ao *layout* interno do complexo, poucas estruturas foram mudadas desde o fechamento da TV Tupi em julho de 1980. Algumas poucas salas foram demolidas para aprimoramentos na circulação e criação de uma cafeteria. Entretanto, todos os prédios e estúdios da televisão pioneira permanecem em operação até hoje e são plenamente utilizados pela ESPN, cujo *slogan* é “A Vida Precisa do Esporte”.

98 Nesta época, o Grupo Abril era um dos maiores conglomerados de mídia do país, mantendo a totalidade ou parte de negócios nas mais variadas formas de mídia: Editora Abril, Abril Vídeo (filmes da Disney e da Fox), Abril Music, MTV Brasil, TVA Programadora (que operava os canais HBO Brasil, Bravo!, ESPN Brasil, Eurochannel e CMT Brasil), TVA Cabo, TVA Digisat, portal BOL e metade do UOL (em parceria com o Grupo Folha). Um dos planos mais ambiciosos do grupo era o lançamento de um canal de notícias nos moldes da CNN. Mas, além dos atrasos no cronograma, das dificuldades em se estruturar, o canal acabou sendo abortado em razão da grave crise que afetaria o Grupo Abril e que culminaria na venda de vários ativos e na diminuição dos investimentos. O grupo passou a focar somente nas revistas, TVA Cabo e MTV.

99 “ESPN Brasil Ganha Novo Estúdio”, Folha de São Paulo, 08/02/1998, TV Folha, p. 7.

Como a ESPN Está Instalada nos Antigos Estúdios da TV Tupi

O pioneiro “Estúdio A” da TV Tupi hoje é chamado pela ESPN de “Estúdio 2”, onde geralmente são gravados programas com periodicidade semanal. Os antigos “Estúdio B” e “C” foram unificados e viraram o “Estúdio 1”, de onde vão ao ar os programas diários, muitos deles ao vivo. O “Estúdio 1” conta com cerca de 388 m² e os *sets* dos programas ficam montados permanentemente, um ao lado do outro.

Acima do “Estúdio 1” (antigos “B” e “C”) há um pavimento que era utilizado pela TV Tupi para disposição de camarins, entre outros setores. Hoje, este pavimento é chamado de “Torre A” e agrupa as salas de administração, artes, programação, promocionais e recursos humanos. A “Torre C” também está sobre o “Estúdio 1” e agrupa os setores de Coordenação de Externas, Laboratório, Projetos e TI (tecnologia da informação).

O antigo prédio do Departamento de Publicidade da Tupi hoje é chamado de “Torre B”. No passado, havia o “Estúdio D” no térreo deste prédio e, nos dois pavimentos superiores, pequenos estúdios para gravação de propagandas em áudio. Hoje, este estúdio é chamado pela ESPN de “Estúdio 4”, utilizado eventualmente para locuções e ocasionalmente para a gravação de pequenos programas especiais. Nos dois pisos superiores não há mais estúdios e, com isso, algumas janelas foram implantadas nas paredes-cegas. Nestes dois pisos fica a área de engenharia de transmissão da ESPN, responsável pelo envio de sinais de quatro canais para o satélite. Há diversas antenas parabólicas no topo deste velho prédio.



O antigo “Estúdio-Palco” da TV Tupi abriga hoje setores administrativos da ESPN Brasil (ESPN/Divulgação).

O último estúdio que a TV Tupi construiu foi inaugurado em julho de 1967, chamado, inicialmente, de “Estúdio E” ou “Estúdio-Palco”, com 400 m² e 470 poltronas. Nele, a Tupi produziu programas de variedades, como os de Silvio Santos, Chacrinha e Moacyr Franco. Após o encerramento das atividades da MTV Brasil, este estúdio passou a ser ocupado também pela ESPN.

Contudo, ele deixou de ser um estúdio e tornou-se um amplo complexo de escritório, chamado de “Área de Expansão”. Há poucas salas neste complexo e os funcionários dos setores de afiliadas, aquisições, compras, financeiro, jurídico, *marketing* e novos negócios ficam instalados, em sua maioria, lado a lado nas baias no grande salão, que tem pé direito de 15 m.

Na antiga Cidade do Rádio existem dois ambientes no subsolo, projetados originalmente para armazenar equipamentos e cenários. No subsolo dos antigos estúdios “B” e “C” funciona hoje a redação da ESPN e o outro depósito, que virou “Estúdio-Subsolo” em 1968, hoje é usado como “Estúdio 3”, abrigando, também, os setores de Elétrica, Telecom e um refeitório. Abaixo, um quadro comparativo da configuração da cidade do rádio nas fases Tupi e ESPN.

Tupi	ESPN
Estúdio A	Estúdio 2
Estúdio B	Estúdio 1
Estúdio C	Estúdio 1
Estúdio D	Estúdio 4 + Engenharia de Transmissão
Estúdio-Palco	Área de Expansão (financeiro, jurídico, marketing)
Estúdio-Subsolo	Estúdio 3 + elétrica, telecom e refeitório
Novo Switcher	Sala de reuniões + vestiários

Um detalhe muito curioso e muito importante para a história da televisão pode ser contemplado em um simples corredor da ESPN. É possível se deparar com boa parte do alinhavado de tijolos verticais aparentes, que faz parte da fachada do estúdio pioneiro da Televisão Tupi. A visualização da fachada do antigo “Estúdio A” acabou sendo obstruída, com o passar dos anos, pela construção de uma passagem para funcionários e de sanitários. Entretanto, a impressão que fica é a de que alguém realmente tenha pensado em preservar parte desta fachada histórica. Até hoje, inexplicavelmente, existem pouquíssimas fotografias que mostram esta fachada original do estúdio pioneiro de televisão no Brasil. Mas ela ainda está lá, pintada de branco, bem preservada, sendo também possível observar outra pequena parte desses tijolos da Rua Piracicaba.



Parte da fachada original do Estúdio “A” com tijolos alinhavados, que pode ser vista em um dos corredores das instalações da ESPN Brasil (ESPN/Divulgação).

Para celebrar os 55 anos da TV Tupi, uma reunião foi programada pela Pró-TV, associação dos pioneiros, presidida pela atriz Vida Alves. Foram convidados aqueles que compareceram — ou estiveram ligados de alguma forma — à inauguração da emissora. O cenário da festa não poderia ser melhor: o “Estúdio 2” do canal ESPN Brasil, no Sumaré, que é, nada menos, que o pioneiro “Estúdio A” da Tupi. O canal esportivo levou ao ar uma reportagem sobre o encontro, que homenageou os pioneiros reproduzindo suas participações no programa inaugural da emissora, o “TV na Taba”, exibido na noite de 18 de setembro de 1950.

A “Nova” Torre da TV Tupi no Dias de Hoje

No ano de 1999, foram encerradas as operações da famosa antena RCA de polarização circular do Canal 4, cuja história já foi amplamente abordada aqui. Em seguida, foram iniciadas obras na torre e as transmissões do SBT em São Paulo passaram a ser feitas, provisoriamente, da torre do Grupo Bandeirantes, para que a antiga e pesada antena do Canal 4 fosse removida e um novo sistema irradiante fosse instalado sobre a antiga estrutura da torre. Juntamente com um novo transmissor, a inauguração da nova antena aconteceu no ano seguinte.

Em 2 de dezembro de 2007, a televisão brasileira iniciou uma nova fase, com a inauguração das transmissões digitais no Brasil. Em São Paulo, o SBT inaugurou seu sistema de transmissão digital, operando no canal 28 UHF a partir da velha torre construída pela Tupi. O SBT São Paulo, bem como as outras emissoras da mesma Região Metropolitana, cessou a transmissão analógica de sua programação pelo Canal 4 VHF em 29 de março de 2017, seguindo o cronograma oficial da Anatel. No ar, ficou apenas um aviso sobre a interrupção, que permaneceu por 30 dias. Até que, por fim, o sinal analógico do Canal 4 de São Paulo, antigo canal de operação da TV Tupi, “herdado” pelo SBT em 1981, foi tirado do ar definitivamente às 23h59 do dia 29 de abril de 2017. Na sala de transmissão do SBT, na Avenida Prof. Alfonso Bovero, nº 72, no Sumaré, o desligamento definitivo de seu transmissor analógico Toshiba, com 60 kW de potência, foi feito solenemente por Rubens Hübner, veterano coordenador-técnico do SBT.

O Edifício-Sede dos Diários Associados

O antigo Edifício Guilherme Guinle, construído para ser a sede das empresas paulistas dos Diários e Emissoras Associados, permanece conservado até os dias atuais. Contudo, não é mais de propriedade dos Diários Associados, que agora estão concentrados em Brasília. O nome do edifício foi alterado para Condomínio Guaratinguetá e abriga uma agência bancária e outras diversas empresas, principalmente de *telemarketing*. Há, também, um *buffet* chamado Espaço Romano, instalado no subsolo, local exato onde funcionavam as rotativas dos jornais “Diário de São Paulo” e “Diário da Noite”.

O Acervo Remanescente da TV Tupi

A Cinemateca Brasileira, instituição responsável pela preservação da nossa produção audiovisual, recebeu, em dezembro de 1985, um grande lote de fitas e filmes produzidos pela extinta TV Tupi de São Paulo, que havia sido adjudicado ao IAPAS - Instituto de Administração da Previdência e Assistência Social para pagar a dívida de encargos sociais da empresa Rádio Difusora São Paulo S/A. Segundo uma reportagem do “Jornal do Brasil”, publicada em 1987, “O débito da Tupi [...] é calculado hoje em Cz\$ 1 bilhão. O acervo não passa de Cz\$ 200 mil, mas o ministro [da Cultura] Celso Furtado assegura que ‘o valor cultural é inestimável e cobre a diferença monetária’”¹⁰⁰.

O material pesava mais de 40 toneladas e continha 4644 fitas de videoteipe, nos formatos Quadruplex e U-Matic, com diversos programas gravados; 137.568 rolos de filmes de 16 mm com reportagens para telejornais (incluindo o famoso “Repórter Esso”); 43 filmes 16 mm de longa-metragem; e 9 m³ de documentação em papel, com cerca de 500 pastas contendo roteiros de locução dos noticiários produzidos entre 1952 e 1979.

A absorção do acervo da primeira emissora brasileira de televisão acontecera de forma inesperada. Em 1978, com a Tupi ainda em atividade, visitáramos os espaços em que se acumulavam as milhares de caixas de papelão contendo cada uma a média de 20 rolinhos em 16 mm de material telejornalístico, e tentáramos uma aproximação com a empresa — vivendo então sucessivas crises econômicas — para o depósito dessa coleção, mas o assunto não chegara a bom termo. No ano seguinte, a Rádio Difusora São Paulo S/A abriu falência e, em 1980, todos os seus bens entraram em processo de liquidação e penhora para o pagamento de dívidas. O acervo de vídeos, filmes e documentos em papel, entre outros bens, fora adjudicado pelo Ministério da Previdência e Assistência Social tendo em vista o enorme débito da empresa para com o [...] IAPAS. Pelas declarações de Antônio Basso, procurador do instituto, desde o primeiro momento houvera um compromisso do ministro da Previdência, Jarbas Passarinho, com a ministra da Educação e Cultura, Esther de Figueiredo Ferraz, para a doação do acervo à Fundação Nacional Pró-Memória. Tudo se passara nos altos escalões ministeriais até o momento — meados de dezembro de 1985 — em que recebi um telefonema da direção da Pró-Memória perguntando se a Cinemateca gostaria de receber o acervo da Tupi como presente de final de ano. Claro que sim, foi a resposta imediata. Só havia uma condição: que todos os documentos — imagens em movimento e papéis — fossem removidos em uma semana e, para tanto, a Pró-Memória abriria um crédito de urgência para a contratação da empresa de transporte. Uma primeira inspeção ao prédio da Tupi na Avenida Alfonso Bovero, no Sumaré, onde se amontoava a preciosa coleção, deixou-nos estarecidos diante da tarefa de sua remoção a toque de caixa. A juventude e a disposição da equipe da Cinemateca foram decisivas para que o desafio fosse enfrentado. (“A Cinemateca Brasileira e a Preservação de Filmes no Brasil”, Carlos Roberto de Souza¹⁰¹, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo - Escola de Comunicações e Artes, 2009:169-170)

Em regime de mutirão, toda a equipe do Departamento de Preservação e Catalogação e vários funcionários dos outros departamentos da Cinemateca se deslocaram para o Sumaré e “durante

¹⁰⁰ “O Tesouro da Tupi”, Ricardo Pedreira, *Jornal do Brasil*, 19/03/1987, Caderno B, p. 7.

¹⁰¹ Carlos Roberto de Souza foi diretor do Departamento de Preservação e Restauração da Cinemateca Brasileira.

alguns dias extenuantes gastaram-se quilômetros de fitilho plástico para amarrar as caixinhas de reportagens e transportá-las, juntamente com milhares de fitas de vídeo em duas polegadas (as Quadruplex), de cerca de oito quilos cada uma, e em ¾ de polegada (as U-Matic)”¹⁰².

[...] o material já não estava em boas condições de conservação ao chegar à Cinemateca, em dezembro de 1985, e a entidade não possuía infraestrutura técnica, equipamentos e instalações para recuperar e conservar um acervo tão volumoso. (“História em Fitas”, Maria da Glória Lopes, O Estado de São Paulo, 01/05/1988, Caderno 2, p. 1)

Sem outra opção, o acervo da TV Tupi foi transportado por caminhões para um prédio construído para ter sido uma escola de jardinagem no Cemucam - Centro Municipal de Campismo da Prefeitura de São Paulo, que fica no município de Cotia, na Grande São Paulo, “uma autêntica estufa, sem ventilação, exposta a grandes oscilações de temperatura e localizada em uma das regiões mais úmidas de São Paulo”¹⁰³. Fernando Santos, arquivista da Tupi por 15 anos (até seu fechamento), por coincidência residiu em Cotia. “Conheço bem a região e a escola de jardinagem. Foi o pior local escolhido para abrigar o acervo”¹⁰⁴, disse ao “Estado de São Paulo”. Havia, no entanto, uma consciência geral dos funcionários da Cinemateca de que se tratava de um local inadequado para a conservação do acervo, mas era o único espaço disponível para abrigar um conjunto tão volumoso. Apesar dos sérios problemas, o Cemucam já dava melhores condições de armazenamento do que o prédio lacrado do Sumaré, onde permaneceu por cinco anos sem qualquer cuidado específico, acumulando muita sujeira.

[...] enquanto esteve sob o poder da Justiça Federal (1980 a 85), o acervo também não recebeu tratamento adequado de conservação [nos prédios do Sumaré]. O sistema elétrico foi desligado logo no início e uma das salas lacradas apresentou infiltração de água, que danificou [muito] material em seu interior. (“História em Fitas”, Maria da Glória Lopes, O Estado de São Paulo, 01/05/1988, Caderno 2, p. 1)

Pouco tempo depois de receber o acervo da Tupi, o galpão do Cemucam teve algumas melhorias básicas, quando cimentaram o canteiro de terra central e cobriram o galpão com forro de isopor para evitar a umidade e reduzir o calor das telhas pré-fabricadas. Entretanto, eram providências paliativas e insuficientes.

Apesar da transferência física do acervo ter se efetivado em 20 de dezembro de 1985, apenas em 9 de março de 1987 é que o ministro da Previdência e Assistência Social assinou a autorização de transferência de posse, domínio e direito para o Ministério da Cultura. O termo final de doação foi lavrado em 29 de agosto de 1988, assinado entre o IAPAS e a Fundação Nacional Pró-Memória, entidade a qual a Cinemateca era subordinada.

102 “A Cinemateca Brasileira e a Preservação de Filmes no Brasil”, Carlos Roberto de Souza, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo - Escola de Comunicações e Artes, 2009:169-170.

103 “História em Fitas”, Maria da Glória Lopes, O Estado de São Paulo, 01/05/1988, Caderno 2, p. 1.

104 *Ibidem.*

A Preservação

Papel higiênico, álcool isopropílico e a mão-de-obra de técnicos da TV Cultura resgatam da destruição o arquivo de videotapes da TV Tupi, até o início do ano sob responsabilidade da Cinemateca Brasileira. São mais de 2500 fitas de 9,5 polegadas da marca Scotch-Memorex, que, por pouco, não seriam a “Biblioteca de Alexandria” da televisão brasileira. Sem envolver grandes gastos, um acordo entre a Fundação Padre Anchieta, que mantém a TV Cultura, e a Fundação Pró-Memória, a quem a Cinemateca Brasileira é subordinada, possibilita a preservação desse acervo. Uma vez recuperado, ele será copiado duas vezes. Uma cópia pertencerá à Cultura e outra à Cinemateca. (“TV Cultura Recupera Invenção da TV Tupi: Caixas Sem Identificação Guardam Boas Surpresas”, O Estado de São Paulo, 17/03/1990, Caderno 2, p. 1)

Após uma trabalhosa e longa catalogação do material, em 1989, a Cinemateca Brasileira assinou um acordo com a Fundação Padre Anchieta (TV Cultura de São Paulo), entidade que, poucos meses após a lacração dos prédios da Tupi, chegou a se oferecer para armazenar provisoriamente o acervo de forma devida, mas que continuou no mesmo local, deteriorando-se. Agora, a parceria entre a Cinemateca e a TV Cultura promoveria o processo de higienização e conversão de todo acervo remanescente de fitas e filmes da TV Tupi, mesmo que ainda no não recomendável sistema VHS.

“Cerca de 30% das fitas estavam sem condições de uso ou simplesmente apagadas”¹⁰⁵, lembra José Francisco de Oliveira Mattos, que catalogou o acervo. Mais de 1200 fitas estavam improntáveis e haviam perdido seu conteúdo. Algumas das latas das fitas sequer abriam.

Também no ano de 1989, em um dos prédios da Cinemateca, localizado onde hoje está a Estação Conceição do Metrô, uma sala de exibição foi desativada para receber o acervo da TV Tupi. Foram instaladas estantes de madeira para acomodar as pesadas fitas. O local contava com um sistema de ar-condicionado e controle da temperatura. Em 1990, já com boa parte do material recuperado, o acervo foi aberto ao público da Cinemateca e a TV Cultura exibiu diversas amostras em uma série especial, intitulada “40 Anos de TV”, produzida e apresentada por Júlio Lerner. O processo de recuperação e duplicação do acervo da Tupi seguiu ainda por alguns anos e, em 1994, a TV Cultura já havia duplicado 3607 fitas Quadruplex para o formato VHS. Logo em seguida, foi iniciada a recuperação e duplicação das 1320 fitas U-Matic.

Mas, faltaram recursos para recuperar todo o acervo e, durante as comemorações dos 40 anos da inauguração da TV Tupi de São Paulo, a Cinemateca lançou uma campanha publicitária para arrecadar fundos para a restauração do acervo jornalístico da emissora. Foi quando surgiu a Fundação Vitae como patrocinadora, dando condições para a aquisição de uma moviola-telecine que, além de realizar as duplicações dos telejornais, passou também a telecinar¹⁰⁶ regularmente outros originais em película do acervo. O Projeto Vitae/Tupi catalogou, higienizou e telecinou reportagens produzidas pela TV Tupi entre 1960-64. Como resultado, foram recuperadas 27 mil reportagens em cerca de 200 fitas VHS.

¹⁰⁵ “Descasos e Incêndios Destruíram Grandes Sucessos”, Eduardo Elias e Luiz Costa, O Estado de São Paulo, 10/01/1999, p. D-2.

¹⁰⁶ Técnica ou processo de gravar em fitas de vídeo o conteúdo de um filme cinematográfico.

Em 1997, a Cinemateca Brasileira foi transferida para a sede atual, no bairro da Vila Clementino, em São Paulo, devidamente preparada para manter seu acervo nas melhores condições de climatização, ou seja, temperatura média de 16°C e umidade relativa do ar não ultrapassando os 60%.

O acervo da TV Tupi é público e, em dezembro de 2009, passou a ser digitalizado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Agora, ele está todo armazenado em mídias digitais e pode ser consultado livremente na Cinemateca, por meio de agendamento, ou pelo *site* da entidade, onde há um número razoável de vídeos do acervo da TV Tupi.

[...] Os técnicos João Barros e Everaldo Arruda abrem as caixas, desgrudam a fita do fundo e começam a embeber o papel higiênico no ácido, até que todo o bolor seja removido. A dupla tem conseguido uma média de três fitas recuperadas por turno de trabalho, cumpridos sempre durante a noite. Dali, as fitas serão catalogadas, já que não há identificação nas caixas. Os técnicos se surpreendem com achados preciosos e também se decepcionam com fitas em branco. Há ainda caixas identificadas que não contêm o que etiqueta afirma existir. (“TV Cultura Recupera a Invenção da Tupi: Caixas Sem Identificação Guardam Boas Surpresas”, Ângela Pimenta, O Estado de São Paulo, 17/03/1990, Caderno 2, p. 1)

História Preservada

Parte importante da história dos praticamente 30 anos da TV Tupi está nesse acervo recuperado. Com filmes e fitas datados entre 1959 e 1979, há jogos memoráveis de futebol, de quando Pelé fazia vibrar as plateias; concursos de Miss Universo, no auge da importância desse evento; alguns capítulos das novelas “Beto Rockfeller (1968-69), “Antônio Maria” (1968-69), “Vitória Bonelli” (1972-73), “A Barba Azul” (1974-75), “Os Inocentes” (1974), “Ídolo de Pano” (1974-75), “A Viagem” (1975-76), “Éramos Seis” (1977), “O Profeta” (1977-1978), “O Direito de Nascer” (o *remake* de 1978-79) e “Aritana” (1978-79); algumas edições de programas diversos como “Pinga-Fogo” e “Almoço com as Estrelas”; programas humorísticos; propagandas; coberturas esportivas; edições dos jornalísticos “Repórter Esso”, “Telenotícias Panair”, “Edição Extra”, “Diário de São Paulo na TV”, “Ultra Notícias”; e diversas outras reportagens desmembradas.

É fato que este arquivo do Canal 4 deveria ser muito maior, no entanto, segundo relatos, a Tupi não se preocupava em preservar seu acervo. “Ninguém na direção da emissora estava nem aí”¹⁰⁷, revelou o dramaturgo Plínio Marcos, um dos protagonistas da novela “Beto Rockfeller”. O ex-diretor Luiz Gallon descreveu as condições da Tupi nos anos 1970: “Era uma penúria muito grande: para fazer um programa ou novela era preciso apagar as fitas da semana anterior”¹⁰⁸.

107 “Descasos e Incêndios Destruíram Grandes Sucessos”, Eduardo Elias e Luiz Costa, O Estado de São Paulo, 10/01/1999, p. D-2.

108 *Ibidem*.

Outro fator que contribuiu para o desaparecimento do arquivo foi a censura, imposta pelo governo militar. Muitas fitas foram apreendidas pelo Departamento de Ordem Política e Social (Dops), com a alegação de serem subversivas. E outras foram apagadas, para “evitar problemas”.

Fernando Faro, diretor musical da Tupi nessa época, teve fitas de programas seus apreendidas. E toda a série do “Divino Maravilhoso”, que reunia o pessoal da Tropicália (Caetano, Gil, Gal, Mutantes, Tom Zé, Jorge Ben) foi apagada. “Quando os meninos foram presos, um diretor ordenou que se apagassem as fitas — umas 12 — com medo de que fossem usadas contra os próprios meninos.” (“Um Presente de Grego”, O Estado de São Paulo, 01/05/1988, Caderno 2, p. 12)

A falta de dinheiro também provocou atitudes idênticas. Uma fita especial com os gols de placa de Pelé foi apagada para serem gravados capítulos de novelas, revelou o diretor Fernando Faro¹⁰⁹. O mesmo aconteceu com as fitas do polêmico “Pinga-Fogo”, exceto alguns poucos programas como os dois que contaram com a participação do médium Chico Xavier. Em 1968, quando o diretor do programa, Armando Figueiredo, pretendeu lançar em livro os relatos dos entrevistados, foi até o arquivo da emissora e ouviu do funcionário a seguinte explicação: “Isso já não existe. Apagaram tudo para gravar futebol e novela”.

Há denúncias de que boa parte dessas relíquias saiu do arquivo bem antes da decretação de falência. Edmundo Monteiro, um dos 22 herdeiros do império de Assis Chateaubriand, que não dá entrevistas sobre os Diários Associados (“‘Enterrei’ na empresa 46 anos da minha vida”), abriu exceção para o [jornal] Estado [de São Paulo] e disse não ter dúvidas do desaparecimento de parte do arquivo. “Acontece com toda grande empresa em processo de falência. Os abutres aparecem, os ratos tomam conta do navio. Só não levaram rotativas porque não podiam. “Os ratos, no caso, são os funcionários desesperados com o atraso de salários (muitos já morreram sem receber, outros ainda esperam)”. [O arquivista da Tupi] Fernando dos Santos conta ter presenciado um verdadeiro saque ao arquivo nos anos 80, mas não se atreve a apontar ninguém. Esclarece apenas que os diretores dos diferentes departamentos, que acompanharam a agonia da Tupi, assinavam listas extensas de pedidos de filmes que raramente retornavam. “Nós do arquivo sabíamos que os pedidos não eram para uso da emissora, mas vinham assinados por superiores e não podíamos fazer nada, a não ser cobrar a devolução. Era uma luta, e só um ou outro retornava.” (“Um Presente de Grego”, O Estado de São Paulo, 01/05/1988, Caderno 2, p. 12)

109 “Um Presente de Grego”, O Estado de São Paulo, 01/05/1988, Caderno 2, p. 12.

A TV começou a deixar [a transmissão ao vivo] no passado [...] somente em 1962. O que foi exibido antes disso ficou guardado no arquivo de jornais, em fotos e lembranças de um punhado de pioneiros e estudiosos. No lançamento do VT [videoteipe], a imprensa não comemorava o fato de os programas poderem ser armazenados, mas o de uma fita gravar programas, um sobre o outro, “Mesmo com o tape, manteve-se a cultura do ‘ao vivo’: as fitas não foram vistas como meio de preservação, mas uma forma prática de fazer os programas”, diz [o ator e apresentador] Jô Soares [...]. Gradualmente, as emissoras passaram a gravar as principais atrações — também para tornar possível a exibição em outras cidades. (“Descasos e Incêndios Destruíram Grandes Sucessos”, Eduardo Elias e Luiz Costa, *O Estado de São Paulo*, 10/01/1999, p. D-2.)

Arquivo Nacional

Um total de 536 fitas com programas da TV Tupi do Rio de Janeiro foram encontradas por acaso no ano de 2005. Elas estavam entre cadeiras e mesas velhas, no 9º andar do edifício-sede dos Diários Associados, na Rua do Livramento, no Rio. A TV Globo e o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, instituição para a qual o material foi doado, firmaram acordo para recuperar o conteúdo, que contém reportagens, *talk-shows*, musicais e programas esportivos exibidos nos anos 1960-70 e em 1980. Junto com as fitas, quase todas em formato Quadruplex, havia cerca de 1500 rolos de filmes 16 mm. O responsável pelo achado foi o gerente técnico da Rádio Tupi, José Cláudio Barbedo, que depois ajudou a viabilizar a doação formal do material ao Arquivo Nacional, feita pelos Diários Associados.

“Achei uns rolinhos de filme no chão, fiquei curioso, porque tinha sido técnico de cinema e vi que era um comercial. Abri outro e era uma reportagem, provavelmente sem som, já que no início da TV não havia videoteipe: o repórter captava as imagens e depois o locutor do telejornal fazia a narração. Acabei chegando a uma sala com pilhas de fitas da Tupi, a maioria Quadruplex, que tinham sido recolhidas no Cassino da Urca (antiga sede da emissora). De cara, vi programas de Flávio Cavalcanti e de Aérton Perlingeiro. Vi que aquilo tinha valor histórico”, revelou Barbedo ao jornal “O Globo”.

O material chegou em meio a um processo de deterioração e infestação por fungo, situação estabilizada no Arquivo Nacional. Em alguns casos, os conteúdos foram irremediavelmente perdidos.

Naquela época, só havia duas máquinas de videoteipe em funcionamento no Brasil. Uma delas era a da TV Cultura, que estava sendo usada no projeto da Cinemateca Brasileira, e a outra era da TV Globo, emissora a que o Arquivo Nacional recorreu. Foi celebrado um acordo, em que a emissora se encarregou de higienizar e converter as fitas e filmes para o formato VHS — um trabalho que custou cerca de R\$ 500 mil à época. Como contrapartida, a Globo pôde exibir o

conteúdo por um ano. Depois, o Arquivo Nacional o tornou disponível para consulta pública. Este acervo original está armazenado em depósitos climatizados e existem cópias digitais, que também estão disponíveis para consulta no site do Arquivo Nacional.

Nos dias de hoje, portanto, há três entidades que armazenam o que restou do acervo da TV Tupi: a Cinemateca Brasileira e a TV Cultura, com o acervo da Tupi de São Paulo (as duas entidades possuem cópias do mesmo conteúdo), e o Arquivo Nacional, com gravações da Tupi carioca.

O IAPAS, equivalente ao INSS hoje em dia, pode não ter visto a cor do dinheiro que a TV Tupi lhe devia. Mas, a cultura e a memória brasileira deixaram de correr o risco de perder o registro de um importante período de mais de 20 anos da história da televisão brasileira.

Um registro em vídeo da apresentação do grupo musical norteamericano Jackson 5 na TV Tupi foi descoberto há poucos anos “perdido” no acervo da Cinemateca Brasileira, em São Paulo. A apresentação foi realizada no auditório da TV Tupi, no Sumaré, no ano de 1974, durante uma turnê do grupo pelo Brasil. Logo após a exibição ao vivo do “Programa Flávio Cavalcanti”, os produtores convidaram o público para permanecerem no auditório e assistir à gravação do especial dos Jackson 5, cujo principal vocalista era o adolescente Michael Jackson. Até então, no Brasil, o grupo ainda não fazia tanto sucesso. A fita completa se perdeu e as imagens raras encontradas duram apenas 1’40”. Elas fazem parte de um vídeo institucional da TV Tupi, produzido em 1974 para divulgar a nova programação, que passou a ser veiculada em rede nacional. Acesse este [link](#)¹¹⁰ para assistir ao vídeo.

O Tombamento do Edifício-Sede das “Associadas”

“O prédio da MTV foi tombado recentemente, recebi a notícia com muita alegria. É uma garantia de que aquilo será preservado.” (Gershon Knispel, O Estado de São Paulo, 25/11/2012, p.J5)

O antigo edifício-sede das Emissoras Associadas de São Paulo, localizado na Avenida Prof. Alfonso Bovero, nº 52, por onde funcionaram a TV Tupi, as rádios Difusora, Tupi e Cultura, e a MTV Brasil, para citar algumas, é, desde 12 de março de 2012, tombado pelo patrimônio histórico. A origem desta iniciativa foi popular, sugerida pelo cidadão José Marcos Prates Bastos, morador do bairro do Sumaré. Ele entrou com um processo no Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) em 26 de novembro de 2000, pedindo o estudo de tombamento da área que vai do número 52 ao 72 da Avenida Prof. Alfonso Bovero.

110

Link: youtu.be/QWF3ye7I9ZU.

A imagem do edifício, seu painel alusivo à temática nacionalista indígena, sua arquitetura moderna e vanguardista podem configurar-se como suporte físico suficiente para a preservação e memória da televisão. (Trecho de justificativa encontrada no processo de tombamento do Condephaat)

Em 12 de março de 2012 o colegiado do Condephaat aprovou o tombamento. Mas, houve contestação do fundo de previdência dos funcionários da Editora Abril, AbrilPrev, proprietária do edifício, alegando que, entre outros pontos, “qualquer limitação imposta ao imóvel, sobretudo o tombamento, acarretará sua desvalorização, impactando diretamente nos ativos do plano de previdência complementar administrado pela empresa proprietária do imóvel” e que “a legislação prevê outros instrumentos jurídicos menos onerosos para a proteção do patrimônio histórico cultural que se pretende tutelar”. A resposta do Condephaat foi que “o tombamento, diversamente do afirmado em contestação, não gera a desvalorização do imóvel, pois a ele impõe apenas sua utilização de modo a preservar seu importante valor histórico e cultural para a sociedade. Se bem trabalhados estes valores que lhe são inerentes, certamente ocorrerá o tão almejado retorno econômico da propriedade privada”.



Comparativo entre a fachada original e a atual do Estúdio “A” da TV Tupi, o pioneiro: parte do alinhavado original de tijolos aparentes ainda pode ser contemplada a partir da Rua Piracicaba (Mário Fanucchi e Maurício Viel).

Cinco anos depois do início do processo, a historiadora Sheila Schvarzman, o arquiteto Paulo Del Negro e a estagiária de História Juliana de Paiva Magalhães, todos da Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico (UPPH) do Condephaat, recomendaram que, além do edifício em questão, também fosse tombada a fachada do pioneiro Estúdio “A”, vizinho ao prédio, com face para a Rua Piracicaba. Em agosto de 2006, o colegiado do Condephaat aprovou o parecer pela abertura de estudo de tombamento e, três anos depois, novamente a UPPH, na pessoa dos

arquitetos Silvia Ferreira Santos Wolf, Priscila Miura e Paulo Sérgio Del Negro, defendeu o tombamento do antigo edifício de 10 andares da TV Tupi, mas não do “Estúdio A”. A justificativa condiz com algo que relatamos poucas linhas atrás: apesar de continuar realizando sua função original pelo canal pago ESPN, o parecer técnico avaliou que o estúdio “foi envolvido por outras construções e não conserva ligação com a rua, nem a feição original”. Vale repetir, portanto, que o alinhavado original de tijolos verticais aparentes hoje está pintado na cor branca e partes dele podem ser contempladas de um corredor interno e da Rua Piracicaba.

Por outro lado, o antigo edifício-sede das Emissoras Associadas, de Dorvalino Mainieri e Gregório Zolko (ver Volume 2 – Capítulo 27) não se modificou externamente, com exceção da área de maquinários do edifício, na cobertura, e o espaço livre do átrio, onde foi construído um “puxado” que funciona como salão.

Com o tombamento, o prédio está legalmente protegido contra mudanças nas fachadas, bem como no painel artístico assinado por Gershon Knispel, com imagens figurativas de índios, em alusão ao nome da emissora. Só é possível fazer intervenções nessas áreas com autorização do conselho. As áreas internas não foram tombadas por já terem sido bastante modificadas.

Resolução SC 103, de 27/10/2014.

Artigo 1º - Fica tombado na categoria de bem cultural, histórico e arquitetônico a sede da antiga TV Tupi, cujo lote fica situado na Avenida Prof. Alfonso Bovero, nº 52, no bairro do Sumaré em São Paulo.

Artigo 2º - Buscando manter a edificação como símbolo da trajetória da televisão no Brasil e como exemplar da arquitetura moderna, fica estabelecido que estão preservados o volume, implantação e fachadas da edificação, inclusive o painel alusivo à cultura indígena Tupi.

Praça TV Tupi e Placa Memória Paulistana

Desde outubro de 2008, uma placa especial pode ser vista no cruzamento da Rua Apinajés com a Avenida Prof. Alfonso Bovero. Na placa, a imagem do Curumim, o indiozinho que foi o primeiro símbolo da emissora pioneira, e ao seu lado, os dizeres: “Praça TV Tupy” e “Uma homenagem da Comunidade de Vila Pompeia/Sumaré ao berço da TV brasileira”. O objetivo foi criar um pequeno espaço cultural, dedicado aos artistas locais.

Em 2019, o Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo promoveu o concurso “Placas da Memória Paulistana”, lançado com a ideia de instalar placas para servir de marcos na paisagem urbana, identificando referências culturais em diversos pontos da cidade, sejam espaços, edificações, paisagens e acontecimentos. Quem apontou estes locais foi a própria sociedade civil: moradores, lideranças comunitárias, educadores, agentes culturais e pesquisadores. Cinco indicações de Elmo Francfort, coautor desta obra literária, foram selecionadas. Uma delas contemplou a instalação de uma placa na esquina da Avenida Prof. Alfonso Bovero com a Travessa Xangô, registrando que ali funcionava a TV Tupi, a primeira emissora de televisão do Brasil e da América do Sul.



Marco histórico: projeto “Placas da Memória Paulistana” faz referência ao local onde outrora funcionou a TV Tupi de São Paulo, no bairro do Sumaré (reprodução).

CAPÍTULO 46

VIDEOGRAFISMO

A TV Tupi utilizou diversas marcas durante seus quase 30 anos de existência, algo que nos revela, também, como foi a evolução da direção de arte, *design* e o videografismo durante essas três décadas. As logomarcas das emissoras de televisão, juntamente com suas vinhetas, fazem parte da materialização de sua identidade e sua renovação, geralmente, representa uma nova fase das emissoras.



1950-1972: Há uma evolução do logotipo a partir da figura do índio da tribo tupi. As referências iniciais foram o Cacique Seattle, presente no *test pattern* da RCA — utilizado para testes de imagem nas transmissões da TV Tupi de São Paulo — e a marca da Rádio Tupi de São Paulo. A partir de 1951, o produtor Mário Fanucchi veicula a simpática figura do Curumim, o “indiozinho” da TV Tupi de São Paulo, que passa a contar com versões diversas nas Emissoras Associadas de todo país. Armando Sá foi também um dos principais ilustradores desse período, inicialmente assistente de Fanucchi. O Tupiniquim virou um símbolo comum a todas as emissoras “Associadas”, inaugurando também a fase das mascotes na televisão brasileira, algo que aproximou as crianças das TVs. Algumas das adaptações regionais também levaram consigo características dos traços dos povoados de suas respectivas regiões, com uma característica em comum: o cocar sendo um par de antenas de televisão. Nos anos 1960, o produtor visual Roberto Miller foi diretor de arte da emissora. Vale destacar também a presença de Álvaro de Moya na criação dos primeiros GTs (letreiros) para a inauguração da TV Tupi, no show “TV na Taba”.



1951-1955: A TV Tupi carioca incluiu o número de seu canal “6”, com a figura do Curumim por dentro dele.

1955-1972: A Tupi do Rio mudou sua marca, e o nome da emissora passou a ficar dentro do número 6. Nesse período, Carlos Harald Sorensen foi o diretor de Arte da emissora, a convite de Assis Chateaubriand.



1972-1976: Com a formação da Rede Tupi e o início das transmissões em cores, seu logotipo passou a ser composto por duas linhas entrelaçadas e três esferas nas cores azul, vermelho e verde, que compõem o padrão RGB de vídeo (*red, green, blue*). Estas linhas representaram os gráficos de uma onda senoidal, geradas na tela de um instrumento chamado osciloscópio, responsável por medir a tensão dos sinais eletromagnéticos de equipamentos, no caso, da emissora de TV. A criação desta marca se deu a partir de um concurso universitário, lançado pela Tupi em 1972, cujo edital foi publicado nos jornais e revistas dos Diários Associados. A arte deveria ser criada em um cartão tipo *scholler*, com dimensões de 30 x 40 cm. Não encontramos registros do nome do ganhador, cujo trabalho com a senoide foi escolhido por um júri composto por membros da TV Tupi do Rio de Janeiro e do GRIM - Grupo Interuniversitário Musical. Ele ganhou uma viagem a Paris, sob patrocínio da Air France.

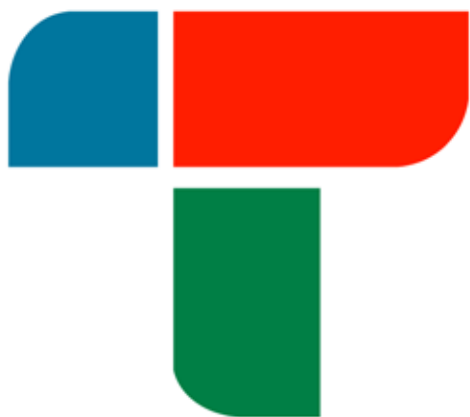


1976-1977: A emissora criou um cata-vento para usar como novo logotipo, mas houve muita rejeição e a logomarca anterior foi retomada. A ideia do cata-vento tinha por objetivo mostrar não apenas leveza, como integração em rede, uma vez que a Rede Tupi se consolidava cada vez mais, tendo um ponto central, cujo conceito é de ser a emissora geradora de conteúdo.

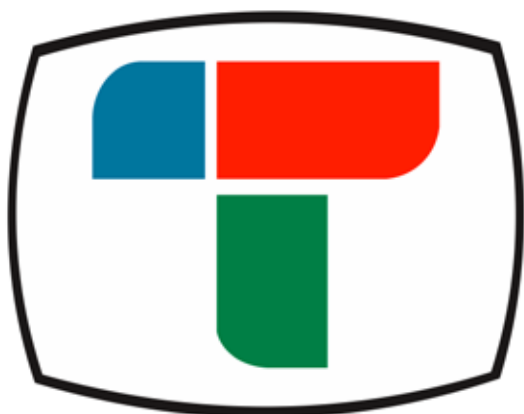


1977-1979: Feita a retomada da logomarca com a onda senoidal, algumas pequenas modificações foram apresentadas na cor e no formato das linhas.

Dois conjuntos de computador “Scanimate” e “Conser” foram alugados pela Rede Tupi, em Denver, no Colorado - EUA, para a realização das novas vinhetas da emissora. Quinze delas estarão sendo lançadas no dia 19 de fevereiro, ilustrando o “Grande Jornal” da Rede Tupi. A criação e produção foram feitas por brasileiros - a parte infantil pela Salles Interamericana; e dos telejornais por Laerte Agnello, da MPM; e a parte musical pela Orquestra Sinfônica de Campinas. Este é um grande passo que a Rede Tupi de televisão dá neste ano de 1978, pois até o momento, apenas a Globo lançava-se com mais dedicação neste campo. Agora a Tupi parte também prá valer neste campo do visual. (“Rede Tupi: Novas Vinhetas Através do Computador”, Correio Braziliense, 17/02/1978, Segundo Caderno, p. 4)



1979-1980: Cyro Del Nero, diretor de Arte e Comunicação Visual da Rede Tupi, foi contratado pelo diretor Walter Avancini em 1979. Com o projeto de renovar totalmente a plástica da emissora e lançar uma nova programação, uma nova logomarca e vinhetas foram produzidas por Del Nero, que escolheu o “T”, a primeira letra do nome da emissora, e o fez estilizado e tripartido, para comportar as três cores básicas da televisão, o padrão RGB, herdadas da última logomarca. Conforme declarado pelo próprio Del Nero, além de passar a sensação de modernidade, nos bastidores a nova marca era chamada de “tesão”, com duplo sentido da palavra. Com formas minimalistas e simplificadas, a nova marca garantiu maior dinamismo visual na Rede Tupi, que também passou a utilizá-la em toda frota de veículos, materiais impressos e comunicação visual em geral. Cyro Del Nero, que também era cenógrafo, já havia vivido uma grande experiência na TV Excelsior e na Rede Globo, considerado como pai da comunicação visual na TV brasileira. Depois, passou para a TV Bandeirantes, também modernizando a marca do canal.



1980 (2): Del Nero criou uma segunda versão da marca, quando o “T” passou a ser visto dentro de uma tela de TV, nas cores preta e branca. A criação visou também comemorar a vindoura marca dos 30 anos da emissora.

Slogans

Conheça abaixo alguns dos *slogans* presentes na história da TV Tupi:

1950-1952: *“A Primeira TV do Brasil. A Primeira da América Latina”* - A curiosidade vem da menção à América Latina, uma vez que o México saiu na frente, sendo então a TV Tupi posteriormente considerada como a pioneira da América do Sul.

1956-1963: *“Seus 500, Mais 500”* - Este *slogan* remete à disputa por transmissões intermunicipais entre TV Tupi e TV Record. A TV Tupi rebatia o *slogan* “500 km a frente”, uma provocação do canal de Paulo Machado de Carvalho. Nesse período, as “Associadas” ultrapassaram os limites e conseguiram alcançar o dobro de distância da concorrente, com aumento de potência nos transmissores.

1963-1972: *“Pioneira em Imagem-Som, Alcance e Cor”* - Uma homenagem à primeira transmissão experimental colorida, realizada entre 1963-64.

1972: *“Sistema Tupicolor, Vamos Pôr Mais Cor na Sua Vida”* - Uma homenagem à primeira transmissão oficial colorida, cujo show “Mais Cor em Sua Vida” foi dirigido por Fernando Faro e Régis Cardoso, com apresentação de Walter Forster e Cidinha Campos, na noite de 31 de março de 1972, data oficial do início das transmissões em cores no país. O nome do show, que inspirou também ao *slogan* da Tupi, era uma referência direta ao *slogan* do patrocinador principal da atração, os televisores Philco.

1974-1975: *“Rede Tupi: 22 Emissoras Colorindo o Céu do Brasil”* - Remete às emissoras próprias e afiliadas da Rede Tupi de Televisão, sendo que nessa época ainda era permitido que um mesmo grupo de comunicação fosse proprietário de mais de cinco canais.

1974-1979: *“Rede Tupi de Televisão: do Tamanho do Brasil”* - A referência é diretamente ao projeto de expansão da rede pioneira por todo país.

1979-1980: *“Tupi, Mais Calor Humano” / “Tudo Bem, Tudo Bom, na Tupi”* - Os dois *slogans* remetem ao espírito positivo da Tupi, de renovação, promovendo grandes mudanças estruturais e na programação, mesmo com a forte crise nos bastidores, que culminou na cassação pelo governo, em 18 de julho de 1980.

CAPÍTULO 47

CONCLUSÃO - TV TUPI: SEMPRE PRESENTE

*“Hoje em São Paulo a Televisão – Inaugura-se à Noite a PRF3-TV”
 (“Diário da Noite”, 18 de setembro de 1950)*

Hoje, sete décadas depois desta manchete ter sido publicada, muita coisa mudou. O mundo, o Brasil, e, principalmente, nossa televisão, graças àqueles que a edificaram. Sempre com muito profissionalismo, com mais acertos que erros, eles criaram a base desse meio de comunicação que é um dos mais queridos entre os brasileiros. A televisão brasileira hoje é, sem dúvida, uma das referências do que fazemos melhor e há um grande reconhecimento mundial. Sua história começou oficialmente lá em 1950, com a já saudosa TV Tupi-Difusora de São Paulo. Saudosa sim, ao vermos os relatos não só dos telespectadores que a assistiram, mas também de boa parte de seus profissionais que, ainda hoje, relembram com os olhos marejados os tempos que lá estiveram.

Assim como a TV Tupi, toda história chega ao fim e aqui vamos nós nos despedindo, na certeza que daremos o *start* a muitas outras que virão. Histórias que contaremos, ou que outros também contarão, multiplicando sempre o conhecimento sobre nossa TV. É necessário sempre sonhar, emocionar, informar, dar novamente voz e vida a outras épocas, tocando sempre quem está do outro lado da tela. Por isso, pensando no legado da emissora, vamos a uma última viagem afetiva nesta obra. Preparado?

Bairro do Sumaré, em São Paulo. Na antiga Cidade do Rádio, ou futuro Telecentro Tupi, hoje há um entra e sai intenso de funcionários. Na quase esquina das ruas Catalão e Piracicaba, está a entrada do canal pago ESPN Brasil, onde se fala apenas sobre esportes, mantendo ali uma tradição presente desde os tempos de Aurélio Campos, quando na inauguração da TV Tupi, em 18 de setembro de 1950, nos apresentou o gênero, e por Walter Abrahão, que por muitos anos dirigiu o departamento esportivo da TV Tupi. No mesmo quarteirão, na esquina da Rua Piracicaba com a Avenida Prof. Alfonso Bovero, um som constante do sistema de refrigeração do transmissor do Canal 4, ou melhor, 4.1, que é como se identifica o canal de TV digital do SBT. No alto da torre de concreto, se vê toda São Paulo, uma vasta quantidade de torres de rádio e TV espalhadas pela cidade e um “sem número” de antenas nos telhados das casas e no alto dos prédios. Naquela torre, iniciada pela Tupi e concluída pelo SBT, técnicos operaram os equipamentos para garantir a mais alta qualidade de sinal, distribuído principalmente pelo ar, de forma digital, aberta e gratuita. Na hora do almoço, os profissionais se encontram e vão continuar o papo, ali perto, na Lanchonete Real, a antiga e tradicional Padaria Real, como nos velhos tempos de Tupi.

Rio de Janeiro, Urca. Do lado da praia, o antigo Cassino da Urca, ex-TV Tupi do Rio de Janeiro, é frequentado assiduamente pelos alunos e visitantes do *Istituto Europeo Di Design*, responsável pela restauração dessa parte do complexo arquitetônico. Já do outro lado, adentramos para ver a situação do imóvel, que agora ruma para ser restaurado por meio de novas parcerias, para dar novamente vida àquele “templo” da televisão. Hoje, o pó consome o espaço e a luz penetra os vãos. Já não há mais teto e a natureza da Urca deu vida onde parecia não existir mais, com o nascimento de muitas árvores no terreno. Desviando de uma teia de aranha aqui, outra acolá, limpando o pó para ir mais longe, chegamos ao epicentro: o antigo auditório do Canal 6, com o que restou do espaço antes ocupado por tantas cadeiras e um palco. Um palco que foi cenário do drama dos profissionais, artistas e técnicos da própria emissora, que, em meio a muito choro e desespero, imploraram para que o presidente Figueiredo mantivesse aberta a TV Tupi do Rio de Janeiro e aceitasse que os próprios funcionários a gerissem.

Como uma ficção, que era uma das especialidades da Tupi, peço que vocês se permitam sonhar e fazer uma última viagem afetiva. Que aquele vazio, que dá eco, nos permita ouvir novos sonhos, misturando as lembranças. No centro do palco, um vento arrasta toda sujeira, todos os resquícios de um período de abandono, de deterioração. De repente, como num passe de mágica, um auditório novo, cujo chão brilha refletindo os holofotes que antes existiam no seu alto... e estão todos novamente lá. E ali, cadeiras repletas, gente de pé, profissionais da Tupi, de todas elas, felizes. Jorge Perlingeiro, ao centro, fala ao microfone:

— Estamos todos aqui, juntos, continuando a defender nossa casa. Nossos amigos de toda Rede Tupi de Televisão vieram em carreata para cá. Estamos em rede para todo Brasil, transmitindo esse grande show. Obrigado, senhor presidente, pela confiança. Ainda mais felizes porque, além de nós, entrarão no ar novas redes, das concessões novinhas em folha que o senhor criou junto ao Ministério das Comunicações. É a televisão, no Brasil, meus amigos, em constante expansão. E nós, aqui da velha Tupi, concretizamos ao assumir os compromissos da emissora e estamos virando o jogo, com o mesmo afinco de sempre. Alô, São Paulo...

E do outro lado, o repórter Saulo Gomes, em frente ao prédio da TV Tupi em São Paulo, fala ao microfone:

— Boa tarde, amigos cariocas. Estou aqui, na frente do nosso prédio na “Terra da Garoa”. A Alfonso Bovero está lotada de populares. Vieram funcionários da Tupi e os telespectadores para prestigiar nossa emissora nos seus 30 anos de existência. Um show sem precedentes. Artistas, técnicos, muitos que estão aqui desde os primeiros dias, mostram que a Tupi é a nossa casa e o Sumaré também. Voltamos agora, ao vivo, com muita alegria, aos estúdios do Rio de Janeiro.

E assim, o experiente Jorge Perlingeiro, conduz o show:

— Como diziam os pioneiros dessa casa, hoje a “taba” está em festa. Não é, meu pai? — a câmera vira para Aérton Perlingeiro, o apresentador da versão carioca de “Almoço com as Estrelas”, que sinaliza positivo com a mão.

— Agora, para fecharmos com chave de ouro esta memorável transmissão, no centro do palco, chamaremos ele... Sim, que por tantas vezes esteve se apresentando aqui, na Tupi da Urca. Esse rapaz, meus amigos, ganhou até o nosso Festival Universitário de 69, com “O Trem”. Agora está aqui com a gente, trazendo uma canção que diz muito sobre nossas lutas... Com vocês... Gonzaguinha!

E assim, em fusão, se focaliza o rosto de cada um dos profissionais da Rede Tupi, mostrando simultaneamente a emoção de todos naquela festa... Uma festa que precisava acontecer. Então aparece ele, o talentoso filho de Gonzagão, cantando “E Vamos à Luta”:

— Eu acredito é na rapaziada, que segue em frente e segura o rojão. Eu ponho fé... é na fé da moçada, que não foge da fera, enfrenta o leão... Eu vou à luta com essa juventude, que não corre da raia a troco de nada. Eu vou no bloco dessa mocidade, que não tá na saudade e constrói... A manhã desejada... — e assim, os créditos sobem, com o nome de todos que construíram essa história de 30 anos da Rede Tupi. Uma lista sem fim...

Fade out. Do escuro, do sonho, os olhos se abrem e acordamos para a realidade. Quarenta anos depois da inauguração do Canal 3 de São Paulo, em 18 de setembro de 2020, quanta coisa mudou. Nos 70 anos da televisão, uma festa um tanto diferente. Os estúdios, antes lotados, estão vazios. Já outros seguem com poucos presentes. Vivemos um tempo de pandemia, cuja população aguarda ansiosamente pela vacina contra a COVID-19 para que possamos voltar às atividades normais. Porém, a essência da televisão se faz presente, regressando aos ensinamentos que as TVs pioneiras, como a Tupi, ensinaram à própria área: no distanciamento social obrigatório, foi necessário improvisar e usar a criatividade para driblar os desafios. A preocupação com a técnica, sempre tão importante — que saiu das transmissões regionais, passou pelas internacionais e chegou até as “interplanetárias”, quando a população viu estarecida às imagens do homem no espaço — foi deixada em segundo plano, priorizando aquilo que justamente a televisão jamais deveria ter colocado de lado: a qualidade do conteúdo. O diálogo, as emoções e a informação privilegiada. Passamos, de repente, a querer estar cada vez mais próximos, buscando o abraço, colocando novamente a TV como nossa janela para o mundo exterior... Novamente! Mesmo sabendo das informações do mundo todo, voltamos a querer nos ver, saber da nossa região, da nossa cidade, do nosso bairro. Assim como nos tempos da Tupi, regressaram velhos formatos e o videoteipe virou uma arma para, numa crise, reproduzir conteúdos, que no passado foram bons e tocaram o público. Reprises, *lives*... sim, voltamos ao “ao vivo”, com o pensamento de que sua espontaneidade é o segredo para aproximar quem está de um lado e do outro da tela. E o que faremos num futuro próximo, quando tudo isso passar? Será a mesma realidade daquele tempo, em 1950, quando aqueles jovens que criaram a TV Tupi tinham anseio de transformar o mundo por meio daquele “brinquedo” que tinham nas mãos, para passar o melhor de si a quem estava do outro lado, de forma aberta, gratuita, para todos. Hoje, de tal forma, há a vontade de retornar às gravações, de produzir ainda mais com o que se descobriu, experimentou e se refletiu sobre a formatação televisiva. Cabe a nós, profissionais dessa área, realizarmos um importante desafio: a superação, algo que na Tupi sempre existiu.

Imaginemos agora como seria hoje a Rede Tupi, com todas as possibilidades que as emissoras atualmente possuem? Qual seria o papel da televisão regional? Por certo, de suma importância, lembrando de emissoras que resistiram ao tempo — as afiliadas como a TV Vitória, do Espírito Santo, e a TV Clube, do Piauí, que se destacam com uma forte programação regional, assim como as resistentes e remanescentes emissoras próprias da Rede Tupi: a TV Itapoan, de Salvador, e a TV Brasília, do Distrito Federal. O mesmo acontece com as emissoras de TV dos Diários Associados, conglomerado que se recuperou de uma difícil fase, de crise intensa, e hoje se modernizou ao extremo, mantendo emissoras de grande representatividade, como a TV Alterosa, de Minas Gerais, uma das afiliadas do SBT, que atualmente produz programas para TV aberta e Internet.

Poderíamos imaginar também uma Tupi com imagens em alta definição, em “4-K” ou até “8-K”, mostrando a importância da tecnologia com cenas exuberantes da cultura popular, valorizando símbolos nacionais, como sempre o fez, e dizendo mais uma vez: fomos pioneiros novamente! O outro desafio com certeza era entender o papel da própria televisão: aberta, por assinatura, via satélite... ou por *streaming*? Convergência ou concorrência? Provavelmente agregando conteúdos complementares, poderíamos ver uma “Tuplay”, ou “Tupi Play”, com produções originais brasileiras genuínas. A Tupi aprenderia, então, a “falar” para dois públicos: aquele que quer ver um programa, na hora que quiser “maratonando”, e também a valorizar quem quer assistir a uma programação linear, com som imersivo, interatividade, na busca pelo aperfeiçoamento com o DTV Play, indo cada vez mais mais em direção da mais alta modernidade da TV 3.0. Isso só reforça o papel da televisão aberta, cada vez mais digital, que hoje está presente em 97% dos domicílios brasileiros.

A TV Tupi foi uma grande escola. Um celeiro de talentos, desde o primeiro até seu último dia. Saudosos aqueles funcionários, que hoje se sentem privilegiados por terem passado por uma casa que era literalmente... uma casa. Daqueles primeiros jovens de 20 anos, hoje na casa dos 90, que sentem falta de um tempo que não volta mais. Ou dos “novatos”, que trabalhavam quando a Tupi chegou ao fim, que hoje beiram os 60 anos, que têm orgulho de dizer: “Sim, eu fui da Tupi nos seus últimos anos... foram difíceis, mas estou aqui”. Muitos dali, seja do Sumaré, da Urca ou de outro ponto da Rede Tupi pelo Brasil, produziram posteriormente conteúdos que hoje são veiculados e exportados para o exterior. A televisão ligou as pessoas e fez aquilo que Assis Chateaubriand mais queria: levar nossa cultura para o outro lado do planeta.

Cyro Del Nero, falecido em 2010, foi diretor de arte e de cenografia da TV Tupi até seus últimos dias. Ele sempre repetiu as seguintes palavras, que tão bem expressam o sentimento dos que lá trabalharam:

“Eu me orgulho muito por ter passado pela Rede Tupi de Televisão. Naquele dia terrível, catastrófico, chegou alguém e pediu o nosso cristal. Nós não sabíamos o que era isso, até que um deles disse que cristal era um dispositivo do transmissor que, ao ser retirado, tira a televisão do ar. Cristal é uma palavra pura. Parece que tiraram o nosso cristal interno quando tiraram o cristal da Televisão Tupi. E nós saímos do ar para sempre. A Tupi é um símbolo nacional. Eu nunca vi

uma união, um *esprit de corps*, um esforço como eu vi na Rede Tupi”. Viveram os profissionais da TV Tupi uma “linda história de amor”, como sempre disse a atriz e produtora Vida Alves.

É perceptível ver que a emoção marcou a Tupi, do primeiro ao último dia. De tempos românticos, dos pioneiros vindos do rádio, a uma produção industrial. Foi um gigante que caiu de pé e, com garra, querendo se reerguer, como por tantas vezes o fez. Um espírito que vimos, anos depois, também na Rede Manchete, herdeira de metade de seus canais, que buscou caminhos para não ir à falência, mas que também chegou ao fim. Ainda assim, Tupi teve uma garra tão forte que quem a viu, nos seus últimos dias, não entendeu ao certo a razão de ela ter saído do ar, descreditando. Aquele canal, que foi pioneiro do videoteipe, com produções como “Hamlet”, nos faz pensar no “Manifesto Antropofágico” (1928) de Oswald de Andrade: “*Tupi or not Tupi? That is the Question*”. Quando Tupi deixou de ser, de existir? Ou assim como em sua novela “A Viagem”, vimos o espírito presente em outros corpos? É mais provável acreditar nisso, uma vez que chegou ao fim foi o canal, mas não os profissionais que fizeram sua história, muito menos as experiências, com erros e muitos acertos, para própria área televisiva. Hoje, Lima Duarte, Eva Wilma, Laura Cardoso, Antônio Fagundes, Fernanda Montenegro e Tony Ramos dão um show de interpretação na Rede Globo, assim como Ana Maria Braga alegre nossas manhãs. Rolando Boldrin nos conta “causos” na TV Cultura. Silvio Santos e Raul Gil nos alegram nos finais de semana do SBT. Jussara Freire e Antônio Petrin estrelam novelas na Record, onde um dos diretores é Alexandre Avancini, filho de Walter Avancini, um dos grandes dirigentes da Tupi — lembrando que a Record é de Edir Macedo, que ao lado de R.R. Soares, começou a fazer cultos televisionados pela TV Tupi, em 1978, com “Despertar da Fé” (ao abrir horários para locação, como fez primeiramente com o norte-americano Rex Humbard, a Tupi angariou recursos e abriu também espaço para a produção independente, estimulando também a segmentação na TV). A apresentadora Faa Morena mesclou dois programas de sucesso da Tupi, em “Almoço com os Artistas” na Rede TV!. A Band marcou sua teledramaturgia nos anos 1980 com um grande número de ex-profissionais da Tupi, como o diretor Atílio Riccò, que fez “Como Salvar Meu Casamento” na extinta emissora, e o sucesso “Os Imigrantes”, no canal da família Saad — foi pai de Rodrigo Riccò, diretor de “Melhor da Tarde”, sucesso na emissora. Já a TV Gazeta de São Paulo, por muitos anos, teve no seu primeiro time o cantor e apresentador Ronnie Von que, na Tupi, contava com Claudete Troiano como repórter de seu programa, outro nome que marcou a história do Canal 11 paulistano. Por fim, destacamos que diversas novelas da Rede Tupi ganharam belíssimos *remakes* na Rede Globo, como “A Viagem”, “Mulheres de Areia”, “A Barba Azul” (“A Gata Comeu”), “O Machão” (“O Cravo e a Rosa”) e, recentemente, “Éramos Seis”.

Esses são alguns exemplos para mostrar que o sangue da Tupi continua a correr por aí, que rostos da antiga emissora ainda chegam até você pela antena e pelo cabo, somando todas outras experiências e histórias que vieram depois, transitando por outros canais, mas sempre seguindo em frente. O sangue que corre no profissional de televisão, nos anseios do radiodifusor, nas heranças, de pai para filho. Do analógico ao digital. Da “radiofônica” e primitiva TV Tupi às centenas de emissoras em todo Brasil.

Saímos daqueles enxutos estúdios, com uma equipe pequena, mas aguerrida, para chegarmos a um enorme formigueiro de gente, com milhares de pessoas trabalhando em grandes complexos, como os Estúdios Globo, em Jacarepaguá, ou o CDT do SBT, na Rodovia Anhanguera. Passamos de uma programação total para canais segmentados, como os tantos criados pela Band. Hoje, temos canais internacionais e sedes de nossas emissoras pra todo lado do mundo.

Tentamos, nesta obra, aproximar as pessoas do que realmente era a TV Tupi. Mostrar sua infraestrutura, revelar segredos e detalhes esquecidos sobre a emissora, e dar uma visão mais verossímil da sua história, que, insistentemente, vinha sendo contada de maneira equivocada e até jocosa. Quisemos demonstrar uma Tupi que personifica o brasileiro, tão conhecido por sua bravura de não desistir nem nos piores momentos, achando sempre uma alternativa. Expor de uma forma mais clínica a história enaltecerá e tentará explicar as razões do porquê a televisão não é apenas uma paixão do brasileiro, mas também uma referência cultural de nosso país. É também demonstrar a lição dada de que, mesmo nos momentos de maior improviso nos primeiros anos da pioneira, tudo se fez com o mais alto profissionalismo, por quem já tinha experiência no irmão, colega e companheiro da televisão: o rádio. Depois teatro, cinema, circo e outros meios, como também artes, se uniram em coro na linguagem que a televisão brasileira identificou como sendo sua.

Tantas foram as fases da televisão: para elite, para o povo, para todos. Fomos das primeiras peças televisionadas às grandes novelas, super produzidas. Transformamos a televisão na Hollywood brasileira. Criamos identidade. Essa e outras facetas dessa identidade nacional tão bem defendida pelas centenas dos canais associados à ABERT - Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, cuja história caminha junto da radiodifusão brasileira.

Preservar a memória da TV Tupi, assim como da televisão, é resgatar um retrato audiovisual de nossa cultura, de nossa sociedade, de sete décadas para cá. Algo importante para tecer análises, estudos, até mesmo planejarmos o futuro da nossa área e do país, refletindo sobre os pontos positivos e negativos. Relembrar técnicos, artistas, profissionais que desapareceram no tempo, e dar com suas histórias maior apoio àqueles que hoje estudam ou estão se profissionalizando na área. Sim, nós temos história e vamos torcer para que todos os órgãos que hoje preservam o acervo remanescente da TV Tupi possam cumprir com a missão de preservar a história de nossa televisão.

Para finalizar, vale ressaltar as palavras de Rubens Furtado, último diretor-geral da TV Tupi, afirmadas em 1979, na comemoração dos 29 anos da emissora¹¹¹:

— Nós pagamos caro pelo nosso pioneirismo. Dizer que a Tupi é pioneira, todo mundo já sabe. O que poucos entendem é que este pioneirismo significou um ônus que se reflete até hoje. Não é à toa o ditado: “A areia do deserto está cheia de ossos de pioneirismos”. Estamos entre os poucos que não deixaram ossos no deserto. Mas, temos pagado alto preço pelo nosso pioneirismo.

111 “Uma Volta às Origens: A TV Tupi Parte Para a Briga”, *Jornal do Commercio* [RJ], 2º Caderno, p. 1.

Depois, ele atribuiu à Tupi uma inacreditável capacidade de resistência, o que foi tão criticado pela concorrência, ao seguir no ar com inteligência, mas sem dinheiro.

Assim como a TV Tupi, seguimos nós resistindo, dia após dia, para tocar a todos que acompanham a nossa televisão. Criar, produzir, aproximar, atrair, seduzir. A maior interatividade da televisão está no seu próprio conteúdo, quando após uma cena ou uma notícia, quem as vê é tocado de alguma forma... alegria, tristeza, raiva, compaixão, calor humano. Seguimos então, diariamente, aberta sempre, às novas ideias. O passado, os ensinamentos, dos tempos da “pioneira” seguem presentes e se mesclam às novidades, buscando no futuro uma compreensão de um turbilhão de informações.

Encerramos essa obra ao estilo da TV Tupi, berço da nossa teledramaturgia, que com seus teleteatros, séries e novelas, adaptou brilhantemente grandes clássicos da literatura nacional e internacional. Por isso, nada melhor que citarmos um autor como o irlandês James Joyce. Ele escreveu em “Ulisses” (1922): “Não há passado, nem futuro, tudo flui em um eterno presente”.

A TVTupi vive, pois a televisão brasileira sempre viverá!

A História da TVTupi é do “tamanho do Brasil”!



Pioneiros da TV Tupi se reúnem no Sumaré, onde nasceu a televisão em 1950 - série “40 Anos de TV” (Acervo TV Cultura)



TV TUPI: DO TAMANHO DO BRASIL – Volume 3: A Implantação das Cores, a Cassação e o Legado da TV Pioneira narra uma fase importante desse meio que virou uma mania nacional.

Nesse volume, vamos falar da implantação da TV em cores, desde os primeiros testes da Tupi em 1963 até a oficialização do governo em 1972, passando pela expansão da área televisiva nos anos 1970 e chegando ao triste fim da Tupi, a rede pioneira da América do Sul. Após, seguimos para um panorama sobre o que aconteceu com seu acervo e discutimos como o “espírito” da emissora ainda está presente na televisão atual.

Esses são alguns dos fatos contados com grande detalhamento pelos autores, os jornalistas Elmo Francfort — também coordenador do Memória ABERT — e Maurício Viel, ambos pesquisadores da TV há décadas e se uniram para dar vida a três volumes que contam e esclarecem fases importantes da história da Rede Tupi: as origens, a fase áurea, o fechamento e o legado para a radiodifusão brasileira. O prefácio deste último volume foi escrito pela atriz Eva Wilma, uma das grandes personagens dos 30 anos de TV Tupi. Com muita informação ainda inédita no ramo literário, esta trilogia é considerada um grande registro das primeiras décadas de nossa televisão e torna-se leitura obrigatória para pesquisadores e simpatizantes do tema.

Nada melhor para este ano de 2020, quando a TV comemora 70 anos no Brasil, inaugurada em 18 de setembro de 1950. Fica aqui esse presente da ABERT – Associação Brasileira de Rádio e Televisão às futuras gerações. Um marco para nossa própria história e do Memória ABERT, que gere o projeto TV ANO 70.

ABERT  MEMÓRIA

